

EL, o verdadeiro deus dos hebreus



Paulo Neto

EL, o verdadeiro deus dos hebreus

(Versão 7)

“Para cada indivíduo que acredita em alguma coisa, sempre há alguém que acredita no oposto ou que tem mais informações.” (CHURTON, 2009)

“[...] os teólogos são bem preparados para ser econômicos com a verdade [...]” (ELLIS, 2004)

“Não é porque uma coisa está escrita que ela é verdadeira.” (RENAN, 2004)

Paulo Neto

Copyright 2016 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

<https://igrejamilitante.files.wordpress.com/2017/01/eb4613410b36b51bbf747d8d58916d20.jpg?w=1024>

Revisão:

João Frazão de Medeiros Lima
Hugo Alvarenga Novaes

Diagramação:

Paulo Neto
site: www.paulosnetos.net
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, abril/2010.

ÍNDICE

Introdução.....	4
Análise das passagens base do questionamento.....	8
1ª) Deus ordena Abraão a sacrificar seu filho Isaac.....	12
2ª) Deus se identifica a Jacó como “ <i>Eu sou El</i> ”.....	30
3ª) O bezerro de ouro é identificado como o Deus de Israel.....	45
As pistas encontradas ao longo dos textos bíblicos.....	49
Épocas em que os hebreus praticavam rituais pagãos.....	95
a) Os patriarcas.....	95
b) Moisés a Josué.....	159
c) Dos Juízes a Salomão.....	193
d) Judá e Israel.....	215
e) Fim do reino de Judá.....	234
f) A restauração durante o período persa.....	249
g) Época helenística.....	255
Ou crê ou morre!.....	262
Absurdos atribuídos à divindade dos hebreus.....	301
O que de interessante os estudiosos nos informam.....	321
Conclusão.....	398
Referências bibliográficas.....	403
Dados biográficos do autor.....	410

Introdução

Certamente que um título desses é algo bem estranho mesmo; mas, ao se analisar as informações que vários autores passam, ver-se-á que se aplica muito bem ao caso.

Foi-nos afirmado, pelos líderes religiosos de antanho, que os hebreus eram um povo **monoteísta**, ou seja, que defendiam a existência de uma única divindade, ideia essa que, no decorrer do tempo, por mais absurda que seja, os teólogos não tiveram a coragem de demonstrar o contrário, apenas aceitando-a comodamente.

Entretanto, as informações que coletamos, da Bíblia e de exegetas, nos apontam para uma outra realidade que é bem diferente dessa, uma vez que os hebreus, como veremos, admitiam e, até mesmo, cultuaram vários deuses, o que, por conseguinte, nos remete, na pior das hipóteses, ao **henoteísmo**, ou quiçá ao **politeísmo**.

Disso nos ocorreu este pensamento: **“Uma mentira contada mil vezes, torna-se verdade, embora, na realidade, não passe de uma mentira”**, que percebemos ter sido quase o que Joseph Goebbels (1897-1945), ministro da propaganda de Adolf Hitler (1889-1945), disse, no século passado, para implantação do nazismo.

O grifo em negrito é nosso, será o padrão daqui para frente. Quando ocorrer de não ser, nós o avisaremos.

Vejamos em Russel Norman Champlin (1933-2018) e J. M. Bentes as definições dos termos que designam essas crenças mencionadas:

O **Henoteísmo** (enoteísmo) deriva seu nome dos termos gregos **henós**, “um”, e **théos**, “deus”. A ideia é que só existe um único Deus. Porém, no uso comum que se faz da palavra a ideia transmitida é que existe uma divindade suprema, que tem contato com um certo mundo ou com certo grupo de seres, ao mesmo tempo em que podem existir outros deuses com outros campos de atividade. **Pelo menos em algumas culturas, como na dos hebreus, o henoteísmo pode ser um passo intermediário entre o politeísmo e o monoteísmo.** ⁽¹⁾ (Só última frase grifo nosso)

Monoteísmo. Essa palavra vem do grego **mónos**, “único”, e **théos**, “Deus”. Portanto, ela indica aquele ensino de que só existe um Deus. Isso pode ser contrastado com o henoteísmo, que admite uma pluralidade de deuses, embora afirme ter relações somente com um deles, que merece a nossa adoração e obediência. ⁽²⁾

Politeísmo. Essa palavra vem do grego, **poli**, “muitos”, e **théos**, “deus”, ou seja, a crença de que existem muitos deuses. Isso contrasta com o monoteísmo, a crença na existência de um único Deus, e com o henoteísmo, a crença de que apesar de existirem muitos deuses, somos responsáveis diante de um só Deus. ⁽³⁾

Traremos a esse estudo o resultado de nossa pesquisa para que possibilite a você, caro leitor, participar da surpresa que tivemos sobre esse assunto e, logo de início, nós lhe pedimos uma pequena dose de confiança, por já afirmar no título a realidade que, nem em sonho, esperávamos ver.

Essa ideia não nos surgiu como uma espécie de *fiat lux* e nem por acaso; tivemos, na verdade, como base três passagens bíblicas, que sempre nos deixavam com uma certa desconfiança – ou como se diria popularmente: “com uma pulga atrás da orelha” –, quanto à questão do povo hebreu ter sido

realmente monoteísta, como sempre nos ensinaram os líderes religiosos. São elas:

1ª) Deus ordena a Abraão a oferecer em sacrifício o seu filho Isaac (Gênesis 22,1-9);

2ª) Deus se identifica a Jacó como “*Eu sou El*” (Gênesis 46,3);

3ª) Com a demora de Moisés no topo do Sinai, o povo fabrica uma estátua de um bezerro de ouro apresentando-o como: “*Este é teu Deus, ó Israel*” (Êxodo 32,1-6).

Vamos analisar cada uma dessas passagens, para ver o que delas podemos tirar de útil ao nosso estudo.

Teremos como ponto norteador o fato de que “A crítica não conhece textos infalíveis; seu primeiro princípio é admitir a possibilidade de um erro no texto que estuda.” (4)

Todos os textos bíblicos que utilizamos, no presente estudo, têm como fonte a *Bíblia de Jerusalém*.

Análise das passagens base do questionamento

Primeiramente, para bem nos situarmos, devemos explicar quem foi Abraão, o primeiro personagem bíblico, do qual falaremos no decorrer da análise:

Abraão. É o mais antigo dos patriarcas e **antepassado do povo de Israel** (Gn 11-25). Atendendo à ordem de Deus, deixou Ur dos caldeus e, na primeira metade do segundo milênio a. C., **emigrou para Canaã**. Ali Deus fez com ele uma aliança, prometendo uma terra e uma grande descendência. [...]. ⁽⁵⁾

Em *O Livro das Religiões*, os autores Jostein Gaarder, escritor e professor de filosofia, Victor Hellern (1928-2016), historiador, e Henry Notaker, jornalista, nos informam que “Abraão saiu da cidade de Ur, localizada no atual Sul do Iraque, por volta de 1800 a.C.” ⁽⁶⁾

O fato importante aqui é que, ao final, Abraão se estabeleceu em Canaã, região situada entre o

vale do rio Jordão e a costa do Mediterrâneo, que, segundo apuramos, “é a antiga denominação da região correspondente à área do atual Estado de Israel, da Cisjordânia, da Jordânia ocidental, sul da Síria e sul do Líbano.” (7)

Em *A História de Israel no Antigo Testamento*, o autor Samuel J. Schultz (1914-2005), explica:

A Mesopotâmia, a terra entre os dois rios, **era a terra natal de Abraão** (veja Gn 12:6; 24:10 e At 7:2). Localizada às margens do Balique, um tributário do rio Eufrates, Harã constituía o centro da cultura onde ele vivia com seus parentes. Nomes da gente de Abraão – Terá, Naor, Pelegue, Serugue, além de outros – são confirmados nos documentos de Mari e dos assírios como nomes de cidades daquela área. (8) **Em obediência à ordem divina de deixar sua terra natal e sua parentela, Abraão deixou Harã a fim de fixar nova residência na Terra de Canaã.**

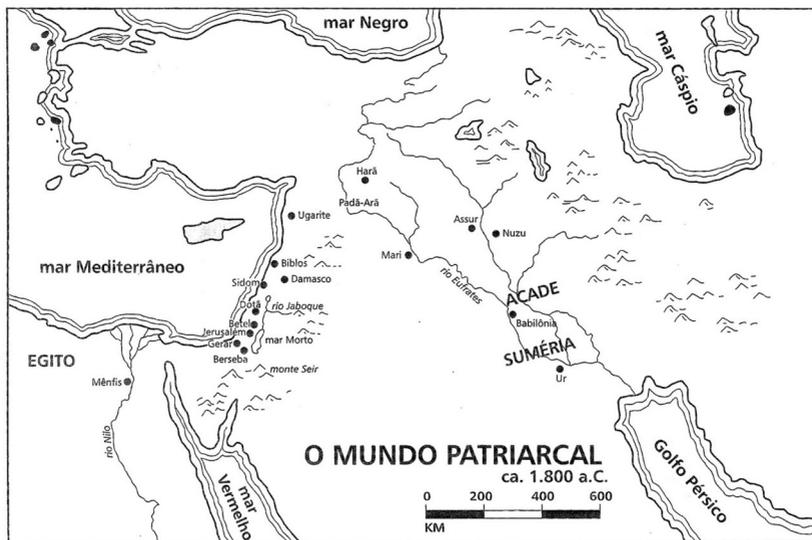
Abraão vivera em Ur dos caldeus antes de ter vindo para Harã (ver Gn 11:28-31). A identificação mais geralmente aceita de Ur é a moderna Tell el-Mugayyar, que está localizada a catorze quilômetros e meio a oeste de Nasiriyeh, no rio Eufrates, no sul do Iraque. [...] **O deus-lua Nanar, que era adorado em Ur, também era a principal divindade em Harã.** (9) (10)

A respeito de Canaã informa Schultz, ainda sem mencionar as práticas religiosas da região, o que mais à frente veremos:

O nome “Canaã” se aplica às terras que jazem entre Gaza, no sul, e Hamate, no norte, ao longo das costas orientais do mar Mediterrâneo (ver Gn 10:15-19). Os gregos, em seu intercâmbio com Canaã, durante o primeiro milênio a.C., chamavam seus habitantes de fenícios, nome esse que provavelmente teve origem no termo grego que significa “púrpura”, que designava a cor carmesim de um corante de têxteis criado em Canaã. Desde o século XV a.C. o nome “Canaã” vinha sendo aplicado, de modo geral, à província egípcia da Síria, ou, pelo menos às costas fenícias, o centro da indústria da púrpura. ⁽¹¹⁾ Conseqüentemente, as palavras “cananeu” e “fenício” têm a mesma origem cultural, geográfica e histórica. Mais tarde essa área veio a ser conhecida como Síria e Palestina. A designação de “Palestina” teve sua origem no nome “Filístia”. ⁽¹²⁾

Essa informação de Schultz é importante para situarmos geograficamente Canaã e considerarmos a designação moderna da região como sendo a Palestina, região berço daquele que é nosso modelo e guia: Jesus.

Para que essa visão seja mais clara ainda, tomamos a seguinte imagem ⁽¹³⁾ intitulada “O Mundo Patriarcal” que tem equivalência com a que consta nessa obra:



Em *O Livro das Religiões*, temos a seguinte relevante informação: “Por volta do ano 1200 a.C., os israelitas conquistaram parte de Canaã (à ponta de espadas, diga-se de passagem) e por muito tempo viveram lado a lado com os habitantes não israelitas.” ⁽¹⁴⁾

1ª) Deus ordena Abraão a sacrificar seu filho Isaac

Gênesis 22,1-9: “Depois desses acontecimentos, sucedeu que Deus pôs Abraão à prova e Ihe disse: 'Abraão! Abraão!' Ele respondeu: 'Eis-me aqui!' Deus disse: '**Toma teu filho, teu único, que amas, Isaac, e vai à terra de Moriá, e lá o oferecerás em holocausto** sobre uma montanha que eu te indicarei.' Abraão se levantou cedo, selou seu jumento e tomou consigo dois de seus servos e seu filho Isaac. Ele rachou a lenha do holocausto e se pôs a caminho para o lugar que Deus havia indicado. No terceiro dia, Abraão, levantando os olhos, viu de longe o lugar. Abraão disse a seus servos: 'Permaneçam aqui com o jumento. Eu e o menino iremos até lá, adoraremos e voltaremos a vós.' Abraão tomou a lenha do holocausto e a colocou sobre seu filho Isaac, tendo ele mesmo tomado nas mãos o fogo e o cutelo, e foram-se os dois juntos. Isaac dirigiu-se a seu pai Abraão e disse: 'Meu pai!' Ele respondeu: 'Sim, meu filho!' - 'Eis o fogo e a lenha,' retomou ele, 'mas onde está o cordeiro para o holocausto?' Abraão respondeu: 'É Deus quem proverá o cordeiro para o holocausto, meu filho', e foram-se os dois juntos. Quando chegaram ao lugar que Deus Ihe indicara, Abraão construiu

o altar, dispôs a lenha, depois amarrou seu filho e o colocou sobre o altar, em cima da lenha.”

Sempre achamos completamente fora de propósito essa atitude de Abraão de atender a ordem para sacrificar seu único filho, pelo motivo de que o sacrifício de seres humanos era algo comum somente entre os povos que adoravam deuses pagãos.

Para nós o Criador do Universo, jamais compactuaria com uma atrocidade desse gênero, mesmo que, no último minuto, tenha voltado atrás, pois alguma espécie de mal já havia sido feito.

Imagine, leitor, se você estivesse no lugar de Abraão, o que teria passado de sofrimento moral para “provar” sua fidelidade a esse deus (letra minúscula mesmo).

Avalie também o que seu filho passou, ao saber ser ele próprio a vítima do holocausto? Aliás, muito nos surpreende ver como as pessoas aceitam piamente isso, sem o menor constrangimento.

A prontidão com que Abraão agiu só pode

significar que ele já vivia num meio em que era prática comum o sacrifício de seres humanos.

Assim, não é difícil concluir que ele, na verdade, seguia a um deus pagão. Moloque (Moloc ou Moloch), por exemplo, é citado vezes na Bíblia. Eis uma imagem que o representa. ⁽¹⁵⁾



Na obra *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, os autores R. N. Champlin e J. M. Bentes, explicam-nos que:

A adoração a esse deus estava associada ao sacrifício de crianças ou infantes, na fogueira

(Lev, 18:21; 20:2-5; II Reis 23:10; Jer, 32:35; II Reis 20:3-5; 17:31). **Essa prática é confirmada nos antigos cultos mesopotâmicos e filisteus.** A arqueologia tem demonstrado abundantemente essa prática. As referências bíblicas são perfeitamente claras. As leis de Moisés proibiam essa prática, sob pena de morte (Lev, 18:21; 20:2-5). No entanto, em cerca de 1000 A. C., **Salomão edificou um lugar alto em honra a essa divindade** (naquele lugar que, mais tarde, veio a ser chamado de monte das Oliveiras) (I Reis 11:7). **O rei Acáz, em cerca de 730 A.C., queimou seus filhos na fogueira** (II Crô. 28:3), **tal como veio a fazê-lo Manassés** (II Reis 21:6). Em **Samaria também chegou-se a praticar esse incrível pecado**, e a cidade foi julgada por esse motivo (II Reis 17:17). Josias destruiu os lugares altos de Moloque (II Reis 23:10,13). E foi necessário que Ezequiel condenasse essa prática, já tão tarde quando o começo do século VI A.C. Somente o cativo babilônico parece ter posto fim, definitivamente, a esse horrendo culto, embora, fora da Palestina, ainda tivesse permanecido no norte da África, entre os fenícios cartagineses, até dentro da própria era cristã. ⁽¹⁶⁾

Um ponto importante que se deve ressaltar é o fato do envolvimento dos hebreus no culto a Moloque, conforme mencionado na transcrição.

De tudo que foi dito, podemos concluir que, na pior das hipóteses, Abraão vivia numa região em que

o sacrifício de crianças era praticado sem qualquer constrangimento. Porém, temos confirmação de que Taré (ou Terá, em algumas traduções), o pai de Abraão, servia a outros deuses:

Josué 24,1-3: *“Josué reuniu todas as tribos de Israel em Siquém; convocou todos os anciãos de Israel, seus chefes, seus juízes e seus escribas, que se colocaram ordenadamente na presença de Deus. Disse então Josué a todo o povo: 'Assim diz lahweh, o Deus de Israel: **Além do Rio** ⁽¹⁷⁾ **habitavam outrora os vossos pais, Taré, pai de Abraão e de Nacor, serviam a outros deuses. Eu, porém, tomei vosso pai Abraão do outro lado do Rio e o fiz percorrer toda a terra de Canaã, multipliquei a sua descendência e lhe dei Isaac.'”***

E para provar que não estamos vendo o que não existe, apresentamos essas explicações dos tradutores bíblicos:

24.2 *Vossos pais... serviram... deuses. Terá, o Pai de Abraão, habitava na cidade de Ur dos Caldeus, onde o povo servia a vários deuses.* O monumento principal da cidade era dedicado ao deus da lua, o padroeiro da cidade. Também foi reconhecido Sumas, o deus-Sol e Nana (ou

Astarte), a filha do deus da lua, e outros deuses.
(¹⁸)

24.2. *Deuses estrangeiros: Os pais de Abraão teriam sido, pois, pagãos.* (¹⁹)

24,2-4 Etapa patriarcal. Começa a história em tempos imemoriais na Mesopotâmia, onde se encontram as raízes étnicas do povo. **Na perspectiva do capítulo, os antepassados serviam ou prestavam culto a “outros deuses”.**
(²⁰)

Samuel J. Schultz, em *A História de Israel no Antigo Testamento*, afirma categórico:

A religião de Abraão forma um tema vital nas narrativas sobre os patriarcas. Vindo de um ambiente politeísta, onde o deus-lua Namar era reconhecido como principal divindade da cultura babilônica, Abraão chegou em Canã. **Que sua família servia a outros deuses é claramente afirmado em Js 24:2. [...].** (²¹)

Em Champlin, encontramos:

Serviram a outros deuses. Abraão, seu irmão, Naor, e o pai deles, Terá era todos idólatras. Isso posto, em certo sentido, a chamada do povo de Israel foi a chamada de um pequeno clã da

idolatria para o monoteísmo yahwista. Isso foi um autêntico avanço espiritual; e Josué anelava por preservar esse passo para frente. [...].

Que Abraão anteriormente tinha sido idólatra não é dito especificamente no livro de Gênesis. Entretanto, certos trechos do livro de Gêneses (ver 31.19,29,30,53; 35,2-4) dão a entender que **houve um passado idólatra em sua família.** ⁽²²⁾

Em a *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*, (vol. 4), Champlin e Bentes afirmam que: “[...] É inegável que os antepassados de Abraão eram politeístas (ver Gên. 35:2; Jos. 24:2)”. ⁽²³⁾

Em outro volume dessa coleção (vol. 6), Champlin e Bentes explicam:

Na Bíblia. Ficamos desolados diante do vigésimo segundo capítulo de Gênesis. Nenhuma explicação pode aliviá-lo de sua demonstração de uma religião primitivista. Mesmo que Abraão tenha crido, sinceramente, que Deus requerera dele um sacrifício humano, e isso de seu próprio filho, é impossível crer que Deus lhe tenha dado, realmente, tal mensagem. Abraão teria agido em boa fé; mas o Senhor não estaria vinculado à questão, sob hipótese alguma. É óbvio, pois, que Abraão ainda retinha traços de selvageria e paganismo em sua fé, apesar do seu grande avanço espiritual. Podemos extrair

do relato muitas boas lições morais; mas é **catastrófico para a fé religiosa sã, a suposição de que Deus, sob qualquer circunstância ou razão, tenha ordenado que se fizesse um sacrifício humano**. Mais tarde, na legislação de Israel, os sacrifícios humanos foram estrita e enfaticamente proibidos. Ver Lev. 18:21. E a pena de morte era imposta aos desobedientes (Lev. 20:2,3). ⁽²⁴⁾

Além desse, há um outro comportamento de Abraão, que também nos remete à ideia de que ele praticava rituais muito semelhantes aos dos pagãos, quando, por exemplo, ele ia a um monte alto (ou montanha) a fim de realizar seus cultos de adoração. Inclusive, o caso que estamos citando, sobre o seu filho Isaac, ele, por ordem divina, subiu a uma montanha (Gênesis 22,2.9), cujo nome, segundo Josefo, é Moriá. ⁽²⁵⁾

Em Gênesis 31,54, narra-se, também, que Jacó - o terceiro patriarca da Bíblia, filho de Isaac e Rebeca e neto de Abraão - ofereceu um sacrifício sobre a montanha. Jacó teve seu nome mudado para Israel (Gênesis 32,29); são os seus descendentes que passaram a ser chamados de israelitas (Gênesis 32,33).

Muito curioso é o fato de que o “nome Isaac, é forma abreviada de *Yçhq-El*, que significa: ‘Que Deus sorria, seja favorável’ ou ‘sorriu, mostrou-se favorável’.” (26) Entre os hebreus, essa terminação de nomes em “El” era fato comum, conforme veremos um pouco mais à frente.

Na sequência da narrativa, quando Abraão pega uma faca para imolar seu filho, aparece-lhe um anjo e o impede de concretizar tal ato bárbaro, dizendo: Gênesis 22,10: *“Não estendas a mão contra o menino! Não lhe faças nenhum mal! Agora sei que temes a Deus: **tu não me recusaste teu filho, teu único.**”*

Ora, como Deus é onisciente, certamente sabia o que se passava no íntimo de Abraão; portanto, não precisava submetê-lo a nenhum teste; nós, seres humanos, sim, podemos fazer testes, pois nunca sabemos o que vai no âmago das outras pessoas.

Se prestarmos bem atenção ao teor do passo bíblico acima, veremos que estranhamente está dito que Abraão não recusou oferecer o seu filho único ao anjo e não exatamente a Deus, porquanto o pronome “me” refere a ele próprio, ou seja, ao anjo, que era o

personagem que dialogava com o patriarca.

Caso não atentemos para isso seremos induzidos a acreditar que o anjo, que apareceu a Abraão, seria o próprio Deus, o que seria incoerente diante da afirmativa do que ele disse: *“Agora sei que temes a Deus”*.

Não deixamos também de estranhar essa relação de Abraão com os anjos, em busca da origem nós a encontramos nesta explicação em Champlin e Bentes:

II. Angelologia e origens. Os anjos são referidos na Bíblia de Gên. Ao Apocalipse, desde “os carvalhais de Manre” (Gên. 13:18) até a “ilha chamada Patmos” (Apo. 1:9). As mais antigas evidências arqueológicas em favor da crença na existência dos anjos vêm de Ur-Namus, de cerca de 2250 A.C., onde anjos são vistos a adejar por sobre a cabeça do rei, enquanto este orava. **Visto que Abraão chegou àquela região pouco depois disso, é possível que ele estivesse familiarizado com a angelologia desde a juventude.** Como é óbvio, a angelologia estava misturada a todas as formas mitológicas possíveis, religiões e superstições primitivas, sendo crença generalizada entre todas as religiões da antiguidade. Que nem todos os conceitos acerca dos anjos correspondem à realidade é algo óbvio,

mas isso não significa que tais seres (dotados de impressionantes atributos) não existam. **Durante o cativoiro babilônico, a angelologia recebeu maior atenção da parte dos judeus.** O zoroastrismo (cerca de 1000 A.C.) sem dúvida muito contribuiu para a angelologia dos hebreus, mas a sua crença na existência desses seres antecede por muitos séculos ao zoroastrismo. Parece que quase todos os povos têm acreditado em seres espirituais que poderíamos chamar de “anjos”, embora seus idiomas não tenham algum vocábulo que possamos traduzir em português dessa maneira (“mensageiro”, ou algo similar). O Novo Testamento se inicia com anjos ocupados em serviço ativo e jamais põe em dúvida a sua existência. ⁽²⁷⁾

Podemos, portanto, relacionar essa crença em anjos como sendo um produto da cultura na qual Abraão estava inserido; não como uma revelação particular a ele ou dele.

A primeira vez que um ser espiritual dessa espécie aparece na Bíblia é quando, supostamente, Deus coloca os querubins para guardar a “porta” do Paraíso, para que o casal Adão e Eva não comesse do fruto da árvore da vida (Gênesis 3,24).

Eis uma imagem do que, provavelmente,

seriam os querubins:



Esfinges aladas (querubins) guardando a Arca da Aliança no Templo de Salomão (28)

Querubins, segundo o “Aurélio”, que reflete o conceito moderno, é uma classe de anjos; entretanto, parece-nos que àquela época não eram considerados bem isso:

Querubins são seres da **mitologia babilônica**, **metade homens e metade animais**, guardas dos portais de templos e palácios. Aqui significam ministros de Deus. O “cintilar da espada” são os **raios, símbolo da ira de Deus**. (29)

Os querubins eram seres mistos, representados **com rosto humano e corpo de leão ou touro** ou outros quadrúpedes **com asas**, vindo portanto a ser **uma espécie de esfinge**. [...].⁽³⁰⁾

Figuras mitológicas, representadas com asas, que ornamentavam a entrada dos templos babilônicos. Eram os “anjos da guarda” dos referidos templos. Por isso, o texto inspirado os utiliza como guardas do Éden. Estas estátuas ornamentais aparecem ainda na Arca da Aliança (Êx 37,7ss); no pórtico do Templo (1Rs 6,23-28); e na visão de Ezequiel (Ez 1 e 10).⁽³¹⁾

O nome corresponde ao dos *karibu* babilônicos; **gênios, metade homens, metade animais, que vigiavam a porta dos templos e dos palácios.** Segundo as descrições bíblicas e a iconografia oriental, os querubins são esfinges aladas. [...].⁽³²⁾

Realmente, podemos confirmar que “anjo” se trata mesmo de um ser mitológico, pois existem duas passagens nas quais se narra Deus literalmente montado num deles: Salmo 18,10-11: *“Ele inclinou o céu e desceu, tendo aos pés uma nuvem escura, **cavalgou um querubim e voou, planando sobre as asas do vento**”.* (ver tb 2 Samuel 22,10-11). Supor que Deus tenha usado um anjo como montaria

é fora de propósito; não é mesmo?

Muito curiosa é a definição apresentada por Ambrogio Donini (1903-1991), em *Breve História das Religiões*, sobre esses seres alados:

[...] Os *querubins*, **touros alados que erguem na entrada dos templos babilônicos** para afastar os maus espíritos, aparecem como anjos também na mitologia hebraica e cristã: os *serafins* era, em sua origem, serpentes. [...]. ⁽³³⁾

Destacamos o termo touro, que mais à frente será esclarecido do que representava para os hebreus.

E ao falar de Adão e Eva acabamos por nos lembrar da serpente que os tentou; porém, Joseph Campbell (1904-1987) nos conta uma lenda dos bassari, povo da África Central, bem interessante:

Um dia **a Serpente disse**: 'Nós também deveríamos comer desses frutos. Por que ficar com fome?' O Antílope disse: 'Mas não sabemos nada deste fruto'. **Então o Homem e sua mulher colheram alguns frutos e comeram-nos. Unumbotte desceu do céu e perguntou: 'Quem comeu o fruto?'** Eles responderam: 'Nós

comemos'. Unumbotte perguntou: 'Quem lhes disse que podiam comer desse fruto?' Eles responderam; 'A Serpente'. (34)

Aí Campbell arremata, comparando-a com a história da queda de Adão e Eva: “É praticamente a mesma história”.

Apenas para que se possa ter um mesmo entendimento do que significa o termo holocausto, citado em Gênesis 22,1-9, relativamente ao “sacrifício” de Isaac, vamos recorrer ao “Aurélio”, que assim o define:

Holocausto: [Do gr. *Holókauston*, ‘sacrifício em que a vítima era queimada inteira’, pelo lat. Tard. Holocausto.] S. m. 1. Entre os antigos hebreus, sacrifício em que se queimavam inteiramente as vítimas; imolação; 2. A vítima assim sacrificada. 3. P. ext. Sacrifício, expiação. (35)

O detalhe desse ritual dos hebreus é que nele se queimava totalmente a vítima, o que, necessariamente, não ocorria em todos os rituais pagãos semelhantes ao que praticavam.

Entretanto, não vemos nisso um ponto para se

estabelecer uma grande diferença entre um e outro, já que em ambos havia sacrifício de seres humanos, pouco importa a forma com a qual praticavam esse ignóbil ritual.

Encontramos uma informação sobre uma prática religiosa que, não se fazia na época, caso do barbarismo dela, hoje chocaria a maioria de nós, os pais:

Visto que as divindades dos cananeus não teriam caráter moral, não é de surpreender que a moralidade daquele povo fosse extremamente baixa. A brutalidade e imoralidade que se destacam nas narrativas sobre esses deuses é algo muito pior que qualquer outra coisa vista no Oriente Próximo. E, posto que isso se refletia na sociedade cananea, **os cananeus, nos dias de Josué, praticavam sacrifícios de crianças**, a prostituição sagrada e adoração à serpente com seus ritos e cerimônias religiosos. Naturalmente, a civilização deles se degenerou debaixo dessa influência desmoralizadora. ⁽³⁶⁾

Fora a questão da proposta de sacrificar um ser humano, mais uma coisa nos chamou a atenção, que foi o fato de Deus ter indicado uma montanha para que Abraão realizasse o ritual de holocausto de

seu filho; mais à frente voltaremos a esse curioso detalhe visando comentá-lo.

Vejamos, por oportuno, informações sobre a religião dos cananeus, porquanto, terá ligação com o item que, imediatamente, se segue a esse. Tomamos esta explicação de Champlin e Bentes, que dizem:

6. *A Religião dos Cananeus.* O Antigo Testamento informa-nos muita coisa a respeito do *Panteão* dos cananeus. **A divindade principal era EI**, a quem os outros deuses precisavam consultar sobre questões importantes. Porém, **Baal, filho de EI**, tornou-se mais significativo. Ver o artigo sobre **BAAL. Essa palavra significa “senhor”**. Havia muitas manifestações locais de Baal, como deus da fertilidade, deus da tempestade, etc. Tanto Baal quanto Dagom tinham um templo em, Ugarite. *Atar* era a divindade que substituía a Baal, quando este último supostamente excursionava pelo submundo dos espíritos. Atar era filho de **Aterate, consorte de EI**. Havia muitas deusas, como Anate, Aserá e Astarte (ou Astarote), deusas do sexo, da fertilidade e da guerra. - Anate era uma importante deusa para a agricultura. Os deuses *Shahru* (estrela matutina) e *Yarbu* (deus-lua), bem como Resebe, deus da pestilência e da morte, também eram adorados em Canaã. **Não há certeza se o deus Yahweh era conhecido ou não pelos cananeus.** Milhares de tabletes de argila, guardados em uma biblioteca existente entre dois

templos, datados de cerca dos séculos XV e XIV A. C., descobertos em Ras Shamra, nos fornecem abundantes informações sobre a religião dos cananeus. Havia grosseira imoralidade de mistura com a adoração prestada a várias divindades da fertilidade, e os cananeus estavam maduros para o julgamento divino. **É significativo que alguns dos nomes de Deus, no hebraico, têm paralelo nos nomes dos deuses cananeus, o que mostra que havia certo contacto e troca de ideias ali,** embora a religião cananeia e a religião hebreia tanto diferissem, mormente no tocante ao monoteísmo. Os deuses cananeus não se destacavam quanto à santidade.

Templos cananeus têm sido escavados na Síria e na Palestina, e significativos modelos têm sido encontrados em Laquis (que vide), Megido, Jericó, Bete-Seã e Hazor, pertencentes a um tempo tão remoto quanto 3000 A.C., e daí até 1900 A.C. Muitos objetos relacionados à adoração pagã têm sido desenterrados, como objetos de culto, facas, tenazes, vasos de libação e ossos de animais, **o que mostra que ali se praticava o sacrifício de animais.**

Em Ugarite, havia um sistema complexo de religião, talvez típico também de outras localidades. Havia um sumo sacerdote e nada menos de doze famílias de sacerdotes. O rei exercia funções sacerdotais. Havia cantores, costureiros de vestimentas, escultores e outros especialistas. **Novamente, vemos considerável correspondência entre isso e a religião de Israel.** Pelo menos é verdade que, quanto às

questões culturais, os cananeus eram superiores aos **israelitas, que muito se aproveitaram da cultura cananea**. Já vimos como Salomão dependeu desse povo quanto aos planos e à construção do templo de Jerusalém. Era tarefa dos profetas impedir pesados empréstimos e corrupções provenientes dos pagãos, mas os profetas nem sempre mostraram-se bem-sucedidos em seus esforços. **A confusão entre Baal e Yahweh destruiu a distintiva fé dos hebreus**. Lembremo-nos do desafio lançado por Elias: “Se o Senhor é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o”. (I Reis 18:21). (ALB ALBR AM LAM) ⁽³⁷⁾

Os vários trechos que grifamos no texto tem objetivo de ressaltar as coisas ditas neles, uma vez que elas irão ser mencionadas, ao longo de nosso estudo.

2ª) Deus se identifica a Jacó como “*Eu sou El*”

O teor do passo, cujo texto nós transcrevemos da *Bíblia de Jerusalém* (= *Bíblia Sagrada Edição Pastoral*), é:

Gênesis 46,3: “*Deus retomou: ‘Eu sou El, o Deus de teu Pai. Não tenhas medo de descer ao Egito, porque lá eu farei de ti uma grande nação’*”.

Em outra passagem, na qual se fala da chegada de Jacó a Siquém, na terra de Canaã, a identificação de “El” como sendo o Deus dos hebreus também é direta:

Gênesis 33,20: *“E lá erigiu um altar, que chamou ‘El, o Deus de Israel’”*.

Epa!!!: “Eu sou El” e “El, o Deus de Israel”? Que “El” é esse?! Desconhecíamos de quem se tratava; por isso fomos pesquisar e encontramos, no *Dicionário Bíblico Universal*, a seguinte explicação para a palavra “El”:

É o nome do deus venerado pelos semitas do Oeste. Esse deus pessoal é chamado “pai dos deuses e dos homens”, o “criador das coisas criadas”, o “pai dos anos”; é imaginado como um ancião de barba branca. É “sábio, benevolente e misericordioso”. Habita num lugar misterioso, no *extremo* do mundo, “na fonte dos rios, na profundidade dos abismos”. **É qualificado de El-Touro**, muito mais por seu poder do que por sua fecundidade. **Entre os arameus, os nomes compostos de El são muito frequentes:** Batuel (Gn 22,22), Tabeel (Is 7,6). **Nomes semelhantes encontram-se entre os israelitas**, desde os tempos mais remotos: Ismael, Jerael, Elias, Eliseu, Emanuel...

É que, vindo da Mesopotâmia, os patriarcas encontraram em Canaã o culto do deus El, celebrado sob diversos nomes: El-Roi (Gn 22,14), El-Olam (Gn 21,33), El-Berit (Jz 8,33). Facilmente identificaram seu deus Shaddai com a divindade adorada pelos cananeus e louvada em termos que convinham à sua fé.

É a forma Elohim que mais comumente designa Deus. Esse plural, constantemente acompanhado de um verbo no singular (Gn 1,1), deve significar a majestade ou a plenitude. ⁽³⁸⁾

Damos apenas uma rápida pincelada, pois, mais à frente, voltaremos a esse ponto; trazemos, também, em Mircea Eliade (1907-1986), na obra *Tratado de História das religiões* e em Werner Keller (1909-1980), no livro *e a Bíblia tinha razão...*, o seguinte:

[...] Os textos de Ras Shamra, que são preciosos documentos sobre a vida religiosa dos semitas pré-mosaicos, mostram que **El e Bethel são os nomes intermutáveis de uma mesma divindade.** ⁽³⁹⁾

O deus El ocupava o primeiro lugar sobre os baalim de Canaã. Sua esposa era Achira, deusa também citada na Bíblia. Ele casou com suas três irmãs, uma das quais era Astarteia. Como *Astartot*

(Juízes 2.13, 10.6, e outros), é mencionada repetidamente no Velho Testamento. El não só matou seu irmão, mas também o próprio filho; cortou a cabeça da sua filha, castrou seu pai e a si próprio e obrigou seus companheiros a fazerem o mesmo. ⁽⁴⁰⁾

A História Pagã do termo *El* não é muito agradável. Dentro da religião dos cananeus, conforme é referido pelo historiador fenício, Filo de Biblos (cerca de 100 d.C.), bem como na literatura religiosa desenterrada em Ras Shamra (a antiga Ugarite, no sul da Síria, 1929-1937), ***El* era a divindade principal de um elaborado panteão cananeu.** De acordo com essas fontes informativas. El teria três esposas, todas elas suas irmãs. **Aparece ali como um tirano sanguinário,** de destronou o seu próprio pai, Urano, assassinou o seu filho favorito e decapitou uma de suas filhas. Também era uma criatura sensual e mórbida. Contudo, pelo lado bom, ele era intitulado de “Pai dos Anos”, “Pai do Homem”, e “**Touro Pai**”. À semelhança de Zeus, deus grego, ele era imaginado como o progenitor de todos os deuses. Baal, que finalmente chegou a ser o principal objeto de adoração, era considerado filho de El. Seja como for, El foi tão importante, em certa época, que a literatura de Ras Shamra refere-se à terra de Canaã como “terra de El”.

Todas as religiões, antigas ou modernas, quando descrevem Deus (ou algum deus), são forçadas a lançar mão de termos antropomórficos, quando então são atribuídas qualidades humanas, visto que a linguagem é o principal meio de

expressão e comunicação e que a mesma reveste-se de tão grande importância para nós, seres humanos. As religiões pagãs constantemente atribuíam aos seus deuses todas as más qualidades humanas, excetuando que os homens vão se tornando cada vez piores, multiplicando a destruição e a selvageria que caracterizam as pessoas. Encontramos algo dessa atividade nas páginas do Antigo Testamento, onde Deus é retratado como cabeça de exércitos destruidores, que exige toda a forma de matanças. As tentativas de muitos evangélicos para justificar esse quadro sobre Deus são comuns e insistentes, mas não me convencem. É ridículo supor que uma revelação mais avançada não melhora o nosso conceito de Deus, conforme melhora tudo o mais que conhecemos a respeito da espiritualidade. Deus atua através do processo histórico e *sua autorrevelação* ocorre apenas em estágios e mui gradualmente. Ainda estamos a longa distância da verdadeira compreensão sobre Deus, embora saibamos muitas coisas sobre as suas obras, especialmente o que foi feito por meio de Cristo, que é o Irmão mais velho dos homens e que veio redimir e restaurar à humanidade. ⁽⁴¹⁾

Informações muito interessantes encontramos aqui: título de “Pai dos deuses”, qualificação “El-Touro”, que falaremos na sequência, e os nomes de pessoas terminados em “El”. Inclusive, o próprio nome Jacó é: “na realidade, o nome abreviado de

Ya'aqob-El, significa provavelmente: 'Que Deus proteja'." (42)

As considerações finais de Champlin e Bentes são desconcertantes para os fundamentalistas, que nunca enxergam coisas óbvias nos textos bíblicos, dado ao literalismo e ao dogmatismo de que são portadores.

Para o primeiro título, ou seja, "Pai dos deuses", temos a correspondente expressão bíblica "*Deus dos deuses*" (Deuteronômio 10,17; Josué 22,22; Salmo 50,1; 136,2; Daniel 11,36) com a qual os israelitas, algumas vezes, designavam a sua divindade; iremos citá-las mais à frente.

Em relação ao segundo, no caso, "El-Touro", percebemos uma estreita relação com os touros e bezerros oferecidos em sacrifício; na imagem do bezerro de ouro, que os hebreus fabricaram para representar sua divindade e nos doze touros de bronze que sustentavam o Mar (bacia), feitos por ordem de Salomão como utensílio do Templo, que, sob suas ordens, foi edificado em Jerusalém. Mais à frente traremos uma imagem representativa deles.

E, por fim, os nomes de pessoas com terminação em “El”, cuja origem nós encontramos esta explicação no *Dicionário Bíblico Universal*:

[...] **Entre os arameus, os nomes compostos de El são muito frequentes:** Batuel (Gn 22,22), Tabeel (Is 7,6). **Nomes semelhantes encontram-se entre os israelitas**, desde os tempos mais remotos: Ismael, Jerael, Elias, Eliseu, Emanuel...
(⁴³)

Então, vemos uma grande possibilidade de os hebreus terem adotado o costume dos arameus, colocando a terminação El para os nomes de seus cidadãos; termo, cujo significado é Deus, isto é, **El = Deus**, conforme poder-se-á ver, por exemplo, no sentido dado a cada um destes nomes listados:

Abdeel: servo de Deus . Abiel: Deus é meu pai. Abnel: rebanho de Deus . Babel: porta de Deus . Betel: casa de Deus . Daniel: Deus é meu juiz. Elcana : possessão de Deus . Eleazar : Deus ajudou. Eli : meu Deus .	Israel: que luta com Deus . Jabneel: Deus edifica. Jadiel: Deus alegre. Jediael: conhecido de Deus . Jeiel: Deus consola. Jesreel: Deus semeia. Lael: consagrado a Deus . Lemuel: dedicado a Deus . Malquiel: Deus é rei.
--	--

<p>Elias: Deus é meu pai.</p> <p>Elifaz: Deus é sua força.</p> <p>Eliseu: Deus é salvação.</p> <p>Emanuel: Deus conosco.</p> <p>Ezequiel: Deus fortalece.</p> <p>Gamaliel: recompensa de Deus.</p> <p>Haniel: graça de Deus.</p> <p>Isabel: Deus, que faz pacto.</p> <p>Ismael: Quem Deus ouve.</p>	<p>Matusael: homem de Deus.</p> <p>Micael: quem é como nosso Deus?</p> <p>Misael: quem é igual a Deus?</p> <p>Natanael: dom de Deus.</p> <p>Netanel: Deus deu.</p> <p>Samuel: ouvir de Deus ou nome de Deus.</p> <p>Uriel: Deus é luz.</p> <p>Uziel: Deus é a minha força.</p>
---	---

Vê-se, portanto, quão forte era, entre eles, a influência do deus dos cananeus denominado El. E como viveram nas suas terras (ou vieram de lá?) não é muito difícil fazer uma relação e concluir que essa divindade cananeia era, de fato, adorada pelos hebreus, embora isso não signifique que não adorassem outros deuses; o que nos levaria, portanto, a um politeísmo.

Além desses, é oportuno ainda acrescentar aqueles com os quais designavam alguns seres espirituais, no caso os anjos:

Gabriel: varão ou soldado de **Deus**.

Miguel: quem como **Deus**?

Rafael: medicina de **Deus**.

É até curioso que anjos, sempre considerados como seres especiais, bem acima da humanidade, tenham nomes comuns a seres humanos.

E, por fim, encontramos até um nome terminado em El designando um demônio:

Azazel: a força de **Deus** ⁽⁴⁴⁾.

Esse nome aparece em Levítico 16,8s; entretanto, temos várias traduções para ele, como “bode emissário”, por exemplo; porém, quase ninguém dá o seu real significado. Claro! Como relacionar o nome de um demônio a Deus? Dele, temos estas explicações:

Azazel, como bem parece ter compreendido a versão siríaca, é **o nome de um demônio que os antigos hebreus e cananeus acreditavam** que habitasse o deserto, terra árida onde Deus não exercia a sua ação fecundante (cf. Lv 16,22 e ref. 17,7+) ⁽⁴⁵⁾

[...] O misterioso Azazel, que aparece só neste capítulo da Bíblia (Lv 16), seria, conforme uma

opinião corrente, um chefe de demônios (sátiros) que habita no deserto. Ver Is 13,21; 34,14; Mt 12,43; Lc 11,23, e a descrição fantástica de Zc 5,5-11. **Parece tratar-se de crença antiga, tomada de outra cultura e não bem integrada na fé javista.** Precisamente por sua estranheza, a cerimônia podia ser mais impressionante. (Bíblia do Peregrino, p. 205, grifo nosso)

Oriundas desse fundo comum mesopotâmico são as lendas do demônio do deserto – Azazel (aziz = “força” e El = “Deus”, ao qual se ofereciam sacrifícios ao mesmo tempo que a Deus (Levítico 16,8-10) – e as de Lilith – a primeira e insubmissa mulher de Adão e, posteriormente, demônio da luxúria –, bem como as lendas que povoam de espíritos os espaços em torno do rei Salomão, [...]. ⁽⁴⁶⁾

A esse demônio, os hebreus ofereciam um bode vivo, enviando-o para o deserto, cuja função era a de expiar os pecados do povo; daí vem a conhecida expressão “bode expiatório”.

Ao que tudo indica, embora poucos tenham a coragem de admitir, sua origem é pagã, provavelmente dos cananeus, povo que os hebreus lhe tomaram as terras, a fio de espada.

Cabe uma pergunta: demônios ou espírito

maus? Ora, a crença dos hebreus era em espíritos maus, não em demônios, como querem fazer entender alguns tradutores e exegetas; tanto é que essa palavra não aparece no Antigo Testamento, para designar um ser opositor a Deus, de maneira a se formar a dualidade: deus do bem, deus do mal.

Em nenhuma passagem do Velho Testamento, o Diabo é citado. Satanás é mostrado no livro de Jó mais como um anjo oficial a serviço de Deus do que como um inimigo. E as poucas referências a demônios contidas no antigo livro, sempre no plural e genéricas, tratam de divindades pagãs dos povos antigos.
(⁴⁷)

Demônios. Ao lado dos anjos bons, o judaísmo reconhece a existência de espíritos maus, ou anjos-maus, que causavam mal aos homens. [...].
(⁴⁸)

Em Deuteronômio 32,17, consta a palavra “demônios”; vejamos como tradutores bíblicos a explicam:

“A demônios (ídolos).” Hebr.: *lash-she-dhim*; gr.: *daí-mo-ní-os*; lat.: *dae-mó-ni-bus*. (⁴⁹) (grifo do original)

Demônios. Heb *shēdhim*, uma palavra derivada do assírio, que empregavam no sentido de “espírito protetor”, que significa, para os hebreus, “um demônio dos pagãos”. Tudo aquilo que não é de Deus, mesmo sendo sobrenatural, ou usado como objeto de devoção, pertence ao Maligno; cf. v.21 com 1Co 10.14-22. Confiar num “espírito protetor” dos pagãos e abandonar a adoração a Deus, e cair em idolatria, em uma adoração falsa, inspirada por poderes do inferno.
(⁵⁰)

A prova de que nesse passo o termo não corresponde ao que hoje entendemos por demônio está em que os tradutores da *Bíblia Sagrada Vozes* usaram o termo “gênios”. Citam, no Índice Temático, as seguintes ocorrências para a palavra demônio: “existe: Is 14,12-15; tentador: Gn 3,1-15; Sb 2,24.”
(⁵¹)

Porém, citar Isaías é pura apelação, pois nesse livro, no capítulo 14, fala-se do rei da Babilônia e não de demônio; em Gênesis cita-se uma serpente e no de Sabedoria encontramos a palavra diabo, cujo “texto grego usa a palavra *diabo* (*diábolos*), que significa *caluniador, acusador* e que corresponde exatamente à palavra hebraica *satã*” (⁵²), portanto,

em nenhuma delas o termo usado corresponde a um ser do mal em oposição a Deus.

O significado da palavra demônio como espírito mau (impuro), pode ser corroborado no Novo Testamento, quando as passagens, que narram o caso do possesso de Gerasa (Mateus 8,28-34; Marcos 5,1-13; Lucas 8,26-39), o do possesso de Cafarnaum (Marcos 1,21-28; Lucas 4,31-37), o da filha da mulher cananeia (Mateus 15,21-28; Marcos 7,24-30) e o do menino mudo e epilético (Marcos 9,14-29; Mateus 17,14-21; Lucas 9,37-43), os autores bíblicos usam indistintamente os dois termos para designar a mesma ocorrência, tornando-os, portanto, sinônimos.

Interessante informação nós encontramos em Champlin e Bentes:

Era ponto teológico comum, entre os judeus (sendo ensinado nas escolas teológicas judaicas dos fariseus e de outros), **que os demônios, capazes de possuir e de controlar um corpo vivo, são espíritos de mortos partidos deste mundo**, especialmente, aqueles de caráter vil e de natureza perversa. (ver Josefo, *de Bello Jud.* VII. 6:3). **Os gregos, os romanos e outros povos antigos compartilhavam dessa crença.** Alguns dos pais da Igreja também aceitavam essa ideia,

tais como Justino Mártir (150 D.C.) e Atenágoras.
(⁵³)

Assim, fica claro que foi somente com o tempo que o vocábulo “demônio” tomou o significado de uma potência do mal, cuja existência consiste em rivalizar-se com Deus.

Há outra designação utilizada para o Deus dos hebreus, tomemos este passo:

Gênesis 17,1: *“Quando Abraão completou noventa e nove anos, lahweh lhe apareceu e lhe disse: ‘**Eu sou El Shaddai**, anda na minha presença e sê perfeito.’”*

A designação de “El Shaddai”, é utilizada em outras sete passagens (⁵⁴), porém, a sua tradução foi usada a expressão “Deus Todo-poderoso”, fato que levou os tradutores da *Bíblia de Jerusalém* a colocar uma nota de rodapé, esclarecendo:

Antigo nome divino da época patriarcal (28,3; 35,11; 43,14; 48,3; 49,25), mantido especialmente pela tradição sacerdotal (cf. Ex 6,3), raro fora do Pentateuco, salvo em Jó. (⁵⁵) A tradução comum “Deus Todo-poderoso” é inexata. O sentido é incerto; propôs-se “Deus da montanha”, segundo o

acádico *shadû*; seria preferível entender “Deus da Estepe”, segundo o hebraico *sadeh* é outro sentido do termo acádio. É uma apelação divina que corresponde ao modo de vida. ⁽⁵⁶⁾

Se é “Deus Todo-poderoso” ou “Deus da montanha”, isso pouco nos importa, uma que, no momento, o que mais nos interessa é o uso do termo “El”, para designar Deus.

Em *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*, temos um Apêndice, do qual destacamos o tópico **1 G - “O [verdadeiro] Deus”, Hebr. *ha.Él***, onde lemos:

O título *Él*, quando precedido pelo artigo definido *ha*, forma a expressão *ha.Él*. Esta expressão ocorre 32 vezes no M, no singular, e sempre se refere ao verdadeiro Deus, Jeová. *Gesenius' Hebrew Grammar* (GK), sec. 125 e, verte *ha.Élo-hím* e *ha.Él* por “o único verdadeiro Deus”.

A *Tradução do Novo Mundo* verte *ha.Él* por “o [verdadeiro] Deus” no texto principal ou nas notas em todos os 32 lugares onde ocorre no M, no singular, a saber, em Gên 31:13; 35:1, 3; 46,3; De 7:9; 10:17; 33,26; 2Sa 22:31; 33, 48; Ne 1:5; 9:32; Jó 13,8; 21:14; 22:17; 31:28; 33:6; 34:10; 37; 40:9; Sal 18:30, 32, 47; 57:2; 68:19, 20; 77:14; 85:8; Is

5:16; 42:5; Je 32:18; Da 9:4.

O plural de 'el é 'e-lím. No M, 'e-lím ocorre uma vez precedido pelo artigo definido, a saber, em Êx 15:11, onde se refere a outros deuses. ⁽⁵⁷⁾ (grifo do original)

A grande maioria dos tradutores fazem de tudo para esconder ao leitor que **EI** é, na verdade, o nome do deus cananeu, porém, tratam-no como um título ao traduzi-lo como Deus, portanto, passam longe ao significado original do termo.

3ª) O bezerro de ouro é identificado como o Deus de Israel

Com a demora de seu líder Moisés no topo do Sinai, o povo fabrica uma estátua de um bezerro de ouro tomando-o como sendo o seu deus.

Êxodo 32,1-6: “Quando o povo viu que Moisés tardava em descer da montanha, congregou-se em torno de Aarão e lhe disse: ‘Vamos, faze-nos um deus que vá à nossa frente, porque a esse Moisés, a esse homem que nos fez subir da terra do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu’. Aarão respondeu-lhes: ‘Tirai os brincos de ouro das orelhas de vossas mulheres, de vossos filhos e filhas, e trazei-mos’. Então todo o povo tirou das orelhas os

*brincos e os trouxeram a Arão. Este recebeu o ouro das suas mãos, **o fez fundir em um molde e fabricou com ele uma estátua de bezerro**. Então exclamaram: 'Este é teu Deus, ó Israel, o que te fez subir da terra do Egito'. Quando Aarão viu isso, edificou um altar diante da estátua e fez esta proclamação: 'Amanhã será festa para lahweh'. No dia seguinte, levantaram-se cedo, **ofereceram holocaustos e trouxeram sacrifícios de comunhão**. O povo assentou-se para comer e para beber, depois se levantou para se divertir".*

Moisés permaneceu, no alto do Sinai, por um período de “quarenta dias e quarenta noites” (Êxodo 24,18), entende-se “muitos dias” (⁵⁸); nesse texto bíblico, isso nos chamou a atenção, pois julgamos muito pouco tempo para que os hebreus fossem logo fabricando a imagem do bezerro de ouro como uma representação de seu deus, para adorá-la.

Isso nos parece muito estranho para um povo que dizem ter sido monoteísta desde um tempo mais remoto; julgamos que num período de tempo significativamente maior de vários anos, até que poderia ser mais razoável. Vejamos a explicação:

O “bezerro” de ouro, assim chamado por ironia, é de fato imagem de novilho, um dos símbolos divinos do antigo Oriente. Um grupo concorrente com o grupo de Moisés, ou fracção dissidente desse grupo, quis ou **pretendeu ter como símbolo da presença do seu Deus uma figura de touro em vez da arca da Aliança. [...].**
(⁵⁹)

Juntamos a ela essa informação:

[...] **O deus El, que ocupava um lugar proeminente no panteão paleofenício, é designado por “touro” (shor) e também por El “touro poderoso”. (60)**

Assim, a relação do bezerro de ouro com o deus cananeu “El” fica, por demais, evidente, sem campo para alguma contestação.

Também não nos passou despercebido que, na festa de lahweh, representado pelo bezerro de ouro, ocorreram as oferendas de holocaustos e sacrifícios de comunhão, rituais comuns aos povos pagãos, assunto que mais à frente retornaremos.

Uma última curiosidade foi o que vimos na atitude de Moisés que está narrada na seguinte

passagem:

Êxodo 32,19-20: *“Quando se aproximou do acampamento e viu o bezerro e as danças, Moisés acendeu-se em ira; lançou das mãos as tábuas e quebrou-as no sopé da montanha. **Pegou o bezerro que haviam feito, queimou-o e o triturou-o até reduzi-lo a pó miúdo, que espalhou na água e fez os israelitas beberem”.***

Tal expediente utilizado por Moisés já deixa bem claro, pelo menos para nós, que sua intenção era, sem a menor dúvida, impor sua crença aos hebreus.

Tempos depois Jeroboão, primeiro rei de Israel (931-910 a.C.), após a divisão em dois reinos – Israel e Judá – também teve a brilhante ideia de fazer dois bezerros de ouro, colocando um em Betel e o outro em Dã⁶¹, dizendo ao povo: 1 Reis 12,28: *“Deixai de subir a Jerusalém! Israel, **eis teus deuses que te fizeram sair da terra do Egito**”*, isso significa que é retomada a crença de origem.

As pistas encontradas ao longo dos textos bíblicos

A crença em outros deuses sobressai do teor de inúmeras passagens bíblicas, como, por exemplo, estas a seguir, que só fazem sentido diante de quem tinha crença em vários deuses. Aliás, é bom informar que:

[...] Os gregos, os romanos e os judeus da Antiguidade acreditaram sempre que seus deuses apenas protegiam sua nação, e que o poder de cada um deles não se estendia para além do seu território. [...]. ⁽⁶²⁾

Se Iakov Abramovitch Lentsman (1908-1967) estiver correto, então arriscaremos dizer que os hebreus possivelmente passaram do politeísmo para o henoteísmo. Com isso em mente, vejamos agora algumas passagens bíblicas.

Êxodo 12,12: “E naquela noite eu passarei pela terra do Egito e ferirei na terra do Egito todos os primogênitos, desde os homens até os

animais; e eu, lahweh, farei justiça sobre todos os deuses do Egito”.

Êxodo 18,11: “Agora sei que lahweh é o maior de todos os deuses...”

Êxodo 20,3: “**Não terás outros deuses diante de mim**”.

Êxodo 22,19: “Quem **sacrificar a outros deuses**, fora lahweh, será entregue ao anátema”.

Êxodo 23,13: “Prestai atenção a tudo o que vos tenho dito, e **não fareis menção do nome de outros deuses**: nem se ouça da vossa boca”.

Êxodo 23,23-24.32: “O meu anjo irá adiante de ti, e te levará aos amorreus, aos heteus, aos ferezeus, aos cananeus, aos heveus e aos jebuseus, e eu os exterminarei. **Não adorarás os seus deuses, nem os servirás**; não farás o que eles fazem, mas destruirás os seus deuses e quebrarás a suas colunas. **Não faça aliança nenhuma com eles, nem com os seus deuses**”.

Êxodo 34,14-16: “**Não adorarás outro deus**. Pois lahweh, tem por nome Zeloso: é um Deus Zeloso ⁽⁶³⁾. Não faça aliança com os moradores da terra. Não suceda que, em se **prostituindo com os deuses deles** e lhes sacrificando,

*alguém te convide e comas dos seus sacrifícios e tomes mulheres das suas filhas para os teus filhos, e suas filhas, **prostituindo-se com seus deuses**, façam com que também os teus filhos se prostituam com os seus deuses”.*

Deuteronômio 3,24: *“Iahweh, meu Senhor! Começastes a mostrar ao teu servo tua grandeza e a força da tua mão. **Qual é o deus no céu e na terra que pode realizar obras e feitos poderosos como os teus?**”*

Deuteronômio 6,13-14: *“É a Iahweh teu Deus que temerás. A ele servirás e pelo seu nome jurarás. **Não seguireis outros deuses, qualquer um dos deuses dos povos que estão ao vosso redor**, pois Iahweh é um Deus ciumento, que habita em teu meio [...]”*

Deuteronômio 8,19: *“Contudo, se te esqueceres completamente de Iahweh teu Deus, **seguindo outros deuses, servindo-os e adorando-os**, eu hoje testemunho contra vós: é certo que perecereis”.*

Deuteronômio 10,16-17: *“Circuncidai, pois, o vosso coração e nunca mais reteseis a vossa nuca! Pois Iahweh **vosso Deus é o Deus dos deuses e o Senhor dos Senhores**, o Deus grande, o valente, o terrível, que não faz acepção de pessoas e não aceita suborno”.*

Deuteronômio 18,20: *“Todavia, se o profeta*

tiver a ousadia de falar em meu nome uma palavra que eu não lhe tiver ordenado, ou **se falar em nome de outros deuses**, tal profeta deverá ser morto.”

Josué 22,22: “**O Deus dos deuses, lahweh, o Deus dos deuses, lahweh**, bem o sabe, e Israel deve sabê-lo: se houve de nossa parte rebelião ou infidelidade para com lahweh, que ele deixe de nos salvar neste dia.”

2 Crônicas 2,4: “A Casa que vou construir será grande, porque **nosso Deus é maior que todos os deuses**”. (fala de Salomão)

Salmo 82,1: “Deus preside, na assembleia divina, **em meio aos deuses ele julga:**”

Salmo 86,8: “**Entre os deuses não há outro como tu**, nada que se iguale às tuas obras!”

Salmo 95,3: “Porque lahweh é Deus grande, **o grande rei sobre todos os deuses.**”

Salmo 135,5: “Sim, eu sei que lahweh é grande, que **nosso Deus excede os deuses todos**”.

Salmo 136,2: “Celebrai **o Deus dos deuses**, porque o seu amor é para sempre!”

Isaías 19,1: “Oráculo a respeito do Egito. lahweh, montado em nuvem veloz, vai ao Egito. **Os deuses do Egito tremem diante**

dele e o coração dos egípcios se derrete no peito”.

Daniel 11,36: “O rei agirá a seu bel-prazer, exaltando-se e engrandecendo-se acima de todos os deuses. Proferirá coisas inauditas contra **o Deus dos Deuses** e, no entanto, prosperará, até que a cólera chegue a seu cúmulo - porque o que está decretado se cumprirá”.

Oséias 13,4: “Mas eu sou lahweh teu Deus, desde a terra do Egito. **Não debes reconhecer outro Deus além de mim**, não há salvador que não seja eu”.

Jeoel 2,27: “E sabereis que eu estou no meio de Israel, **eu, lahweh, vosso Deus, e não outro!** Meu povo não se envergonhará nunca mais!”

Apesar do que Isaías disse (Is 19,1), muito estranhamente, em algumas passagens mais à frente, ele aqui aparece advogando uma divindade única. Entre elas podemos citar estas três, para exemplo:

Isaías 44,8: “Não vos apavoreis, não temais; não vo-lo dei a conhecer há muito tempo e não o anunciei? Vós sois minhas testemunhas. **Porventura existe um Deus fora de mim?**

Não existe outra Rocha; eu não conheço nenhuma!

Isaías 45,14: “Assim diz Iahweh: Os produtos do Egito e a riqueza de Cuch, bem como os sabeus, homens de grande estatura, passarão para o teu domínio e te pertencerão. Caminharão atrás de ti, seguindo-te em cadeias, prostrar-se-ão diante de ti e com voz súplice dirão: ‘Só contigo Deus está! **Fora dele não há nenhum Deus**’”.

Isaías 46,9: “Lembrai-vos das coisas passadas há muito tempo, porque eu sou **Deus e não há outro!**”

Essas duas afirmativas de que “*Fora dele não há nenhum Deus*” e “*eu sou Deus e não há outro*”, embora com características do monoteísmo, só cabem em meio à crença da existência de vários deuses. Pareceu-nos que houve uma mudança na maneira de Isaías pensar, fato esse que merece ser explicado: Isaías nascido por volta de 765 a.C., exerceu suas atividades proféticas de 740 a 700.

O livro que tem o seu nome é dividido, pelos estudiosos e exegetas, em três partes:

1ª) Proto-Isaías – cap. 1 a 39;

2ª) Dêutero-Isaías, cap. 40-55; e,

3ª) Trito-Isaías, cap. 56-66.

Vejamos as seguintes informações dos tradutores da *Bíblia de Jerusalém*:

[...] **Suas palavras sofreram acréscimos.** O livro que traz seu nome é o resultado de um longo processo de composição, impossível de reconstituir em todas as etapas. [...].

O livro recebeu acréscimos mais consideráveis ainda. **Os caps. 40-55 não podem ser obra do profeta do século VII.** Não só nunca é mencionado aí o seu nome, mas também o contexto histórico é posterior cerca de dois séculos: Jerusalém foi tomada, o povo se achava cativo em Babilônia, Ciro já está em cena e será o instrumento da libertação. [...] **Esses capítulos contêm a pregação dum anônimo,** continuador de Isaías e grande profeta, como ele, o qual, na falta de um nome melhor, chamamos de Dêutero-Isaías ou de Segundo Isaías. **Pregou em Babilônia entre as primeiras vitórias de Ciro, em 550 a.C.** – que levam a adivinhar a ruína do império babilônico – e o edito libertador de 538, que permitiu os primeiros retornos. [...]. ⁽⁶⁴⁾

Corroborando com Champlin e Bentes, que, em outro volume, falando sobre o henoteísmo, dizem:

Enoteísmo. Essa palavra se deriva de uma palavra grega, **hen**, que é um adjetivo numeral, “um”. Trata-se da crença em um deus que age em nosso favor, mas que não nega que talvez existam outros deuses, cuja ação e autoridade são exercidas em outras esferas. Assim sendo, havia um deus que exerce controle sobre os homens, interessando-se por alguma pessoa, alguma cultura ou alguma nação. **Por essa razão alguns interpretes acreditam que esse conceito de divindade, na cultura dos hebreus, precedeu ao puro monoteísmo.** Em outras palavras, supõem que **os israelitas originalmente criam que Yahweh era deus *deles*, – e não Deus criador de todos. Os israelitas também pensariam que não eliminava a possibilidade da existência de outros deuses, que de Yahweh receberiam a sua autoridade.** Isso seria apenas a combinação de ideias monoteístas e politeístas. Praticamente seria monoteísmo, mas teoricamente seria politeísmo. Também seria uma forma de teísmo, porquanto ensina que o deus supremo ou mesmo vários deuses mantêm contato com os homens, estando interessados por eles, guiando-os, punindo-os por suas más ações e galardoando-os por suas boas ações. ⁽⁶⁵⁾

Diante disso a suspeita que levantamos sobre as características de monoteísmo, torna-se convicção de que os hebreus, na realidade, praticavam o henoteísmo, pelo menos até um certo

momento histórico.

Assim, diante dessas passagens, somente por fanatismo não se enxerga que, na verdade, acreditavam em vários deuses e até, pelo menos, nesse momento histórico ainda não se vê que alimentassem a crença num Deus único.

Aliás, são poucos os versículos bíblicos nos quais poder-se-á ter, de fato, a ideia de um Deus único; porém, o seu número é extremamente insignificante diante dos quase 23.000 ⁽⁶⁶⁾ versículos que compõem o Antigo Testamento:

Deuteronômio 4,35: *“Foi a ti que ele mostrou tudo isso, para que soubesse que **lahweh é o único Deus. Além dele não existe outro.**”*

Deuteronômio 4,39: *“Portanto, reconhece hoje e medita em teu coração: **lahweh é o único Deus, tanto no alto do céu, como cá embaixo, na terra. Não existe outro!**”*

1 Reis 8,60: *“Assim, todos os povos da terra saberão que **somente lahweh é Deus e que não há outro além dele.**”* (prece de Salomão)

Em quantidade um pouco maior que essa,

ainda temos outras passagens bem interessantes, que nos permitem suspeitar da crença em vários deuses:

Levítico 11,45: “Sou eu, lahweh, que vos fiz subir da terra do Egito **para ser o vosso Deus**: sereis santos, porque eu sou santo”.

Levítico 22,33: “Eu vos fiz sair da terra do Egito, **a fim de ser o vosso Deus**, eu sou lahweh”.

Levítico 25,38: “Eu sou lahweh vosso Deus, que vos tirei da terra do Egito para vos dar a terra de Canaã e **para ser o vosso Deus**”.

Levítico 26,45: “Lembrar-me-ei, em favor deles, da aliança feita com os seus antepassados, que fiz sair da terra do Egito, à visita das nações, **a fim de ser o seu Deus**, eu mesmo lahweh”.

Números 15,41: “Eu sou lahweh vosso Deus, que vos tirei da terra do Egito, **a fim de ser vosso Deus**, eu, lahweh vosso Deus”.

A expressão “para/a fim de ser o vosso Deus” nos remete à conclusão de que Deus Se sentindo isolado, resolveu escolher o povo judeu para adorá-Lo e que, também, de fato, havia outros deuses.

E se foi neste momento que Deus o escolheu, então, não há que se falar que, antes disso, ele era o Deus de Israel ou de algum seu antepassado. Provavelmente, podemos até aceitar que é aqui, nesse momento histórico, que do politeísmo passam para henoteísmo.

E não podemos deixar de citar aqui a conclusão de Sigmund Freud (1856-1939), médico neurologista judeu-austríaco, fundador da psicanálise:

[...] Ainda mais enigmática é a noção de um deus que repentinamente “escolhe” um povo, que o declara como seu e a ele próprio como seu deus. Acredito que este é o único exemplo desse tipo na história das religiões humanas. Comumente, deus e povo estão indissolavelmente vinculados, são um só desde o próprio início das coisas. Sem dúvida, às vezes ouvimos falar de um povo que adquire um deus diferente, mas nunca de um deus que busca um povo diferente. Poderemos talvez entender esse acontecimento único se relembrarmos as relações existentes entre Moisés e o povo judeu. Moisés abaixara-se até os judeus, fizera-os o seu povo: eles eram o seu “povo escolhido”.⁽⁶⁷⁾

Vejamos a nota de rodapé do autor relativa a

essa transcrição:

Javé era indubitavelmente um deus vulcânico. Não havia motivo para que os habitantes do Egito o adorassem. De certo não sou a primeira pessoa a se impressionar com **a semelhança do som no nome “Javé” com a raiz de outro nome divino “Júpiter (Jove)”**. O nome “Jochanan” é composto por uma abreviação do hebraico Javé, da mesma maneira que [o alemão] “Gotthold” [“Deus é gracioso”] é o equivalente cartaginês “Aníbal”. Esse nome (Jochanan), sob as formas “Johann”, “John”, “Jean”, “Juan”, tornou-se o nome de batismo favorito da cristandade europeia. Os italianos, traduzindo-o por “Giovanni” e, além disso, chamando a um dia da semana “Giovedì [quinta-feira]”, trazem à luz uma semelhança que talvez não signifique nada ou, talvez, muito. Nesse ponto, perspectivas amplas, mas muito incertas, se nos abrem. **Parece que, naqueles séculos obscuros, que mal são acessíveis à pesquisa histórica, os países situados em torno da bacia oriental do Mediterrâneo eram cena de frequentes e violentas erupções vulcânicas, que devem ter causado a intensa impressão em seus habitantes.** Evans presume que também a destruição final do palácio de Minos, em Cnossos, foi consequência de um terremoto. Em Creta, nesse período (como, provavelmente, no mundo egeu em geral), adorava-se a grande deusa-mãe. A compreensão de que ela não fora capaz de proteger sua casa contra os ataques de um poder

mais forte pode ter contribuído para que ela tenha cedido o lugar a uma divindade masculina, e, se assim foi, o deus vulcânico tinha o primeiro direito a ocupar seu lugar. Afinal de contas, Zeus nunca deixou de ser o “abalador da terra”. Há pouca dúvida de que foi durante essas épocas obscuras que as deusas-mães foram substituídas por deuses masculinos (que, originalmente, talvez tenham sido filhos delas). O destino de Palas Atena, que, sem dúvida, constituía a forma local da deusa-mãe, é particularmente impressionante. Ela foi conduzida à condição de filha pela revolução religiosa, despojada de sua própria mãe e, por ter a virgindade imposta a si, permanentemente excluída da maternidade. ⁽⁶⁸⁾

Vimos também, nos textos bíblicos, várias referências a “chifres” e “boi selvagem”, como as seguintes, em que algumas delas faremos acompanhar das notas dos tradutores:

*Êxodo 27,1-2: “Farás o altar de madeira de acácia; com cinco côvados de comprimento e cinco côvados de largura, o altar será quadrado; a sua altura será de três côvados. Dos quatro lados farás levantar **chifres**, que formarão uma só peça com o altar; e o cobrirás de bronze”.*

Nota: Os “chifres” são protuberâncias nos quatro cantos do altar. Esses chifres possuíam santidade particular. O sangue do sacrifício era aí aplicado (29,12), assim como sobre os chifres do altar dos perfumes (30,10). O criminoso podia agarrar-se a eles para se proteger do castigo (1Rs 1,50; 2,28).
(⁶⁹)

Números 23,22: “*Deus o fez sair do Egito, e é para ele como os **chifres do búfalo***”.

Nota: 1) *Deus*: Em lugar de Elohim, o heb. Tem “El”, que significa “Deus”, mas que é também o nome próprio do grande deus cananeu El. Este já fora identificado como o deus dos pais, e o foi com lahweh. Dá-se o mesmo em 24,4.8.16. (⁷⁰)

2) *chifres de búfalo*: Texto difícil. Outras traduções: “Ele (Jacó) tem como que o vigor do búfalo”, ou: “Ele (El) tem como chifres de búfalo”. (⁷¹)

Números 24,8: “*Deus o tirou do Egito, e é para ele como os **chifres do búfalo***”.

Deuteronômio 33,17: “*Ele [José] é seu **toro primogênito**, a glória lhe pertence. Seus **chifres** são chifres de búfalo: com eles investe contra os povos até as extremidades de terra*”.

1 Reis 1,50: “*Adonias, temendo Salomão, levantou-se e foi se agarrar aos **chifres do altar***”.

1 Reis 22,11: “Sedecias, filho de Canaana, fez para si **chifres** de ferro e disse: 'Assim fala lahweh: com isto ferirás os arameus até exterminá-los'”

Salmo, 18,3: “lahweh é minha rocha e minha fortaleza, meu libertador, é meu Deus. Nele me abrigo, meu rochedo, meu escudo e **minha força (h)** salvadora, minha cidade forte”.

(h) Lit.: “**meu chifre**”, símbolo de poder e vigor (Sl 75,5; 89,18, 92,11 etc., Dt 33,17; 1Rs 22,11; Zc 2,4), às vezes com tom messiânico (Sl 132,17; Ez 29,11) ⁽⁷²⁾

Salmo 29,5-6: “A voz de lahweh despedaça os cedros, lahweh despedaça os cedros do Líbano, faz o Líbano pular qual **bezerro** e o Sarion ⁽⁷³⁾ como **cria de búfalo**”.

Salmo 92,10-11: “Eis que teus inimigos perecem, e os malfeitores todos se dispersam; tu me dás o vigor de um **touro** e espalhas óleo novo sobre mim”.

Salmo 132,17: “Ali **farei brotar uma linhagem** (a) a Davi, e prepararei uma lâmpada (b) ao meu Messias:”

(a) Lit. “farei brotar um **chifre**” (cf. Sl 18,3+) ⁽⁷⁴⁾

Ezequiel 29,21: “Naquele dia suscitarei **um novo rebento** (b) para a casa de Israel e permitirei que se abra a boca no meio dela (e) e saberão que eu sou lahweh”.

(d) Lit.: “farei germinar um **chifre**”; este símbolo da força tem, às vezes, alcance messiânico (cf. Sl 132,17). (75)

Ezequiel 43,15: “A lareira tinha quatro côvados e acima da lareira havia quatro **chifres**”. (Templo erguido por Salomão)

Oseias 10,11: “Efraim é **novilha** adestrada, que gosta de pisar a eira, mas eu passei o jugo em seu pescoço soberbo! Eu atrelarei Efraim, Judá lavrará e Jacó gradeará”.

Miqueias 4,13: “Levanta-te e pisa o chão, filha de Sião, porque farei de ferro os teus **chifres** e teus **cascos** de bronze, para que esmagues numerosos povos.”

Em diversas traduções em lugar de chifres de búfalo, a comparação é com “boi selvagem”. Todas as comparações acima só nos remetem a ideia de que davam valor ao touro, às vezes visto com búfalo ou boi selvagem, que era, como vimos, a imagem representativa do deus cananeu El.

Várias outras situações nos remetem a concluir sobre a forte influência cultural de outros povos; vejamos, por exemplo:

Êxodo 28,31-33: *“Farás o manto do efod todo de púrpura violeta. No meio dele haverá uma abertura para a cabeça; essa abertura será debruada como a abertura de um colete, para que não se rompa. Ao redor de sua orla inferior porás romãs de púrpura violeta, púrpura escarlata e carmesim, e entre elas, em todo o redor, **campainhas de ouro**”.*

Explicam-nos os tradutores da *Bíblia de Jerusalém* que o uso das campainhas de ouro é um “Vestígio de concepção primitiva amplamente espalhada, segundo a qual o tilintar das campainhas afastava os demônios”. (76); portanto, mais uma crença pagã que os hebreus adotaram.

Levítico 23,23-25: *“Iahweh falou a Moisés e disse: ‘Fala aos israelitas e dize-lhes: No sétimo mês, **o primeiro dia do mês** será para vós o dia de repouso, comemoração com som de trombeta, santa assembleia. Não fareis nenhuma obra servil e apresentareis oferenda queimada a Iahweh’.”*

Os tradutores da *Bíblia de Jerusalém* dão-nos a seguinte explicação para esse passo:

O primeiro dia do mês (lunar), a “lua nova” ou “neomênia”, era uma festa celebrada tanto entre os israelitas como entre os cananeus. (1Sm 20,5.24; Is 1,13; Am 8,5), e o foi até a época do NT (cf. Nm 28,11-15; Ez 46,6-7; Ne 10,34; Cl 2,16). Os rituais de Lv 23 e Nm 29,1-6 contêm só a neomênia do sétimo mês (do ano que começa na primavera), que foi durante muito tempo o primeiro mês (do ano que começa no outono). (77)

Era a festa da lua nova, que, conforme afirmado, os cananeus também a praticavam.

Embora os antepassados dos hebreus tenham origem neles, o que se confirma em Ezequiel 16,3: *“Por tua origem e por teu nascimento, tu procedeste da terra de Canaã”*, nessa época, os consideravam como um povo pagão; portanto, esse ritual, dentro dessa perspectiva, é um ritual pagão.

1 Samuel 16,14-16: *“O espírito de Iahweh tinha se retirado de Saul, e um mau espírito, procedente de Iahweh, o atormentava. Então os servos de Saul lhe disseram: ‘Eis que um mau espírito vindo de Deus te atormenta.*

*Mande nosso senhor, e os servos que te assistem **irem buscar um homem que saiba dedilhar a lira e, quando o mau espírito da parte de Deus te atormentar, ele tocará e tu te sentirás melhor.***

Confirma-se, novamente, tratar-se de um ritual pagão: “A música foi empregada em toda a antiguidade quer para estimular o bom espírito (cf. 10,5), quer para expulsar o mau espírito”. (78)

Para dar a você, caro leitor, um melhor esclarecimento, voltamos a algo que já falamos, porém, rapidamente:

1 Reis 7,13-14.23-29: “**Salomão mandou chamar Hiram** de Tiro, filho de uma viúva da tribo de Neftali e cujo pai era natural de Tiro e trabalhava em bronze. Era dotado de grande habilidade, talento e inteligência para executar qualquer trabalho em bronze. Apresentou-se ao rei Salomão e executou todos os seus trabalhos. **Fez o Mar de metal fundido**, com dez côvados de diâmetro. Era redondo, tinha cinco côvados de altura; sua circunferência media-se com um fio de trinta côvados. Havia por baixo da borda coloquintidas em todo o redor: rodeavam o Mar pelo espaço de dez por côvado, dispostas em duas fileiras e fundidas

numa só peça com o Mar. **Este repousava sobre doze touros, dos quais três olhavam para o norte, três para o oeste, três para o sul e três para o leste;** o Mar se elevada sobre eles e a parte posterior de seus corpos estava voltada para o interior. Sua espessura era de um palmo e sua borda tinha a mesma forma que a borda de uma taça, como uma flor de lótus. Sua capacidade era de dois mil batos. Fez as dez bases de bronze, tendo cada uma quatro côvados de comprimento, quatro côvados de largura e três côvados de altura. Eis como foram feitas: tinham molduras que estavam entre as travessas. **Sobre as molduras que estavam entre as travessas havia leões, touros e querubins,** e sobre as travessas havia um suporte; abaixo dos leões e dos touros havia volutas em pingentes.”

Esse Mar de bronze ou mar de fundição é assim explicado:

O Mar de Fundição

Esse pesado item do templo de Salomão substituiu a bacia de bronze do tabernáculo. Mas outros lavatórios foram adicionados, em face do aumento do número de sacerdotes que serviam no templo. A palavra hebraica correspondente ao mar de fundição é *yam*, “mar”. **Era uma gigantesca**

bacia redonda, com cerca de 2,22 m de altura e o dobro disso em diâmetro, e que ficava cheia de água até a borda. Era feita de bronze fundido e batido, com a espessura de uma mão (cerca de 7,5 cm). **Ficava apoiada sobre doze bois de bronze, divididos em quatro grupos de três bois, cada grupo voltado na direção de algum ponto cardinal.** Esses doze bois ficavam todos sobre uma mesma plataforma. O original mar de fundição foi feito com metal que Davi havia tomado de Zobá (ver I Crô. 18:8). Finalmente, porém, foi despedaçado e levado aos pedaços para a Babilônia, quando do exílio babilônico (ver II Reis 25:13). Esse item do templo era altamente decorativo, e não somente útil. Para exemplificar, a beirada da bacia era recurvada, a fim de dar a aparência de uma folha de lírio. **Alguns estudiosos têm opinado que os doze bois representavam os doze sinais do zodíaco, ou que eram símbolos da fertilidade, ou remanescentes da adoração egípcia ao boi.** De fato, havia o boi *Apsu*, cujo templo na Babilônia dispunha de uma bacia de bronze similar. Porém, é impossível dizermos se havia qualquer conexão entre essa bacia e o mar de fundição dos hebreus. Sabe-se, todavia, que *Apsu* estava vinculado às ideias de vida e fertilidade. O mar de fundição dos hebreus simbolizava a purificação que é necessária para a participação no culto a Deus. ⁽⁷⁹⁾

Muito provavelmente ela seria algo como o que se vê nesta imagem ⁽⁸⁰⁾:



Observe os bois, menciona-se doze, sustentando a bacia de bronze.

Muitas vezes, nas suas explicações, os teólogos fogem da realidade, pretendendo justificar dogmas ou interpretações do passado; porém, não há como esconder a verdade, pois, mais dia menos dia, ela aparecerá triunfante.

Assim, podemos concluir que os doze bois que sustentavam o Mar de bronze correspondiam a algo aprendido na Babilônia, ou talvez no Egito, por serem povos de culturas anteriores à dos hebreus.

Por outro lado, é bem interessante a determinação de ***“não vos pervertais, fazendo para vós uma imagem esculpida em forma de ídolo: uma figura de homem ou de mulher, figura de algum animal terrestre, de algum pássaro que voa***

no céu, de algum réptil que rasteja sobre o solo, ou figura de algum peixe que há nas águas que estão sob a terra” (Deuteronômio 4,16-17; ver tb Deuteronômio 6,4), que parece não terem seguido.

Outro ponto, que podemos listar em reforço ao fato de que os hebreus, por muito tempo, não adoravam um Deus único, é o que se relaciona às suas práticas ritualísticas. Pelo menos, três delas merecem ser destacadas: 1ª) as que dizem respeito aos rituais de sacrifícios; 2ª) quanto aos locais de adoração; e, 3ª) relacionadas aos rituais de purificação.

1ª) rituais de sacrifícios

Os hebreus tinham suas práticas ritualísticas descritas e regulamentadas no livro Levítico, do qual extraímos as seguintes:

a) os holocaustos

Sobre eles, explicam-nos os tradutores da *Bíblia de Jerusalém*:

Sacrifícios nos quais **a vítima é inteiramente consumida**. A imposição das mãos pelo ofertante (v. 4) é testemunho solene de que esta vítima,

apresentada em seguida pelo sacerdote, é realmente seu próprio sacrifício. As narrativas, como os textos rituais do Pentateuco, fazem este tipo de sacrifício remontar à época do deserto (Ex 18,12; Nm 7,12) e até mesmo aos Patriarcas (Gn 8,20; 22,9-10). Na realidade, os testemunhos históricos mais antigos datam da época dos Juízes (cf. Jz 6,26; 11,31; 13,15-20). **Parece que esta forma de sacrifício foi influenciada pelo ritual cananeu** (cf. 1Rs 18: **o holocausto dos profetas de Baal é semelhante ao de Elias**) e que não é anterior à instalação das tribos. Em Lv 1, dá-se valor expiatório ao holocausto; na época antiga, é mais sacrifício de ação de graças (cf. 1Sm 6,14; 10,8; 2Sm 6,17) ou sacrifício para obter um favor de lahweh (1Sm 7,9; 13,9; 1Rs 3,4). ⁽⁸¹⁾

Tentando amenizar a situação dizem “parece”, quando, pelas evidências, deveriam, humildemente, ter assumido que essa forma de sacrifício é, na verdade, pura influência do ritual cananeu, por mais que isso lhes doesse.

Por outro lado, temos flagrante contradição nesses tipos de rituais, porquanto, em outras passagens, se afirma sobre lahweh:

Salmo 51, 17-18 *“Ó Senhor, abre os meus lábios, e minha língua anunciará o teu louvor. Pois **tu não queres sacrifício e um***

holocausto não te agrada”.

Isaías 1,11: “*Que me importam os vossos inúmeros sacrifícios?, diz Iahweh. **Estou farto de holocaustos de carneiros e da gordura de bezeros cevados; no sangue de touros, de cordeiros e de bodes não tenho prazer**”.*

Jeremias 6,20: “*Que me importa o incenso que vem de Seba, e a cana aromática de países longínquos? **Vossos holocaustos não me agradam e vossos sacrifícios não me comprazem**”.*

Oseias 6,6: “**Porque é amor que eu quero e não sacrifício, conhecimento de Deus mais do que holocaustos**”.

E aqui fica claro que, além de criticar e condenar os atos praticados pelo povo, com relação aos holocaustos (Jeremias 7,16-20), Iahweh declara que não prescreveu qualquer atitude relacionada a sacrifícios:

Jeremias 7,21-23: “*Assim disse Iahweh dos Exércitos, Deus de Israel: Acrescentai os vossos holocaustos aos vossos sacrifícios e comi a carne! **Porque eu não disse e nem prescrevi nada a vossos pais, no dia em que vos fiz sair da Terra do Egito, em***

relação ao holocausto e ao sacrifício. *Mas eu lhes ordenei isto: Escutai a minha voz, e eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo. Andai em todo caminho que eu vos ordeno para que vos suceda o bem”.*

Então, por conclusão lógica, cai por terra o livro Levítico como de origem divina.

E, seguindo as notas, vejamos agora o que dizem sobre expiação, para esclarecer o “valor expiatório” do ritual:

A Expição é o sacrifício pelo qual o homem que ofendeu a Deus, transgredindo a aliança, pode voltar à graça. O animal oferecido em sacrifício (*kipper*) foi interpretado como resgate (*koper*; cf. Ex 30,12). Nos sacrifícios de expiação, os ritos do sangue desempenham papel primordial (17,11; cf. 4,1+; 4,12+). **Conhecida pelos assírio-babilônios e pelos cananeus, a expiação ligou-se aos fundamentos da Lei israelita.** No NT, aparecerá, não como pagamento ou substituição, mas como o dom da vida de Deus para vivificar os homens (Rm 3,25-26).⁽⁸²⁾

Se na explicação anterior poder-se-ia dizer “parecia”, nessa de agora devemos concluir que tal prática foi mesmo tomada da cultura de outros

povos, o que foi assumido quando explicam que a expiação era conhecida pelos assírio-babilônicos e pelos cananeus, pois sabe-se que a existência desses povos é anterior à dos hebreus.

Segundo o estudioso Bart D. Ehrman: **“A religião de Israel, em particular, era uma religião de sacrifício.”** ⁽⁸³⁾

b) a oblação

Vejamos a explicação:

A oblação, com as primícias, que aqui são semelhantes a ela (vv. 14-15), é oferenda de produtos do solo; é, portanto, desde a origem rito de sedentários, que deve **remontar aos primórdios da instalação em Canaã. A oferenda de incenso que acompanha, conhecida entre os povos vizinhos, especialmente no Egito, pode ter origem mais antiga.** A oblação assemelha-se a holocausto em que se queima um punhado de farinha umedecida com azeite, como “odor agradável” a lahweh (cf. Ex 29.18; Lv 1.9+). Este sacrifício é oferecido, em geral, como complemento de sacrifício sangrento, e é então acompanhado de libação de vinho (cf. 23.13; Ex 29,40; Nm 15.5.7). ⁽⁸⁴⁾

É..., pelo que estamos vendo, os seus rituais

quase nada possuíam de original, praticamente tudo quanto faziam tinha origem em outras culturas – nas pagãs.

c) o sacrifício de comunhão

Leiamos do que se trata:

O sacrifício chamado “de comunhão”, no qual a vítima é repartida entre Deus e o ofertante, encontra-se em Canaã, mas o sacrifício israelita distingue-se pelo antigo ritual do sangue (cf. 1,5+). É banquete sagrado; as partes mais vitais da vítima são oferecidas a Deus: a melhor parte é atribuída aos sacerdotes (cf. 7,28s) e a parte restante é consumida pelos fiéis. Na época antiga, este tipo de sacrifício era o mais frequente e formava o rito central das festas, exprimindo de modo eminente a comunidade de vida e a relação de aliança e de amizade entre o fiel e o seu Deus. ⁽⁸⁵⁾

Vê-se, portanto, que esses rituais não primavam pela originalidade; como já dito, todos eles foram tomados de outras culturas, as quais passaram a tratá-las como pagãs. Pura ironia do destino, pois faziam o mesmo que elas!

Transcrevemos o que Champlin e Bentes, em

Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia, dizem sobre tais rituais:

Os Sacrifícios. A descrição dos vários tipos de ofertas, segundo sua sequência, mostra a significação dos mesmos.

1. *Ofertas expiatórias.* Estas dividiam-se em: a. Ofertas pelo pecado; e b. Ofertas pela culpa. As ofertas pelo pecado tinham em vista a vindicação da lei, mediante um sacrifício vicário (ver Lev. 4:1-35; 6:24-30). As ofertas pela culpa eram um tipo de oferta pelo pecado, tendo em vista a reparação de alguma injustiça (ver especialmente Lev. 7:1-10). [...].

2. *Ofertas consagratórias.* Essas subdividem-se em: a. Ofertas queimadas; b. Ofertas de cereais; e c. Libações. As ofertas queimadas ou “holocaustos” indicavam a ideia de total rendição a Deus. No hebraico, o nome significa “aquilo que sobe” (ver Lev. 1:3-17; 6:8-13). As ofertas de cereais acompanhavam quase todas as outras ofertas e nunca faltavam no caso das ofertas queimadas. Acompanhavam, por exemplo, na purificação de um leproso, no fim do voto dos nazireus e na consagração dos sacerdotes (ver Lev. 2 e 6:14-23). Nossa versão portuguesa prefere chamá-las de “ofertas de manjares”. As libações, por sua vez, normalmente, acompanhavam as ofertas queimadas e pacíficas. Interessante é observar que as libações não são mencionadas entre as ofertas (ver Lev. 1-7), embora sejam incluídas nas instruções dos sacrifícios que seriam oferecidos

quando os israelitas se instalassem na Terra Santa (ver Núm. 15:5-7). As libações eram sempre “derramadas”, nunca sorvidas. A primeira menção a uma libação aparece em Gênesis 35:14. Nunca acompanhavam uma oferta pelo pecado, ou uma oferta pela culpa, quando oferecidas isoladamente.

3. *Ofertas de comunhão*. Estas subdividem-se em várias categorias: a. Ofertas pacíficas; b. Ofertas movidas; c. Ofertas de agradecimento; d. Ofertas votivas; e. Ofertas voluntárias; e, f. ofertas de consagração sacerdotal. As *ofertas pacíficas* falam da comunhão restaurada, após a expiação de pecados e o perdão recebido. Todas as outras ofertas de comunhão são variantes das ofertas pacíficas (ver Lev. 3 e 7:11-36). As *ofertas movidas* eram a porção, dentre as ofertas pacíficas, que pertencia ao sacerdote oficiante. As *ofertas de agradecimento* podem ser entendidas até por causa de seu sugestivo nome, o que também se dá no caso das ofertas votivas. Estas últimas podiam consistir em ofertas queimadas ou em ofertas pacíficas. As *ofertas voluntárias*, como seu nome indica, eram de natureza espontânea. E as *ofertas de ordenação*, que a LXX chama de “ofertas de aperfeiçoamento”, são chamadas no hebraico por “ofertas de instalação”. Essas ofertas estavam intimamente vinculadas ao conceito de “encher a mão”, expressão usada para indicar a consagração de alguém ao serviço do Senhor (ver Êxo, 28:41; 29; cf. Êxo. 32:29), exigindo um estado de pureza ritual e de devoção espiritual (ver II Crô. 29:31). ⁽⁸⁶⁾

E do *Dicionário Bíblico Universal*, retiramos:

Sacrifício no Velho Testamento. O sacrifício (q.v.) era a parte mais importante do culto judaico. De acordo com o objeto sensível oferecido a Deus, os sacrifícios eram classificados em: cruentos (em que havia derramamento de sangue: bois, carneiros, cabras, pombas) e incruentos (sem derramamento de sangue: grãos ou produtos agrícolas). Nos sacrifícios cruentos só podiam ser oferecidos animais que fossem propriedade do oferente (2Sam 24,24); os animais imundos, defeituosos ou roubados eram considerados indignos (Mal 1,13). A cerimônia do sacrifício, em geral, consistia nos seguintes elementos: 1) a condução do animal até a porta do Tabernáculo; 2) a imposição das mãos sobre a vítima, o que provavelmente simbolizava a transmissão dos pecados do oferente para o animal; 3) a morte da vítima e o derramamento de seu sangue; 4) a aspersão com o sangue da vítima; 5) a cremação de toda a carne da vítima ou de apenas uma parte da vítima, seguia-se a refeição sacrificial, na qual o ofertante, pela manducação da carne da vítima oferecida a Deus, patenteava sua amizade com Ele.

Os sacrifícios cruentos eram de três espécies: Sacrifícios em holocausto: os mais antigos e mais importantes sacrifícios, em que toda a vítima era queimada. Somente os animais machos podiam ser oferecidos em holocausto. Os sacrifícios pelo pecado: a vítima não era completamente consumida pelo fogo; algumas partes eram conservadas para uso do sacerdote. Estes eram oferecidos em remissão dos pecados. Nesta classe, só no sacrifício da vaca vermelha é que se

queimava tudo (Num 19,2-10). Os sacrifícios pacíficos: em que também só se queimava uma parte da vítima. Eram oferecidos para agradecer a Deus ou para lhe suplicar uma graça. Exemplos típicos de sacrifícios cruentos foram os holocaustos e as ofertas pacíficas oferecidas por Moisés, ao tempo da promulgação da Lei (Ex 24,4-8; Hebr 9,19-21) e o sacrifício da vaca vermelha, cujas cinzas serviam para fazer a água da aspersion (Num 19,2-10).

Os sacrifícios incruentos eram ofertas de grãos e vinho, farinha pura, espigas de trigo, pão sem fermento ou bolos. Eram oferecidos frequentemente com holocaustos e ofertas pacíficas; algumas vezes, porém eram ofertadas separadamente. ⁽⁸⁷⁾

Em sua maioria, as ofertas eram de animais sacrificados e queimados, uma ritualística totalmente tétrica e mórbida, que hoje nos choca diante de tanta crueldade para com os pobres dos animais e, mais ainda, vendo o sangue deles espargido por sobre o altar, num estilo bem próximo de filmes vampirescos.

Esses sacrifícios deviam ser feitos todos os dias, tornando-se, novamente, nesse ponto, de algo ligado às ritualísticas pagãs:

Nos templos de todas as cidades principais da Mesopotâmia **havia sacrifícios diariamente propiciados aos deuses**. Eram oferecidos vegetais e carnes, libações de água, cerveja e vinho; queimavam-se especiarias aromáticas e incenso perfumado. Tais cerimônias eram realizadas por sacerdotes e, de um modo geral, delas bem pouco ou nada participavam os cidadãos comuns. [...]. ⁽⁸⁸⁾

Se esses sacrifícios eram, também, uma prática diária dos hebreus, não há como não aceitar, mais uma vez, que tomaram isso da cultura pagã.

Uma curiosidade entre os gêneros que se ofereciam como oblação é o sal, porquanto “atribuíam-se ao sal valor purificador”. ⁽⁸⁹⁾

Ora, ainda hoje encontramos isso em alguns segmentos espiritualistas, quando se recomenda o famoso “banho de sal grosso”.

Acrescentam os tradutores que o sal:

Entre os assírios, era utilizado no culto, e entre os nômades, na refeição de amizade ou aliança, de onde a expressão ‘aliança de sal’ (Nm 18,19) para exprimir a estabilidade da aliança entre Deus e o seu povo. ⁽⁹⁰⁾

Portanto, mais uma coisa tomada de outros povos.

2ª) locais de adoração

Não nos passaram despercebidas as citações nas quais se vincula uma montanha a Deus como, por exemplo:

*Êxodo 3,1: “Apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Madiã. Conduziu as ovelhas para além do deserto e chegou ao Horeb, **a montanha de Deus**”.*

*Êxodo 19,3: “Então Moisés subiu **a montanha de Deus**. E da montanha lahweh o chamou, [...]”*

*Êxodo 24,12: “lahweh disse a Moisés: ‘Sobe a mim **na montanha**, e fica lá; dar-te-ei tábuas de pedra - a lei e o mandamento - que escrevi para eles’”.*

As montanhas eram, muitas vezes, os locais nos quais adoravam aos deuses. A determinação divina dada aos hebreus, para quando chegassem na terra de Canaã, onde habitava um povo pagão, foi taxativa: Números 33,51: “*Expulsareis diante de vós todos os habitantes da terra. Destruireis as suas*

*imagens esculpidas, todas as suas estátuas de metal fundido, e **demolireis todos os seus lugares altos***". Assim, temos que os rituais pagãos eram, via de regra, realizados em lugares altos, que não são outra coisa senão as montanhas ou os montes na visão dos hebreus.

É claro que das altas montanhas vêm as revelações, daquela atmosfera misteriosa e encoberta. **É uma antiquíssima e muito difundida concepção a de que os deuses e o poder divino estão escondidos entre as nuvens, no alto das grandes montanhas. Isto se acredita no Japão, no Fuji; isto se acredita na Grécia, no Olimpo; isto se acredita e se relata no Sinai,** revelação também vinda de cima de uma alta montanha. [...].⁽⁹¹⁾

A montanha está "mais próxima" do Céu, o que a investe de uma dupla sacralidade: por um lado, participa do simbolismo espacial da transcendência ("alto", "vertical", "supremo", etc.) e, por outro, é o domínio por excelência das hierofanias atmosféricas e, como tal, **a morada dos deuses. Todas as mitologias têm uma montanha sagrada,** variante mais ou menos ilustre do Olimpo grego. **Todos os deuses possuem lugares reservados ao seu culto nos pontos altos.** Os valores simbólicos e religiosos das montanhas são inúmeros. **A montanha é frequentemente considerada como o ponto de**

reencontro entre o Céu e a Terra, portanto um “centro”, o ponto pelo qual passa o eixo do mundo, região saturada de sagrado, local onde podem realizar-se as passagens entre as diferentes zonas cósmicas. Assim, segundo as crenças mesopotâmicas, “o Monte dos Países” une o Céu e a Terra ⁽⁹²⁾ e o monte Meru da mitologia indiana eleva-se no meio do mundo; acima dele brilha a estrela polar ⁽⁹³⁾. Também os povos uralo-altaicos conhecem um monte central, o Sumbur, Sumur ou Sumeru, em cujo cimo está suspensa a estrela polar (crenças buriatas) ⁽⁹⁴⁾. Segundo as crenças iranianas, o monte sagrado Haraberezaiti (Harburz) encontra-se no meio da Terra e está ligado ao Céu ⁽⁹⁵⁾. Na Edda, Himingbjörg é, como seu nome indica, um “monte celeste”; aí o arco-íris (Bifröst) atinge a abóbada do Céu. Crenças parecidas encontram-se entre os finlandeses, os japoneses, etc.

Devido ao fato de ser o ponto de encontro entre o Céu e a Terra, o “monte” acha-se no “centro do mundo” e é certamente o ponto mais elevado da Terra. Por isso as regiões consagradas – “lugares santos”, templos, palácios, cidades santas – são assimiladas a “montanhas” e elas mesmas tornam-se “centros”, isto é, são integradas de maneira mágica no cume do monte cósmico (cf. § 145). [...]. ⁽⁹⁶⁾

Interessante, também, foi esta outra explicação que encontramos:

No livro do Êxodo, Moisés e os israelitas estão no monte Horebe, tendo viajado desde o Egito através do Mar Vermelho. **Moisés escala a rocha para falar com El Shaddai, o Senhor da Montanha (mais tarde chamado Jeová)**, que ensina que, a partir de então, ele será seu Deus e que eles não mais devem usar seu ouro para fazer ídolos e imagens deiformes ⁽⁹⁷⁾. ⁽⁹⁸⁾

Vê-se a relação da expressão **El Shaddai** com o Senhor da Montanha; aliás, era no que acreditavam naquela época:

*1 Reis 20,22-28: “O profeta aproximou-se do rei de Israel e lhe disse: ‘Vamos! Coragem! Pondera com cuidado o que deves fazer, pois na passagem do ano o rei de Aram te atacará’. Os servos do rei de Aram disseram-lhe: ‘**O Deus dessa gente é um Deus de montanha**, é por isso que nos venceram. Mas lutamos contra eles na planície e certamente os venceremos”... O homem de Deus aproximou-se do rei de Israel e disse-lhe: ‘Assim, fala lahweh: Já que **Aram disse que lahweh é um Deus de montanhas** e não um Deus de planície, entrego em tuas mãos toda essa multidão e reconhecerás que sou lahweh”’.*

Certamente que esse fato será bem

desconcertante para quem possui e sustenta argumentos dogmáticos.

Nova surpresa nos estava reservada; coube ao jornalista do *G1* (Globo) Reinaldo José Lopes, que, no artigo “Conheça a verdadeira 'cara' da Arca da Aliança, objeto mais sagrado da Bíblia”, nos apresenta esta afirmação de Cristine Hayes, professora de Bíblia Hebraica da Universidade de Yale (EUA): **“O principal deus cananeu, El, era retratado como morando numa tenda, no alto de uma montanha”**. ⁽⁹⁹⁾

Diante disso, podemos ainda acrescentar como sendo de origem cananeia a Tenda da Reunião, na qual Moisés falava com Deus “*face a face*” (Êxodo 33,7-11).

3ª) ritual de purificação

O Dicionário Prático Barsa, explica:

Cerimônia religiosa de acordo com a Lei Mosaica, pela qual um israelita ficava livre de determinada mancha legal. Podia-se contrair impureza legal (e por conseguinte necessitar de purificação) de vários modos: tocando num cadáver (Num 19,11-22; 31,19; Lev 11,24-40); pelo

contacto com um leproso (Lev 14,4-32); pelas várias atividades referentes ao sexo (Lev 15; Dt 23,10-11); pelo parto. ⁽¹⁰⁰⁾

O ritual de purificação para quem havia tocado num cadáver humano é o que nos interessa. Usava-se nele a água da purificação ou água lustral, conforme os procedimentos listados em Números, que transcrevemos:

Números 19,1-9: *“Iahweh falou a Moisés e a Aarão. Disse-lhes: ‘Eis um estatuto da Lei que Iahweh prescreve. Fala aos israelitas. Que tragam a ti **uma novilha vermelha** sem defeito e perfeita e que não tenha ainda sido submetida ao jugo. Entregá-la-eis a Eleazar, o sacerdote. Será levada para fora do acampamento e **será imolada** diante dele. Depois o sacerdote Eleazar tomará com o seu dedo um pouco do sangue da vítima e com esse sangue fará sete aspersões na direção da entrada da Tenda da Reunião. **Queimar-se-á, então, a novilha na sua presença; o couro, a carne, o sangue e os excrementos serão queimados. O sacerdote tomará em seguida madeira de cedro, hissopo e escarlata de cochonila e os lançará no fogo onde arde a novilha. ... Um homem em estado de pureza **recolherá*****

as cinzas da novilha e as depositará, fora do acampamento, em lugar puro. Ali permanecerão para uso ritual da comunidade dos israelitas, **para fazerem a água lustral; é um sacrifício pelo pecado**”.

Os tradutores da *Bíblia de Jerusalém* explicam-nos que:

[...] Este ritual, ao qual somente outro texto faz referência (Nm 31,23, além de Hb 9,13), **legitima antiga prática colorida de magia**, assimilando-a a sacrifício de expiação pelo pecado (v. 17 e comp. vv. 4-5 com Lev 16,27; v. 8 com Lv 16,28). **Outros costumes análogos foram assim admitidos pela Lei mosaica** (Lv 14,2-7; 16,5-10; Nm 5,17-28; Dt 21,1-9). A novilha devia ser avermelhada, **porque, no antigo Oriente, tudo aquilo que se aproxima do vermelho tem valor profilático**: esta cor evoca o sangue, princípio da vida, e protege contra a morte. ⁽¹⁰¹⁾

Quanto a alguns dos materiais usados:

Madeira de cedro: simbolizava a longevidade e a incorruptibilidade. – *Um fio de escarlata*: usado provavelmente para atar o feixe de hissopo à haste do cedro. – **Hissopo: era considerado como um purificador por excelência** (Sl 51,9). Segundo os rabinos, a purificação feita com a madeira de cedro

e com o hissopo significa que, tanto os grandes como os pequenos, devem inclinar as suas cabeças diante de Deus quando estão em pecado.

(¹⁰²)

Seria oportuno ver esses outros costumes análogos, citados na explicação anterior; inclusive um deles já o mencionamos:

Levítico 14,1-7: *“Iahweh falou a Moisés e disse: ‘Esta é a lei a ser aplicada ao leproso no dia da sua purificação. Será conduzido ao sacerdote, e o sacerdote sairá para fora do acampamento. Se verificar, após exame, que o leproso está curado da sua lepra, determinará que se tomem **para o homem a ser purificado, duas aves vivas e puras, madeira de cedro, lã escarlata e hissopo.** E ordenará, em seguida, que se **imole uma ave em um vaso de argila, sobre águas correntes.** Tomará a ave viva, a madeira de cedro, a lã escarlata, o hissopo e **mergulhará tudo (inclusive a ave viva) no sangue da ave imolada sobre a água corrente.** Fará então **sete aspersões sobre o homem a ser purificado da lepra e, tendo-o declarado puro, deixará que voe para o campo a ave viva’.**”*

Levítico 16,5-10: *“Receberá a comunidade dos israelitas dois bodes destinados ao sacrifício do*

pecado, e um carneiro para o holocausto. Depois de haver oferecido o novilho do sacrifício pelo seu próprio pecado e de ter feito o rito de expiação por si mesmo e pela sua casa. Aarão tomará **os dois bodes** e os colocará diante de lahweh na entrada da Tenda da Reunião. **Lançará a sorte sobre os dois bodes, atribuindo uma sorte a lahweh e outra a Azazel.** Aarão oferecerá o bode sobre o qual caiu a sorte 'De lahweh' e fará com ele um sacrifício pelo pecado. Quanto ao bode sobre o qual caiu a sorte 'De Azazel', será colocado vivo diante de lahweh, para se fazer com ele o rito de expiação, a fim de ser enviado a Azazel, no deserto".

Números 5,16-28: "O sacerdote fará aproximar a mulher e a colocará diante de lahweh. Em seguida **tomará água santa em um vaso de barro e, tendo tomado do pó do chão da Habitação, o espargirá sobre a água.** E apresentará a mulher diante de lahweh, soltará a sua cabeleira e colocará nas suas mãos a oblação comemorativa (isto é, a oblação de ciúme). E nas mãos do sacerdote estarão **as águas amargas e de maldição.** A seguir o sacerdote fará a mulher jurar e lhe dirá: 'Se não é verdade que algum homem se deitou contigo e que te desviaste e que te tornaste impura, enquanto sob o domínio de teu marido, que estas águas amargas e de

*maldição te sejam inofensivas! Porém, se é verdade que te desviaste enquanto sob o poder de teu marido e que te tornaste impura e que outro homem, que não o teu marido, participou do teu leito...' O sacerdote fará, aqui, a mulher prestar um juramento imprecatório e lhe dirá: '...Que lahweh te faça, no teu povo, objeto de imprecação e maldição, fazendo murchar o teu sexo e inchar o teu ventre! Que estas águas de maldição penetrem nas tuas entranhas, a fim de que o teu ventre se inche e o teu sexo murche!' A mulher responderá: 'Amém! Amém!' Em seguida o sacerdote escreverá essas imprecações e as apagará com as águas amargas. E **fará a mulher beber essas águas amargas e de maldição**, e serão para ela amargas. O sacerdote, então, tomará das mãos da mulher a oblação de ciúme e a erguerá, apresentando-a diante de lahweh, e a colocará sobre o altar. E tomará um punhado da oblação de ciúme e o queimaré sobre o altar, para memorial. O sacerdote fará a mulher beber dessas águas. E ao fazê-la beber as águas, se realmente ela se tornou impura enganando a seu marido, então as águas de maldição, penetrando nela, ser-lhe-ão amargas: seu ventre inchará, seu sexo murchará e ela servirá para o seu povo de exemplo nas maldições. Se, ao contrário, ela não se tornou impura, mas está pura, sairá*

ilesa e será fecunda”.

Deuteronômio 21,1-9: “Quando for encontrado um homem morto estendido no campo, na terra cuja posse lahweh teu Deus te dará, e ninguém souber quem o matou, teus anciãos e teus escribas” sairão e medirão as distâncias até às cidades que estiverem ao redor do morto, determinando a cidade mais próxima do morto. A seguir, **os anciãos daquela cidade tomarão uma novilha do gado**, com a qual não se tenha trabalhado e ainda não tenha sido atrelada ao jugo. **Os anciãos daquela cidade farão com que a novilha desça até uma torrente de água permanente, onde ninguém trabalha nem semeia. E ali, sobre a torrente, desnucarão a novilha.** Depois aproximar-se-ão os sacerdotes levitas, pois foram eles que lahweh teu Deus escolheu para o seu serviço e para que abençoem em nome de lahweh, cabendo-lhes também resolver qualquer litígio ou crime. E todos os anciãos da cidade mais próxima ao morto lavarão as mãos sobre a novilha desnucada na torrente, fazendo a seguinte declaração: ‘Nossas mãos não derramaram este sangue, e nossos olhos nada viram. Perdoa ao teu povo Israel, que resgataste, Ó lahweh; não permitas que um sangue inocente recaia sobre o teu povo Israel e este sangue lhe será perdoado’. Tu porém,

farás com que desapareça do teu meio o derramamento de sangue Inocente, porque farás o que é reto aos olhos de lahweh”.

Dessa última passagem, destacamos o trecho “a novilha desnucada na torrente”, em relação ao qual nos explicam:

O animal é desnucado num lugar deserto, e não se faz menção do sangue: não se **trata de um sacrifício mas sim de um velho rito mágico** como os de Lv 14,2-9; 16,5-16.21-22; Nm 19,2-10, que foi **assimilado pelo javismo** (cf. v. 8). ⁽¹⁰³⁾

Dessa forma, temos um ritual mágico, e puramente pagão, incorporado à tradição religiosa dos hebreus. É Fantáaaaastico!

De tudo o que até agora vimos, seguramente, podemos concluir que o povo hebreu aceitou a mudança de nome de sua divindade maior, mas não abandonou a ritualística pagã.

Épocas em que os hebreus praticavam rituais pagãos

Seguindo o que consta na *Bíblia de Jerusalém* (p. 2.170-2.188), vamos dividir a história dos hebreus nos seguintes períodos: a) Patriarcas; b) Moisés e Josué, c) Dos Juízes a Salomão (1.200-931 a.C.); d) Judá e Israel (931-721 a.C.), e) Fim do reino de Judá (721-587 a.C.); f) A restauração durante o período persa (538-333 a.C.) e g) Época helenística (333-63 a.C.).

a) Os patriarcas

Na época do Bronze antigo - 3.100 a 2.100 -, viviam na Palestina os cananeus, ancestrais de Abraão, que eram nômades na Mesopotâmia. Na época do Bronze médio - 2.100 a 1.550 aprox. -, foi que Abraão chegou em Canaã (cerca de 1.850). De 1.700 a 1.250 é o período dos patriarcas no Egito. ⁽¹⁰⁴⁾

Gênesis 17,1: “Quando **Abraão** completou noventa e nove anos, *lahweh lhe apareceu e*

Ihe disse: ‘Eu sou El Shaddai, anda na minha presença e sê perfeito’.

Explicam-nos o “El Shaddai”, desse passo, da seguinte forma:

Antigo nome divino da época patriarcal (28,3; 35,11; 43,14; 48,3; 49,25), mantido especialmente pela tradição sacerdotal (v. Ex. 6,3), raro fora do Pentateuco, salvo em Jó. **A tradução comum “Deus Todo-Poderoso” é inexata.** O sentido é incerto; **propôs-se “Deus da montanha”**, segundo o acádico *shadû*; seria preferível entender “Deus da Estepe”, segundo o hebraico *sadeh* é outro sentido do termo acádico. É uma apelação divina que corresponde ao modo de vida. ⁽¹⁰⁵⁾

É bem verdade que em muitas traduções bíblicas aparece mesmo a expressão “Deus Todo-Poderoso”, como, por exemplo, na *Bíblia Sagrada Vozes*, na qual explicitam: **“Deus Poderoso (em hebr. El-Shaddai) é nome do verdadeiro Deus adorado pelos patriarcas (Gn 28,3; Ex 6,3)”**. ⁽¹⁰⁶⁾

Vê-se o “El Shaddai” também ser usado em Gênesis 28,3 e 35,11, quando Deus muda o nome de Jacó para Israel e Ihe revela este seu nome.

Mais à frente veremos uma correlação direta entre as práticas religiosas dos hebreus com proposta de se entender “El Shaddai” como o “deus da montanha”. (107)

Corroborando, a evolução do processo de crença:

Naquela época, Abraão acabara de completar sua campanha militar em Canaã, tendo conduzido sua armada com sucesso contra as tropas de alguns reis incômodos. **O Deus a que se refere é nomeado mais especificamente, em antigos textos, como o senhor da montanha El Shaddai** (108); o mesmo título ao qual novamente aludiu o Senhor que falou com Moisés no Monte Horebe, no Sinai. Foi apenas durante a narrativa dos acontecimentos feita pelos escribas que o título Javé foi introduzido, baseado na raiz hebraica YHVH: “Eu sou o que sou”, semelhante a: “Meu nome é irrelevante”. Mais importante, porém, foi a afirmação que esse Senhor fez a Moisés (Êxodo 6:3) de que era o Deus de Abraão. **Textos primitivos dizem que o Deus de Abraão era El Shaddai** (Gênesis 17:1), mas em **Bíblia modernas traduziu-se erroneamente esse nome como Deus Todo-Poderoso**. Usado em textos hebraicos e mantido na Vulgata latina (109), **El Shaddai era um termo semítico, sinônimo do deus mesopotâmico Enlil, chamado *Ilu Kurgal*: grande Senhor da Montanha (muito mais tarde,**

em 1518, Javé foi convertido no híbrido moderno, Jeová) ⁽¹¹⁰⁾. ⁽¹¹¹⁾

Embora já tenhamos citado El, o deus cananeu, deixamos para este momento desenvolver mais essa questão, conforme, anteriormente, havíamos prometido. Leiamos:

El

O povo de Canaã (ou filisteu) considerava esta divindade o deus superior do seu panteão. Ele tinha criado a Terra e os Céus e delegou a tarefa de gerir as vidas dos homens em Baal. Tinha um trono na “nascente das nascentes dos rios”, de onde via tudo o que passava no Universo e o governava, à semelhança de Odin e Zeus.

Como deus da água fertilizava os campos.

Foi venerado também nas tribos israelitas com o nome de Javé, aparecendo na Bíblia como El ou Elohim. Passou o nome de El a significar *deus* para os hebreus, sendo o plural *elim* (tal como o plural de Baal é *baalim*). Assim se presencia o *Elohim* cananita a dar origem ao Deus cristão. ⁽¹¹²⁾ (grifo itálico do original, negrito nosso)

Parece que o mito de Marduc e Tiamat influenciou o povo de Canaã, que contava uma história semelhante sobre **Baal-Habab, o deus da tempestade** e da fertilidade, muitas vezes citado em termos extremamente descorteses na Bíblia. A

história da batalha de Baal com Yam-Nahar, o deus dos mares e dos rios, é contada em tabuinhas que datam do século XIV AEC. Baal e Yam viviam com **EI, o Deus Alto cananeu**. No Conselho de EI, Yam exige que Baal lhe seja entregue. Com duas armas mágicas, Baal derrota Yam e está para matá-lo quando Asera (esposa de EI e mãe dos deuses) diz que é desonroso matar um prisioneiro. Baal envergonha-se e poupa Yam, representante do aspecto hostil dos mares e dos rios que constantemente ameaçam inundar a terra, enquanto Baal, o deus da tempestade, fertiliza a terra. Em outra versão do mito, **Baal mata o dragão de sete cabeças Lotan, chamado em hebraico de Leviatã**. Em quase todas as culturas, o dragão simboliza o latente, o informe e o indiferenciado. Assim, Baal interrompe o retorno à informidade primordial com um ato verdadeiramente criativo e é recompensado com um belo palácio construído pelos deuses em sua honra. Portanto, já no início da religião, a capacidade criadora era vista como divina: ainda usamos a linguagem da religião para falar da “inspiração” criadora, que refaz a realidade e confere novo sentido ao mundo.

Mas Baal sofre um revés: morre e tem de descer ao mundo de Mot, o deus da morte e da esterilidade. Ao tomar conhecimento desse fato, **o Deus Alto EI** deixa seu trono, veste uma tanga e retalha as faces, porém não consegue resgatar o filho. É Anat, amante e irmã de Baal, quem parte do reino divino à procura de sua alma gêmea, “desejando-o como uma vaca a seu bezerro ou uma ovelha a seu cordeiro”. Quando encontra seu

corpo, realiza um banquete fúnebre em sua homenagem. Depois, corta Mot ao meio com sua espada, queima-o, tritura-o como milho e o espalha pelo chão. Há histórias semelhantes sobre as outras grandes deusas – Inana, Ishtar e Ísis – que buscam o deus morto e dão vida nova ao solo. A vitória de Anat, no entanto, deve ser perpetuada ano após ano em celebração ritual. Mais tarde – não sabemos ao certo como, pois nossas fontes são incompletas – Baal é revivificado e devolvido a Anat. Na antiga Canaã, festejava-se com sexo ritual essa apoteose da inteireza e da harmonia, simbolizada pela união dos sexos. Assim, ao imitar os deuses, homens e mulheres participavam de sua luta contra a esterilidade e asseguravam a capacidade criadora e a fertilidade do mundo. **A morte de um deus, a busca empreendida pela deusa e o retorno triunfante à esfera divina eram temas religiosos presentes em muitas culturas e reaparecem na religião, muito diferente, do Deus Único adorado por judeus, cristãos e muçulmanos.**

A Bíblia atribui essa religião a **Abraão**, que, em algum momento entre os séculos XX e XIX AEC, **saiu de Ur e se instalou em Canaã**. Não temos informações contemporâneas sobre ele, mas os estudiosos acham que talvez tenha sido um dos chefes tribais errantes que conduziram seu povo da Mesopotâmia para o Mediterrâneo no fim do terceiro milênio AEC. Esses errantes, alguns dos quais são chamados abiru, apiru ou habiru em fontes mesopotâmicas e egípcias, falavam idiomas semitas ocidentais, um dos quais é o hebraico. Não eram nômades do deserto como os beduínos, que

migravam com seus rebanhos segundo o ciclo das estações; eram mais difíceis de classificar e com frequência entravam em choque com as autoridades conservadoras. Tinham um nível cultural geralmente superior ao do povo do deserto. Alguns atuavam como mercenários; outros eram funcionários do governo; outros ainda trabalhavam como mercadores, criados ou funileiros. Alguns enriqueciam e tratavam de adquirir terra e assentar-se. O livro do Gênesis mostra Abraão servindo ao rei de Sodoma como mercenário e descreve seus frequentes conflitos com as autoridades de Canaã e arredores. Por fim, quando sua esposa Sara morreu, ele comprou terra em Hebron, na atual Cisjordânia.

Tal como é relatada no Gênesis, a história de Abraão e seus descendentes imediatos sugere que a instalação dos hebreus em Canaã, o moderno Israel, ocorreu em três etapas. A primeira, associada a Abraão e Hebron, teve lugar por volta de 1850 AEC. A segunda relaciona-se com o neto de Abraão, Jacó, que recebeu o nome de Israel (“Que Deus mostre sua força!”); ele se estabeleceu em Siquém, hoje a cidade árabe de Nablus, na Cisjordânia. A Bíblia nos informa que os filhos de Jacó, que se tornaram os ancestrais das doze tribos de Israel, emigraram para o Egito durante uma grande fome em Canaã. A terceira etapa remonta a aproximadamente 1200 AEC, quando tribos que se diziam descendentes de Abraão partiram do Egito para Canaã. **Contavam que os egípcios as escravizaram e uma divindade chamada Javé, deus de seu chefe, Moisés, as libertara.** Depois de entrar à força em Canaã,

aliaram-se aos hebreus locais e passaram a ser chamadas de o povo de Israel. A Bíblia deixa claro que o povo que conhecemos como **os antigos israelitas era uma confederação de vários grupos étnicos, ligados sobretudo por sua lealdade a Javé, o Deus de Moisés**. Mas a história bíblica foi escrita séculos depois, por volta do século VIII AEC, embora, sem dúvida, usasse fontes narrativas anteriores. No século XIX, estudiosos bíblicos alemães conceberam um método crítico que discerne quatro fontes diferentes nos cinco primeiros livros da Bíblia – Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio –, que, reunidos no século V AEC, formam o Pentateuco. [...].

[...] Passa rapidamente dos acontecimentos da pré-história ao final do período mítico – que inclui episódios como o Dilúvio e a Torre de Babel – e à história do povo de Israel. Ela começa de forma abrupta no capítulo 12, quando o homem Abrão, que mais tarde será chamado de Abraão (“Pai de uma multidão”), **recebe ordem de Javé para deixar sua família em Haran, onde hoje é a Turquia oriental, e migrar para Canaã**, à margem do mar Mediterrâneo. Sabemos que **seu pai, o pagão Taré**, já havia migrado de Ur para o oeste, com a família. Agora Javé diz a Abraão que ele tem um destino especial: tornar-se pai de uma grande nação, que um dia será mais numerosa que as estrelas do céu, e um dia seus descendentes possuirão a terra de Canaã. [...] Sua primeira revelação de si mesmo consiste numa ordem: que Abraão deixe seu povo e vá para a terra de Canaã.

Mas quem é Javé? Abraão adorava o mesmo Deus que Moisés, ou o conhecia por um nome diferente? Essa seria uma questão de extrema importância para nós hoje, porém a Bíblia é curiosamente vaga sobre o assunto e nos fornece respostas conflitantes. **J diz que os homens adoravam Javé desde a época do neto de Adão, mas no século VI P sugere que os israelitas só ouviram falar de Javé quando ele apareceu a Moisés na sarça ardente.** P faz Javé explicar que era de fato o mesmo Deus de Abraão, como se essa fosse uma ideia meio controvertida: ele diz a Moisés que Abraão o chamara de “El Shaddai” e não conhecia o nome divino Javé. A discrepância não parece preocupar muito os autores bíblicos ou seus editores. J chama seu deus de “Javé” do princípio ao fim: em sua época, Javé era o Deus de Israel, e só isso importava. A religião israelita era pragmática e não tinha maior interesse no tipo de detalhe que nos preocuparia. Contudo, não devemos imaginar que Abraão ou Moisés acreditavam em seu Deus como nós acreditamos. Estamos tão familiarizados com a narrativa bíblica e a história subsequente de Israel que tendemos a projetar nosso conhecimento da religião judaica posterior nessas primeiras personagens históricas.

Por conseguinte, **supomos que os três patriarcas de Israel – Abraão. Seu filho Isaac e seu neto Jacó – eram monoteístas, acreditavam num único Deus. Não parece que assim fosse.** Na verdade, provavelmente é mais correto definir esses primeiros hebreus como pagãos que partilhavam muitas das crenças religiosas de seus vizinhos. Decerto acreditavam na existência

de divindades como Marduc, Baal e Anat. Talvez não adorassem a mesma divindade: **é possível que o Deus de Abraão, o “Temor” ou “Parente” de Isaac e o “Poderoso” de Jacó fossem três deuses distintos.**

Podemos ir mais longe. **É muitíssimo provável que o Deus de Abraão fosse El, o Deus Alto de Canaã. Ele se apresenta a Abraão como El Shaddai (El da Montanha), que era um dos títulos tradicionais de El.** Em outras passagens, é chamado de El Elyon (O Deus Altíssimo) e El de Betel. **O nome do Deus Alto cananeu se preserva em nomes hebraicos como Isra-El e Isma-El.** Os israelitas o vivenciaram de modos que não seriam estranhos para os pagãos do Oriente Médio. Veremos que, séculos depois, acharam aterrorizante o *mana* ou “santidade” de Javé. **No monte Sinai, por exemplo, ele se manifestou a Moisés no meio de uma apavorante erupção vulcânica, e o povo teve de manter distância.** Em comparação, **o deus El de Abraão é uma divindade bem gentil.** Aparece-lhe como um amigo e às vezes até assume forma humana. **Esse tipo de aparição divina, conhecida como epifania, era bastante comum no mundo pagão da Antiguidade.** Embora em geral não se esperasse que os deuses interviessem diretamente na vida dos mortais, nos tempos míticos alguns indivíduos privilegiados se viram face a face com seus deuses. A *Ilíada* está repleta dessas epifanias. **Os deuses e as deusas aparecem a gregos e troianos em sonhos, quando se acreditava que caía a barreira entre os mundos humano e divino.** No final da *Ilíada*, Príamo é

conduzido até os navios gregos por um jovem encantador que acaba se revelando como Hermes. Quando os gregos lembravam a Idade do Ouro de seus heróis, acreditavam que eles tiveram estreito contato com os deuses, que eram, afinal, da mesma natureza dos seres humanos. Essas histórias de epifanias expressam a visão holística pagã: não sendo o divino essencialmente distinto da natureza ou da humanidade, podia-se experimentá-la sem alarde. O mundo vivia cheio de deuses, que se podia ver inesperadamente a qualquer momento, numa esquina ou na pessoa de um transeunte desconhecido. Ao que parece, a gente simples acreditava que esses encontros com o divino podiam ocorrer em sua vida: isso explicaria a estranha passagem dos Atos dos Apóstolos em que, já no século I EC. O apóstolo Paulo e seu discípulo Barnabé são identificados como Zeus e Hermes pelo povo de Listra, na atual Turquia.

Assim também, ao lembrar sua Idade do Ouro, os israelitas viam Abraão, Isaac e Jacó convivendo familiarmente com seu deus. **El lhes dá conselhos amistosos**, como qualquer xeque ou chefe tribal: orienta suas andanças, diz-lhes com quem se casar e **fala-lhes em sonhos**. De vez em quando, eles o veem em forma humana – uma ideia que mais tarde os israelitas abominariam. No capítulo 18 do Gênesis, J nos conta que Deus apareceu a Abraão junto ao carvalho de Mambré, perto de Hebron. Abraão ergueu os olhos e avistou três estranhos aproximando-se de sua tenda, na hora mais quente do dia. Com a cortesia típica do Oriente Médio, insistiu que se sentassem e

descansassem, enquanto corria a preparar-lhes uma refeição. Durante a conversa subsequente, descobriu, com toda a naturalidade, que um daqueles homens era ninguém menos que seu Deus, a quem J sempre chama de “Javé”. Quanto aos outros dois, eram anjos. A revelação não provocou grande surpresa. Quando J escrevia, no século VIII AEC, nenhum israelita esperaria “ver” Deus dessa forma: a maioria acharia a ideia chocante. E, o contemporâneo de J, considera indecorosas as velhas histórias sobre a intimidade do patriarca com Deus: ao relatar os tratos de Abraão ou Jacó com Deus, prefere distanciar o fato e tornar as velhas lendas menos antropomórficas. Assim, diz que Deus fala a Abraão por intermédio de um anjo. J, no entanto, não é tão escrupuloso e preserva o antigo sabor dessas primitivas epifanias.

Jacó também presenciou várias epifanias. Numa ocasião, decidiu retornar a Haran para tomar esposa entre a parentela local. Na primeira etapa da viagem, dormiu em Luza, perto do vale do Jordão, usando uma pedra como travesseiro. Nessa noite, **sonhou com uma escada que se erguia até o céu: anjos subiam e desciam entre os reinos de Deus e do homem. Não podemos deixar de lembrar o zigurate de Marduc: no topo, como que suspenso entre o céu e a terra, o homem podia encontrar seus deuses. No alto de sua escada, Jacó viu El, que o abençoou e repetiu as promessas feitas a Abraão:** os descendentes de Jacó se tornariam uma poderosa nação e possuiriam a terra de Canaã. Também fez uma promessa que, como veremos, causou

profunda impressão em Jacó. A religião pagã comumente era territorial: um deus tinha jurisdição sobre determinada área, e sempre era sensato adorar as divindades locais, quando se ia ao exterior. **Mas El prometeu a Jacó que o protegeria quando deixasse Canaã e vagasse numa terra estranha:** “E eis que estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores”. **A história dessa primeira epifania mostra que o Deus Alto de Canaã começava a adquirir uma implicação mais universal.**

Quando acordou, Jacó compreendeu que passara a noite num lugar santo, onde os homens podiam conversar com seus deuses. “Na verdade, Javé está neste lugar, e eu não sabia!”, J o faz dizer. Estava tomado de assombro, como geralmente ocorria com os pagãos, quando se deparavam com o poder sagrado do divino: “que temível é este lugar! E outra coisa não é senão a **casa de Deus (beth-El) e a porta do céu!**” Expressou-se instintivamente na linguagem religiosa de seu tempo e de sua cultura: **a Babilônia, morada dos deuses, chamava-se “Porta dos deuses” (Bab-ili).** Jacó resolveu consagrar aquele solo santo à maneira pagã tradicional da região. **Colocou de pé a pedra** que usara como travesseiro e santificou-a com uma libação de óleo. **Dali em diante, o nome do lugar seria Beth-El [Betel], a Casa de El. Pedras eretas eram uma característica comum dos cultos cananeus da fertilidade,** que, como veremos, floresceram em Betel até o século VIII AEC. Embora israelitas posteriores condenassem vigorosamente esse tipo de religião, **o santuário**

pagão de Betel estava associado, na lenda antiga, a Jacó e seu Deus.

Antes de deixar Betel, Jacó resolveu: o deus que encontrara ali seria seu *elohim* (o termo abrangia tudo que os deuses podiam significar para os mortais). Se cuidasse dele em Haran, El (ou Javé) devia ser muito eficiente. **Jacó fez uma barganha: em troca da proteção especial de El, o tornaria seu *elohim*, o único deus que importava.** A crença israelita em Deus era profundamente pragmática. Abraão e Jacó depositaram sua fé em El porque funcionava para eles: não se preocuparam em provar sua existência; El não era uma abstração filosófica. No mundo antigo, o *mana* era um fato consumado, e um deus provava seu valor se conseguia transmiti-lo com eficiência. Esse pragmatismo seria um fator constante na história de Deus. As pessoas continuariam adotando determinada concepção do divino porque funcionava para elas, não porque era científica ou filosoficamente correta.

Anos mais tarde, Jacó deixou Haran com esposas e família e, ao entrar na terra de Canaã, presenciou mais uma estranha epifania. No vau do Jaboc, na Cisjordânia, lutou a noite inteira com um desconhecido. Como a maioria dos seres espirituais, pela manhã o adversário disse que tinha de partir, mas Jacó o segurou: não o soltaria enquanto não revelasse seu nome. No mundo antigo, saber o nome de alguém equivalia a ter certo poder sobre ele, e o desconhecido se mostrou relutante em fornecer essa informação. **No decorrer do estranho encontro, Jacó percebeu**

que o adversário era o próprio El:

E Jacó lhe pediu: “Diz-me, teu nome”. Mas ele respondeu: “Por que perguntas meu nome?”. E ali o abençoou. E Jacó chamou esse lugar de **Fanu-El [Rosto de El]**, dizendo: “Porque **vi El face a face** e sobrevivi”.

O espírito dessa epifania está mais próximo da *Ilíada* que do monoteísmo judaico posterior, que consideraria blasfemo um contato tão íntimo com o divino.

Contudo, **embora mostrem os patriarcas encontrando seu deus quase do mesmo modo que seus contemporâneos pagãos**, essas primeiras narrativas introduzem uma nova categoria de experiência religiosa. Em toda a Bíblia, Abraão é chamado de homem de “fé”. Hoje tendemos a definir fé como a aceitação intelectual de um credo, mas, conforme vimos, para os autores bíblicos a fé em Deus não é uma crença abstrata ou metafísica. Quando louvam a “fé” de Abraão, o que enaltecem não é sua ortodoxia (a aceitação de uma opinião teológica correta sobre Deus), porém sua confiança, mais ou menos como quando dizemos que temos fé numa pessoa ou num ideal. Na Bíblia, Abraão é um homem de fé porque confia que Deus cumprirá suas promessas, mesmo que pareçam absurdas. Como Abraão poderia ser o pai de uma grande nação se sua esposa, Sara, era estéril? Imaginar que ela poderia ter um filho é tão ridículo – Sara já passara da menopausa – que o casal ri da promessa. Quando, apesar de tudo, finalmente o filho nasce, eles o chamam de Isaac, um nome que pode significar

“risada”. Mas a alegria acaba quando **Deus faz uma exigência horripilante: Abraão deve sacrificar-lhe seu único filho.**

O sacrifício humano era comum no mundo pagão. Era cruel, mas tinha uma lógica e uma explicação. Com frequência, **acreditava-se que o primogênito era filho de um deus que engravidara a mãe num ato de *droit de seigneur*.** Ao gerar a criança, a energia do deus se esgotava, e, para restaurá-la e assegurar a circulação de todo o *mana* existente, devolvia-se o primogênito ao pai divino. O caso de Isaac, porém, era muito diferente. Ele era uma dádiva de Deus, e não seu filho natural. Não havia motivo para sacrifício nem necessidade de restaurar a energia divina. Na verdade, o sacrifício tornaria sem sentido a vida de Abraão, baseada na promessa de que ele seria o pai de uma grande nação. Esse deus já começava a ser concebido de um modo diferente de quase todas as divindades do mundo antigo. Não partilhava da condição humana; não precisava de um influxo de energia de homens e mulheres. Pertencia a outra categoria e podia fazer as exigências que quisesse. Abraão decidiu confiar em seu deus. Junto com Isaac, empreendeu uma viagem de três dias ao monte Moriá, onde mais tarde se ergueria o Templo de Jerusalém. Isaac, que ignorava a ordem divina, carregou a lenha para o próprio holocausto. Só no último instante, quando Abraão já empunhava a faca, Deus recuou e disse que tudo não passara de um teste. Abraão se revelara digno de tornar-se pai de uma poderosa nação, que seria tão numerosa quanto as estrelas do céu ou os grãos de areia da praia.

Aos ouvidos modernos, **a história é horrível: mostra Deus como um sádico despótico e caprichoso, e não surpreende que, hoje em dia, muita gente que soube desse episódio na infância rejeite tal divindade. [...].**

Esse é um Deus brutal, sanguinário, guerreiro – seria conhecido como Javé Sabot, o Deus dos Exércitos. Passionalmente parcial, propenso a compadecer-se apenas de seus favoritos, **não passa de uma divindade tribal.** Quanto antes desaparecesse, melhor para todo mundo. [...].

Os hebreus chamavam Javé de “o Deus de nossos pais”, mas parece que ele era uma divindade bem diferente de El, o Deus Alto cananeu adorado pelos patriarcas. Talvez tenha sido o Deus de outro povo, antes de ser o de Israel. **Em suas aparições a Moisés, Javé repete que é o Deus de Abraão, apesar de originalmente ser chamado de El Shaddai.** Essa insistência talvez preserve os ecos distantes de um antigo debate sobre a identidade do Deus de Moisés. Sugeriu-se que, em sua origem, **Javé teria sido um deus guerreiro, um deus dos vulcões,** um deus adorado em Madian, onde hoje é a Jordânia. Nunca saberemos onde os israelitas o descobriram, se ele era de fato uma divindade completamente nova. Essa questão também seria muito importante para nós, mas não foi tão crucial para os autores bíblicos. Na Antiguidade pagã, muitas vezes se amalgamavam diferentes deuses ou uma localidade identificava com seus deuses divindades de outro povo. A única coisa de que podemos ter certeza é que, fosse qual fosse sua

proveniência, os acontecimentos do Êxodo fizeram de Javé o definitivo Deus de Israel e que **Moisés conseguiu convencer os israelitas de que ele era o mesmo El, o Deus amado por Abraão, Isaac e Jacó.** ⁽¹¹³⁾

Confirma-se El como o Deus cananeu, estabelece a hipótese de que os primeiros hebreus eram pagãos e, sem meias palavras, Karen Armstrong afirma: “É muitíssimo provável que o Deus de Abraão fosse El, o Deus Alto de Canaã. Ele se apresenta a Abraão como El Shaddai (El da Montanha), que era um dos títulos tradicionais de El”, corroborando tudo quanto já foi dito desde o início, e também a informação da *Bíblia de Jerusalém* a respeito da possibilidade de significar “deus da montanha”. ⁽¹¹⁴⁾ Uma outra tradução, que não ficaria fora do que vimos, seria entender El Shaddai como “touro poderoso”.

Vamos acrescentar essas duas últimas definições do termo “El”:

El em nossa versão portuguesa “Deus” ou “deus”, tem formas cognatas em outras línguas semíticas, e **significa um Deus no sentido mais**

lato, verdadeiro ou falso, ou mesmo uma imagem que é tratada como deus (Gn 35:2). Por causa desse caráter geral, a palavra é frequentemente associada com um adjetivo ou predicado definidor. Por exemplo, em Dt 5:9, lemos: ‘porque eu, o Senhor (Yahweh), teu Deus (elohim), sou Deus (el) zeloso’, ou, em Gn 31:13: ‘Eu sou o Deus (el) de Betel’ Nos tabletes de Ras Shamra, entretanto, **EI aparece como substantivo próprio, o nome do “alto Deus” cananeu, cujo filho era Baal. O plural de EI é Elohim e quando é usada como plural é traduzido por “deuses”**. Esses “deuses” podiam ser meras imagens, “madeira e pedra” (Dt 4:28), ou os seres imaginários que as mesmas representam (Dt 12:2). ⁽¹¹⁵⁾

No hebraico, “força”, “poder”. Essa palavra é cognata do termo assírio *ilu*, bem como do vocábulougarítico *il*. Essa palavra significa “deus” (em contextos não-hebraicos), ou então “Deus” (no Antigo Testamento). Esse nome para Deus (ou para deus), **não foi inventado pelos hebreus religiosos, mas foi adotado por empréstimo do uso semita pagão**. O termo latino *deus*, que chegou ao português sem qualquer modificação, era o nome pagão de uma divindade similar a *Zeus*, o principal dos deuses dos gregos. Significava apenas *deus* ou *divindade*, tendo perdurado mais que os nomes específicos dos deuses, e assim tornou-se um termo genérico para indicar a natureza divina. Por essa razão, **podemos dizer que a origem do termo Deus, em português, é pagã**. A palavra correspondente em inglês, *God*, é de origem anglo-saxônica, referindo-

se a qualquer objeto de respeito e adoração religiosa e, naturalmente, também estava relacionada ao paganismo. Isso ocorre no caso de qualquer outro idioma, visto que os vocábulos antecedem às revelações dadas aos hebreus e aos apóstolos de Jesus. **Portanto, o mero fato de que o termo *El* é empregado como nome comum para indicar deuses, divindades, poderes divinos, etc., nas religiões semíticas, em nada detrata do valor desse vocábulo, usado no Antigo Testamento, para indicar o *Deus da Força*.** Ver o artigo geral sobre *Deus*, porção VI, onde são alistados e discutidos os muitos nomes dados a Deus no Antigo Testamento, incluindo nome *El*, sozinho ou em suas muitas combinações.

Essa palavra, como um substantivo, é um dos nomes de Deus, embora também possa ser usada como um adjetivo, com o sentido de ‘forte’, em alusão a qualquer coisa, inclusive seres humanos (Eze. 31:11) ou anjos (Sal. 29:1). Essa palavra também pode indicar deuses pagãos, incluindo os seus ídolos representativos, conforme se vê em Êxo. 15:11; 34:14; Isa. 43:10, um fato que demonstra a larga aplicação dessa palavra, não se limitando a indicar o único verdadeiro Deus forte, conforme é usada, na maioria de suas ocorrências no Antigo Testamento.

A palavra *El* aparece isolada, algumas vezes; mais frequentemente, porém, em combinações, como *El Elyon* (o Deus Altíssimo, Gên. 14:18), *El Shaddai* (o Deus Todo Poderoso, Gên. 17:1), e *El Hai* (o Deus Vivo, Jos. 3:10). A forma plural dessa palavra é *Elohim*, embora esse plural seja a forma

intensiva e não um verdadeiro plural. A tradução de *Elohim* poderia ser algo como *Grande Deus*. Além disso, encontramos *El Olam* (o Deus da Eternidade, Gên. 21:33), *El Roi* (o Deus que vê, Gên. 16:13), *El Rehum* (o Deus da Compaixão, Deu. 4:31), *El Nose* (o Deus do Perdão, Sal. 99:8), *El Hannun* (o Deus Gracioso, Nee. 9:31), e *El Kanna* (o Deus Zeloso, Êxo. 20:5), etc. ⁽¹¹⁶⁾

Apenas destacaremos da última explicação: “Esse nome para Deus (ou para deus), não foi inventado pelos hebreus religiosos, mas foi adotado por empréstimo do uso semita pagão.” e “Por essa razão, podemos dizer que a origem do termo Deus, em português, é pagã”; tais afirmações selam essa questão.

Importante, ainda, colocar as considerações de Pepe Rodrigues, em *Mentiras fundamentais da Igreja Católica*:

As compilações mais antigas de tradições que aparecem no Génesis, no Exodo, no Levítico e nos Números foram escritas numa data difícil de precisar, mas foram-no, algures, durante a denominada época dos reis – provavelmente, no reinado de Salomão (± 970-930 a. C.) –, momento em que se desenvolveu a historiografia israelita na sequência do esplendor político dessa época.

Nesses livros aparecem claramente identificáveis os textos pertencentes a duas fontes tradicionais muito distintas – a *iaveísta* e a *eloísta*. Essa identificação foi feita, pela primeira vez, em 1711, num livro de Henning Bernhard Witter, que passou despercebido; voltou a ser feita, em 1753, por Jean Astruc, médico de Luís XIV, mas, desta vez, foi silenciada; finalmente, em 1780, as duas fontes foram postas em evidência pelo erudito alemão Johann Gottfried Eichhorn.

Estes três analistas repararam em algo de muito *simples*: nos livros do Pentateuco – ou seja, nos primeiros cinco livros da Bíblia, de que Moisés é o suposto autor –, há muitas histórias que se duplicam, que contam os mesmos actos, só que entre esses relatos há notáveis contradições, são diferentes as estruturas da linguagem e, em especial, o **nome dado a Deus** varia de uns para os outros; nuns, aparece como *lavé* e, noutros, **como El ou Elohim**, daí o nome por que passaram a chamar-se essas fontes. Dado que ambas as fontes foram escritas por autores que viveram em contextos sociopolíticos marcados por diferentes necessidades legislativas, a análise do conteúdo dos textos revela claramente que o autor *iaveísta* viveu em Judá, enquanto o *eloísta* viveu em Israel. Nalguns relatos, ambas as tradições se juntaram e fundiram numa única. A este respeito, a descrição que dá Richard Elliot Friedman, teólogo e professor de Hebreu da Universidade da Califórnia, sobre todo este processo parece bastante consistente:

“No decorrer das investigações sobre a antiga história israelita, alguns investigadores chegaram à

conclusão de que, historicamente, apenas uma pequena parte do antigo povo israelita partiu para o Egípto e se tornou escrava. É possível que esse grupo fosse exclusivamente composto por levitas. Feitas as contas, é justamente entre eles que encontramos pessoas com nomes egípcios. Os nomes levitas de Moisés, Hofni e Pineas são todos egípcios, e não hebreus. Por outro lado, contrariamente às outras tribos, os levitas não ocuparam nenhum território no país. Estes investigadores sugerem que o grupo que esteve no Egípto e, depois, no Sinai adorava o deus lavé. **Só mais tarde chegaram a Israel, onde se encontraram com as tribos israelitas que adoravam o deus El. Em vez de lutarem para decidir qual deus era verdadeiro, os dois grupos aceitaram a crença de que lavé e El eram um único e mesmo Deus.** Os levitas transformaram-se nos sacerdotes oficiais da religião unificada, empregando possivelmente a força, ou apenas a influência. Ou talvez tivesse sido unicamente um modo de serem compensados pelo facto de não possuírem nenhum território. Em vez de um território, passaram a receber, como sacerdotes, dez por cento dos animais sacrificados e das oferendas.

Esta hipótese concorda igualmente com a ideia de que o autor da fonte E [eloísta] foi um levita israelita. A sua versão sobre a revelação do nome de lavé a Moisés seria, no fundo, um reflexo desta história: **o deus que as tribos adoravam no país era El.** Possuíam tradições sobre o deus El e sobre os seus antepassados Abraão, Isaac e Jacob. Entretanto, chegaram os levitas, com as suas

tradições sobre Moisés, o êxodo do Egito e o deus lavé. O tratamento que se dá na fonte E aos nomes divinos explica por que motivo o nome de lavé não formava parte das mais antigas tradições da nação”. (117). (118)

Se a informação de J. J. Hurtak estiver correta, o nome El aparece 250 vezes no Antigo Testamento (119).

Aceitar isso que estamos comprovando é complicado para muitos seguidores de igrejas evangélicas, pois, segundo nos informou uma amiga, ex-evangélica, a explicação (*ipsis litteris*) que lhe deram é a seguinte:

Na Igreja Batista diziam que “El” significava “Dele” ou “Ele” porque o judeu não pronunciava o nome de Deus em vão, pois este é um dos 10 Mandamentos, veja:

Êxodo 20:7 Não tomará o nome do SENHOR teu Deus em vão; porque o SENHOR não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão.

Então, todos os nomes que terminam em “El” como Samuel, Rafael, Daniel, etc, são traduzidos assim:

Samuel: Nome “Dele”.

Rafael: “**Ele**” é quem me cura ou “Ele” é a minha cura.

Daniel: “**Ele**” é meu juiz ou “**Ele**” é quem me julga.

Que os judeus evitavam pronunciar o nome de Deus isso é lá uma verdade; porém, não quanto ao que usavam para substituí-lo, uma vez que o termo El significa Deus, e não “Ele” ou “Dele”. Vejamos as explicações na Tradução Novo Mundo citando *Theological Wordbook of the Old Testament*, Vol. 1, Chicago (1980), p. 13:

Para evitar o risco de tomar o nome de Deus (YHWH) em vão, **os judeus devotos começaram a substituir o nome próprio de Deus pela palavra ‘ădōnā(y)**. Embora os massoretas deixassem as quatro consoantes originais no texto, acrescentaram as vogais ē (em lugar de ă, por outros motivos) e ă para lembrar o leitor de pronunciar ‘ădōnā(y), sem consideração das consoantes. Esta particularidade ocorre mais de seis mil vezes na Bíblia hebraica. [...]. ⁽¹²⁰⁾

O que não fazem para fugir daquilo que pode colocar seus dogmas em contradição?... Quanto aos significados dos nomes já listados anteriormente, e,

conforme se poderá perceber, nada tem a ver com a explicação dada por muitos líderes a seus fiéis.

Vejamos, ainda sobre esse assunto, o que disse o professor Ambrogio Donini (1903-1991), italiano, catedrático de história das religiões na Universidade de Bari e livre docente da mesma cadeira na Universidade de Roma, embaixador italiano na Polônia em 1947 e senador da República de 1953 a 1963 ⁽¹²¹⁾:

Cada vez que encontrava nas sagradas escrituras as quatro consoantes (ou “tetragrama”) do nome divino JHVH – sem as vogais, que só foram acrescentadas muitos séculos depois do início da era cristã – o sacerdote hebreu ou o pio leitor comum eram levados desde tempos imemoráveis, **em virtude da regra do tabu, que proíbe pronunciar o nome do deus do clã, a substituí-lo, quando declamado em voz alta, pelo termo *Adonai*, “o meu senhor”**. Muito mais tarde, no início da Idade Média, as vogais desta palavra foram inseridas entre as quatro consoantes do nome JHVH para facilitar a leitura obrigatória e **impedir que se violasse de qualquer modo a antiga proibição, transformada em rígida norma de fé: daí *Jahovah* ou *Jehovah***. ⁽¹²²⁾

Foi, portanto, confirmada a informação anterior

quanto à questão da pronúncia. E, conforme dito, se acreditavam num “**deus do clã**”, é porque admitiram outros deuses.

Essa questão de não se falar nome nos fez recordar a informação de que, na Bíblia, especificamente no Antigo Testamento, a palavra Egito aparece 529 vezes e Faraó 234 vezes (¹²³); entretanto, não há uma só menção ao nome próprio de qualquer Faraó egípcio, ponto esse muito interessante, levantado por Carlos Boaretto, em *Brasília Egípcia*.

Assim, a bem da verdade, se há um nome que não se falava ou não se escrevia, era o do Faraó do Egito. E, segundo este autor, “os egípcios acreditavam que existia um nome divino que não poderia ser revelado nem pronunciado” (¹²⁴); portanto, se tal costume era praticado pelos egípcios, é sinal que os hebreus tomaram emprestado deles.

Gênesis 28,16-18: “**Jacó** acordou do seu sonho e disse: ‘Na verdade lahweh está neste lugar e eu não o sabia!’ Teve medo e disse: ‘Este lugar é terrível! Não é nada menos que uma casa de

*Deus e a porta do céu'. Levantando-se de madrugada, **tomou a pedra que lhe servira de travesseiro, ergueu-a como uma estela e derramou óleo sobre o seu topo.** A este lugar deu o nome de Betel, mas anteriormente a cidade se chamava Luza”.*

Explicando esse passo, dizem os tradutores da *Bíblia de Jerusalém*:

Neste relato parece haver elementos de tradição eloísta e javista, mas sua separação nem sempre é fácil. À primeira pertencem **o sonho da escada** (mais que uma escadaria) **que conduz ao céu, uma ideia mesopotâmica** que eram simbolizadas pelas torres em estágios, os zigurates (vv. 12,17), o voto de Jacó e a fundação do santuário de Betel (vv. 18,20.21a.22); conforme a segunda, lahweh aparece e renova a Jacó as promessas feitas a Abraão e a Isaac, e Jacó o reconhece como seu Deus (vv. 13-16.19.21b). Ambas realçam o prestígio do santuário de Betel (1Rs 12.19-30+) [...]. ⁽¹²⁵⁾

A pedra localiza a presença divina. Ela se torna **uma bêt El, uma “casa de Deus”**, o que explica o nome Betel, e recebe a unção de óleo, como ato cultural. **Mas tais práticas, difundidas na religião cananea e em todo o meio semítico, mais tarde foram condenadas pela Lei e pelos Profetas** (ver Ex. 23,24). Aqui mesmo, à ideia de morada divina sobre a terra se justapõe a noção mais espiritual:

Betel é a “porta do céu”, onde Deus reside (cf. 1Rs 8,27). ⁽¹²⁶⁾

Quanto o termo estela, eis o que encontramos, como explicação:

Gn 28,18: **Estela ou coluna sagrada, de origem cananea**, era uma pedra colocada de pé com finalidade religiosa; aqui serve para localizar a presença divina. Mais tarde, para combater os costumes pagãos, **o seu uso foi condenado** (Ex 23,34; Lv 26,1; Dt 7,5; 12,3; 16,22). ⁽¹²⁷⁾

Continua o uso do nome El e também as práticas difundidas na religião cananea, sendo feitas pelos hebreus. Certamente, que isso se justifica por estarem ligados às práticas pagãs e ainda não acreditarem num Deus único, embora sempre nos tenham dito o contrário.

Gênesis 35,2: ***“Jacó disse à sua família e a todos os que estavam com ele: 'Lançai fora os deuses estrangeiros que estão no meio de vós, purificai-vos e mudai vossas roupas. Partamos e subamos a Betel! Aí farei um altar ao Deus que me ouviu quando eu estava na angústia e me assistiu na viagem***

que fiz'".

Sendo sua ordem generalizada aos que estavam com ele, concluimos que tinham ídolos; portanto, adoravam a deuses pagãos. Isso pode ser confirmado com essa nota: **“A família de Jacó não era ainda monoteísta,** mas a ordem do pai constitui já um ato de fé no Deus único que lhe aparecera em Betel”. ⁽¹²⁸⁾

É bom aqui lembrar que Jacó foi o terceiro patriarca, era filho de Isaac e Rebeca, portanto, neto de Abraão. Ele, conforme em breve veremos, oferece um sacrifício sobre a montanha (Gênesis 31,54), que, como sobejamente sabemos, era algo característico dos povos pagãos.

Um pouco atrás citamos essa fala de Champlin e Bentes: “[...] É inegável que os antepassados de Abraão eram politeístas (ver Gên. 35:2; Jos. 24:2)”. ⁽¹²⁹⁾ Resta-nos agora ver o que podemos encontrar em Josué:

Josué 24,2: *“Assim diz Iahweh, o Deus de Israel: Além do Rio habitavam outrora os **vossos pais, Taré, pai de Abraão e de***

Nacor, e serviam a outros deuses”.

A afirmação de que a família de Abraão servia a outros deuses é tão desconcertante que em apenas duas traduções bíblicas isso é mencionado, uma delas é a da editora Ave-Maria: “*Deuses estrangeiros: Os pais de Abraão teriam sido, pois, pagãos*”. (130)

Vejamos a passagem na qual Moisés, conversando com Deus, obteve d’Ele a revelação do nome pelo qual Ele se revelou aos patriarcas:

*Êxodo 6,2: “Deus falou a Moisés e lhe disse: ‘Eu sou lahweh. Apareci a Abraão, a Isaac e a Jacó como **El Shaddai**; mas **meu nome lahweh, não lhes fiz conhecer**”.*

Aparece-lhes como o Senhor da Montanha (El Shaddai); entretanto a afirmação de que não teria dado a conhecer a Abraão, a Isaac e a Jacó o nome lahweh não procede, pois em Gênesis 15,7 Ele revela seu nome a Abraão, em Gênesis 26,25 Isaac invoca o seu nome e em Gênesis 28,13 é a vez de Jacó.

Veremos agora mais alguns detalhes que ligam os hebreus às crenças ou costumes pagãos.

Gênesis 12,10-14: *“Houve uma fome na terra e Abrão desceu ao Egito, para aí ficar, pois a fome assolava a terra. Quando estava chegando ao Egito, disse à sua mulher Sarai: ‘Vê, eu sei que és uma mulher muito bela. Quando os egípcios te vierem, dirão: ‘É sua mulher’, e me matarão, deixando-te com vida. **Dize, eu te peço, que és minha irmã**, para que me tratem bem por causa de ti e, por tua causa, me conservem a vida’. De fato, quando Abrão chegou ao Egito, os egípcios viram que a mulher era muito bela”*.

O trecho negrito é assim explicado pelos tradutores da *Bíblia de Jerusalém*:

A aproximação com um costume da Alta Mesopotâmia: na aristocracia hurrita, o marido podia ficticiamente adotar sua mulher como “irmã”, e esta passava a gozar então de maior consideração e de privilégios especiais. Esta teria sido a condição de Sarai, e Abrão ter-se-ia prevalecido disso diante dos egípcios, que, por sua vez, ter-se-iam equivocado (v. 19), como também o autor bíblico, que não mais conhecia o costume. A explicação é incerta. ⁽¹³¹⁾

Considerando que os habitantes da Mesopotâmia são de uma civilização anterior à dos

hebreus, não temos alternativa senão considerar que estes copiaram daqueles.

Ora, a afirmação de que “ter-se-iam equivocado (v. 19), como também o autor bíblico, que não mais conhecia o costume” prova que a Bíblia não é a palavra de Deus como estabeleceram nos dogmas teológicos.

É muito curiosa a preocupação de Abraão, porquanto, a essa época, Sara, sua mulher, era uma velha com 65 anos (comparando-se Gênesis 12,4 com Gênesis 17,17); portanto, não dá para acreditar que, a essa altura do campeonato, ela ainda despertava “desejo” nos homens.

Além disso, temos que, de fato, Sara era mesmo irmã de Abraão, segundo sua própria afirmação: *“ela é realmente minha irmã, filha de meu pai, mas não filha de minha mãe, e tornou-se minha mulher”* (Gênesis 20,12); portanto, a única conclusão a se tirar é que ele falou exatamente a verdade.

Gênesis 16,1-2: *“A mulher de Abrão, Sarai, não lhe dera filho. Mas tinha uma serva egípcia,*

*chamada Agar, e Sarai disse a Abrão: 'Vê, eu te peço: lahweh não permitiu que eu desse à luz. **Toma, pois, a minha serva. Talvez, por ela, eu venha a ter filhos**'. E Abrão ouviu a voz de Sarai".*

Explicam-nos: “Segundo o direito mesopotâmico, uma esposa estéril podia dar a seu marido uma serva como mulher e reconhecer como seus os filhos nascidos dessa união. O caso se repetirá com Raquel (30,1-6) e Lia (30,9-13)”. ⁽¹³²⁾ Mais uma vez, relaciona-se algo praticado pelos hebreus ao costume mesopotâmico, entenda-se: pagão.

Gênesis 17,9-14: *“Deus disse a Abraão: ‘Quanto a ti, observarás a minha aliança, tu e tua raça depois de ti, de geração em geração. E eis a minha aliança, que será observada entre mim e vós, isto é, tua raça depois de ti: **todos os vossos machos sejam circuncidados**. Fareis circuncidar a carne de vosso prepúcio, e este será o sinal da aliança entre mim e vós. Quando completarem oito dias, todos os vossos machos serão circuncidados, de geração em geração. [...] **O incircunciso**, o macho cuja carne do prepúcio não tiver sido cortada, **esta vida será***

eliminada de sua parentela: ele violou minha aliança”.

Destaca-se aqui o rito da circuncisão:

A circuncisão é a amputação do prepúcio masculino, sendo um dos mais antigos costumes da antiguidade, praticado por diversos povos. É, ou era, prática a circuncisão (embora com muitas variações quando ao método, a idade e a realização do rito etc.), entre os judeus, islamitas, egípcios, polinésios e indígenas do Novo Mundo, bem como por muitas tribos primitivas da África e da Austrália. De fato, calcula-se que um sétimo da população masculina do mundo é circuncidada. (133)

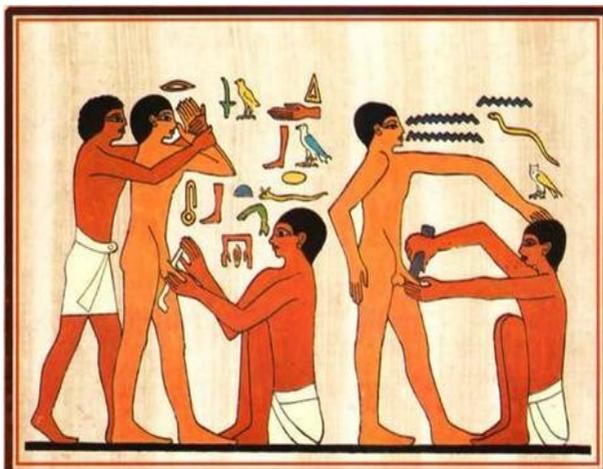
Na lista dos povos que praticavam a circuncisão, podemos incluir também os cananeus e os egípcios. (134)

Lentsman também nos informa:

Este rito era próprio não apenas aos hebreus, mas, também, aos egípcios, aos árabes e a muitos outros povos da Antiguidade e é praticado ainda hoje por crentes de várias nações. Ora, nessa fonte, ele é apresentado como o símbolo da aliança entre Jeová e o povo eleito. Semelhante interpretação não seria possível, a não

ser em um país em que não se conhecesse a circuncisão, na Mesopotâmia neste caso. ⁽¹³⁵⁾

Especificamente quanto ao Egito, ele se encontra bem retratado nesta cena de circuncisão gravada na tumba de Ankn-mahor VI dinastia (2323-2150 a.C.) ⁽¹³⁶⁾, que coloca os dados históricos, provenientes das pesquisas arqueológicas, em supremacia aos que, posteriormente, e por interesses, que não nos cabe aqui discutir, se atribuíram ao fato:



Art Publishers Lehnert & Landrock - Kurt & Edouard Lambelet, Cairo, Egypt

Em relação aos hebreus, essa prática,

transformada em ritual de iniciação religiosa, coloca a religião deles como altamente machista, pois, obviamente, cortar a pele que cobre a cabeça do pênis, é coisa exclusiva para homens.

Além disso, ainda temos *“não cobiçarás a mulher do teu próximo”* (Deuteronômio 5,21), mandamento, obviamente, para homens.

A recomendação de *“esta vida será eliminada”*, se a entendermos como pena de morte, evidencia-se a gravidade de não se praticar a circuncisão.

Para Freud, quem, na verdade, introduziu esse costume aos hebreus foi outro personagem senão o próprio Moisés:

Moisés não apenas forneceu aos judeus uma nova religião; pode-se afirmar com igual certeza que ele introduziu para eles o costume da circuncisão. Esse fato é de importância decisiva para nosso problema e nem sequer foi levado em consideração. **É verdade que o relato bíblico** o contradiz mais de uma vez. Por um lado, **faz a circuncisão remontar à era patriarcal, como sinal de um pacto entre Deus e Abraão;** por outro, descreve, em passagem particularmente obscura, como Deus ficou irado com Moisés por ter negligenciado um costume que se tornara sagrado

(¹³⁷), e procurou matá-lo: a esposa dele, porém, uma madianita, salvou-o da ira de Deus realizando rapidamente a operação. Estas, contudo, são deformações que não nos devem desencaminhar; posteriormente, descobriremos a razão para elas. **Permanece o fato de haver apenas uma só resposta para a questão de saber de onde os judeus derivaram o costume da circuncisão – a saber, do Egito. Heródoto, o “pai da História”, conta-nos que o costume da circuncisão por muito tempo fora indígena no Egito, e suas afirmações são confirmadas pelas descobertas em múmias e, na verdade, por pinturas nas paredes dos túmulos.** Nenhum outro povo do Mediterrâneo oriental, até onde sabemos, praticava esse costume, e pode-se com segurança supor que os semitas, os babilônios e os sumérios não eram circuncidados. **A própria história da Bíblia diz que isso é típico dos habitantes de Canaã:** constitui uma premissa necessária para a aventura da filha de Jacó e o príncipe de Siquém. (¹³⁸) **A possibilidade de que os judeus tenham adquirido o costume da circuncisão durante sua estada no Egito por outra maneira que não a vinculação com o ensinamento religioso de Moisés pode ser rejeitada como completamente despida de fundamento.** Ora, tomando como certo que a circuncisão **era costume popular e universal no Egito**, adotemos por um momento a hipótese de que Moisés era judeu, de que buscou libertar da servidão seus compatriotas no Egito e de que os conduziu a desenvolver uma existência nacional independente e autoconsciente em outro país – que foi realmente o que aconteceu. Que

sentido poderia ter, nesse caso, o fato de que, ao mesmo tempo, ele lhes tenha imposto um costume incômodo que inclusive, até certo ponto, os transformava em egípcios e devia manter permanentemente viva a lembrança deles em relação ao Egito, ao passo que os esforços de Moisés só podiam visar a direção oposta, isto é, a tornar alheio o povo à terra de sua servidão e a superar o anseio pelas “panelas de carne” do Egito? Não, o fato do que partimos e a hipótese que lhe acrescentamos são tão incompatíveis entre si, que podemos atrever-nos a chegar a esta conclusão: se Moisés deu aos judeus não apenas uma nova religião, como também o mandamento da circuncisão, ele não foi um judeu, mas um egípcio, e, nesse caso, a religião mosaica foi provavelmente uma religião egípcia, que, em vista de seu contraste com a religião popular, era a religião de Aten, com a qual a religião judaica posterior concorda em alguns aspectos marcantes. ⁽¹³⁹⁾

O fato de encontrarmos sinais de esforços feitos para negar explicitamente que Javé era um novo deus, estrangeiro aos judeus, mal pode ser descrito como sendo o aparecimento de novo intuito tendencioso; trata-se, antes, de uma continuação do anterior. Com esse objetivo em vista, as lendas dos patriarcas do povo – Abraão, Isaac e Jacó – foram introduzidas. Javé asseverou que ele já era o deus desses antepassados, embora seja verdade que ele próprio teve de admitir que eles não o tinham adorado sob esse nome ⁽¹⁴⁰⁾. Não acrescenta,

contudo, qual era o outro nome.

E aqui estava a oportunidade para **um golpe decisivo contra a origem egípcia do costume da circuncisão**: Javé, foi dito, já insistira nela com Abraão e a introduzira como penhor do pacto celebrado entre ele e este último. Mas **foi uma invenção particularmente inábil. Como marca destinada a distinguir determinada pessoa das outras e preferir aquela a estas, escolher-se-ia algo que não pudesse ser encontrado em outro povo, e não uma coisa que podia ser exibida, da mesma maneira, por milhões de outras pessoas**. Um israelita que se tivesse transplantado para o Egito teria sido obrigado a reconhecer todo egípcio como irmão no pacto, como irmão em Javé. É impossível que os israelitas que criaram o texto da Bíblia pudessem ignorar o fato de a circuncisão ser indígena ao Egito. A passagem em Josué citada por Eduard Meyer admite isso sem discussão, mas, por esse próprio motivo, tinha de ser renegada a qualquer preço. ⁽¹⁴¹⁾

Seja lá qual tenha sido a origem desse ritual, o certo é que ele provém de povos ditos pagãos; não há como fugir dessa irrefutável realidade: “Os israelitas nascidos homens eram circuncidados, mas o mesmo ocorria com outros povos vizinhos (inclusive os egípcios)”. ⁽¹⁴²⁾

Gênesis 31,54: “Jacó ofereceu um **sacrifício**

sobre a montanha e convidou seus irmãos para a refeição. Eles comeram e passaram a noite sobre a montanha”.

Sacrifícios sobre uma montanha reporta ao costume dos cananeus que os praticavam nos lugares altos, fato que se entende com estas explicações:

Os lugares altos eram santuários estabelecidos sobre uma colina nas vizinhanças das cidades. Existiam na tradição cananea; neles lahweh substitui Baal (Jz 6,25s) e o culto legítimo os tolerou por muito tempo (1Rs 3,4s), até que foram proibidos pela lei da unidade do santuário (Dt 12,2s). (143)

Os lugares altos eram lugares tradicionais para culto entre os cananeus. Na Bíblia, este culto é muitas vezes reprovado, por causa da idolatria a que, frequentemente, dava lugar. No entanto, antes da centralização do culto a Javé, no Templo de Jerusalém, vários profetas e sacerdotes prestaram ao Senhor um culto perfeitamente ortodoxo nessas elevações. É o que aqui faz Samuel. (144)

Nos lugares altos eram adorados também ídolos, mas os que eram consagrados a Deus foram tolerados até que o tabernáculo recebesse sede estável no templo. Adorava-se o verdadeiro

Deus ali onde se manifestara em certas ocasiões.
(¹⁴⁵)

Os *altos*: ou “alturas” eram os lugares (**de preferência sobre colinas**) em que o povo oferecia sacrifícios a Deus, embora **contrariando a lei que prescrevia só fossem oferecidos no tabernáculo**. (¹⁴⁶)

Nos altos. Não somente trata-se de lugares altos (como colinas, etc.), mas também de plataformas construídas para as cerimônias religiosas. Estes lugares, e inclusive os bosques, **eram os pontos prediletos dos cananitas praticarem sua religião pagã**, razão por que surgiu o desejo de se realizar o culto verdadeiro tão somente no Templo. (¹⁴⁷)

Lugares Altos. Nome dado a **altares e santuários erigidos** a Deus ou a **ídolos** fora do Templo, geralmente **nos topos das colinas ou montes**. Até o estabelecimento definitivo do Templo de Jerusalém, estes lugares altos (assim chamados algumas vezes, mesmo quando não construídos em elevação) eram perfeitamente legítimos se dedicados ao verdadeiro Deus (Ex 20,24; Jz 6,26; 2Sam 25,18; 1Par 21,15). **Mesmo depois da construção do Templo não foram completamente abandonados**, e Joroboão, o primeiro rei do reino separado de Israel (930-909 a.C.), favoreceu-os em seu território (3Rs 12,31-32; 13,33). Também no reino de Judá os “lugares altos” continuaram a ser frequentados (3Rs 3,3; 15,14; 22,44; 4Rs 12,3; 14,4; 15,4.35; 16,4; etc.), até o

tempo de Ezequias (721-693 a.C.), que destruiu quantos pode (4Rs 18,4.22) por serem contrários à Lei (Dt 12,13-14), quer principalmente porque eram em regra geral o cenário de ritos pagãos revoltantes (Is 57,5-7; 65,7; Jer 2,20; 3,6; 7,31; 17,2-3; 19,5; Ez 6,13; 16,6.31; Os 10,8; Miq 1,5).

O culto dos lugares altos foi restabelecido pelo sucessor de Ezequias, Manassés, 693-639 a.C. (4Rs 21,3), mas de novo destruído por Josias, 638-609 a.C. (4Rs 23,5). ⁽¹⁴⁸⁾

Pelos registros bíblicos, esses rituais passaram a fazer parte da cultura dos hebreus, o que veremos, mais adiante, pois, em quase todo o período de administração política - de Moisés aos reis de Israel e Judá -, o povo insistia em realizar rituais nesses locais.

Gênesis 32,23-30: *“Naquela mesma noite, ele se levantou, tomou suas duas mulheres, suas duas servas, seus onze filhos e passou o vau do Jaboc. Ele os tomou e os fez passar a torrente e fez passar também tudo o que possuía. E Jacó ficou só. **E alguém lutou com ele até surgir a aurora.** Vendo que não o dominava, tocou-lhe na articulação da coxa, e a coxa de Jacó se deslocou enquanto lutava com ele. Ele disse: ‘Deixa-me ir, pois já rompeu o dia’. Mas Jacó respondeu: ‘Eu não te deixarei*

*se não me abençoaes'. Ele lhe perguntou: 'Qual é o teu nome?' - 'Jacó', respondeu ele. Ele retomou: 'Não te chamarás mais Jacó, mas Israel, porque **foste forte contra Deus e contra os homens, e tu prevaleceste**'. Jacó fez esta pergunta: 'Revela-me teu nome, por favor'. Mas ele respondeu: 'Por que perguntas pelo meu nome?' E ali mesmo o abençoou".*

Têm razão os tradutores bíblicos de afirmarem que se trata de uma “narrativa misteriosa” ⁽¹⁴⁹⁾, pois, pelo relato, temos Jacó travando uma luta física, um autêntico corpo a corpo, com Deus. Haja fanatismo para acreditar nisso!

O costume de um deus vir à terra e se relacionar com homens, certamente, que é pagão. O trecho “*deixa-me ir, pois já rompeu o dia*”, nos fez lembrar os vampiros que só “trabalham” de noite, e aí fica a pergunta: por qual motivo, esse ser, que lutou com Jacó, teve que pedir para ir, porque havia rompido o dia?

*Gênesis 37,35: “Todos os seus filhos e filhas vieram para consolá-lo, mas ele recusou toda consolação e disse: 'Não, é em luto que descerei ao **Xeol** para junto de meu filho'. E seu pai o chorou”.*

Algumas traduções trazem “sheol”, em vez de xeol; vejamos como o explicam:

O *sheol* dos israelitas, no tempo da decadência religiosa, **é praticamente idêntico ao *hades* do povo helênico e ao *infernus* (lugar inferior) dos romanos** – isto é, uma região sombria onde os fantasmas humanos vegetam numa semi-vida sonâmbula e triste. Compreende-se, assim, porque a literatura antiga desses povos permeada de prece e súplicas para que a divindade preserve ou liberte o humano viajor dessa deplorável existência após-morte. Só mais tarde, o *sheol-hades-infernus* veio a ser mais nitidamente discriminado de uma vida da alma desencarnada menos vaga, culminando, por fim, na ideia do *olympos* (céu) como oposto àquele. Era proverbial entre os gregos que a vida mais humilde aqui na terra era preferível à existência da alma do famoso herói Aquiles, no além. ⁽¹⁵⁰⁾

Não temos dúvida que tal crença foi absorvida dos outros povos aqui mencionados; mas, além deles, podemos citar também os gregos, que tinham, de igual modo, o tártaro.

Gênesis 40,5-23: “Ora, numa mesma noite, os dois, o copeiro e o padeiro do rei do Egito, que estavam detidos na prisão, tiveram um sonho,

cada qual com a sua significação. De manhã, vindo encontrá-los, José percebeu que estavam acobardados e perguntou aos eunucos do Faraó que estavam com ele detidos na casa de seu senhor: 'Por que tendes hoje o rosto triste?' Eles lhe responderam: 'Tivemos um sonho e não há ninguém para interpretá-lo'. José lhes disse: 'É Deus quem dá a interpretação; mas contai-mo!' **O copeiro-mor narrou a José o sonho que tivera:** 'Sonhei', disse ele, 'que havia diante de mim uma videira, e na videira três ramos: deram brotos, floresceram e as uvas amadureceram em cachos. Eu tinha na mão a taça do Faraó: peguei os cachos de uva, espremi-os na taça do Faraó e coloquei a taça na mão do Faraó'. **José lhe disse: 'Eis o que isto significa:** os três ramos representam três dias. Mais três dias e o Faraó te erguerá a cabeça e te restituirá o emprego: colocarás a taça do Faraó em sua mão, como outrora tinhas o costume de fazer, quando eras seu copeiro. Lembra-te de mim, quando te suceder o bem, e sê bondoso para falares de mim ao Faraó, a fim de que me faça sair desta prisão. Com efeito, fui arrebatado da terra dos hebreus e aqui mesmo nada fiz para que me pudessem prender'. **O padeiro-mor viu que era uma interpretação favorável e disse a José: 'Eu também tive um sonho:** havia três cestas de bolos sobre a minha cabeça. Na cesta mais

*alta havia todos os tipos de doces que o Faraó come, mas as aves os comiam na cesta, sobre a minha cabeça”. José respondeu assim: **‘Eis o que isto significa:** as três cestas representam três dias. Mais três dias ainda e o Faraó te erguerá a cabeça, enforcar-te-á e as aves comerão a carne acima de ti”. Efetivamente, no terceiro dia, que era o aniversário do **Faraó**, este deu um banquete a todos os seus oficiais e soltou o copeiro-mor e o padeiro-mor no meio de seus oficiais. Ele **reabilitou o copeiro-mor na copa real e este colocou a taça na mão do Faraó; quanto ao padeiro-mor, enforcou-o, como José lhe havia explicado.** Mas o copeiro-mor não se lembrou de José; ele o esqueceu”.*

Entre os vários tipos de adivinhação havia a interpretação dos sonhos. Entretanto, os israelitas não consideravam as “revelações” de lahweh, por esse meio, como adivinhações, embora o processo seja o mesmo para as revelações dadas por outros deuses. Vejamos o que dizem sobre os sonhos:

Os egípcios, como tantos outros povos antigos, **davam aos sonhos o valor de presságios.** ⁽¹⁵¹⁾

Gn 40,8. **Tanto no Egito, como na Babilônia, atribuía-se aos sonhos grande importância e**

eram muitos os adivinhos que os interpretavam. Ao contrário do que faziam os outros adivinhos, José não atribui à Ciência ou à arte humana o poder de interpretar os sonhos, mas à assistência e inspiração especial de Deus. ⁽¹⁵²⁾

1. **Os antigos povos orientais, incluindo os judeus, davam grande valor aos sonhos, supondo que eles tinham o intuito de fazer-nos comunicações divinas.** O Antigo Testamento exprime essa ideia, mas também outras, as quais descrevo na secção III. *Os Sonhos na Bíblia. Os intérpretes de sonhos eram altamente estimados no Egito*, conforme a narrativa de José nos assegura (Gên. 40:41). **Outro tanto sucedia na Pérsia**, na época de Daniel (ver Daniel 7). Três ideias principais podem ser extraídas dos sonhos entre os povos orientais: a. Os sonhos como revelações divinas; b. Os sonhos como reflexos da vida normal do indivíduo, incluindo problemas de saúde física ou mental, presumivelmente com o intuito de dar-nos um meio de melhorá-la; c. Os sonhos de conhecimento prévio, como avisos ou encorajamentos acerca de certos atos.

2. **Na cultura grega.** Hipócrates pensava que os sonhos são úteis para diagnosticar os males físicos. Sócrates tinha um sonho que se repetia; dizendo-lhe para “fazer música”, que ele interpretava como “sê um filósofo”, visto que, para ele, a filosofia era a mais linda música. Platão antecipou alguns elementos da teoria freudiana, supondo que os sonhos refletem toda a espécie de répteis horrendos que se ocultam na mente humana, e que são combatidos mediante o

processo da santificação moral. Aristóteles mencionou a ideia comum de que os sonhos são comunicações divinas; mas terminou supondo que os sonhos, até mesmo os de conhecimento prévio, usualmente (se não mesmo sempre) são acidentais, ou seja, são coincidentes. Entretanto, ele reconhecia também o valor da teoria futuramente chamada Adleriana (ver 1.11), que diz que um sonho pode criar estados emocionais que afetam nossa vida desperta, condicionando nossos atos.

3. **Na cultura romana.** Como era usual, os romanos também tomaram por empréstimo o que a cultura grega dizia sobre os sonhos, sem grandes modificações. Eles praticavam a incubação a fim de provocar sonhos supostamente espirituais e significativos. Isso era feito permanecendo a pessoa em algum lugar sagrado, como um templo ou um santuário, na esperança de ter um sonho durante a noite, estando naquele lugar. Os sonhos assim obtidos eram considerados espiritualmente significativos, podendo ser interpretados pelo próprio indivíduo ou por algum sacerdote. A incubação era praticada em nada menos de trezentos templos do mundo greco-romano. Cícero, porém, mostrava-se cético quanto ao método, preferindo o ponto de vista aristotélico dos sonhos. No entanto, ele não se mostrou coerente sobre a questão, porque uma das razões pelas quais ele se aliou a Otávio, quando houve a luta pelo poder, em Roma, foi que um sonho lhe dissera que Otávio seria vitorioso nesse conflito. O sonho realizou-se, mas não na época certa. Marco Antônio obteve sucesso em um apelo que fez, e Cícero e seus

irmãos foram executados.

4. **No islamismo.** Tanto os antigos quanto os modernos adeptos do islamismo dão muito valor aos sonhos. Maomé afirmou que os sonhos são um dos quarenta e seis aspectos da missão profética. O Alcorão tem muitas alusões aos sonhos divinos, proféticos. A interpretação dos sonhos é um exercício religioso dentro desse sistema. Entretanto, julga-se que diferentes classes de pessoas teriam diferentes níveis de sonhos, alguns mais valiosos do que outros. Portanto, os governantes e os santos seriam aqueles que têm os sonhos mais profundos, enquanto que as pessoas comuns teriam sonhos mais corriqueiros. Entre as mulheres, as mães seriam as que têm sonhos mais significativos.

III. Os sonhos na Bíblia

1. *No Antigo Testamento.* Os sonhos ali relatados envolvem instruções e revelações espirituais. Ver os sonhos de Jacó (Gên. 28:12 ss; 31:11 ss), de José (Gên. 37:5; 41:1 ss), os de Daniel (Dan. 1:7; 2:1 ss, cap. 7). Ver também o princípio ensinado em Joel 2:28. Há trechos, como Núm. 12:6 e Jô 33:15, que ensinam que a vontade de Deus é revelada por meio de sonhos. Os falsos profetas julgavam-se dotados de sonhos significativos, ou então contavam sonhos que nunca tiveram (Deu. 13:1-3; Jer. 23:25-28; 29:8). Contudo, os sonhos, de acordo com Eclesiastes 5:7, podem ser vazios e sem sentido.

2. *No Novo Testamento.* Podemos evocar os sonhos de advertência dados a José, que salvaram

a vida de Jesus (Mat. 1:20); os sonhos dos magos, com o mesmo propósito (Mat. 2:12,13); as instruções dadas a José, para retornarem a Nazaré, o que propiciou a formação de Jesus, em seus primeiros anos de vida terrena, naquela cidade (Mat. 2:18); o sonho da esposa de Pilatos, que pode ter sido orientado por Deus ou não, mas que, sem dúvida, foi muito significativo (Mat. 27:10); e a declaração sobre a utilidade espiritual e profética dos sonhos, em Atos 2:17. Com base nessas referências, chegamos a entender que os sonhos são tidos, no Novo Testamento, como revestidos de uma importante função, mas certamente sujeitos a outras funções espirituais, como a função profética. ⁽¹⁵³⁾

E aqui uma explicação do ponto de vista totalmente dogmático:

Uma das fontes e um dos métodos de adivinhação ilícita. **As escrituras advertem que os sonhos não devem ser tomados como comunicações sobrenaturais, a não ser aqueles que tenham origem e interpretação do mesmo Deus (Gn 40,8).** Tal advertência entende sustar a prática dos falsos profetas que acreditavam serem os sonhos sinais de favor divino, pelo que proclamavam e interpretavam seus sonhos como sobrenaturais. Os verdadeiros profetas, ao contrário, davam a entender que as comunicações divinas são espontâneas e só Deus era seu intérprete (Jer 23,16). Ordinariamente e assim os

devemos considerar. Isto não impede que Deus possa enviar sonhos, como de fato enviou e os vemos na Bíblia. Pode-se preliminarmente negar a origem divina de um sonho, se este nos induzir ao pecado, a alguma tolice ou mesmo a diminuir o amor de Deus. Seria pecado mortal orientar a vida de quem quer que seja através de sonhos que, certamente, não são de origem divina. ⁽¹⁵⁴⁾

Como sempre acontece, o que “nós” fazemos é lícito, o que os “outros” fazem é ilícito, provando que somos totalmente incoerentes, por permitir que nosso egoísmo e orgulho sempre falem mais alto. Aqui, deixamos essas perguntas: quem está com a verdade - aqueles que já praticavam a interpretação dos sonhos ou os que passaram a praticar depois, só que com uma justificativa de um deus único? E mais: será que os deuses dos outros povos não eram iguais aos anjos do cristianismo, agindo sob a inspiração do Deus “único” dos judeus? Ou só porque, por ignorância desses povos, eram chamados de deuses?...

Gênesis 44,1-5: *“Depois **José** disse a seu intendente: ‘Enche de mantimentos as sacas desses homens, quanto puder levar, e põe o dinheiro de cada um na boca de sua saca.*

*Minha **taça, a de prata**, tu a porás na boca da saca do mais novo, junto com o dinheiro de seu mantimento’. E assim ele fez. Quando amanheceu, foram despedidos os homens com seus jumentos. Eles tinham apenas saído da cidade não iam longe, quando José disse a seu intendente: ‘Levanta! Corre atrás desses homens, alcança-os e dize-lhes: ‘Por que pagastes o bem com o mal? Não **é o que serve a meu senhor para beber e também ler os presságios?** Procedestes mal no que fizestes’”.*

Aqui, fica claro que José realizava adivinhações, o que é afirmado por ele mesmo em Gênesis 44,15, usando a sua taça de prata, uma prática totalmente “abominável” a lahweh (Deuteronômio 18,9-12).

Não conseguimos levantar nada da cultura religiosa dos hebreus no período em que eles ficaram subjugados aos egípcios, que, conforme relatado na Bíblia, teria sido de 430 anos (Êxodo 12,40).

Somente temos registro a partir do nascimento de Moisés, que se tornou o líder desse povo; inclusive, foi ele quem, segundo se acredita, conduziu os hebreus para fora do Egito. Entretanto,

nós não conseguimos definir por qual motivo isso se deu: se foram expulsos (Êxodo 12,39); se o Faraó os deixou partir (Êxodo 13,17) ou, finalmente, se eles fugiram (Êxodo 14,5).

Como os hebreus viveram mais de quatro séculos entre os egípcios (que ao longo de sua história também adoravam vários deuses), é bom lembrar que isso nos sugere uma boa chance de que tenham absorvido a cultura deles. Informam-nos que o Faraó Akhenaton teria defendido a ideia de um Deus único; portanto, podemos dizer que ele possuía uma crença monoteísta:

Outra possibilidade nos é aberta por um acontecimento marcante na história da religião egípcia, um acontecimento que só ultimamente foi reconhecido e apreciado. **Continua sendo possível que a religião que Moisés deu a seu povo judeu era, mesmo assim, a sua própria, que era uma religião egípcia, embora não a religião egípcia.**

Na gloriosa XVIII Dinastia, sob a qual o Egito se tornou uma potência mundial, **um jovem faraó subiu ao trono, por volta de 1375 a.C.** Inicialmente ele foi chamado, tal como seu pai, **Amenófis (IV)**; mais tarde, porém, mudou seu nome, e não apenas seu nome. **Esse rei dispôs-**

se a impor uma religião a seus súditos egípcios, uma religião que ia de encontro às suas tradições de milênios e a todos os hábitos familiares de suas vidas. Ela era um monoteísmo estrito, a primeira tentativa dessa espécie, até onde sabemos. Na história do mundo, e, juntamente com a crença num deus único, nasceu inevitavelmente a intolerância, que anteriormente fora alheia ao mundo antigo e que por tão longo tempo permaneceu depois dele. **O reino de Amenófis, contudo, durou apenas 17 anos. Logo após sua morte, em 1358 a.C. a nova religião foi varrida e proscrita a memória do rei herético.** O pouco que sabemos dele deriva-se das ruínas da nova capital real que construiu e dedicou a seu deus, e das inscrições nas tumbas de pedras adjacentes a ela. Tudo o que pudemos aprender sobre essa personalidade marcante e, na verdade, única, será merecedor do mais elevado interesse. ⁽¹⁵⁵⁾

[...] Sob a influência dos sacerdotes do deus solar em On (Heliópolis), fortalecida talvez por impulsos provindos da Ásia, surgiu a ideia de um deus universal Aten, a quem a restrição a um único país e a um único povo não mais se aplicava. No **jovem Amenófis IV**, chegou ao trono um faraó que **não tinha interesse mais alto do que o desenvolvimento dessa ideia de um deus.** Ele promoveu a religião de Aten a religião estatal e, **através dele, o deus universal tornou-se o único deus: tudo o que se contava dos outros deuses era engano e mentira.** Com magnífica inflexibilidade, ele resistiu a toda tentação ao

pensamento mágico, e rejeitou a ilusão, tão cara aos egípcios, especificamente, de uma vida após a morte. Num espantoso presentimento de descobertas científicas posteriores, identificou na energia da radiação solar a fonte de toda a vida sobre a Terra e adorou-a como símbolo do poder de seu deus. Gabava-se de sua alegria na criação e de sua vida em Ma'at (Verdade e Justiça).

Esse é o primeiro e talvez o mais claro caso de uma religião monoteísta na história humana; uma compreensão mais profunda dos determinantes históricos e psicológicos de sua origem seria de valor incomensurável. **Entretanto, cuidou-se de que informações demasiadas sobre a religião de Aten não chegassem até nós.** Já sob os débeis sucessores de Akhenaten tudo o que ele havia criado entrou em colapso. A vingança da classe sacerdotal que ele havia suprimido grassou contra sua memória; a religião de Aten foi abolida, e a cidade capital do faraó, estigmatizado como um criminoso, foi destruída e saqueada. Por volta de 1350 a.C., a XVIII Dinastia terminou; após um período de anarquia, a ordem foi restaurada pelo general Haremhab, que reinou até 1315 a.C. A reforma de Akhenaten parecia ser um episódio fadado ao esquecimento. ⁽¹⁵⁶⁾

[...] No Egito, até onde podemos compreender, o monoteísmo cresceu como um subproduto do imperialismo. Deus era um reflexo do faraó que era soberano absoluto de um grande império mundial. Com os judeus, as condições políticas eram altamente desfavoráveis ao desenvolvimento da ideia de um deus nacional exclusivo para a de um

soberano universal do mundo. E onde foi que essa minúscula e impotente nação achou a arrogância de declarar-se a si própria filha favorita do grande Senhor? O problema da origem do monoteísmo entre os judeus permanecera assim irresolvido, ou teríamos de nos contentar com a resposta comum segundo a qual o monoteísmo era expressão do gênio religioso peculiar desse povo. É bem-sabido que o gênio é incompreensível e irresponsável: portanto, não devemos trazê-lo à baila como explicação até que toda outra solução nos tenha falhado ⁽¹⁵⁷⁾.

Além disso. Deparamo-nos com o fato de que os próprios registros e escritos históricos judaicos nos apontam o caminho. Asseverando bastante definidamente – dessa vez, sem contradizer-se – que a ideia de um deus único foi trazida ao povo por Moisés. Se há uma objeção à fidedignidade dessa afirmação, é a de que a revisão sacerdotal do texto que temos diante de nós faz, obviamente, demasiadas coisas remontarem a Moisés. **Instituições tais como as ordenações rituais, que datam inequivocamente de épocas posteriores, são dadas como mandamentos mosaicos, com a clara intenção de lhes emprestar autoridade.** Isso certamente nos fornece fundamentos para suspeita, mas não o suficiente para uma rejeição, pois o motivo mais profundo para um exagero desse tipo é óbvio. A narrativa sacerdotal busca estabelecer uma continuidade entre seu período contemporâneo e o remoto passado mosaico: busca repudiar exatamente o que descrevemos como sendo o fato

mais notável da história religiosa judaica, a saber, a existência de uma lacuna hiante entre a legislação de Moisés e a religião judaica posterior – lacuna que foi, a princípio, preenchida pela adoração de Javé, e só lentamente remendada depois. Ela discute esse curso de eventos por todos os modos possíveis. Embora sua correção histórica esteja estabelecida para além de qualquer dúvida, desde que, no tratamento específico dado ao texto bíblico, provas superabundantes foram deixadas para prová-lo. **Aqui, a revisão sacerdotal tentou algo semelhante à deformação tendenciosa que transformou o novo deus Javé no deus dos Patriarcas.** Se levarmos em consideração esse motivo do Código Sacerdotal, acharemos difícil reter nossa crença a partir da asserção de que foi realmente o próprio Moisés que forneceu a ideia monoteísta aos judeus. Estaremos ainda mais prontos a dar assentimento, já que podemos dizer de onde Moisés derivou essa ideia. A qual, certamente, os sacerdotes judeus não conheciam mais. ⁽¹⁵⁸⁾

Corroborando essa informação sobre Akhenaton, temos: “[...] Aquenáton, o faraó herético que tentou substituir os numerosos deuses do país por uma única deidade universal”. ⁽¹⁵⁹⁾

Uma outra versão:

Por causa de sua criação parcialmente israelita,

Amenhotep IV (algumas vezes chamado Amenófis IV) ⁽¹⁶⁰⁾ não podia aceitar as divindades egípcias e sua miríade de ídolos. Assim, ele **desenvolveu a noção de Aten, um deus onipotente sem imagem, representado por um disco solar com raios voltados para baixo** (distinguindo-se do deus-sol egípcio Rá) ⁽¹⁶¹⁾. O nome Aten era equivalente à palavra hebraica *Adon*, um título emprestado do fenício, que significa “Senhor”, como a palavra igualmente familiar *Adonai*, que significa “Meu Senhor” ⁽¹⁶²⁾. **Ao mesmo tempo, Amenhotep (Amen está contente) mudou seu próprio nome para Akhenaton (Glorioso espírito de Aten)** ⁽¹⁶³⁾. Fechou todos os Templos dos deuses egípcios, tornando-se muito impopular, particularmente entre os sacerdotes de Rá e os da divindade nacional anterior, Amen.

Com sua esposa Nefertite, Akhenaton teve seis filhas e mantinha uma vida doméstica extraordinariamente bem disciplinada. Mas havia complôs contra sua vida e ameaças de insurreição armada se ele não permitisse que os deuses tradicionais fossem adorados junto com o Aten sem rosto. Ele recusou e acabou sendo forçado a abdicar em favor de seu primo, Smenkhkare, que foi sucedido por Tutancaten (filho de Akhenaton com sua segunda rainha, Kiya).

Ao chegar ao trono, com cerca de 11 anos, Tutancaten foi obrigado a mudar seu nome para Tutankhamon – denotando assim uma fidelidade renovada a Amen, no lugar de Aten, mas ele viveria apenas mais nove ou dez anos ⁽¹⁶⁴⁾. Akhenaton, nesse tempo, foi banido do Egito em

aproximadamente 1361 a.C. ⁽¹⁶⁵⁾, embora seus partidários ainda o considerassem monarca de direito. Para eles, era o herdeiro vivo do trono de seu pai; eles ainda o viam como o *Mose* real (em grego: *Mosis*) ⁽¹⁶⁶⁾.

Desde o momento de seu exílio, Akhenaton (dali em diante igualado a Moisés) fez duas viagens ao Sinai, tendo retornado brevemente ao Egito entre elas, como explicado no livro do Êxodo. O êxodo israelita geral, que ele liderou, ocorreu na segunda ocasião, por volta de 1330 a.C. O culto a Aten continuou por algum tempo depois da morte de Tutankhamon, época em que a coroa foi transferida para seu tio-avô, Aye, marido de Tey, que criara Akhenaton e sua meia-irmã, Nefertite. Tey era a Gloriosa – a *Yokâbar*, que a Bíblia chama Jochebede. Aye foi sucedido por seu genro, o general Horemheb, que anulou Aten, proibiu a menção do nome de Akhenaton e amputou os reis de Amama da lista oficial de Reis. Destruíu também diversos monumentos da época ⁽¹⁶⁷⁾; foi por essa razão que a descoberta do túmulo de Tutankhamon em novembro de 1922 foi recebida como uma grata surpresa, pois pouquíssimo se sabia a respeito dele anteriormente ⁽¹⁶⁸⁾. ⁽¹⁶⁹⁾

Encontramos uma surpreendente informação de quem era Akhenaton:

Recentemente, no livro *The Head of God*, de

Keith Laidler, foi sugerido que o pai de Scota era Akhenaton, o faraó que tentou estabelecer o monoteísmo no Egito usando o Sol para representar o único deus verdadeiro, que não deveria ter outra imagem além dessa. Mais surpreendente ainda, Laurence Gardner, autor de *Bloodline of the Holy Grail*, afirmou recentemente que **Akhenaton seria na realidade Moisés**, o homem que conduziu os israelitas para fora do Egito. ⁽¹⁷⁰⁾

Acreditamos que, no período em que se tornaram escravos no Egito, é pouco provável que os hebreus, subjugados fisicamente, também não o fosse em suas práticas religiosas, até por uma questão de sobrevivência, embora pelos registros bíblicos, isso não fique bem claro.

Um exemplo recente desse tipo de adaptação é o sincretismo das religiões afro no Brasil, adaptadas às imagens do catolicismo. Essa hipótese também a encontramos em Russell P. Shedd, que, ao se referir ao bezerro de ouro, citado em Êxodo. 32,1, disse:

O hábito de idolatria aprendido no Egito era tão forte, que poucos dias sem ouvir a voz do profeta e líder dinâmico, eram suficientes para o

povo voltar à lama idolátrica (2Pe 2.20-22), uma descrição dos que voltam à vida mundana, após terem conhecido a Jesus Cristo. ⁽¹⁷¹⁾

A confirmação da prática da idolatria é confirmada por Mons. José Alberto L. de Castro Pinto, em nota na *Bíblia Sagrada - Barsa*, quando explica o passo Deuteronômio 34,9: “E o sepultou: i.e., pelo ministério de anjos e deixou que o lugar ficasse desconhecido para que os israelitas, tão propensos à idolatria, não viessem prestar culto a seu cadáver” ⁽¹⁷²⁾, para justificar que, pelo texto, se subentende que o Senhor sepultou o corpo de Moisés num lugar desconhecido. Mais à frente, vários estudiosos irão também confirmar essa prática, que, certamente, não é compatível para um povo que dizem ser monoteísta.

Considerando, conforme se crê, que todo profeta falou em nome de Deus, temos algo para apresentar com esta fala de Oseias, profeta em Israel no século VIII a.C., filho de Beerí, que “começou a pregar no tempo de Jeroboão II; seu ministério se prolongou pelos reinados dos sucessores deste rei, mas não parece ter ele

presenciado a ruína de Samaria em 721”. (173), que disse:

Oseias 12,10: “*Eu sou lahweh teu Deus, **desde a terra do Egito** [...].”*

Se lahweh é Deus dos hebreus “desde a terra do Egito”, não seria ilógico afirmar que, antes disso, Ele não era o deus desse povo; certo? Então, a conclusão que tiramos vai justamente ao encontro da informação de que Moisés foi quem apresentou aos hebreus a ideia de um Deus único.

Particularmente nós restringiríamos esse “único” para o âmbito local dos hebreus (que de vários deuses passaram a adorar somente um) e não como “único” no sentido de um Deus Universal, como hoje se entende, ou seja, eram adeptos do henoteísmo.

Corroborando:

No livro do Êxodo, Moisés e os israelitas estão no monte Horebe, tendo viajado desde o Egito através do Mar Vermelho. **Moisés** escala a rocha para falar com **El Shaddai, o Senhor da Montanha** (mais tarde chamado Jeová), que

ensina que, a partir de então, ele será seu Deus e que eles não mais devem usar seu ouro para fazer ídolos e imagens deiformes. (174)

Gardner, também, chegou à mesma conclusão, quanto ao fato de Deus ter se tornado a divindade dos hebreus a partir de Moisés, especificamente, quando este recebe, no monte Horeb (Sinai), os Seus mandamentos.

Pepe Rodríguez, por sua vez, apresenta-nos outra hipótese:

Na realidade, Moisés nunca pode ter sido o fundador do monoteísmo judeu, como se afirma, porque Moisés, fiel à religião semítica dos patriarcas, praticou o henoteísmo, a “monolatria”, ou seja, não acreditava que existisse um deus único, mas vários, tendo-se limitado, no entanto, a adorar aquele que julgava ser o maior de todos eles. Só assim sendo se podem interpretar frases como a do seu cântico triunfal: “Quem entre os deuses é como tu, ó lavé?” (Ex 15,11), ou como as do cântico de Jetro, sogro de Moisés: “Agora sei como lavé é maior que todos os deuses” (Ex 18,11). Crença que, aliás, está patente nas palavras do próprio lavé, quando ordena: “Não tereis outro Deus senão eu [...] porque eu sou lavé, teu Deus, um Deus ciumento” (Ex 20,2-5) (175)

Realmente, os argumentos são bem coerentes; dão o que pensar.

Em Thomas de Wesselow, historiador de arte, foi onde encontramos a informação sobre as possíveis épocas nas quais os hebreus tornaram-se monoteístas:

15. Os especialistas ainda não sabem com precisão quando os israelitas se tornaram monoteístas, mas, ao que tudo indica, a partir do fim do século VII a.C., no mais tardar, um partido que promoveu o culto apenas de lavé (Ver Finkelstein e Silberman 2001, p. 247-249). É provável que o monoteísmo tenha se imposto como o paradigma hebreu dominante nos séculos VI e V a.C. (ver Kninght 2008, pp. 28-29). Também não se sabe com certeza se o primeiro mandamento prescrevia, na origem, que lavé fosse o único ou apenas o principal deus de Israel (ver Lane Fox 199, pp. 54-5). ⁽¹⁷⁶⁾

Embora não se tenha precisado a época, ela gira em torno do VII a V a.C. Levando-se em conta a data mais antiga, estaremos bem próximos de quando o povo hebreu se tornou cativo na Babilônia.

b) Moisés a Josué

Embora, a um pouco da história de Moisés seja de conhecimento de todos nós, vamos transcrevê-la, para que não sejamos traídos pela memória:

Êxodo 2,1-10: *“Certo homem da casa de Levi foi tomar por esposa uma descendente de Levi, a qual concebeu e deu à luz um filho. Vendo que era belo, escondeu-o por três meses. E como não pudesse mais escondê-lo, tomou um cesto de papiro, calafetou-o com betume e pez, colocou dentro a criança e a depôs nos juncos, à beira do Rio. De longe, uma irmã do menino observava o que lhe iria acontecer. Eis que a filha de Faraó desceu para se lavar no Rio, enquanto as suas criadas andavam à beira do Rio. Ela viu o cesto entre os juncos e mandou uma de suas servas apanhá-lo. Abrindo-o, viu a criança: era um menino que chorava. Compadecida, disse: **‘É uma criança dos hebreus!’** Então a sua irmã disse à filha do Faraó: ‘Queres que eu vá e te chame uma mulher dos hebreus que possa criar esta criança?’ A filha do Faraó disse: ‘Vai!’ Partiu, pois, a moça e chamou a mãe da criança. A filha de Faraó lhe disse: ‘Leva esta criança e cria-a e eu te darei a tua paga’. A mulher recebeu a criança e a criou. Quando o menino cresceu, ela o entregou à filha de Faraó, a qual o adotou e **lhe pôs o nome de Moisés, dizendo: ‘Eu o tirei das águas’**”.*

O que é interessante nessa história, contada pelo próprio Moisés, uma vez que a autoria desse livro é atribuída a ele, é que sempre acreditamos nela como algo real, quando, na verdade, ela foi tomada de uma lenda; vejamos:

Etimologia popular do nome de Moisés (hebr. *Moshê*) a partir do verbo *masha*, “tiras”. Mas a filha do Faraó não falava hebraico. **De fato, esse nome é egípcio.** É conhecido na forma abreviada, *mosés*, ou na forma completa, p. ex., *Thutmosés* ‘o deus Tot nasceu’. – **A história de Moisés tirado das águas foi comparada com as lendas sobre a infância de algumas personagens célebres, de modo especial Sargon de Agadê, rei da Mesopotâmia no III milênio:** sua mãe o havia depositado no rio em um cesto de junco. ⁽¹⁷⁷⁾

O relato do nascimento e salvamento de Moisés se assemelha à lenda contada a respeito de Sargão, o conquistador da Mesopotâmia (3º milênio AC). Nascido de pai desconhecido e de uma mãe que o abandonou nas águas do Eufrates numa cesta de vime calafetada com betume, foi salvo e criado por um jardineiro real. Depois, amado pela deusa Istar, se tornou rei durante 56 anos. **Lendas semelhantes** contam-se sobre a origem de Ciro, rei da Pérsia, e de Rômulo e Remo, fundadores de Roma. Com recurso a um tal clichê literário Moisés é colocado entre os grandes personagens da história. ⁽¹⁷⁸⁾

Ambas as explicações nos dão conta de que o nome Moisés é egípcio, e não hebreu como habitualmente querem nos fazer crer. Além de que, essa história a seu respeito, se assemelha à lenda sobre Sargão, rei da Mesopotâmia.

Freud, em *Moisés e o Monoteísmo*, desenvolve seus argumentos, concluindo que, de fato, isso é verdadeiro, pois dedica um capítulo específico intitulado “Moisés é Egípcio”, do qual transcrevemos:

A primeira coisa que atrai nossa atenção a respeito da figura de Moisés é seu nome, que em hebraico é “Mosheh”, “Qual é a sua origem”, podemos perguntar, “e o que significa?” Como sabemos, a descrição contida no segundo capítulo do Êxodo já fornece uma resposta. É-nos dito aí que a princesa egípcia que salvou o menininho abandonado no Nilo **deu-lhe esse nome, fornecendo-se uma razão etimológica: “porque das águas o tirei”.** Essa explicação, contudo, é **claramente inadequada.** “A interpretação bíblica do nome como ‘o que foi tirado das águas’”, argumenta um autor no *Jüdisches Lexikon* ⁽¹⁷⁹⁾, “constitui etimologia popular, com a qual, de início, é impossível harmonizar a forma *ativa* da palavra hebraica, pois **‘Mosheh’ pode significar, no máximo, apenas ‘o que tira fora’.** Podemos apoiar essa rejeição por dois outros argumentos: **em primeiro lugar, é absurdo atribuir a uma**

princesa egípcia uma derivação do nome a partir do hebraico, e, em segundo, as águas de onde a criança foi tirada muito provavelmente não foram as do Nilo.

Por outro lado, há muito tempo foi expressa uma suspeita, em muitas direções diferentes, de que o nome **“Moisés” deriva-se do vocabulário egípcio.** Em vez de enumerar todas as autoridades que argumentaram nesse sentido, citarei a pertinente passagem de um livro comparativamente recente, *The Dawn of Conscience*, da autoria de J.H. Breasted, autor cuja *History of Egypt* é considerada obra padrão: **“É importante notar que seu nome, Moisés, era egípcio. Ele é simplesmente a palavra egípcia ‘mose’, que significa ‘criança’, e constitui uma abreviação da forma mais completa de nomes tais como ‘Amon-mose’, significando ‘Amon-uma-criança’, ou ‘Ptah-mose’, significando ‘Ptah-uma-criança’, sendo essas próprias formas, semelhantemente, abreviações da forma completa ‘Amon-(deu)-uma-criança’ ou ‘Ptah-(deu)-uma-criança’. A abreviação ‘criança’ cedo tornou-se uma forma breve e conveniente para designar o complicado nome completo, e o nome Mós ou Més (Mose), ‘criança’, não é incomum nos monumentos egípcios. O pai de Moisés indubitavelmente prefixou ao nome do filho o de um deus egípcio como Amon ou Ptah, e esse nome divino perdeu-se gradativamente no uso corrente, até que o menino foi chamado ‘Mose’. (O s final constitui um acréscimo tirado da tradução grega do Antigo Testamento. Ele não se acha no hebraico, que tem ‘Mosheh’)”** ⁽¹⁸⁰⁾ Repeti essa passagem palavra por

palavra e de maneira alguma estou disposto a partilhar da responsabilidade por seus pormenores. Fico também bastante surpreso que Breasted tenha deixado de mencionar precisamente os nomes teóforos que figuram na relação dos reis egípcios, tais como Ahmose, Toth-mose e Ramose.

Ora, deveríamos esperar que uma das muitas pessoas que reconheceram ser “Moisés” um nome egípcio, houvesse também tirado a conclusão, ou, pelo menos, considerado a possibilidade, de que a pessoa que portava esse nome egípcio fosse ela própria egípcia. [...]. ⁽¹⁸¹⁾

Portanto, é confirmado o que foi dito pelos tradutores bíblicos a respeito da origem do nome Moisés; porém, acreditamos que, com bastante lógica, Freud vai mais longe, dando ao próprio legislador hebreu uma origem egípcia, fato que dá suporte à hipótese de que Moisés queria implantar a ideia de um Deus único.

Além desse livro - Êxodo -, os outros que fazem parte do chamado Pentateuco - Gênesis, Levítico, Números e Deuteronômio - têm, segundo tradição, a Moisés como autor; isso é curioso, pois algumas coisas neles nos chamam a atenção por ter origem na mitologia antiga e muitas de suas leis na

legislação babilônica:

[...] O *Deuteronômio*, como está dito no segundo livro dos *Reis* (Cap. XXII), surgiu em fins do século VII antes da nossa era, tendo sido descoberto “por acaso” em um templo de Jerusalém, simples subterfúgio da parte dos sacerdotes desse templo, desejosos de revestir a nova legislação com a autoridade do Moisés. **O *Deuteronômio*, tal como as leis expostas no *Êxodo* não pode de modo algum datar da época em que os hebreus vagavam pelo deserto, uma vez que todas elas se endereçam não a nômades mas a agricultores estabelecidos definitivamente. Notemos, por outro lado, que grande número de leis do *Pentateuco* foram tomadas à legislação do rei babilônico Hamurabi, que é um milênio mais antiga.** ⁽¹⁸²⁾

E aqui entra um ponto importante: se até para escrevê-lo Moisés usou da mitologia, por que razão, somente as coisas relacionadas à própria divindade, que seguia, não o seria? Hoje em dia, essa suposta autoria de Moisés é bastante questionada, mas não é o caso de tratarmos disso aqui. Vejamos alguns exemplos:

Gênesis 6,17: “*Quanto a mim, vou enviar o **dilúvio**, as águas, sobre a terra, para*

exterminar de debaixo do céu toda carne que tiver sopro de vida: tudo o que há na terra deve perecer”.

Parece que não é nada original essa ideia de dilúvio:

O tema de um dilúvio está presente em todas as culturas, mas os relatos da antiga **Mesopotâmia** têm um interesse particular por causa das **semelhanças com o relato bíblico.**
(¹⁸³)

Vejamos então, para confirmar, esse relato originado da Mesopotâmia, que transcrevemos do livro *A história de Gilgamesh, rei de Uruk*, de Rosana Rios:

E Ut-Napistim lhe contou que, havia muito, muito tempo, tinha morado em Shuruppak, uma cidade às margens do rio Eufrates. Naquela época, **os deuses se sentiram perturbados com o barulho dos mortais**, tão alto que não os deixava dormir. Enlil, o deus dos ventos, propôs:

– **Vamos soltar as águas do mundo e afogar esse povo barulhento**, que perturba nossa paz.

Todos concordaram: Anu, o deus dos céus; Shamash, o deus-sol; Sin, o deus-lua; Ishtar, a

deusa do amor. E fizeram o juramento de não revelar a nenhum mortal o que aconteceria.

Mas **Enki, o deus das águas doces**, era amigo dos humanos. Ele **foi a Shuruppak para revelar a vinda do dilúvio a Ut-Napistim, um homem bom e fiel aos deuses**. Como não podia quebrar seu juramento e contar a verdade a ele, usou um estratagema: não se dirigiu ao homem, mas a sua casa feita de juncos.

– Casa de juncos – disse Enki –, escute o que vou dizer. Diga ao homem de Shuruppak que o Cavaleiro da Tempestade (¹⁸⁴) trará as chuvas, e as águas afogarão todas as pessoas e todos os animais. A única forma de sobreviver será construir um grande barco e colocar nele a semente de todas as coisas vivas.

E, sempre falando para a cabana de juncos, Enki explicou o formato e o tamanho que devia ter a embarcação.

Ut-Napistim entendeu a mensagem e obedeceu ao deus. Derrubou sua casa e em sete dias **construiu um enorme barco**. Nele, **acomodou toda a sua família, os trabalhadores da região e tudo o que possuía, além dos animais de criação e dos animais selvagens da floresta e dos campos**.

Afinal, o Cavaleiro da Tempestade veio trazendo a chuva destruidora. O barco foi carregado pela água e pelo vento. Mortal como uma batalha, o temporal se abateu sobre as pessoas e as cidades. Vendavais varreram as florestas e a água furiosa a tudo cobriu. A violência era tanta que os próprios

deuses se encolheram nos céus, com medo da fúria do dilúvio.

Depois de uma semana o temporal se acalmou; Ut-Napistim olhou para fora do barco e, com o coração dolorido, **viu que toda a humanidade tinha voltado ao barro primitivo.**

O barco encalhou no topo do monte Nisin, e dali o homem de Shuruppak **soltou uma pomba**. Mas ela não encontrou onde pousar e voltou; então, **soltou uma andorinha**, que também voltou. Por fim, **soltou um corvo, que encontrou terra e não voltou**. Ele e sua família desceram o monte e acenderam uma fogueira em homenagem aos deuses. No alto do céu, os deuses estavam arrependidos por terem enviado o dilúvio e destruído os humanos e se reuniram como moscas em torno da fumaça da fogueira. Apenas Enlil se enfureceu por Ut-Napistim ter escapado e acusado Enki de tê-lo avisado. Mas Enki respondeu:

– Não revelei o segredo dos deuses ao homem de Shuruppak. Você é um dos deuses mais sábios e não percebe o erro do dilúvio? Se há maldade entre os homens, que eles sejam punidos. Que sejam atacados pelas feras ou pelas doenças, mas não destruídos. ⁽¹⁸⁵⁾

Caro leitor, você não está com a impressão que já ouviu essa história em algum lugar, apenas com outros nomes? Pois é, tal e qual a do nosso Noé bíblico; só que o detalhe é que essa é bem anterior à

que consta na Bíblia, o que nos leva, por força da lógica, a concluir que tomaram essa lenda emprestada dos que habitavam na Mesopotâmia, fato que, por consequência, faz cair por terra a crença na inspiração divina dos textos sagrados.

E ainda temos, nessa lenda da mesopotâmia, que a humanidade havia voltado ao barro primitivo, ou seja, acreditavam também que o homem veio do barro, tal e qual dizem do lendário Adão bíblico.

E para reforçar mais ainda essa origem, transcrevemos:

No Gênesis, a história do dilúvio é uma das poucas que ainda alimenta o interesse dos cientistas, depois que os físicos substituíram a criação do mundo pelo Big Bang e Darwin substituiu Adão pelos macacos. O que intrigou os pesquisadores foi o fato de uma história parecida existir no texto épico babilônico de Gilgamesh – o que sugere que uma enchente de enormes proporções poderia ter acontecido no Oriente Médio e na Ásia Menor. Parte do mistério foi solucionado quando os **filósofos conseguiram demonstrar que a narrativa do Gênesis é uma apropriação do mito mesopotâmico. “Não há dúvida de que os hebreus se inspiraram no mito de Gilgamesh para contar a história do**

dilúvio”, afirma Rafael Rodrigues da Silva, professor do Departamento de Teologia da PUC de São Paulo, especialista em exegese do Antigo Testamento. ⁽¹⁸⁶⁾

Não há como contestar esse fato.

Êxodo 19,10-11: *“Iahweh disse a Moisés: ‘Vai ao povo, e faze-o santificar-se hoje e amanhã; lavem as suas vestes, estejam prontos depois de amanhã, porque depois de amanhã **Iahweh descera aos olhos de todo o povo sobre a montanha do Sinai**”.*

Duas coisas nos remetem a esse passo: a primeira, é a montanha do Sinai, na qual pensavam morar a divindade ⁽¹⁸⁷⁾, lembra-nos a designação de El Shaddai, como o Senhor da Montanha ⁽¹⁸⁸⁾; a segunda, é a crença de que os deuses se manifestavam nos montes, pela ligação bem próxima que faziam entre o céu e a terra. Essa manifestação divina vem reforçar tudo que já foi dito a respeito disso sobre ambas.

Êxodo 19,16: *“Ao amanhecer, desde cedo, houve trovões, relâmpagos e **uma espessa nuvem sobre a montanha**, e um **clamor muito forte de trombeta**: e o povo estava*

*no acampamento pôs-se a tremer. Moisés fez o povo sair do acampamento ao encontro de Deus, e puseram-se ao pé da montanha. Toda a montanha do Sinai fumegava, porque lahweh descera sobre ela no fogo; a sua fumaça subiu como a fumaça de uma fornalha, e **toda a montanha tremia violentamente**. O som da trombeta ia aumentando pouco a pouco; Moisés falava e Deus lhe respondia no trovão. lahweh desceu sobre a montanha do Sinai, no cimo da montanha”.*

As explicações, a seguir, sobre o Sinai são bem interessantes:

A localização do Sinai é difícil. Desde o século IV de nossa era, a tradição cristã o coloca ao sul da península da qual leva o nome, no *djebel Musa* (2.245m). Mas **uma opinião atualmente difundida evoca os traços característicos de um vulcão** na descrição da teofania (19,6+) e o itinerário de Nm 33 (cf. 33,1+), **para situar o Sinai na Arábia, onde os vulcões estavam ainda em atividade naquela época histórica.** Estes argumentos não são decisivos (cf. As notas indicadas), e outros textos supõem uma localização mais próxima do Egito e do Sul da Palestina. Por isso, outra teoria situa o Sinai, perto de Cades, apoiando-se nos textos que põe Seir, Edon e o monte Farã em relação com a manifestação divina (Jz 5,4; Dt 33,2; Hab 3,3).

Todavia, Cades nunca está associado com o deserto do Sinai, e alguns textos localizam claramente este último longe de Cades (Nm 11-13; 33; Dt 1,2.19). A localização ao sul da península permanece a mais verossímil. Apesar da importância constante dos acontecimentos e da legislação ligada ao Sinai (Ex 3,1-4-4,17; 18;19-40; Nm 1-10), os israelitas parecem ter-se logo esquecido de sua localização exata. [...]. ⁽¹⁸⁹⁾

[...] O monte Sinai é normalmente identificado com Jebel Musa, **um pico de 2.500 metros de altura** ao sul do “V” formado pelos golfos de Suez e Aqaba. Ao pé deste monte há uma planície de 4.000 metros de comprimento por 800 metros de largura na qual o povo poderia facilmente ter acampado durante os mais de 11 meses em que ali ficou. ⁽¹⁹⁰⁾

O monte Sinai, que supera em altura a todos os das províncias vizinhas, está tão cheio de rochedos escarpados, de todos os lados, que não somente com muita dificuldade lá se pode subir, mas não se poderia contemplá-lo, sem temor, pois **é crença comum que Deus mora lá** e esse lugar parece temível e inacessível. [...]. ⁽¹⁹¹⁾

Ora, as descrições “fumaça na montanha”, “clamor muito forte de trombeta” e “toda a montanha tremia violentamente”, nos faz lembrar uma ocorrência vulcânica; e com a explicação de

que, naquela época, os vulcões próximos da região estavam em atividade ⁽¹⁹²⁾, não temos como pensar em algo diferente disso.

Curioso é como acreditavam na presença da divindade no Monte Sinai:

[...] O céu estava tão claro e tão sereno, que não existia a menor nuvem; mas **surgiu uma nuvem** quase de repente, que cobriu todo o acampamento dos israelitas; um **vento** impetuoso, acompanhado de grande **chuva**, levantou um **furacão** violento; os **relâmpagos** seguiam-se, um tão perto do outro, que deslumbravam os olhos, não somente, mas lançavam o terror nos espíritos; o **raio** que caía com um ruído estranho, **indicava a presença de Deus**. [...]. ⁽¹⁹³⁾

A ignorância das causas dos fenômenos naturais fazia-os ver tais ocorrências como sendo a presença ou manifestação da divindade. Algumas vezes tinham-nos como resultado de sua ira, castigando os homens, como, por exemplo, nesta explicação de Josefo para o Mar Vermelho se fechar:

O **vento** juntou-se às vagas para aumentar a tempestade: grande **chuva** caiu dos céus. Os

relâmpagos misturaram-se com o ribombo do **trovão**, os **raios** seguiam-se aos trovões e, **para que não faltasse nenhum sinal dos mais severos castigos de Deus, na sua justa cólera para punir os homens**, uma noite sombria e tenebrosa cobriu a superfície do mar, de modo que de todo esse exército tão temível não restou um único homem que pudesse levar ao Egito a notícia da horrível catástrofe. ⁽¹⁹⁴⁾

Por outro lado, sendo isso verdade, então, as observações de Sigmund Freud, já mencionadas, e as que seguem, a respeito de Jeová, como um deus vulcânico, fazem sentido:

Esses historiadores modernos, dos quais podemos tomar Eduard Meyer como representante, concordam com a história bíblica num ponto decisivo. Também **eles acham que as tribos judaicas, que mais tarde se desenvolveram no povo de Israel, adquiriram uma nova religião num determinado ponto do tempo**. Contudo, segundo eles **isso não se realizou no Egito ou ao sopé de uma montanha na Península de Sinai**, mas numa certa localidade conhecida como Meribá-Cades, um oásis distinguido por sua riqueza em fontes e poços, na extensão de terra ao sul da Palestina; entre a saída oriental da Península de Sinai e a fronteira ocidental da Arábia. **Aí eles assumiram a adoração de um deus lavé ou Javé,**

provavelmente da tribo árabe vizinha dos madianitas. Parece provável que outras tribos da vizinhança também fossem seguidoras desse deus.

Javé era, indiscutivelmente, um deus vulcânico. Ora, como é bem-sabido, o Egito não possui vulcões e as montanhas da Península de Sinai nunca foram vulcânicas; por outro lado, existem vulcões que podem ter sido ativos, até tempos recentes, ao longo da fronteira ocidental da Arábia. Assim, uma dessas montanhas deve ter sido Sinai-Horeb, considerado a morada de Javé. ⁽¹⁹⁵⁾ Apesar de todas as revisões a que a história bíblica foi submetida, o retrato original do caráter do deus pode ser reconstruído, segundo Eduard Meyer: era um demônio sinistro e sedento de sangue, que vagueava pela noite e evitava a luz do dia. ⁽¹⁹⁶⁾

O mediador entre Deus e o povo, na fundação dessa religião, chamava-se Moisés. Era o genro do sacerdote madianita Jetro e cuidava de seus rebanhos quando recebeu a convocação de Deus. Foi também visitado por Jetro em Cades e recebeu alguns conselhos dele. ⁽¹⁹⁷⁾

Confirma-se, também, a questão de que somente ao pé do Sinai é que os hebreus tiveram contato com o Deus que Moisés queria lhes impor; não sem atritos, conforme veremos com os fatos registrados na Bíblia.

Números 14,1-4: *“Então toda a comunidade elevou a voz; puseram-se a clamar, e o povo chorou aquela noite. **Todos os filhos de Israel murmuraram contra Moisés e Aarão**, e toda a comunidade lhes disse: ‘Antes tivéssemos morrido na terra do Egito! Estamos morrendo neste deserto! E por que Iahweh nos traz a esta terra para nos fazer perecer à espada para entregar como presa as nossas mulheres e as nossas crianças? Não nos seria melhor voltar para o Egito?’ E diziam uns aos outros: **‘Escolhamos um chefe e voltemos para o Egito’**”.*

Números 14,11-12: *“E Iahweh disse a Moisés: **‘Até quando este povo me desprezará? Até quando recusará crer em mim, apesar dos sinais que fiz no meio deles? Vou feri-lo com pestilência e o deserdarei. De ti, contudo, farei uma nação maior e mais poderosa do que este povo’**”.*

Realmente é de se questionar: se Deus havia feito tantos sinais a favor dos hebreus por que motivo não O seguiam incondicionalmente? Certamente é pelo motivo de estarem ligados a uma outra crença, que não a que Moisés queria implantar.

Moisés faz Deus refletir sobre a ameaça de ferir o povo com pestilência, conseguindo que Ele

voltasse atrás:

Números 14,13-19: *“Moisés respondeu a lahweh: ‘Os egípcios ouviram que pela tua própria força fizeste sair este povo do meio deles’. Disseram-no também aos habitantes desta terra. Souberam que tu, lahweh, estás no meio deste povo, a quem te fazes ver face a face; que és tu, lahweh, cuja nuvem paira sobre eles; que tu marchas diante deles, de dia numa coluna de nuvem e de noite numa coluna de fogo. **Se fazes perecer este povo como um só homem, as nações que ouviram falar de ti vão dizer: ‘lahweh não conseguiu fazer este povo entrar na terra que lhe havia prometido com juramento e, por isso, o destruiu no deserto’.** Não! Mas que agora a tua força, meu Senhor, se engrandeça! Segundo a tua palavra: ‘lahweh é lento para a cólera e cheio de amor, tolera a falta e a transgressão, mas não deixa ninguém impune, ele que castiga a falta dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração.’ ‘Perdoa, pois, a falta deste povo segundo a grandeza da tua bondade, tudo conforme o tens tratado desde o Egito até aqui’”.*

Números 14,20-23: *“Disse lahweh: **‘Eu o perdoo, conforme a tua súplica.** Mas - eis que eu vivo! E a glória de lahweh enche toda a terra! - todos estes homens que viram minha*

*glória e os sinais que fiz no Egito e no deserto, estes homens que **já me puseram à prova dez vezes**, sem obedecer à minha voz, não verão a terra que prometi com juramento a seus pais. Nenhum daqueles que me desprezam a verá”*.

E aqui vemos o próprio Deus reclamando que os hebreus não o obedeciam. Estranha essa mudança de atitude, pois pensávamos que em suas decisões Deus não mudava de opinião, voltando atrás em alguma coisa, uma vez que isso é próprio de seres imperfeitos. E, a bem da verdade, não houve um perdão incondicional, porque apenas Ele mudou a ameaça:

*Números 14,26-35: “Iahweh falou a Moisés e a Aarão. Disse-lhes: **‘Até quando esta comunidade perversa há de murmurar contra mim?** Ouvi as queixas que os israelitas murmuram contra mim. Dize-lhes: Por minha vida - oráculo de Iahweh - eu vos tratarei segundo as próprias palavras que pronunciastes aos meus ouvidos. **Os vossos cadáveres cairão neste deserto, todos vós os recenseados, todos vós os enumerados desde a idade de vinte anos para cima, vós que tendes murmurado contra***

*mim. Juro que não entrareis neste país, a respeito do qual eu, levantando a mão, fiz juramento de nele vos estabelecer. Apenas Caleb, filho de Jefoné, e Josué, filho de Nun, e os vossos filhos, dos quais dizíeis que seriam levados como presa, serão eles que farei entrar e que conhecerão a terra que desprezastes. **Quanto a vós, os vossos cadáveres cairão neste deserto, e vossos filhos andarão errantes neste deserto durante quarenta anos**, carregando o peso da vossa infidelidade, até que os vossos cadáveres se consumam no deserto. Explorastes a terra durante quarenta dias. A cada dia corresponde um ano: por quarenta anos levareis o peso de vossas faltas e sabereis o que é o fato de me abandonar.’ Eu falei, eu mesmo, lahweh; é assim que tratarei toda esta comunidade perversa amotinada contra mim. Neste mesmo deserto não restará um deles e é ali que morrerão.”*

Apesar dos israelitas estarem às “portas” da terra prometida, foram mandados de volta para o deserto, local em que vagaram por quarenta anos e onde todas as pessoas de mais de 20 anos morreram. Então, percebe-se que lahweh queria se impor aos hebreus à força; usava Moisés como seu intermediário, conforme se apreende das narrativas

bíblicas. Porém, nós acreditamos que isso era do próprio Moisés, que, querendo se impor, usou fartamente do nome de Deus para conseguir seu intento.

Agora veremos uma rebelião na qual questionavam a liderança religiosa de Aarão e a política de Moisés.

Números 16,1-3: “**Coré**, filho de Isaar, filho de Caat, filho de Levi, **Datã e Abiram**, filhos de Eliab, e **On**, filho de Felet (Eliab e Felet eram filhos de Rúben), encheram-se de orgulho; levantaram-se contra Moisés, **juntamente com duzentos e cinquenta israelitas, príncipes da comunidade, respeitados nas solenidades, homens de renome. Ajuntaram-se, pois, contra Moisés e Aarão**, dizendo-lhes: ‘Basta! Toda a comunidade e todos os seus membros são consagrados, e lahweh está no meio deles. Por que, então, vos exaltais acima da assembleia de lahweh?’”

Números 16,12-14: “Moisés mandou chamar a Datã e Abiram, filhos de Eliab. Responderam eles: ‘Não iremos. Não é por acaso bastante que nos fizeste deixar uma terra que mana leite e mel, para nos fazer morrer neste

*deserto, e **queres ainda fazer-te príncipe sobre nós?** Na verdade não é uma terra que mana leite e mel a terra para a qual nos conduziste e não nos deste por herança campos e vergéis! Pensas em tornar cego a este povo? De modo algum iremos”.*

O questionamento dos revoltosos “*queres ainda fazer-te príncipe sobre nós*”, fez-nos lembrar de algo que nós vimos alhures sobre a possibilidade de Moisés ter retirado os hebreus do Egito para se tornar rei deles. Acreditamos que essa afirmativa cabe bem em quem lidera e quer impor alguma coisa, um novo deus, por exemplo, como, ao que tudo se parece, foi o caso de Moisés.

Curioso é o desenrolar dessa história:

Números 16,28-35: “Disse Moisés: ‘Nisto conhecereis que foi lahweh que me enviou para realizar todos estes feitos e que não fiz por mim mesmo: se estas pessoas morrerem de morte natural, atingidas pela sentença comum a todos os homens, então não foi lahweh que me enviou. Mas se lahweh fizer alguma coisa estranha, se a terra abrir a sua boca e os engolir, a eles e tudo aquilo que lhes pertence, e se descerem vivos ao Xeol,

*sabereis que estas pessoas desprezaram a lahweh'. E aconteceu que, acabando de pronunciar todas essas palavras, **o solo se fendeu sob os seus pés, a terra abriu a sua boca e os engoliu**, a eles e suas famílias bem como todos os homens de Coré e todos os seus bens. Desceram vivos ao Xeol, eles e tudo aquilo que lhes pertencia. A terra os recobriu e desapareceram ao meio da assembleia. A seus gritos, fugiram todos os israelitas que se encontravam ao redor deles. E diziam: 'Que a terra não engula a nós também!' **Saiu fogo da parte de lahweh e consumiu os duzentos e cinquenta homens que ofereciam sacrifício**".*

Provavelmente um fenômeno natural foi levado à conta da intervenção de lahweh; aliás, sempre faziam isso. Tudo leva a crer tratar-se de alguma movimentação de placas tectônicas que produziram simultaneamente, abertura de uma fenda no solo com uma lufada incandescente de alguma matéria de dentro da terra.

É certo que Moisés se esforçou para instituir a ideia de um Deus único; para isso tomou a providência de proibir que o povo adorasse a outros deuses e que também não tomasse para si as

práticas dos cananeus ao chegar à terra prometida. E, para nós, o fato dele ter-se esforçado tanto para instituir a adoração a um Deus único, torna-se óbvio que o povo era politeísta, ou, na melhor das hipóteses, adeptos do henoteísmo.

Êxodo 34,12-14: ***“Abstém-se de fazer aliança com os moradores da terra para onde vais, para que não te sejam uma cilada. Ao contrário, derrubareis os seus altares, quebrareis as suas colunas e os seus postes sagrados. Não adorarás outro Deus. Pois Iahweh tem por nome Zeloso: é um Deus zeloso”***.

Moisés, como se vê, queria eliminar tudo o que se referia à crença dos povos da região, entre eles, os cananeus. Robin Lane Fox, explicando o último versículo, diz:

Esta parte do relato já foi definitivamente datada, e sabe-se que foi escrita no século VI a.C.: **o monoteísmo não era uma tradição tão primitiva em Israel, e nem a ideia de uma aliança com Deus.** ⁽¹⁹⁸⁾

Isso só vem reforçar tudo quanto já se disse

sobre o assunto.

A partir daí, Moisés estabelece estatutos e normas, entre os quais encontramos esta recomendação:

Deuteronômio 5,7-9: ***“Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem esculpida de nada que se assemelhe ao que existe lá em cima, no céu, ou cá embaixo na terra, ou nas águas que estão debaixo da terra. Não te prostrarás diante desses deuses nem os servirás, porque eu, Iahweh teu Deus, sou um Deus ciumento, [...]”***

Certamente, uma determinação desse tipo, que, inclusive, consta dos Dez Mandamentos, só faz sentido para quem ainda não tinha um Deus único, ou seja, a crença monoteísta, que era justamente o que se queria implantar ao impedi-los de adorar, servir e fazer imagens de outros deuses. Fato que podemos confirmar com a explicação do passo Êxodo 20,3-5, cujo teor é igual ao deste que estamos comentando:

Aqui é rigidamente inculcado o monoteísmo,

ou seja, o culto do único e verdadeiro Deus e detesta-se a idolatria, à qual o povo era tão exposto e inclinado. É a razão por que é proibida a produção de imagens. Hoje, inexistindo esse perigo, são permitidas, pois são um auxílio válido para o culto exterior. ⁽¹⁹⁹⁾

Obviamente que era de se esperar o “salvamento” para o culto das imagens, porquanto, ela é de cunho católico, que admite imagens para identificar os seus denominados santos.

E quanto a isso, ou seja, a adorar outros deuses, os hebreus foram severamente advertidos, caso fizessem imagens: Deuteronômio: *“sereis depressa e completamente exterminados da face da terra da qual ides tomar posse ao atravessardes o Jordão.”*; porém, nem com essa ameaça eles O seguiram incondicionalmente. Insiste na questão de ser um Deus Zeloso (ciumento).

Aliás, essas ameaças eram uma constante entre os “homens de Deus”, num autêntico terrorismo religioso, visando implantar lahweh como o Deus único dos hebreus; mais à frente, daremos alguns exemplos.

E especificamente sobre os Dez Mandamentos, Champlin e Bentes, explicam-nos:

[...] Muitos teólogos têm HUMAN-izado a ideia veterotestamentária da lei, pois **dizem que a reivindicação de origem divina, da lei mosaica, não passa um uma invenção humana. Historicamente, isso exprime uma verdade** – pode-se mostrar que **os babilônios e outros povos antigos contavam com códigos legais bastante similares aos dos judeus**, e expressos com bastante elaboração. É nossa tendência subestimar a sensibilidade moral dos povos antigos. [...]. ⁽²⁰⁰⁾

Portanto, nem neste ponto podemos dizer que os hebreus foram originais.

E não sabemos as razões pelas quais não foram exterminados, pois, de fato, eles adoraram a outros deuses. Até vemos nisso uma certa incoerência, pois a vingança que havia prometido contra Amalec, por ele não ter permitido o povo hebreu passar por suas terras, deu ordens expressas a Saul para executá-la:

1 Samuel 15,3: *“Vai, pois, agora, e investe contra Amalec, condena-o ao anátema com*

*tudo o que lhe pertence, não tenhas piedade dele, **mata homens e mulheres, crianças e recém-nascidos, bois e ovelhas, camelos e jumentos***".

Se nos horrorizamos diante das barbaridades cometidas nas guerras contra civis, por qual motivo não deveríamos ter o mesmo procedimento em relação ao narrado nesse passo? Nos dias atuais alguém com um comportamento semelhante seria julgado e certamente condenado por crime contra a humanidade.

É por passagens como essas que não dá para se aceitar que o Deus do Antigo Testamento, fosse o Criador do Universo, que, sem a menor dúvida, nunca mandaria matar seus filhos e muito menos vingaria a atitude de um rei em mulheres, crianças e recém-nascidos, sem falar nos pobres animais que nada tinham a ver com a história e mesmo assim sofreram-lhes as consequências; acreditar nisso só para os fanáticos, que parecem deletar de sua mente qualquer possibilidade de raciocínio lógico.

Além disso, esse Deus é adepto do "faça o que eu digo, mas não faça o que faço", pois, em seus

mandamentos, encontramos: “*Não matarás*” (Êxodo 20,13) e “*não matarás o inocente e o justo*” (Êxodo 23,7).

Outras recomendações lhes foram transmitidas para quando tomassem posse da Terra Prometida:

Deuteronômio 18,9-14: “**Quando entrares na terra que lahweh teu Deus te dará, não aprendas a imitar as abominações daquelas nações.** Que em teu meio não se encontre alguém que queime seu filho ou sua filha, nem que faça presságio, oráculo, adivinhação ou magia, ou que pratique encantamentos, que interroque espíritos ou adivinhos, ou ainda que invoque os mortos; pois quem pratica essas coisas é abominável a lahweh, e é por causa dessas abominações que lahweh teu Deus as desalojará em teu favor. Tu serás íntegro para com lahweh teu Deus. Eis que as nações que vais conquistar ouvem oráculos e adivinhos. Quanto a ti, isso não te é permitido por lahweh teu Deus”.

A terra que “mana leite e mel”, que estavam por conquistar, era justamente a terra dos cananeus, o povo que adorava o deus El, que, pelo visto acima, também era dado a prognósticos e adivinhações,

muitas vezes obtidos por meio de suas relações com os seres espirituais, tidos à época como sendo deuses.

Números 21,7-9: “[...] *Moisés intercedeu pelo povo e lahweh respondeu-lhe: ‘Faze uma serpente abrasadora e coloca-a em uma haste. Todo aquele que for mordido e a contemplar viverá’.* **Moisés, portanto, fez uma serpente de bronze e a colocou em uma haste; se alguém era mordido por uma serpente, contemplava a serpente de bronze e vivia”.**

Aqui temos mais uma confirmação de uma incongruência de Deus, pelo uso do “faça o que digo, mas não faça o que eu faço”, porquanto, Ele proíbe fazer ídolos (Levítico 26:1) e, nesta passagem manda fazer uma serpente, que se tornou objeto de culto:

A **serpente** na antiguidade era o símbolo da divindade que cura. **Trata-se de um culto estranho que se introduziu até no templo de Jerusalém**, e foi abolido só no tempo de Ezequias. **Para afastar a impressão de magia**, já no livro da Sabedoria se afirma que a cura não provinha da serpente mas da misericórdia divina. ⁽²⁰¹⁾

Essa estátua só foi destruída por Ezequias; e neste período todo – sete séculos –, ela foi objeto de adoração, conforme corrobora a seguinte explicação:

A serpente de bronze. O que fora, setecentos anos antes, um meio de cura (Nm 21:8-9) tornou-se um ídolo adorado pelo povo. *Neustã* significa “um mero pedaço de bronze” – um desmascaramento desdenhoso do que aquela venerada relíquia realmente era. Destruí-la era a única alternativa certa para Ezequias. ⁽²⁰²⁾

A serpente de bronze foi conservada em Jerusalém até ao tempo de Ezequias (725-697 a.C.), o qual a destruiu por se ter tornado objeto de culto idolátrico (2Rs 18,4). O próprio Cristo explica o significado simbólico de todo o fato (Jo 3,14-15). ⁽²⁰³⁾

Embora alguns tradutores e exegetas tentem amenizar ou disfarçar o fato, não há como negar que os hebreus praticavam rituais cananeus; portanto, cultos pagãos aos quais tiveram ordem expressa de os eliminar destruindo todos os apetrechos e locais, conforme se vê nessa ordem divina a Moisés:

Números 33,51-52: *“Fala aos israelitas: tu lhes dirás: Quando tiverdes atravessado o Jordão,*

*em direção à terra de Canaã, expulsareis de diante de vós todos os habitantes da terra. Destruireis as suas imagens esculpidas, todas as suas estátuas de metal fundido, e **demolireis todos os seus lugares altos**".*

Vemos aqui que houve ordem expressa aos hebreus para que destruíssem os lugares altos, onde os cananeus praticavam seus rituais; porém, conforme vimos, eles, os próprios hebreus, também se utilizavam desses locais para praticar os seus rituais.

Josué 8,30-31: "*Josué então **edificou um altar a lahweh, Deus de Israel, sobre o monte Ebal**, como Moisés, servo de lahweh, havia ordenado aos israelitas, segundo o que está escrito no livro da Lei de Moisés: um altar de pedras brutas não trabalhadas com ferro. E nele ofereceram holocaustos a lahweh e imolaram sacrifícios de comunhão*".

Exatamente o que acabamos de falar sobre os lugares altos, utilizados pelos cananeus, que os hebreus também usavam, ou mais provavelmente, continuaram usando-os.

Números 25,1-3: "*Israel estabeleceu-se em*

*Setim. O povo se entregou à prostituição com as filhas de Moab. Estas convidaram o povo para sacrifício dos seus deuses; **o povo comeu e prostrou-se diante de seus deuses.** Estando Israel assim ligado com o Baal de Fegor, a ira de Iahweh se inflamou contra Israel”.*

Encontramos que o “prado das acácias, muitas vezes somente chamado de Setim, local a leste da Jordânia, na planície de Moab, quase em frente a Jericó. Foi o quadragésimo segundo acampamento dos israelitas, sendo seu último local de descanso antes de cruzar o rio Jordão” (204), para conquistar Canaã.

Assim, temos que, já bem às “portas” da terra prometida, os israelitas se envolveram com o culto pagão, prostrando-se diante do deus dos moabitas, o que se pode comprovar com esta explicação:

*Beelfegor [Baal-Fegor], ou Senhor de Fegor, era uma divindade dos moabitas, que habitavam a leste do mar Morto. Seu culto comportava práticas obscenas. **Israel consagrou-se a Beelfegor.** Trata-se da primeira apostasia do culto do verdadeiro Deus. **Não souberam resistir aos convites das mulheres moabitas, participaram***

dos ritos em honra do seu deus nacional, comeram as carnes das vítimas imoladas nos sacrifícios de comunhão, estabelecendo assim um vínculo sagrado com a divindade pagã e praticaram em larga escala a prostituição sagrada. Donde o castigo terrível de Deus. (Nm 21,8-9: A serpente de bronze foi conservada em Jerusalém até ao tempo de Ezequias (725-697 a.C.), o qual a destruiu por se ter tornado objeto de culto idólatrico (2Rs 18,4). O próprio Cristo explica o significado simbólico de todo o fato (Jo 3,14-15).
(²⁰⁵)

Como se vê, não estavam tão convictos assim da exclusividade da divindade à qual dizem que adoravam.

c) Dos Juízes a Salomão

Vejamos o que podemos encontrar no período em que os hebreus viveram sob administração dos juízes.

Juízes 2,6-19: “Então Josué despediu o povo e os israelitas partiram cada qual para a sua herança, a fim de tomar posse da terra. O povo serviu a lahweh durante toda a vida de Josué e toda a vida dos anciãos que sobreviveram a Josué e que conheceram toda a grande obra que lahweh fizera a favor de Israel... E quando

toda aquela geração, por seu turno, se reuniu a seus pais, sucedeu-lhe uma outra geração que não conhecia a lahweh nem a obra que ele tinha feito por Israel. Então **os israelitas fizeram o que era mau aos olhos de lahweh, e serviram aos baais**. Deixaram a lahweh, o Deus de seus pais, que os tinha feito sair da terra do Egito, e seguiram a outros deuses dentre os dos povos ao seu redor. Prostraram-se ante eles, e irritaram a lahweh, e **deixaram a lahweh para servir a Baal e às Astartes**. Então a ira de lahweh se acendeu contra Israel. [...] Então lahweh lhes suscitou juízes que os livrassem das mãos dos que os pilhavam. **Mas não escutavam nem mesmo aos seus juízes, e se prostituíram a outros deuses, e se prostraram diante deles**. Depressa se afastaram do caminho que seus pais haviam seguido, obedientes aos mandamentos de lahweh, e não agiram assim. Quando lahweh lhes suscitava juízes, lahweh estava com o juiz e os salvava das mãos dos seus inimigos enquanto vivia o juiz, porquanto lahweh se comovia por causa dos seus gemidos perante os seus perseguidores e opressores. **Mas logo que morria o juiz, reincidiam e se tornavam piores do que os seus pais. Seguiam a outros deuses, serviam-nos e se prostravam diante deles, e em nada renunciavam às obras e à conduta endurecida de seus pais”**.

Essa é a visão geral do período dos juízes, no qual os hebreus “prostituíram-se” com outros deuses. É muito sintomática a informação de que a Josué “*sucedeu uma outra geração que não conhecia lahweh nem a obra que ele tinha feito por Israel*”; sinal que, ou foram incompetentes em passar suas crenças à nova geração, ou, então, que lahweh não era tão bem conhecido por ser mais um entre os vários deuses a que seguiam.

Imagine, caro leitor, depois de tantos “milagres” feitos – as pragas no Egito, abrir o Mar Vermelho em dois, as codornizes, o maná, água saindo de pedra, etc. – ainda assim, diante de tantas coisas extraordinárias feitas a favor deles, os hebreus não seguiram incondicionalmente a lahweh. Não vemos outra razão senão a de que viviam em meio a crenças politeístas, cada uma tendo o seu deus maior, por mais que isso possa doer a algumas pessoas.

Explicam-nos os tradutores da *Bíblia de Jerusalém*, que:

A dupla “Baal e Astarte”, ou, no plural, “os

baais e astartes”, é, na Bíblia, a designação corrente das divindades cananeias. Baal, “o senhor”, é o princípio divino masculino, comumente considerado como o proprietário do solo. Astarte, que corresponde à Ishtar assíria, é a deusa do amor e da fecundidade. O seu nome é por vezes (3,7; 2Rs 23,4) substituído pelo de Aserá, outra divindade feminina do mesmo caráter (cf. Ex 34,13+) ⁽²⁰⁶⁾

Assim, fica claro, com as provas se acumulando cada vez mais, que os hebreus serviram, também a essas duas divindades cananeias.

E, especificamente, sobre Baal trazemos estas explicações de Champlin e Bentes:

BAAL (BAALISMO)

A palavra e seu uso. Essa é a palavra **hebraica que significa “proprietário”, “senhor” ou “marido”**. É usada em I Crô. 5:5; 8:30 e 9:36 como um nome pessoal; e, de modo geral, **designa a divindade cananea desse nome**. As identificações incluem aquelas com restrições a algum mero lugar de adoração, como Baal-Peor (Núm. 25:3), Baal-Gade (Jos. 11:17), Baal-Hermom (Juí. 3:3), etc. Algumas vezes, tais combinações indicam uma característica da divindade, e não algum lugar com o qual estaria associada, como

Baal-Berite (Baal do pacto, em Juí. 8:33); Baal-Zebube, talvez uma corruptela de Baal-Zebul (que significa “príncipe”, em II Reis 1:2). O próprio termo sugere que a divindade era considerada *proprietária* de um determinado lugar, pelo que exerceria controle ali, no tocante a certos aspectos da vida humana, mas, sobretudo, no tocante à fertilidade.

Baalismo. A adoração a Baal era, essencialmente, uma religião da natureza, cuja ênfase principal era a fertilidade. O Oriente Próximo exibiu várias formas de religião da fertilidade, e essa religião dos cananeus era a mais desenvolvida entre elas, quanto a esse aspecto. **Israel deixou-se arrastar pela influência do baalismo por meio de sincretismo (os hebreus incorporaram-no, ou ao menos aspectos seus, à sua fé), tendo havido uma reação profética (os profetas que reagiram contra esses elementos corruptores).**

Fontes informativas. O A.T., os tabletes de Ras Shamra (ver o artigo) e Filo Bíblico.

Ideias. *El seria o pai dos deuses*, mas não teria muito contato com os homens. Aserá era a deusa-mãe. Um filho (ou neto) de destaque deles seria Baal. Sua consorte, Astarte (que no A.T. aparece como Astarote ou Astorete), era a deusa da fertilidade (ver o artigo sobre ela). Nos tabletes de Ras Shamra, Anate aparece como a consorte de Baal. Seu maior inimigo era Mote (a morte). O clima da Síria e da Palestina contribuía para a elaboração dessa religião. As chuvas cessam em março-abril. Só começa a chover novamente em

outubro-novembro; e, durante o intervalo, pouca vegetação pode crescer. A menos que as chuvas voltem, a fome é inevitável. Assim, os cananeus personificaram as forças que fazem a vegetação voltar à vida. A razão pela qual as chuvas cessariam é que Baal seria morto em uma luta feroz contra Mote. E as chuvas retornariam porque os amigos de Baal (como o Sol – Shapsh ou Shemesh) e Astarte (fertilidade), devolveriam-lhe a vida (princípio da ressurreição). A terra floresceria novamente porque Baal e Astarte copulavam. Assim, temos nisso uma forma de religião que é, essencialmente, a adoração à natureza. Quando os homens perturbam os deuses ou deixam de agradá-los, há perturbações nas condições atmosféricas, ou nas vidas das famílias e das tribos.

Festividades, A fim de promover o sentimento religioso do povo e honrar os deuses, foram instituídas festas que apelavam ao impulso procriador e a licenciosidade, incluindo a prostituição masculina e feminina, que se tornou um acompanhamento indispensável nesses cultos de fertilidade. Isso prosseguia durante os períodos de festividade e fora dos mesmos.

Influência sobre Israel. Essa religião **exerceu grande influência sobre Israel, especialmente no norte (Israel, em contraste com Judá), onde as ideias e as culturas pagãs tomaram-se parte, mais rapidamente, da perspectiva religiosa dos israelitas.** Isso provocou os protestos dos profetas. Sob tais circunstâncias foi que Elias e seus sucessores postularam a pergunta se o Deus de

Israel era Yahweh ou Baal (ver I Reis 18). Os símbolos dessa adoração foram condenados pelos profetas, incluindo a árvore ou bosque sagrado, a coluna e os terafins (imagens, que incluíam figurinhas da deusa da fertilidade, que se tomaram populares e numerosas entre os israelitas). O protesto levantado pelos profetas contra esse tipo de religião pode ter sido um dos fatores que raramente permitia que Deus fosse chamado de *Pai*; e o A.T. não tem palavra que corresponda a *deusa*. Além disso, a expressão *filho de Deus*, aplicada ao homem, é rara no A.T. Tais termos poderiam ser erroneamente entendidos, em termos pagãos. No judaísmo havia o cuidado de se evitar a terminologia sexual no seio da família, porquanto isso era por demais comum nas religiões politeístas e de fertilidade, entre os vizinhos de Israel.

Fatores do vigor da religião de fertilidade. 1. Israel não expulsou os cananeus de suas terras, mas antes, misturou-se com eles em casamento. 2. Aqueles que tinham acabado de entrar na Terra Prometida tinham acabado de sair das experiências no deserto. Formas religiosas que fomentavam festividades e os prazeres sensuais eram alternativas tentadoras. Ou, pelo menos, elementos tomados por empréstimo dessas atividades que, sem dúvida, eram muito atrativos. 3. A lei de Israel era austera. Sempre será mais fácil seguir o curso de menor resistência. Assim, persistia por um lado a fé em Yahweh, e esta ia-se misturando com elementos cananeus. Esse processo sincretista é ilustrado em passagens como Juí. 2:1-5; 2:11-13,17, Is. 3:5-7; 6:25. A

mesma coisa se dava com combinações de palavras, como Jerubaal (ver Juí. 7:1), Beeliada (ver I Crô. 14:7), És-Baal e Meribe-Baal (ver I Crô. 8:33,34), que surgiram de outros nomes próprios. **As ostraca de Samaria (cerca de 780 A.C.) demonstram que para cada dois nomes que envolviam o nome de Yahweh, um era uma forma qualquer composta de Baal.** O trecho de I Reis 18 mostra-nos que o baalismo tornou-se tão forte em Israel que somente sete mil deles permaneceram fiéis à antiga fé. Elias conseguiu evitar o colapso total da fé judaica. Embora continuassem havendo reformas e o protesto dos profetas (ver Osé. 2:16,17), parece que foi necessário o cativo para impor a purificação necessária.

Dois grandes mitos de Baal. Os textos de Ras Shamra contêm esses mitos, a saber: 1. O conflito com o Príncipe do Mar e Juiz do Rio (o deus das águas obtém a ascendência e, arrogantemente, intimida os outros deuses). Baal, com a ajuda de alguns outros deuses, é capaz de derrotá-lo, confiando-o à sua devida esfera de atividade. Talvez essa luta seja simbolizada pelo leviatã da Bíblia, que poderia ser o mesmo *lotan*, a serpente enroscada. e que possivelmente seja idêntica ao Príncipe do Mar. – Alguns supõem que o Dia do Senhor (segundo originalmente concebido no judaísmo) poderia referir-se à vitória de Yahweh sobre as forças do caos. E esse conceito poderia depender do mito cananeu, acima descrito. 2. Outrossim, havia o deus que morria e ressuscitava; Baal, morto por Mote, era então ressuscitado pelo deus Sol e por Astarte. Tal suposta ressurreição era

acompanhada por grandes festividades de sensualismo. Apesar de que o judaísmo, como é óbvio, nunca desenvolvesse qualquer coisa similar, excetuando casos de empréstimos diretos extraídos das religiões de seus vizinhos pagãos, **alguns estudiosos supõem que o próprio conceito de ressurreição pode ter sido provocado, pelo menos em parte, por essa antiga crença.** Não há como determinar até que ponto isso pode ter sido verdade. Mas a verdade do conceito da ressurreição em nada é prejudicada ainda que os povos pagãos, de maneira crua, tivessem antecipado e expressado essa ideia à sua maneira ímpia. (E ID SMIT Z). ⁽²⁰⁷⁾

Ao referenciar Baal e Astera, na verdade, estavam retomando às divindades cananeias, ou quem sabe poderíamos dizer: estavam voltando às raízes.

Juízes 3,5-6: *“E os israelitas habitaram no meio dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuseus; **desposaram as filhas deles, deram seus filhos às filhas deles e serviram aos seus deuses**”.*

Eis mais uma prova bíblica irrefutável de que os hebreus adotaram as práticas dos povos, no meio

dos quais viviam. Esse tipo de comportamento é algo totalmente previsível a qualquer grupamento humano, e, certamente, com os hebreus não seria diferente.

É interessante ressaltar a coincidência de alguns pontos entre **as crenças dos povos mesopotâmicos e as dos hebreus, que, sendo seus vizinhos, naturalmente foram influenciados pela tradição regional.** Destacamos, entre outros pontos de contato, a analogia de Utnapishtim e Noé, do pobre inominado e Jó, a gula de Enil e o episódio da serpente, e entre o Éden e o Dilum. Também na mitologia grega encontramos a réplica de Gilgamesh em Hércules. ⁽²⁰⁸⁾

A questão do casamento dos hebreus com pessoas desses povos citados era algo terminantemente proibido:

Deuteronômio 7,3-4: **“Não contrairás matrimônio com elas, não darás tua filha a um de seus filhos, nem tomarás uma de suas filhas para teu filho; pois deste modo o teu filho se afastaria de mim para servir a outros deuses, e a cólera de lahweh se inflamaria contra vós, exterminando-te**

rapidamente”.

Fica claro que o objetivo da proibição era evitar que os hebreus se “contaminassem” com as divindades desses povos aos quais conquistariam a fio de espada.

Vejamos alguns juízes, citados em “História dos Juízes”, pela *Bíblia de Jerusalém*, em cujo período os hebreus abandonaram a lahweh, para adorar a outros deuses:

1. Otoniel

Juízes 3,7: “**Os israelitas fizeram o que é mau aos olhos de lahweh. Esqueceram lahweh seu Deus para servir aos baais e às aserás**”.

2. Aod

Juízes 3,12: “**Os israelitas recomeçaram a fazer o que era mau aos olhos de lahweh, e lahweh fortaleceu Eglon, rei de Moab, contra Israel, porque faziam o que era mau aos olhos de lahweh**”.

3. Débora e Barac

Juízes 4,1: “Depois da morte de Aod, **os israelitas começaram a fazer o que era mau aos olhos de lahweh**”.

4. Gedeão e Abimelec

Juízes 6,1: “Os israelitas fizeram o que era mau aos olhos de lahweh, [...]” (grifo nosso)

Juízes 8,33: “Depois da morte de Gedeão, **os israelitas voltaram a se prostituir aos baais e tomaram por Deus a Baal-Bertic**”.

5. Jefté

Juízes 10,6: “**Recomeçaram os israelitas a fazer o que era mau aos olhos de lahweh. Serviram aos baais e às astartes, e também aos deuses de Aram e de Sidônia, aos deuses de Moab e aos dos amonitas e dos filisteus. Abandonaram a lahweh e não mais o serviram**”.

Inclusive esse juiz fez uma promessa a lahweh que, se vitorioso sobre os amonitas, ele, Jefté, quando voltasse da guerra, ofereceria em holocausto a primeira pessoa que saísse da porta de sua casa para recebê-lo. Quem lhe apareceu foi sua filha, única, pois não tinha mais filhos, que foi a vítima oferecida a lahweh, por tê-lo feito ganhar a guerra.

Esse triste episódio se encontra narrado em Juízes 11,29-40.

Presumimos que, para tomar tal atitude de oferecer em sacrifício um ser humano, é porque isso fazia parte de uma prática à qual estava acostumado. E não se diga que essa foi uma atitude de obediência, semelhante à de Abraão em relação ao quase sacrifício de Isaac...

6. Sansão

Juízes 13,1: ***“Os israelitas recomeçaram a praticar o que era mau aos olhos de lahweh, [...]”***

7. Samuel

1 Samuel 7,3-4: ***“Desde o dia em que a Arca foi instalada em Cariat-larim, um longo tempo ocorreu, cerca de vinte anos, toda a casa de Israel suspirou por lahweh. Então, Samuel falou a toda a casa de Israel, dizendo: ‘Se é de todo o vosso coração que voltais a lahweh, tirai do meio de vós os deuses estrangeiros e as astartes, fixai o vosso coração em lahweh, e a ninguém mais sirvais a não ser a ele; então ele vos livrará da mão dos filisteus’”***.

Pela advertência de Samuel, o último dos juízes de Israel (1 Samuel 7,15), fica óbvio que, no período, serviam “aos deuses estrangeiros e as astartes” e, como estamos vendo, isso é algo recorrente entre os hebreus. Além disso, ainda podemos encontrar entre eles o uso de práticas pagãs, como a que já mencionamos, sobre as montanhas ou lugares altos; este passo é mais um exemplo:

1 Samuel 9,12: *“Elas lhes responderam com estas palavras: ‘Está sim. Acaba de chegar, um pouco antes de ti. Apressa-te: ele veio hoje à cidade porque **será oferecido um sacrifício pelo povo no lugar alto**”.*

No passo narra-se a resposta de duas jovens a Saul, quando ele estava procurando Samuel. Conforme já vimos, os rituais praticados em lugares altos era uma prática pagã que os hebreus absorveram dos cananeus, incluindo-os no rol dos seus atos cultuais.

1 Samuel 12,19-21: *“Todo o povo disse a Samuel: ‘Intercede por nós, teus servos, a lahweh **teu Deus**, para que não morramos, pois a todos os nossos pecados acrescentamos*

a desgraça de pedir um rei para nós'. Mas Samuel disse ao povo: 'Não temais! Cometestes todo esse mal. Somente não vos afasteis de lahweh, mas servi-o com todo o vosso coração. **Não vos afasteis dele, pois isso seria seguir o vazio, que não serve para nada e não pode libertar, pois os ídolos são vazios**'".

Foi Samuel quem sagrou Saul como o primeiro dos reis de Israel, que reinou apenas dois anos. Nada de muito anormal em seu reinado, quanto ao aspecto de fazer as coisas agradáveis a lahweh; entretanto, um acontecimento simples põe em evidência uma das formas, entre outras, com a qual consultavam a Deus; vejamos:

1 Samuel 14,41-42: "Saul disse a lahweh: 'lahweh, Deus de Israel, por que não respondeste hoje ao teu servo? Se o pecado recai sobre mim ou sobre o meu filho Jônatas, ó lahweh, Deus de Israel, **dá Urim**; se a falta foi cometida pelo teu povo de Israel, **dá Tummim**'. Saul e Jônatas foram apontados, e o povo ficou livre. Saul disse: '**Lançai a sorte** entre mim e o meu filho Jônatas', e Jônatas foi apontado".

Sobre essas duas pedras em forma de dados,

explicam-nos os tradutores da Bíblia de Jerusalém:

O texto mostra como se consultava a Deus a partir de dois dados contidos numa caixa ou efod; chamavam-se *Urim e Tummim* (o valor das palavras é incerto) e davam-lhes uma significação convencional. Era, pois, uma resposta por *sim* ou *não* (cf. 23,10-12), e a consulta era às vezes longa. O **manejo das sortes estava reservado aos sacerdotes levitas (Nm 27,21; Dt 33,8). O costume caiu em desuso depois do reinado de Davi e não foi restabelecido (cf. Esd 2,63=Ne 7,65). ⁽²⁰⁹⁾**

O *urim* e *tummim* eram considerados como sortes sagradas, e por meio deles se faziam as consultas a Deus. Conforme a maneira com que caíam, eram vistos como um “sim” ou como um “não”, numa versão bem antiga de um autêntico “cara ou coroa”. Essa foi de morte!

Vejamos, agora, uma outra história bem interessante:

1 Samuel 19,10-17: “[...] Naquela mesma noite, Saul despachou emissários para vigiar a **casa de Davi** para que o matassem pela manhã. Mas Micol, mulher de Davi, lhe deu este conselho: ‘Se não escapares esta noite,

*amanhã serás um homem morto!’ Micol fez Davi descer pela janela e ele saiu correndo e escapou naquela noite. **Micol apanhou o terafim**, deitou-o na cama, pôs-lhe na cabeça uma pele de cabra e estendeu sobre ele um manto. Aos mensageiros que Saul mandara trazer Davi, ela disse: ‘Está doente’. Mas Saul mandou outra vez os mensageiros, para que vissem Davi, e disse-lhes: ‘Trazei-mo na sua cama, para que eu o mate!’ Os mensageiros entraram e deram com o terafim na cama, e a pele de cabra na cabeceira. Saul disse a Micol: ‘Por que me traíste e deixaste fugir o meu inimigo?’ Micol respondeu a Saul: ‘Foi ele quem me disse; Deixa-me partir ou te mato!’”.*

Micol foi a filha que Saul, quando rei de Israel, deu a Davi por mulher (1 Samuel 18,27); ela trai o pai para salvar seu marido, colocando em seu lugar, na cama, um terafim. Vejamos do que isso se trata:

Terafim. Palavra hebraica que significa “ídolos”. Quando Jacó se afastou de seu sogro Labão, sua esposa Raquel ocultou os *terafim* da casa sob as roupas (Gen 31,19.34s). Por onde se vê que **eram pequenas estátuas** veneradas supersticiosamente como as representações dos espíritos tutelares do lar dos antigos romanos. No tempo dos Juízes, um israelita de nome Micas fez uns *terafim* (Jz 17,5ss) que **tanto podiam ser ídolos como outros**

objetos empregados como meio de adivinhação. Micol, filha de Saul e esposa de Davi, salvou a seu esposo colocando na cama um *terafim* (estátua) coberto com uma pele para fazer crer aos guardas que Davi estivesse ali, doente (1Sam 19,13). O bom rei Josias destruiu os *terafim* aos quais se prestava culto no reino de Judá (4Rs 23,24). ⁽²¹⁰⁾

TERAFINS

Há várias opiniões quanto ao significado dessa palavra, desde “nutridores” até “coisas vis”. Por esse motivo, alguns estudiosos preferem pensar que o termo é de sentido incerto. **O que é certo é que os “terafins” eram ídolos domésticos**, que iam desde aqueles de pequenas dimensões (Gên. 31:34,35), até aqueles de tamanho quase natural (I Sam. 19:13,16).

Recentes descobertas arqueológicas, feitas em Nuzi, no Iraque, têm iluminado a função e a significação desses ídolos. **A posse de um terafim indicava quem era o líder da família, com todos os direitos daí provenientes.** Quando Raquel furtou os terafins de seu pai (ver Gên. 31:19), isso foi uma tentativa que ela fez de conseguir tal liderança, para seu marido, Jacó, embora tal direito pertencesse por direito, aos irmãos dela. A irritação de Labão, pois, fica esclarecida por meio desse detalhe.

Ao que parece, durante grande parte de sua história os israelitas não pensavam que a posse de tais ídolos era incoerente com a adoração a Yahweh, cf. Juí. 17,18, mas,

especialmente, o trecho de I Sam. 19:13,16, onde se aprende que **havia terafins até mesmo na casa de Davi**. Foi a partir da época de Samuel (ver I Sam. 15:23), e daí até os dias de Zacarias (ver Zac. 10:2), que os terafins começaram a ser desaprovados.

A função dos terafins que os profetas mais combatiam era a função da adivinhação. Nessa qualidade de objetos de adivinhação, os terafins são, frequentemente mencionados juntamente com estolas sacerdotais, também usadas nas adivinhações (Juí, 17 e 18; onde parecem ser objetos separados dos ídolos; e também Osé. 3:4). Entre as coisas e as atividades que foram expurgadas durante a reforma instituída por Josias, parece que os terafins foram reunidos juntamente com os médiuns e os bruxos. **Lemos que o rei da Babilônia costumava consultá-los** (Eze. 21:21), mas o profeta Zacarias declarou que eles eram faladores de “cousas vãs”. Nessa passagem do livro de Ezequiel, novamente vemos a designação “ídolos do lar”. Oseias referiu-se, esperançoso, ao tempo futuro quando Israel, dependendo totalmente de Deus, será capaz de viver sem apelar para os terafins (Osé. 3:4).

Alguns estudiosos têm sugerido que a função de adivinhação dos ídolos do lar talvez explique o uso obscuro da palavra hebraica *elohim*, que pode ser compreendida como “deus” ou como “deuses”, em Êxodo 21:6 e 22:7-10. ⁽²¹¹⁾

Então, fica claro que na casa de Davi havia um

terafim, que, conforme explicado, era usado para se fazer adivinhações; conseqüentemente, algo relacionado a ritual pagão para se consultar os deuses. Inclusive, foi dito que o rei da Babilônia costumava consultá-los.

A dúvida que nos surgiu foi: se o terafim usado por Micol, fazia parte dos ídolos que Davi e seus homens teriam levado pertenciam aos filisteus (2 Samuel 5,21) ou seria algum outro que, porventura, já possuía? Além disso, ficamos ainda sem entender essa atitude de Davi, pois o que, geralmente, os hebreus faziam era destruir os ídolos dos povos pagãos vencidos nas batalhas.

Temos conhecimento de que *“Isbaal, filho de Saul, tinha quarenta anos quando se tornou rei de Israel, e reinou por dois anos. Somente a casa de Judá seguia Davi. E Davi reinou sobre a casa de Judá, em Hebron, durante sete anos e meio”*. (2 Samuel 2,10-11). Davi, à frente do governo de Judá, segue fielmente a lahweh; contudo, ao lhe construir um altar, comprando o terreno de Areúna, adota o costume pagão dos lugares altos:

A eira de Areúna encontrava-se fora da cidade, **sobre a colina** que dominava a primitiva Jerusalém ao norte; foi aí que mais tarde se construiu o Templo de Salomão (cf. 5,9+). ⁽²¹²⁾

Ao ficar com idade avançada, Davi resolve transferir o trono a seu filho Salomão. O interessante é que de Salomão (970 a.C. aprox.) a Sedecias (587 a.C.), ou seja, durante quase 400 anos, época da deportação para a Babilônia, veremos que, na maior parte desse período de tempo, eles adoravam a outros deuses, o que reforça, acreditamos, até sem ter como se contestar, que não eram mesmo monoteístas, mas sim, politeístas.

Salomão foi o terceiro rei de Israel, cujo reinado, sabemos, se deu de 970 aproximadamente a 931 a.C.:

1 Reis 3,1-3: *“Salomão tornou-se genro do Faraó, rei do Egito; tomou por sua esposa a filha de Faraó e introduziu-a na Cidade de Davi, até que acabasse de construir o seu palácio, o Templo de Iahweh e as muralhas em torno de Jerusalém. **O povo oferecia sacrifícios nos lugares altos**, pois até então ainda não tinha sido construída uma casa para*

*o Nome de Iahweh. Salomão amou a Iahweh: comportava-se segundo os preceitos de seu pai Davi: mas **oferecia sacrifícios e incenso nos lugares altos**".*

Aqui, parece-nos que quem tentou amenizar o fato de estarem oferecendo sacrifícios em lugares altos foi o próprio autor bíblico:

O autor pretende talvez desculpar o sacrifício de Salomão num desses lugares altos. Trata-se de santuários locais, com uma árvore frondosa, um altar, uma estela sagrada. [...] **geralmente herdados dos cananeus e dedicados aos baais.** Os israelitas os dedicam a *Yhwh*, não sem expor-se ao sincretismo religioso. Josias pretende suprimi-los totalmente. ⁽²¹³⁾

Agora, sim, temos afirmações mais coerentes com a realidade do povo hebreu, pois, certamente, viviam num sincretismo religioso: “fusão de diferentes cultos ou doutrinas religiosas, com reinterpretação de seus elementos”. ⁽²¹⁴⁾

1 Reis 11,4-8: *“Quando ficou velho, suas mulheres desviaram seu coração para outros deuses e seu coração não foi mais todo de Iahweh seu Deus, como o fora o de Davi, seu*

*pai. Salomão prestou culto a Astarte, deusa dos sidônios e a Melcom, a abominação dos amonitas. **Fez mal aos olhos de Iahweh** e não Ihe foi fiel plenamente, como seu pai Davi. Foi então que **Salomão construiu um santuário para Camos**, a abominação de Moab, na montanha a leste de Jerusalém, e **para Moloc**, a abominação dos amonitas. Fez o mesmo para todas as suas mulheres estrangeiras, que ofereciam incenso e sacrifícios aos seus deuses”.*

Interessante que Salomão era considerado um sábio, cuja sabedoria Ihe foi dada pelo próprio Deus. Aí cabe a pergunta: Se o rei, pessoalmente, teve seu coração desviado para outros deuses, que dirá o resto dos súditos? Após sua morte, seu filho Roboão Ihe sucederia no trono; entretanto, houve um cisma em Israel, cujo resultado foi a sua divisão em dois reinos: o de Israel e o de Judá. Listaremos seus reis separadamente, objetivando mostrar uma visão mais pormenorizada de cada um deles.

d) Judá e Israel

1) Reis de Israel

Jeroboão I (931-910):

1 Reis 12,28-33: “Depois de ter pedido conselho, **fez dois bezerros de ouro** e disse ao povo: 'Deixai de subir a Jerusalém! Israel, **eis teus deuses que te fizeram sair da terra do Egito**”. Erigiu um em Betel e pôs o outro em Dã. Esse procedimento levou ao pecado, o povo foi em procissão diante do outro até Dã. **Estabeleceu o templo dos lugares altos**, e designou como sacerdotes homens tirados do povo, que não eram filhos de Levi. Jeroboão celebrou uma festa no oitavo mês, no décimo quinto dia do mês, à semelhança da que se celebrava em Judá, e subiu ao altar. **Assim, fez ele em Betel, sacrificando aos bezerros que fizera e estabeleceu em Betel os sacerdotes dos lugares altos que instituía**. Subiu ao altar que tinha feito em Betel, no décimo quinto dia do oitavo mês, isto é, no mês que ele escolhera arbitrariamente; instituiu uma festa para os israelitas e subiu ao altar para queimar incenso”.

Nadab (910-909):

1 Reis 15,26: “**Fez mal aos olhos de lahweh; imitou o comportamento de seu pai e o pecado ao qual tinha arrastado Israel**”.

Baasa (909-886):

1 Reis 15,34: “**Fez mal aos olhos de lahweh e imitou a conduta de Jeroboão e o pecado ao qual ele tinha arrastado Israel**”.

Ela (886-885):

1 Reis 16,12-13: “Zambri exterminou toda a casa de Baasa, segundo a predição que lahweh fizera contra Baasa, por intermédio do profeta Jeú, **por causa de todos os pecados** que cometeram Baasa e **Ela, seu filho, e fizeram Israel cometer, irritando lahweh, Deus de Israel, com seus ídolos vãos**”.

Zambri (885):

1 Reis 16,18-19: “Quando Zambri viu que a cidade ia ser tomada, entrou na cidadela do palácio real, pôs fogo no palácio, estando lá dentro, e morreu. **Tudo por causa do pecado que cometera, fazendo mal aos olhos de lahweh, imitando a conduta de Jeroboão e o pecado que fizera, levando Israel a pecar**”.

Amri (885-874):

1 Reis 16,25-26: “Amri **fez o mal aos olhos de lahweh**, superando nisso todos os seus

antecessores. **Imitou em tudo a conduta de Jeroboão**, filho de Nabat, e os pecados que a este levara Israel, irritando lahweh, Deus de Israel, **com seus ídolos vãos**".

Acab (874-853):

1 Reis 16,30-33: "Acab, filho de Amri, **fez o mal aos olhos de lahweh**, mais do que todos os seus antecessores. Como se não lhe bastasse imitar os pecados de Jeroboão, filho de Nabat, desposou ainda Jesabel, filha de Etbaal, rei dos idônios e **passou a servir a Baal e a adorá-lo, erigiu-lhe um altar no templo de Baal**, que construiu em Samaria. Acab também **erigiu um poste sagrado e cometeu ainda outros pecados**, irritando lahweh, Deus de Israel, mais que todos os reis de Israel que o precederam".

Ocozias (853-852):

1 Reis 22,53-54: "**Fez mal aos olhos de lahweh** e imitou o comportamento de seu pai e de sua mãe, e o de Jeroboão, filho de Nabat, que levara Israel a pecar. **Prestou culto a Baal e prostrou-se diante dele** provocando a ira de lahweh, Deus de Israel, como o fizera seu pai".

Jorão (852-841):

2 Reis 3,2-3: “**Fez mal aos olhos de lahweh**; não, porém, como seu pai e sua mãe, pois derrubou a estela de Baal que seu pai tinha feito. Mas continuou apegado aos pecados de Jeroboão, filho de Nabat, fez Israel cometer e deles não se apartou”.

Jeú (841-814):

2 Reis 10,28-31: “Assim, Jeú fez Baal desaparecer de Israel. Entretanto, Jeú **não se desviou dos pecados que Jeroboão**, filho de Nabat, fizera Israel cometer, os bezerros de ouro de Betel e Dã. [...] Mas Jeú **não seguiu fielmente e de todo o seu coração a lei de lahweh**, Deus de Israel; não se afastou dos pecados que Jeroboão fizera Israel cometer”.

Joacaz (814-798):

2 Reis 13,2: “**Fez o mal aos olhos de lahweh** e imitou o pecado ao qual Jeroboão, filho de Nabat, arrastou Israel e não se afastou dele”.

Joás (798-783):

2 Reis 13,11: “**Fez o mal aos olhos de**

lahweh e não se afastou do pecado ao qual Jeroboão, filho de Nabat, havia arrastado Israel, mas obstinou-se nele”.

Jeroboão II (783-743):

2 Reis 14,24: “**Fez mal aos olhos de lahweh** e não se afastou de todos os pecados aos quais Jeroboão, filho de Nabat, havia arrastado Israel”.

Zacarias (743):

2 Reis 15,9: “**Fez o mal aos olhos de lahweh**, como fizeram seus pais, e não se afastou dos pecados aos quais Jeroboão, filho de Nabat, havia arrastado Israel”.

Selum (743):

2 Reis 15,13: “Selum, filho de Jabes, tornou-se rei no trigésimo nono ano de Ozias, rei de Judá, e reinou um mês em Samaria’.

Nada foi informado sobre o período de um mês de seu reinado, porém, é provável que tenha agido como o seu antecessor e o seu sucessor, que fizeram mal aos olhos de lahweh.

Manaém (743-738):

2 Reis 15,18: “**Fez mal aos olhos de lahweh**, não se afastando, durante sua vida, dos pecados aos quais Jeroboão, filho de Nabat, havia arrastado Israel”.

Faceias (738-737):

2 Reis 15,24: “**Fez o mal aos olhos de lahweh**, não se afastando dos pecados aos quais Jeroboão, filho de Nabat, havia arrastado Israel”.

Faceia (737-732):

2 Reis 15,28: “**Fez o mal aos olhos de lahweh**, não se afastando dos pecados aos quais Jeroboão, filho de Nabat, havia arrastado Israel”.

Oseias (732-724):

2 Reis 17,2: “**Fez o mal aos olhos de lahweh**, mas não como os reis de Israel seus predecessores”.

O rei da Assíria conquistou toda essa região, tendo como justificativa, pelo autor de 2 Reis:

2 Reis 17,7-23: “Isso aconteceu porque os israelitas pecaram contra Iahweh seu Deus, que os fizera subir da terra do Egito, libertando-os da opressão do Faraó, rei do Egito. Adoraram outros deuses e seguiram os costumes das nações que Iahweh havia expulsado de diante deles, e os costumes estabelecidos pelos reis de Israel. Os israelitas proferiram palavras inconvenientes contra Iahweh seu Deus, construíram lugares altos em toda parte em que habitavam, deste as torres de vigia até as cidades fortificadas. Erigiram para si estelas e postes sagrados sobre toda colina elevada e debaixo de toda árvore verdejante. Sacrificaram em todos os lugares altos, imitando as nações que Iahweh havia expulsado de diante deles, e cometeram ações más, provocando a ira de Iahweh. Prestaram culto aos ídolos, embora Iahweh lhes houvesse dito: ‘Vós não fareis tal coisa’. No entanto, Iahweh tinha feito esta advertência a Israel e a Judá, por meio de todos os profetas e videntes: ‘Converti-vos de vossa má conduta e observai meus mandamentos e meus estatutos, conforme toda a Lei que prescrevi a vossos pais e que lhes comuniquei por intermédio de meus servos, os profetas’. Mas **eles não obedeceram** e endureceram a sua cerviz como o haviam feito seus pais, que não tinham acreditado em Iahweh seu Deus. Desprezaram

seus estatutos, bem como a aliança que ele havia concluído com seus pais, e as ordens que lhes havia dado. Correndo atrás da Vaidade eles próprios se tornaram vaidade, como as nações ao redor, apesar de lahweh lhes ter ordenado que não agissem como elas. **Rejeitaram todos os mandamentos de lahweh seu Deus, fabricaram para si estátuas de metal fundido, os dois bezerros de ouro, fizeram um poste sagrado. Adoraram todo o exército do céu e prestaram culto a Baal. Fizeram passar pelo fogo seus filhos e filhas, praticaram a adivinhação e a feitiçaria, e venderam-se para fazer o mal na presença de lahweh, provocando sua ira.** Então lahweh irritou-se sobremaneira contra Israel e arrojou-o para longe de sua face. Restou apenas a tribo de Judá. **Judá tampouco guardou os mandamentos** de lahweh seu Deus; seguiu os estatutos que Israel praticava. Por isso, lahweh, rejeitou toda a raça de Israel, humilhou-a e entregou-a aos saqueadores, e enfim baniu-a para longe de Sua face. Ele, com efeito, havia separado Israel da casa de Davi e Israel tinha proclamado como rei Jeroboão, filho de Nabat; **Jeroboão afastou Israel de lahweh e levou-o a cometer um grande pecado. Os israelitas imitaram todos os pecados que Jeroboão cometera e dele não se afastaram,** até que finalmente

*lahweh banuiu Israel de sua presença, como o havia anunciado por Intermédio de seus servos, os profetas; **deportou Israel para longe de sua terra, para a Assíria, onde está até hoje***".

Confirma-se, portanto, que os hebreus não faziam questão de adorar e servir a lahweh, pois, ao longo de toda a sua história, sempre estiveram envolvidos com o culto a outros deuses, com maior ênfase aos deuses dos cananeus.

E aqui temos o relato sobre o repovoamento do reino do Norte, Israel:

2 Reis 17,24-41: "O rei da Assíria mandou vir gente de Babilônia, de Cuta, de Ava, de Emat e de Sefarvaim, e estabeleceu-os nas cidades da Samaria, em lugar dos israelitas; tomaram posse da Samaria e fixaram-se em suas cidades. Quando começaram a se instalar na terra, não veneravam lahweh e este mandou contra eles leões, que os matavam. Disseram, pois, ao rei da Assíria: 'As populações que deportaste para fixá-las nas cidades da Samaria não conhecem o ritual do deus da terra, e ele mandou leões contra elas. Os leões as matam porque elas não conhecem o ritual do deus da terra". Então o rei da Assíria

ordenou: 'Mandai para lá um dos sacerdotes que deportastes,' que ele se estabeleça lá e lhes ensine o ritual do deus da terra'. Então veio um dos sacerdotes que haviam deportado de Samaria e se fixou em Betel; este ensinava-lhes como deviam venerar lahweh. **Mas cada nação fabricou para si seus próprios deuses e os colocou nos templos dos lugares altos**, que os samaritanos haviam feito; assim fez cada povo nas cidades em que habitou. Os babilônios fizeram uma estátua de Sucot-Benot, os de Cuta, uma de Nergel, os de Emat, uma de Asima, os de Ava, uma de Nebaaz e uma de Tartac, e os de Sefarvaim queimavam seus filhos em honra de Adramelec e de Anamelec, deuses de Sefarvaim. Prestavam culto também a lahweh e dentre seus homens elegeram sacerdotes, que oficiavam para eles nos templos dos lugares altos. **Veneravam lahweh e serviam a seus deuses, segundo o costume das nações de onde tinham sido deportados.** Seguem ainda hoje seus ritos antigos. Não honravam lahweh, nem observavam suas regras e seus ritos, nem a lei e os mandamentos que lahweh havia determinado aos filhos de Jacó, a quem dera o nome de Israel. lahweh concluíra com eles uma aliança e lhes havia dado esta ordem: 'Não adorareis deuses estrangeiros, nem vos prostrareis diante deles, não lhes prestareis culto e não

*lhes oferecereis sacrifícios. Mas somente a lahweh, que vos fez subir da terra do Egito pelo grande poder de seu braço estendido, é que deveis tributar vosso culto, adoração e sacrifícios. Observareis os estatutos e as normas, a lei e os mandamentos que ele vos deu por escrito, a fim de que os guardeis para sempre, e não prestareis culto a outros deuses. Não esqueçais a aliança que concluí convosco e não presteis culto a deuses estrangeiros; adorai somente a lahweh, vosso Deus, e ele vos libertará da mão de todos os vossos inimigos'. Eles, porém, não obedeceram e continuam a seguir seu antigo rito. **Assim, essas nações adoravam a lahweh e prestavam culto a seus ídolos; seus filhos e seus netos continuam até hoje fazendo o que fizeram seus pais**".*

Antes de avançar para os reis de Judá, vamos dar algumas informações do profeta Elias, que exerceu atividades durante o reinado de Acab (874-853), porquanto, elas reforçarão mais ainda o que estamos descobrindo sobre a prática religiosa dos hebreus.

Elias, o mais célebre dos profetas, foi enviado por Deus para se opor à idolatria que grassava. Cumpriu a missão com a virtude e com milagres.

Tesbita, isto é, de *Tisbe*, cidade a oriente do Jordão. Estes poucos traços de uma biografia certamente mais ampla do profeta, foram provavelmente inseridos no livro não só para lembrar a obra, mas também para despertar a fé lânguida dos israelitas, chamando-lhes a atenção para a atitude firme de Elias. A missão do profeta começa vaticinando a seca, como **castigo de idolatria**, enquanto ruptura da Aliança. Interessante notar a particularidade do castigo: **os israelitas haviam abandonado o seu Deus para adorar Baal**, considerado precisamente o deus da chuva; ora, a seca devia fazer constatar a incapacidade daquela divindade em dar a chuva. ⁽²¹⁵⁾

Elias: Profeta dos *israelitas*. Os *judeus* acreditavam num Deus único. Mas essa crença sofreu mudanças. Na *Bíblia hebraica* se lê que os israelitas sempre se voltaram para os deuses *Baal*, adorados pelos povos vizinhos. **Elias anunciou-lhes um só e único Deus de Israel, Javé**. Ele propunha o *monoteísmo*. – Do hebraico = meu Deus é Javé. ⁽²¹⁶⁾

Se Elias teve a missão de “anunciar-lhes um só e único Deus”, então, fica provado que não é tão pacífica assim a ideia de que já acreditavam nisso. Ambas as explicações confirmam que os hebreus adoravam outros deuses.

O deus aqui citado é Baal, do qual já falamos alguma coisa, mas para clarear mais o assunto traremos as seguintes informações.

Baal: No mundo bíblico, designação para divindades cultuadas em determinados lugares. A divindade era considerada proprietária da fonte, árvore ou cidade, onde era invocada. Havia numerosos Baais, tidos como deuses da fertilidade. **Os profetas de Israel combateram o culto a Baal como um desvio do Deus único.** – Do hebraico = senhor, proprietário. ⁽²¹⁷⁾

Baal. Palavra hebraica que **significa senhor, marido, dono. Nos primeiros tempos, os israelitas usavam o termo Baal para o verdadeiro Deus, como se pode concluir do uso de certos nomes de pessoas e lugares,** tais como Baal-Farasim (2 Sam 5,20), Esbaal, filho de Saul (I Par 8,33), Meribaal, filho de Jônatan (I Par 8,34), Baaliada, filho de Davi (I Par 14,7), etc. Mais tarde entretanto, por causa das recordações idólatras que sugeria o termo, **a palavra Baal não foi mais aplicada ao verdadeiro Deus** e tornou-se comum usá-la para designar qualquer uma das várias divindades pagãs, especialmente o Deus Sol dos fenícios (Os 2,16). **Os judeus frequentemente caíam no pecado de adorar a Baal, oferecendo-lhe sacrifícios humanos, erigindo-lhe altares e templos e consagrando-lhe sacerdotes para seu culto** (3 Rs 16,31-33; 18,22; 4 Rs 17,16; 2 Par 33,3-6; Jer 19,5; 32,35). O

culto de Baal era frequentemente caracterizado pelos ritos mais revoltantes e impuros (3 Rs 14,24; 15,12; 22,47; 4 Rs 23,7; Os 4,14). Gedeão destruiu os sacerdotes de Baal (3 Rs 18). Frequentemente o nome Baal é encontrado em sua forma plural: *Baalim* (Jz 3,7; etc.). Depois que a palavra passou a designar deuses pagãos, conceberam os israelitas bons tal horror ao termo que chegaram a mudar os nomes de antigos personagens em cuja composição estivesse essa palavra, assim Isbaal (homem de Deus) recebeu nova forma: *Isboset* (homem da ignomínia). ⁽²¹⁸⁾

Fulminante: “a palavra Baal não foi mais aplicada ao verdadeiro Deus”, ou seja, se “não foi” é porque ela era usada, provando que o tinha o deus pagão Baal como sua divindade.

Voltando ao curso, com a lista dos reis, vejamos agora os de Judá.

2) Reis de Judá

Roboão (931-913):

1 Reis 14,21-24: *“Roboão, filho de Salomão, tornou-se rei de Judá; tinha quarenta e um anos quando subiu ao trono. [...] Judá **fez mal aos olhos de Iahweh**; irritaram seu ciúme mais do que tinham feito seus pais, com todos*

os pecados que cometeram, **construindo lugares altos, erguendo estelas e postes sagrados** sobre toda colina elevada e debaixo de toda árvore frondosa. **Houve até prostitutas sagradas** na terra. Ele imitou todas as abominações das nações que lahweh havia expulsado de diante dos israelitas.”

Abiam (913-911):

1 Reis 15,1-3: “No décimo oitavo ano do rei Jeroboão, filho de Nabat, Abiam tornou-se rei de Judá e reinou três anos em Jerusalém; [...] **Imitou os pecados que seu pai cometera antes dele** e seu coração não foi plenamente fiel a lahweh seu Deus como o coração de Davi, seu antepassado”.

Asa (911-870):

1 Reis 15,11-14: “**Asa fez o que é reto aos olhos de lahweh**, como Davi seu pai. Expulsou da terra todos os prostitutas sagrados e aboliu os ídolos que seus pais haviam feito. [...] **Os lugares altos não desapareceram**; mas o coração de Asa foi plenamente fiel a lahweh, por toda a sua vida”.

Josafá (870-848):

1 Reis 22,43-44: “Seguiu em tudo o procedimento de seu pai Asa, sem dele se apartar, fazendo o que é **reto aos olhos de lahweh**. Entretanto, **os lugares altos não desapareceram; o povo continuou a oferecer sacrifícios e incenso nos lugares altos**”.

Jorão (848-841):

2 Reis 8,18: “Imitou o comportamento dos reis de Israel, como fizera a casa de Acab, pois foi uma filha de Acab que ele tomou como esposa, e **fez o mal aos olhos de lahweh**”.

Ocozias (841):

2 Reis 8,27: “Ele imitou a conduta da família de Acab e **fez o mal aos olhos de lahweh**, como a família de Acab, pois era ligada a esta por afinidade”.

Atalaia (841-835):

2 Reis 11,17: “Joiada concluiu entre lahweh, o rei e o povo uma aliança pela qual o povo se comprometia a ser o povo de lahweh; e a aliança entre o rei e o povo. **Todo o povo da terra dirigiu-se depois ao templo de Baal e demoliu**; quebraram totalmente os altares e as imagens e mataram Matã, sacerdote de

Baal, diante dos altares”.

Joiada era chefe do sacerdócio de Jerusalém, e tramou contra Atalaia, fazendo o povo eleger Joás, como rei. Assim, na verdade, no seu reinado, existiam os cultos que foram eliminados por ele. O resultado disso será visto no reinado de Joás, que se tornou rei quando contava com apenas sete anos de idade.

Joás (835-796):

2 Reis 12,3-4: *“Joás **fez o que é agradável aos olhos de lahweh**, durante toda a sua vida, pois o sacerdote Joiada o havia educado. Contudo, **os lugares altos não desapareceram e o povo continuava a oferecer sacrifícios e incenso sobre os lugares altos”.***

Amasias (796-781):

2 Reis 14,3-4: *“**Fez o que é agradável a lahweh**, mas não como seu pai Davi; em tudo imitou Joás, seu pai. No entanto, **os lugares altos não desapareceram e o povo continuava a oferecer sacrifícios e incenso sobre os lugares altos”.***

Ozias (781-740):

2 Reis 15,3-4: “**Fez o que é agradável a lahweh**, como tudo o que fizera seu pai Amasias. Entretanto, **os lugares altos não desapareceram e o povo continuava a oferecer sacrifícios e incenso nos lugares altos**”.

Joatão (740-736):

2 Reis 15,34-35: “**Fez o que é agradável aos olhos de lahweh**, imitando em tudo a conduta de seu pai Ozias. Entretanto, **os lugares altos não desapareceram e o povo continuava a oferecer sacrifícios e incenso nos lugares altos**”.

Acaz (736-716):

2 Reis 16,2-4: “Acaz tinha vinte anos quando começou a reinar e reinou dezesseis anos em Jerusalém. **Não fez o que é agradável aos olhos de lahweh**, seu Deus, como havia feito Davi, seu antepassado. Imitou a conduta dos reis de Israel, e **chegou a fazer passar seu filho pelo fogo**, segundo os costumes abomináveis das nações que lahweh havia expulsado de diante dos israelitas. **Ofereceu sacrifícios e incensos nos lugares altos**,

nas colinas e debaixo de toda árvore verdejante”.

e) Fim do reino de Judá

Ezequias (716-687):

2 Reis 18,3-6: ***“Fez o que agrada aos olhos de lahweh, imitando tudo o que fizera Davi, seu antepassado. Foi ele que aboliu os lugares altos, quebrou as estelas, cortou o poste sagrado e reduziu a pedaços a serpente de bronze que Moisés havia feito, pois os israelitas até então ofereciam-lhe incenso: chamavam-na Noestã”.***

Manassés (687-642):

2 Reis 21,2-9: ***“Ele fez o mal aos olhos de lahweh, imitando as abominações das nações que lahweh havia expulsado de diante dos israelitas. Reconstruiu os lugares altos que Ezequias, seu pai, havia destruído, ergueu altares a Baal, fabricou um poste sagrado, como havia feito Acab, rei de Israel, e prostrou-se diante de todo o exército do céu e lhe prestou culto. Construiu altares no Templo de lahweh, do qual lahweh dissera: ‘É em Jerusalém que colocarei meu Nome’. Edificou altares para***

todo o exército do céu nos dois pátios do Tempo de lahweh. Fez passar seu filho pelo fogo. Praticou encantamentos e adivinhação, estabeleceu necromantes e adivinhos e multiplicou as ações que lahweh considera más, provocando assim sua ira. **Colocou o ídolo de Aserá, que mandara esculpir, no Templo**, do qual lahweh dissera a Davi e a seu filho Salomão: ‘Neste Templo em Jerusalém, cidade que escolhi entre todas as tribos de Israel, colocarei meu Nome para sempre’”.

Amon (642-640):

2 Reis 21,20-22: “**Fez o mal aos olhos de lahweh**, como havia feito seu pai Manassés. Seguiu em tudo a conduta de seu pai, **prestou culto aos ídolos** que ele havia servido e **prostrou-se diante deles**. Abandonou lahweh, Deus de seus pais, e não seguiu o caminho de lahweh”.

Josias (640-609):

2 Reis 22,2: “**Fez o que é agradável aos olhos de lahweh** e imitou em tudo a conduta do seu antepassado Davi, sem se desviar para a direita nem para esquerda”.

Josias fez uma reforma total; vejamos:

Reforma religiosa em Judá: 2 Reis 23,4-14:
“O rei ordenou a Helcias, o sumo sacerdote, aos sacerdotes que ocupavam o segundo lugar e aos guardas das portas que retirassem do santuário de lahweh todos os objetos de culto que tinham sido feitos para Baal, para Aserá e para todo o exército do céu; queimou-os fora de Jerusalém, nos campos do Cedron e levou suas cinzas para Betel. Destituiu os falsos sacerdotes que os reis de Judá haviam estabelecido e que ofereciam sacrifícios nos lugares altos, nas cidades de Judá e nos arredores de Jerusalém, e os que ofereciam sacrifícios a Baal, ao sol, à lua, às constelações e a todo o exército do céu. Transportou do Templo de lahweh para fora de Jerusalém para o vale do Cedron, o poste sagrado e queimou-o no vale do Cedron; reduziu-o a Cinzas e lançou suas cinzas na vala comum. Demoliu as casas dos prostitutas sagrados, que estavam no Templo de lahweh, onde as mulheres teciam véus para Aserá. Mandou vir das cidades de Judá todos os sacerdotes e profanou os lugares altos onde esses sacerdotes haviam oferecido sacrifícios desde Gaba até Bersabeia. Demoliu os lugares altos das portas, que se achavam à entrada da porta de Josué, governador da cidade, à esquerda de quem entra na porta da cidade. Mas os sacerdotes dos lugares altos não podiam subir ao altar de lahweh em Jerusalém; comiam, porém, pães sem fermento

no meio de seus irmãos. O rei profanou o Tofet do vale de bem-Enom, para que ninguém mais pudesse passar pelo fogo seu filho ou sua filha em honra de Moloc. Fez desaparecer os cavalos que os reis de Judá tinham dedicado ao sol na entrada do Templo de lahweh, perto do aposento do eunuco Natã-Melec, nas dependências, e queimou os carros do sol. Os altares que estavam no terraço do quarto superior de Acáz, e edificadas pelos reis de Judá, e os que Manassés tinha construído nos dois pátios do Templo de lahweh, o rei os demoliu, quebrou-os lá e lançou suas cinzas no vale do Cedron. O rei profanou os lugares altos situados diante de Jerusalém, ao sul do monte das Oliveiras e que Salomão, rei de Israel, tinha construído para Astarte, abominação dos sidônios, e para Camos abominação dos moabitas, e para Melcom, abominação dos amonitas. Quebrou as estelas, cortou os postes sagrados e encheu de ossos humanos o seu local”.

A reforma se estende ao antigo reino do norte: 2 Reis 23,15-20: *“Demoliu também o altar que estava em Betel, o lugar alto edificado por Jeroboão, filho de Nabat, que havia arrastado Israel ao pecado; demoliu também esse altar e esse lugar alto, queimou o lugar alto e o reduziu a pó; queimou o poste sagrado. Josias voltou-se e viu os túmulos que*

estavam na montanha; mandou buscar os ossos daqueles túmulos e queimou-os sobre o altar. Profanou-o assim, cumprindo a palavra de Iahweh que havia anunciado o homem de Deus que havia anunciado essas coisas, perguntou: 'Que sepulcro é esse que estou vendo?' Os homens da cidade responderam: 'É o túmulo do homem de Deus que veio de Judá e anunciou essas coisas que acabas de realizar contra o altar de Betel' - Disse o rei: 'Deixai-o em paz e que ninguém toque em seus ossos'. Deixaram, pois, seus ossos intactos, bem como os do profeta que tinha vindo da Samaria de Betel. Josias fez desaparecer também todos os templos dos lugares altos que estavam nas cidades da Samaria, e que os reis de Israel haviam construído, irritando com isso a Iahweh, e procedeu com eles exatamente como tinha agido em Betel. Todos os sacerdotes dos lugares altos que ali se achavam foram por ele imolados sobre os altares e queimou sobre esses altares ossos humanos. Depois regressou a Jerusalém".

Conclusão da reforma. 2 Reis 23,24-27: *"Josias eliminou também os necromantes, os adivinhos, os deuses domésticos, os ídolos e todas as abominações que se viam na terra de Judá e em Jerusalém, a fim de executar as palavras da Lei inscritas no livro que o sacerdote Helcias havia encontrado no Templo*

de lahweh. Não houve antes dele rei algum que se tivesse voltado, como ele, para lahweh, de todo o seu coração, de toda a sua alma e com toda a sua força, em toda a fidelidade à Lei de Moisés; nem depois dele houve algum se lhe pudesse comprar”.

Se foi nesse tempo que encontraram o livro da Lei, é sinal que antes não o tinham; portanto, não havia como segui-lo; daí, talvez, justifica-se o motivo pelo qual tantos reis praticaram rituais pagãos.

Joacaz (609):

2 Reis 23,32: “**Ele fez o mal aos olhos de lahweh**, como o haviam feito seus pais”.

Joacaz governou só por três meses e mesmo depois da grande reforma realizada por Josias, ainda assim, voltaram-se aos cultos pagãos, o que demonstra como arraigadas estavam tais práticas.

Joaquim (609-597):

2 Reis 23,37: “**Ele fez o mal aos olhos de lahweh**, como o haviam feito seus pais”.

Jeconias (598):

2 Reis 24,9: “**Ele fez o mal aos olhos de lahweh**, como o havia feito seu pai”.

Sedecias (598-587) (586):

2 Reis 24,19: “**Ele fez o mal aos olhos de lahweh**, como o havia feito Joaquim”.

A partir daqui os hebreus tiveram o seu Templo incendiado e, além disso, foram levados cativos para a Babilônia, sob o governo de Nabucodonosor. Lá permaneceram exilados de 586 a 539 a.C. Será oportuno explicar:

O Cativo da Babilônia acabou em 539 a.C., quando Ciro, imperador persa conquistou a Babilônia libertou os judeus, que retornaram a Palestina e reconstruíram o templo de Jerusalém, que havia sido destruído por Nabucodonosor. Em 332 a.C. os persas foram derrotados por Alexandre, o Grande, e os macedônios e gregos passaram a dominar a Palestina, seguido pelo domínio romano, a partir de 63 a.C. Após a contenção da revolta judaica iniciada em meados da década de 60 d.C., e a destruição de Jerusalém em 70 d.C., os judeus se dispersaram pelo mundo – foi o início da Diáspora Judaica. ⁽²¹⁹⁾

Voltando ao ponto da divisão, vejamos o que

Ambrogio Donini, em *Breve História das religiões*, nos informa:

Os dois reinos nos quais se dividiram imediatamente depois as tribos hebraicas, o de *Israel* no norte, tendo Samaria como centro, e o de *Judá* no sul, tendo Jerusalém como capital, tiveram vida efêmera. Com a deportação de milhares de famílias para a Babilônia, no ano 586 a.C., a **história dos hebreus, como Estado nacional independente, praticamente termina**: à opressão social característica da época da escravidão, contra a qual já tinham reagido os primeiros “profetas” (Amos, Jeremias, o primeiro Isaías, etc.), acrescenta-se a dominação estrangeira nas suas formas mais brutais.

Além das massas reduzidas à escravidão pelos invasores, dezenas de milhares de hebreus emigraram mais ou menos voluntariamente e estabeleceram-se em quase todos os centros habitados do mundo oriental, na bacia do Mediterrâneo e até na Índia e na China. ⁽²²⁰⁾ Fruto da derrocada da liberdade, surgiu e foi elaborada a ideia de um “salvador”, político e social, que só podia ser concebido com o aspecto de um novo “rei” (o *messias*), comandante de exércitos e libertador nacional.

Esta concepção, que sofreu uma evolução cujas fases são de fácil reconstrução, identificou-se com a reforma monoteísta, contribuindo para dar à religião dos hebreus aquele aspecto típico que séculos e séculos de história não conseguiram

apagar. ⁽²²¹⁾

Encontramos informações, na *Bíblia de Jerusalém*, de que o “Segundo Isaías” foi profeta anônimo e continuador de Isaías, pregou em Babilônia, entre as primeiras vitórias de Ciro, em 550 a.C., e o édito libertador de 538 a.C. ⁽²²²⁾

Ao que nos parece, foi nesse período que a pregação de um Deus único foi implementada de forma mais evidente.

*Isaías 44,6-8: “Assim diz lahweh, o rei de Israel, lahweh dos Exércitos, o seu redentor: Eu sou o primeiro e o último, **fora de mim não há Deus**. Quem é como eu? Que clame, que anuncie, que o declare na minha presença; desde que estabeleci um povo eterno, diga ele o que se passa, e anuncie o que deve acontecer. Não vos apavoreis, não temais; não vo-lo dei a conhecer há muito tempo e não o anunciei? Vós sois minhas testemunhas. Porventura existe um Deus fora de mim? Não existe outra Rocha: eu não conheço nenhuma!”.*

Isaías 44,24: “Assim diz lahweh, o teu redentor, aquele que te modelou desde o

ventre materno: eu, lahweh, é que tudo fiz, e **sozinho estendi os céus e firmei a terra** (com efeito, quem estava comigo?)”.

Isaías 45,5-6: “Eu sou lahweh, e não há nenhum outro, **fora de mim não há Deus**. Embora não me conheças, eu te cinjo, a fim de que saiba desde o nascente do sol até o poente que, **fora de mim, não há ninguém: eu sou lahweh e não há nenhum outro!**”.

Isaías 45,18: “Com efeito, assim diz lahweh, o criador dos céus, - ele é Deus, o que modelou a terra e a fez, ele a estabeleceu; não a criou como deserto, antes modelou-a para ser habitada. Eu sou lahweh; **não há nenhum outro**”.

Isaías 45,21: “Anunciai, trazei vossas provas, - sim, tomem conselho entre si! Quem proclamou isto desde os tempos antigos? Quem o anunciou deste há muito tempo? Não fui eu, lahweh? **Não há outro Deus fora de mim**, Deus justo e salvador não existe, a não ser eu”.

Isaías 46,3-9: “Ouvi-me, vós, da casa de Jacó, tudo o que resta da casa de Israel, vós, a quem carreguei desde o seio materno, a quem levei desde o berço. Até a vossa velhice continuo o mesmo, até vos cobrires de cães continuo a carregar-vos: eu vos criei e eu vos conduzirei, eu vos carregarei e vos salvarei. A quem

*haveis de assemelhar-me? Quem igualareis a mim? A quem haveis de comparar-me, como se fôssemos semelhantes? **Há os que tiram ouro da bolsa e pesam prata na balança, contratam um ourives para lhes fazer um deus, prostram-se diante dele e o adoram.** Em seguida, põem-no sobre os ombros e carregam-no, colocam-no no seu lugar para que aí fique, sem afastar-se da sua posição. Por mais que alguém o chame, não responde, da sua tribulação não salva. Lembrai-vos disto e sede homens; caí em vós mesmos, vós, infiéis. Lembrai-vos das coisas passadas há muito tempo, **porque eu sou Deus e não há outro!**”.*

A referência aos que faziam deuses com ouro e prata, em se referindo às casas de Jacó e de Israel, leva-nos a concluir, que, ainda no exílio na Babilônia, continuaram adorando outros deuses. É bom ter em mente que “Os babilônios e os assírios, que sucederam aos sumérios, adotaram a maioria dos deuses e das suas práticas religiosas. [...]” (223); portanto, campo fértil para se prostituírem com outros deuses.

Samoel Noah Kramer (1897-1990) vai ainda mais longe:

Da mesma forma, um opulento conjunto de rituais e de mitos mesopotâmicos, instituídos por um notável grupo de teólogos que viveram 3.000 anos antes do nascimento de Cristo, influenciou profundamente as religiões ocidentais, sobretudo o judaísmo e o cristianismo. **A ideia mesopotâmica de que da água nasceram todas as coisas, por exemplo, infiltrou-se na narrativa do Gênesis sobre a criação do mundo, e a noção bíblica de que o homem foi feito de barro e recebeu o “sopro de vida” brotou de raízes mesopotâmicas. Assim também o conceito bíblico de que o homem foi criado primordialmente para servir a Deus e o de que o poder criador da divindade está no Seu Verbo. A ideia de que as catástrofes são castigos celestes por más ações, como a de que a dor e a adversidade devem ser suportadas com paciência, também encontram analogia na Mesopotâmia. Até mesmo a região dos mortos, imaginada pelos mesopotâmios, a sua escura e lúgubre “terra de onde não se volta”, tem a sua contrapartida no *Sheol* dos hebreus e no *Hades* dos gregos.**

Até na atualidade a liturgia judaica está repleta de contribuições babilônicas. O Kol Nidre, o canto judaico recitado nas vésperas do Dia da Inspiração, em penitência pela quebra dos votos, é semelhante às preces que figuravam nas cerimônias mesopotâmicas do Ano Novo. O mesmo quanto à solene descrição do destino humano que é declamada no próprio Dia da Inspiração. **Durante o seu exílio em Babilônia os hebreus também adquiriram a crença nos demônios e sua exorcização, o que, sem**

dúvida, explica diversas passagens do Novo Testamento concernentes à expulsão dos espíritos malignos.

Desde os dias do cativeiro em Babilônia, e daí em diante, o judaísmo apresenta um enxame de místicos religiosos com visões apocalípticas sobre o futuro do homem. Por meio desses visionários, diz o eminente orientalista W. F. Albright, “elementos inumeráveis da fantasia pagã e até mitos inteiros entraram na literatura do judaísmo e do cristianismo”. Por exemplo, o rito do batismo – diz ele – remonta às religiões da Mesopotâmia, como também muitos dos elementos na história da vida de Cristo. Entre estes o Dr. Albright inclui a sua concepção por uma virgem, o seu nascimento relacionado com os astros, e os temas da prisão, da morte, descida aos infernos, o desaparecimento por três dias e posterior ascensão aos céus.

A religião mesopotâmica era, sem dúvida, pagã e politeísta, e portanto um profundo abismo espiritual a separa do monoteísmo judaico e cristão. Além disso, tanto o Velho como o Novo Testamento se impregnam de uma sensibilidade ética e de um fervor moral que não encontram correspondência nos textos mesopotâmicos. Nem a Suméria, nem Babilônia, nem a Assíria jamais chegaram à elevada crença de que o “coração puro” e “mãos limpas” tinham mais valor espiritual do que sacrifícios e rituais esmerados. O vínculo de amor entre Deus e o homem, embora não de todo alheio ao pensamento religioso da Mesopotâmia, decerto é nele de significação muito

menor do que no judaísmo e no cristianismo. Todavia, **os primitivos mesopotâmios cultivaram o conceito de um deus pessoal e familiar que teve o seu eco na Bíblia com o “deus de Abraão, Isaac e Jacó” - e entre essa divindade protetora e o seu devoto adorador há uma relação íntima, de ternura e confiança, em alguns aspectos, comparável, com a que existiu entre Jeová e os patriarcas.**

A literatura da Mesopotâmia, assim como a sua religião e o seu direito, contaminaram também todo o mundo ocidental. Temas que figuram nos capítulos iniciais do Gênesis – a Criação, o Paraíso, o Dilúvio, a rivalidade de Caim e Abel, e a Torre de Babel – todos têm antecedentes literários na Mesopotâmia. No Livro dos Salmos, muitos dentre eles lembram hinos do culto mesopotâmico, e o Livro das Lamentações copia um dos motes literários mais cultivados pelos escritores mesopotâmicos – na Suméria era comum se comporem lamentações formais sobre a destruição de uma cidade. Nas coleções sumerianas de brocados, máximas e adágios, há também antecedentes estilísticos para o Livro dos Provérbios. Mesmo ao Cântico dos Cânticos, de Salomão, o livro diferente de quaisquer outros do Velho Testamento pode ser atribuído um precedente da Mesopotâmia, com os cantos de amor do culto sumeriano.

A literatura grega mostra igualmente inumeráveis indícios da influência mesopotâmica. **A história mesopotâmica do dilúvio, por exemplo, corresponde na mitologia grega à**

história de Deucalião, que constrói um barco e nele sobrevive a uma inundação que destrói o resto da humanidade. O tema do combate ao dragão nos mitos mesopotâmicos encontra equivalência em algumas ficções, como as de Jasão e Hércules, os quais mataram diversos monstros. Pragas lançadas como punição pelos deuses também figuram na mitologia da Grécia e na da Mesopotâmia. **E há acentuada semelhança entre o inferno grego e o mesopotâmico, sendo ambos lugares tenebrosos, separados do reino dos vivos por um rio sinistro que os mortos atravessavam de barca.** Da mesma forma, a nênia grega, ou elegia para o morto, parece ter o seu prenúncio em duas composições sumerianas, recentemente traduzidas de uma inscrição no Museu Pushkin, de Moscou; nelas, um poeta mesopotâmico pranteia em linguagem hiperbólica a morte do pai e da esposa. Até a forma da epopeia grega, que conduziu à criação da *Ilíada* e da *Odisseia*, tem analogia com o estilo dos poemas épicos da Mesopotâmia. ⁽²²⁴⁾

Confirma-se que a influência mesopotâmica sobre a cultura religiosa dos hebreus é um fato incontestável, tendo em vista os vários relatos bíblicos que têm nítida origem nas crenças dos que viviam naquela região; somente por fanatismo cego é que não se vê isso.

Antes de irmos para o período seguinte, vamos

ver algo que na própria Bíblia corrobora a apostasia de quase todos os reis dos hebreus, salvando-se apenas três deles: “*Exceto Davi, Ezequias e Josias, todos os reis cometeram pecados. Os reis de Judá desapareceram porque abandonaram a Lei do Altíssimo*”. (Eclesiástico 49,4). Apenas para lembrar: este livro Eclesiástico só faz parte do cânon católico.

f) A restauração durante o período persa

Este era o quadro da época:

No ano de 538 a.C., quando os judeus voltaram do exílio da Babilônia, a situação de Judá e Jerusalém era deplorável: cada um procurando se defender sozinho, sem nenhum interesse em formar a unidade que lhes desse a característica de povo. Mesmo aqueles que voltaram do exílio estavam preocupados em construir a própria casa, plantar a sua roça, vender as suas mercadorias, mais do que restabelecer a dignidade nacional. [...].⁽²²⁵⁾

Destaca-se, nesse período, o profeta Ageu, que incentivava o povo a reconstruir o templo de Jerusalém, seguindo uma revelação que teve sobre isso.

Com Ageu começa o último período profético, o posterior ao Exílio. A mudança é impressionante. Antes do Exílio, a palavra de ordem dos profetas fora Castigo. Durante o Exílio, passou a ser Consolação. Agora é Restauração. **Ageu chega num momento decisivo para a formação do judaísmo:** o nascimento da nova comunidade da Palestina. Suas breves exortações datam exatamente do final de agosto a meados de dezembro do ano de 520. Os primeiros judeus que regressaram da Babilônia para reconstruir o Templo logo perderam a coragem. Mas os profetas Ageu e Zacarias reavivaram as energias e induziram o governador Zorobabel e o sumo sacerdote Josué a recomeçarem os trabalhos no Templo, o que foi feito em setembro de 520 (1,15/ cf. Esd 5,1). ⁽²²⁶⁾

Nesse período vemos que os hebreus, apesar de estarem fiéis a Iahweh, não deixaram de absorver a cultura persa.

Hendrik Willem Van Loon (1882-1944), em *A História da Bíblia*, informa-nos que:

Sob a influência das doutrinas de Zaratustra, os judeus começaram a crer na existência dum espírito que procurava desfazer a obra de Jeová. E a esse adversário deram o nome de Satã. ⁽²²⁷⁾

O que é confirmado por Julio Trebolle Barrera, em *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*:

[...] A invasão de Alexandre Magno e o consequente desaparecimento do império persa não supõe uma virada total da situação. O centro da cultura não se deslocou de um polo a outro, do Oriente ao Ocidente, da Pérsia e Mesopotâmia à Macedônia e Grécia. As mudanças surgiram dos então diversos centros culturais e políticos espalhados de um canto a outro do mundo helenístico. A incorporação da Palestina ao império persa já supôs sua integração dentro de uma unidade política e cultural, que incluía amplos territórios gregos na Ásia Menor. Por isto mesmo a conquista de Alexandre não marcou um começo absoluto nas relações entre as culturas judaica, semítica e irânica por um lado, e a cultura helênica por outro, mas simplesmente houve uma intensificação das relações já existentes.

A conquista de Alexandre tampouco marcou o fim da irradiação da **cultura persa, que seguirá influenciando na literatura bíblica e apócrifa, em particular pelo que se refere à visão dualista do cosmo e da história e ao desenvolvimento da angeologia e demonologia.** ⁽²²⁸⁾

Realmente, conforme já dissemos, é muito difícil um povo se isolar culturalmente para não

receber influência de um outro, seja pela proximidade geográfica, seja por submissão política.

Zacarias 1,1-4: *“No oitavo mês, no segundo ano de Dario, a palavra de lahweh foi dirigida ao profeta Zacarias (filho de Baraquias), filho de Ado, nestes termos: lahweh esteve profundamente irritado contra vossos pais. Tu lhes dirás: Assim disse lahweh dos Exércitos: **Retornai a mim** - oráculo de lahweh dos Exércitos - **e eu retornarei a vós**, disse lahweh dos Exércitos. **Não sejais como vossos pais**, a quem os antigos profetas anunciaram: Assim disse lahweh dos Exércitos: **Convertei-vos de vossos caminhos perversos e de vossas ações perversas. Mas eles não ouviram e não me deram atenção** - oráculo de lahweh”.*

Essas admoestações do profeta Zacarias podem significar que estavam se desviando dos caminhos de lahweh; entretanto, não logramos descobrir em qual sentido, se estavam ou não adorando a outros deuses, pois casamento de hebreus com indivíduos de outras crenças, já era considerado não seguir os caminhos de lahweh.

Zacarias 3,6-7: *“Então o anjo de lahweh fez a*

*Josué esta declaração: 'Assim disse Iahweh dos Exércitos: **Se andares pelos meus caminhos e guardares os meus preceitos, então tu governarás a minha casa e administrarás os meus pátios e eu te darei acesso entre os que estão aqui de pé**'*".

Valem as mesmas considerações da passagem anterior.

Esdras 9,1-2: *"Feito isso, os chefes vieram procurar-me, dizendo: 'O povo de Israel, os sacerdotes e os levitas **não se separaram dos povos das terras mergulhados em suas abominações** - cananeus, heteus, ferezeus, jebuseus, amonitas, moabitas, egípcios e amorreus! - **porque, para si e para seus filhos, tomaram esposas entre as filhas deles: a linhagem santa misturou-se com os povos das terras: os chefes e os magistrados foram os primeiros a participar dessa infidelidade!**'*".

Está aí a prova de que acabamos de falar a respeito do casamento de hebreus com gente de outros povos.

Destacamos nesse período o personagem Esdras, que liderou, em 457 a.C., o segundo grupo

de retorno dos israelitas do exílio da Babilônia. Ele era um escriba entendido na lei de Moisés. Ele chega a Jerusalém em 458 a.C. e, segundo narrativa, “vem munido de um decreto que lhe dá autoridade para impor à comunidade a Lei de Moisés, reconhecida pelo rei”. (229) Em vista disso se conclui que:

[...] **Esdras é de fato o pai do judaísmo**, com suas três ideias essenciais: a Raça eleita, o Templo e a Lei. Sua fé ardente e a necessidade de salvaguardar a comunidade renascente explicam a intransigência de suas reformas e o particularismo que ele impôs aos seus. É o patrono dos escribas e sua figura foi sempre crescendo na tradição judaica. [...]. (230)

Na *Bíblia Sagrada Pastoral* encontramos a seguinte explicação para as passagens Esdras 9,1-10,17 e Neemias 7,72b-8,12, respectivamente:

Temos aqui o início do movimento que culminará com a estruturação da comunidade judaica e, portanto, do que se costuma chamar de *judaísmo*. Esdras usa o matrimônio como critério para separar definitivamente a comunidade dos repatriados da população local. Esta era formada de judeus que não estiveram no exílio e que se misturaram com elementos de povos

vizinhos (samaritanos, moabitas, edomitas e outros). Desse modo, o conflito latente desde a chegada dos repatriados (cf. 3,3; e,4s) se manifestou de maneira permanente. Não faltaram vozes de protesto (10,15), mas a maioria dos repatriados concordou com Esdras. ⁽²³¹⁾

No primeiro dia do sétimo mês de um ano situado **na segunda metade do séc. V a.C., nasce o fenômeno político-religioso chamado judaísmo**. O acontecimento marcante é o *livro da Lei*, certamente o núcleo do atual Pentateuco. Tal livro é promulgado publicamente como a lei que regerá a vida política, social e religiosa da comunidade. Daí por diante e até nossos dias, o judaísmo foi pouco a pouco se tornando a *religião do livro*, que acabou por substituir completamente o Templo e os sacrifícios. ⁽²³²⁾

Se, por volta do ano 458 a.C., é que o judaísmo nasceu, então, antes disso, o que temos? “Mosaísmo” (para manter-se o sufixo “ismo” atribuída às correntes religiosas)?

g) Época helenística

Uma visão do período:

O macedônio Alexandre Magno formou um grande império, que foi disputado e dividido entre

seus oficiais após sua morte prematura. A Palestina ficou disputada entre Ptolomeu, rei do Egito, e Selêuco, rei da Síria. Após certo tempo de relativa tranquilidade, os judeus se veem pressionados pelos selêucidas, sucessores de Selêuco, especialmente por Antíoco IV Epífanes, que assumiu o poder em 175 a.C.

Para assegurar seu domínio Antíoco IV impunha costumes gregos aos povos dominados. Entre os judeus, um grupo liderado pelo sumo sacerdote Jasão (“geração de ímpios”), tornou-se favorável às medidas de Antíoco e facilitou a entrada de usos estrangeiros até em Jerusalém.

Toda a dominação político-econômica lança mão da dominação cultural, para veicular sua ideologia, descaracterizando a identidade nacional. Para isso conta sempre com grupos nativos que se tornam porta-vozes do dominador, em troca de privilégios.

Antíoco IV conquista o Egito para formar um grande império junto com a Síria. Situada a meio caminho, de Jerusalém era importante ponto estratégico. Por isso, Antíoco a toma e a transforma em fortaleza.

É grande ingenuidade pensar que o dominador possa ir contra seus próprios interesses, para beneficiar os dominados. Mais uma vez se justifica a crítica que os profetas faziam contra as alianças com os grandes.

Para assegurar a unidade do império, Antíoco IV ameaça a identidade de cada povo. **Suas medidas**

compreendem a imposição de leis, costumes e religião gregos. A resistência dos judeus provoca medidas drásticas: ou aceitar o decreto, ou morrer. A Abominação da Desolação (v. 54) é o altar dedicado ao deus grego Júpiter, construído dentro do Templo de Jerusalém (cf. Nota em Dn 9,1-27)
(²³³)

Essas notas constam do primeiro livro de Macabeus (1 Macabeus 1,1-64) na Bíblia citada.

Temos alguns registros no período, embora não possamos estendê-los para abranger a todo ele.

1 Macabeus 1,11-15: *“Por esses dias apareceu em Israel uma geração de perversos, que seduziram a muitos com estas palavras: ‘Vamos, façamos aliança com as nações circunvizinhas, pois muitos males caíram sobre nós desde que delas nos separamos’. Agradou-lhes tal modo de falar. **E alguns dentre o povo apressaram-se em ir ter com o rei, o qual lhes deu autorização para observarem os costumes pagãos.** Construíram, então, em Jerusalém, uma praça de esportes, segundo os costumes das nações, restabeleceram seus prepúcios e renegaram a aliança sagrada. **Assim associaram-se aos pagãos** e se venderam para fazer o mal”.*

Uma debandada para o lado dos pagãos, cujos ritos passaram a praticar. Ao que parece, isso aconteceu antes até de Antíoco impor o costume grego a todos os povos conquistados.

1 Macabeus 1,41-53: *“O rei prescreveu, em seguida, a todo o seu reino, que todos formassem um só povo, renunciando cada qual a seus costumes particulares. E todos os pagãos conformaram-se ao decreto do rei. Também **muitos de Israel comprazeram-se no culto dele, sacrificando aos ídolos e profanando o sábado.** Além disso, o rei enviou, por emissários, a Jerusalém e às cidades de Judá, **ordens escritas para que todos adotassem os costumes estranhos a seu país e impedissem os holocaustos, o sacrifício e as libações no Santuário, profanassem sábados e festas, contaminassem o Santuário e tudo o que é santo, construíssem altares, recintos e oratórios para os ídolos e imolassem porcos e animais impuros.** Que deixassem, também, incircuncisos seus filhos e se tornassem abomináveis por toda sorte de impurezas e profanações, de tal modo que olvidassem a Lei e subvertessem todas as observâncias. **Quanto a quem não agisse conforme a ordem do rei, esse incorreria***

em pena de morte. *Nesses termos, ele escreveu a todo o seu reino, nomeou inspetores para todo o povo e ordenou às cidades de Judá que oferecessem sacrifícios em cada cidade. Muitos dentre o povo aderiram a eles, todos os que eram desertores da Lei. E praticaram o mal no país, reduzindo Israel a ter de se ocultar onde quer que encontrasse refúgio”.*

Explicam-nos esse passo:

Visando à unidade de seu império Antíoco Epífanes impôs aos judeus práticas pagãs, abolindo assim a concordata que em 198 Antíoco III lhes havia concedido, ao reconhecer-lhes a lei de Moisés como o seu estatuto legal (como o haviam feito os reis da Pérsia após o Exílio). A fidelidade à Lei tornava-se, depois dessa revogação, ato de rebeldia política, que motivaria a perseguição. A liberdade religiosa está restabelecida pelo rescrito de Antíoco V (6,57-61; 2Mc 11,22-26). ⁽²³⁴⁾

Se antes alguns o fizeram espontaneamente, agora se impõe a todos o costume dos gregos. A pena de morte aos infratores, certamente, fez ir para o lado dos pagãos quase todos os hebreus; a resistência coube a poucos, que, inicialmente, foram

liderados por Judas Macabeu (166-160 a.C.), sendo seu sucessor Jônatas (160-143 a.C.), que, por sua vez, foi sucedido por Simão (143-134 a.C.).

Apenas para dar uma sequência histórica, transcrevemos do graduado em História Rainer Souza, da *Equipe Brasil Escola*, o seguinte:

No século I a.C., os romanos conquistaram os judeus depois de subjugar os territórios anteriormente controlados pelos macedônicos. A dominação romana contou com grande agitação política entre os grupos judeus que não se conformavam com a falta de autonomia política de seu povo. Os intensos conflitos resultaram na violenta destruição da cidade de Jerusalém no ano de 70 d.C. Depois de destruírem a capital judaica, o povo judeu foi proibido de retornar à Palestina.

(²³⁵)

Eis o trágico fim dos hebreus, agora vistos como judeus, que até nos dias de hoje não conseguiram mais se restabelecerem como uma nação, separados como se encontram pelo mundo afora.

O Estado de Israel existe desde maio de 1948, poderá, futuramente, juntá-los, caso os povos da

região da Palestina deixem de lado suas divergências religiosas.

Ou crê ou morre!

Não podemos deixar de destacar que, ao longo da história religiosa dos hebreus, a atitude da divindade, a qual seguiam, para com eles era na base de um autêntico terrorismo religioso, tipo “ou crê ou morre!”, uma verdadeira tática de “guerra”; foram inúmeras vezes ameaçados, caso buscassem outros deuses. Muitas dessas ameaças se concretizaram, pois se tornaram uma realidade, as quais só podemos classificar como autênticas barbaridades praticadas contra eles.

Aliás, elas, em si, já provam que pacificamente eles não seguiam a lahweh como sua divindade. Vamos demonstrar isso, para que se veja que os hebreus sempre estiveram debaixo de pressão para ter lahweh como seu único Deus; infelizmente, ao que nos parece, não tiveram a oportunidade de exercerem o seu livre-arbítrio, algo fundamental para o progresso espiritual de cada um de nós.

Antes de listar as passagens, destacaremos duas delas, por serem mais importantes, onde

veremos Moisés, suposto representante de Iahweh, já aplicando a lei máxima, a dar exemplo aos hebreus de que a sua divindade não estava mesmo para brincadeiras, caso desrespeitassem suas leis.

*Êxodo 32,25-28: “Moisés viu que o povo estava desenfreado, porque Aarão os havia abandonado à vergonha no meio dos seus inimigos. Moisés ficou de pé no meio do acampamento e exclamou: ‘Quem for de Iahweh venha até mim’. Todos os filhos de Levi reuniram-se em torno dele. Ele lhes disse: **‘Assim fala Iahweh, o Deus de Israel: Cingi, cada um de vós, a espada sobre o lado, passai e tornai a passar pelo acampamento, de porta em porta, e matai, cada qual, a seu irmão, a seu amigo, a seu parente. Os filhos de Levi fizeram segundo a palavra de Moisés, e naquele dia morreram do povo uns três mil homens’**”.*

Além de terem sido obrigados a tomar água com ouro em pó, outra consequência da adoração do bezerro de ouro, registrada nessa passagem, foi a morte de uns três mil homens. O curioso é que Moisés mal acabara de descer do Sinai e, certamente, ainda tinha debaixo dos braços as tábuas de pedra com os Dez Mandamentos, entre os

quais havia o “*Não matarás*” (Êxodo 20,13), manda, a pedido de lahweh, matar seus compatriotas. O fato é que ele já queria se impor, logo de início.

Números 15,32-36: “*Enquanto os israelitas estavam no deserto, **um homem foi surpreendido apanhando lenha no dia de sábado.** Aqueles que o surpreenderam recolhendo lenha trouxeram-no a Moisés, a Arão e a toda a comunidade. Puseram-no sob guarda, pois não estava ainda determinado o que se devia fazer com ele. **lahweh disse a Moisés: 'Tal homem deve ser morto.** Toda a comunidade o apedrejará fora do acampamento'. Toda a comunidade o levou para fora do acampamento e o apedrejou até que morreu, como lahweh ordenara a Moisés”.*

Meu Deus!!!... como um ato tão banal desse – apanhar lenha –, poderia ter como resultado a pena de morte ao pobre homem que o praticava? Somente por que ele “violara” o “santificar o dia de sábado” (Êxodo 20,8), cujo motivo de sua instituição sequer é bem definido? É só ler as passagens abaixo:

Êxodo 20,11: “*Porque em seis dias lahweh fez o céu, a terra, o mar e tudo o que eles contêm, mas **repousou no sétimo dia; por isso***

lahweh abençoou o dia de sábado e o consagrou".

Deuteronômio 5,15: ***“Recorda que foste escravo do Egito, e que lahweh teu Deus te fez sair de lá com mão forte e braço estendido. É por isso que lahweh teu Deus te ordenou guardar o dia de sábado”***.

Enfim, deve-se guardar o sábado porque a divindade descansou no sétimo dia da criação ou para que os hebreus recordassem o dia em que eles foram libertados da escravidão no Egito?

O apedrejamento até a morte nada mais foi que a aplicação da tática terrorista que visava impor aos hebreus a ideia do deus único: lahweh.

Ocorreu-nos uma dúvida: será que apedrejavam os infratores no sábado, considerado que era proibido fazer qualquer coisa nesse dia? Mas se o fizessem para obedecer à lahweh, também o desobedeceriam na questão de não se fazer nada aos sábados, ou seja, uma determinação estaria em conflito com a outra.

Agora sim, veremos as outras passagens nas quais essa tática terrorista de lahweh é,

sobejamente, incontestável:

Êxodo 20,3-6: *“Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem esculpida de nada que se assemelhe ao que existe lá em cima nos céus, ou embaixo na terra, ou nas águas que estão debaixo da terra. Não te prostrarás diante desses deuses e não os sirvais, porque eu, lahweh teu deus sou um Deus ciumento, que **puno a iniquidade dos pais sobre os filhos até a terceira e quarta geração dos que me odeiam**, mas que também ajo com amor até a milésima geração para com aqueles que me amam e guardam os meus mandamentos”*.

Números 14,26-35: *“lahweh falou a Moisés e a Aarão. Disse-lhe: ‘Até quando esta comunidade perversa há de murmurar contra mim? Ouvi as queixas que os israelitas murmuram contra mim. Dize-lhes: Por minha vida – oráculo de lahweh – eu vos tratarei segundo as próprias palavras que pronunciastes aos meus ouvidos. Os vossos cadáveres cairão neste deserto, todos vós os recenseados, todos vós os enumerados desde a idade de vinte anos para cima, vos que tendes murmurado contra mim. [...] Quanto a vós, **os vossos cadáveres cairão neste deserto, e vossos filhos andarão errantes neste deserto por quarenta anos, carregando o peso da***

vossa infidelidade, até que os vossos cadáveres se consumam no deserto. Explorastes a terra durante quarenta dias. A cada dia corresponde um ano: por quarenta anos levareis o peso de vossas faltas e sabereis o que é de fato de me abandonar. Eu falei, eu mesmo, lahweh; é assim que tratarei toda esta comunidade perversa amotinada contra mim. Neste mesmo deserto não restará um deles e é ali que morrerão”.

Números 17,11-14: “Em seguida Moisés disse a Aarão: ‘Toma o incensório, põe nele fogo do altar e em cima o incenso, e vai depressa à comunidade, a fim de fazer o rito da expiação por ela. **Eis que a ira já saiu de diante de lahweh**: já começou a praga. Aarão o tomou, conforme ordenou Moisés, e correu para o meio da assembleia; mas a Praga já havia começado entre o povo. Colocou o incenso e fez o rito de expiação pelo povo. E, permaneceu entre os mortos e vivos; e cessou a Praga. **Foram catorze mil e setecentas as vítimas da Praga**, sem contar aqueles que foram mortos por causa de Coré”.

Números 21,4-6: “[...] No caminho o povo perdeu a paciência. Falou contra Deus e contra Moisés: ‘Por que nos fizestes subir do Egito para morrer neste deserto? Pois não há nem pão, nem água; estamos enfatiados desse alimento de penúria’. **Então lahweh enviou**

contra o povo serpentes abrasadoras, cuja mordedura fez perecer muita gente em Israel”.

Números 25,4-5.9: “Iahweh disse a Moisés: ‘Toma todos os chefes do povo. Empala-os em face do sol, para Iahweh: então **a ira ardente de Iahweh se afastará de Israel**’. Moisés disse aos juizes de Israel: ‘Mate cada um aquele dos seus homens que se ligaram a Baal de Fegor’. **E morreram dentre eles vinte e quatro mil, devido à praga”.**

Deuteronômio 4,3-4: “Vossos olhos foram testemunhas do que Iahweh fez em Baal-Fegor: **Iahweh teu Deus exterminou do teu meio todos os que seguiram o Baal de Fegor**; quanto a vós, porém, permanecestes apegados a Iahweh vosso Deus, e hoje estais vivos”.

Deuteronômio 4,23-28: “Ficai atentos a vós mesmos, para não vos esquecerdes da Aliança que Iahweh vosso Deus concluiu convosco, e não fizerdes uma imagem esculpida de qualquer coisa que Iahweh teu Deus te proibiu, pois **Iahweh teu Deus é fogo devorador. Ele é um Deus ciumento**. Quando tiverdes gerado filhos e netos, e fordes velhos na terra, e vos corromperdes, fazendo uma imagem esculpida qualquer, praticando o que é mau aos olhos de Iahweh teu Deus, de modo a

*irritá-lo, eu tomo hoje o céu e a terra como testemunhas contra vós: **sereis depressa e completamente exterminados da face da terra** da qual ides tomar posse ao atravessardes o Jordão. **Não prolongareis vossos dias sobre ela, pois sereis completamente aniquilados.** lahweh vos dispersará entre os povos e restará de vós apenas um pequeno número, no meio das nações para onde lahweh vos tiver conduzido. Lá servireis a deuses feitos por mãos humanas, de madeira e de pedra, que não podem ver ou ouvir, comer ou cheirar”.*

*Deuteronômio 6,13-15: “É a lahweh teu Deus que temerás. A ele servirás e pelo seu nome jurarás. Não seguireis outros deuses, qualquer um dos deuses dos povos que estão ao vosso redor, pois **lahweh teu Deus é um Deus ciumento**, que habita em teu meio. **A cólera de lahweh teu Deus se inflamaria contra ti, e ele te exterminaria da face da terra”.***

Deuteronômio 7,1-4: “Quando lahweh teu Deus te houver introduzido na terra que está entrando para possuí-la, e expulsando nações mais numerosas que tu – os heteus, os gergeseus, os amorreus, os cananeus, os ferezeus, os heveus e os jebuseus –, sete nações mais numerosas e poderosas do que tu; quando lahweh teu Deus entregá-las a ti, tu as derrotarás e as sacrificarás como anátema.

*Não farás aliança com elas e não as tratarás com piedade. Não contrairás matrimônio com elas, não darás tua filha a um de seus filhos, nem tomarás uma de suas filhas para teu filho; pois deste modo o teu filho se **afastaria de mim para servir a outros deuses, e a cólera de lahweh se inflamaria contra vós, exterminando-te rapidamente***".

Deuteronômio 8,18-20: "*Lembra-te de lahweh teu Deus, pois é ele quem te concede força para te enriqueceres, mantendo a Aliança que jurou aos teus pais, como hoje se vê. Contudo, se te esquecerdes completamente de lahweh teu Deus, seguindo outros deuses, servindo-os e adorando-os, eu hoje testemunho contra vós: **é certo que perecereis! Perecereis do mesmo modo que as nações que lahweh vai exterminar à vossa frente, por não terdes obedecido à voz de lahweh vosso Deus***".

Deuteronômio 11,16-17: "*Contudo, ficai atento a vós mesmos, para que o vosso coração não se deixe seduzir e não vos desvieis para servir a outros deuses, prostrando-se diante deles. **A cólera de lahweh se inflamaria contra vós e bloquearia o céu: não haveria mais chuva e a terra não daria o seu produto; deste modo desapareceréis rapidamente da boa terra que lahweh vos dá!***".

Deuteronômio 11,26-28: “Vede: hoje proponho a benção e a maldição diante de vós: A benção, se obedecerdes aos mandamentos de lahweh vosso Deus que hoje vos ordeno; **a maldição, se não obedecerdes aos mandamentos de lahweh** vosso Deus, desviando-vos do caminho que vos ordeno, **para seguides outros deuses, que não conhecestes**”.

Deuteronômio 13,7-12: “**Se teu irmão - filho de teu pai ou de tua mãe -, teu filho, tua filha, ou a mulher que repousa em teu seio, ou o amigo que é como tu mesmo, quiser te seduzir secretamente, dizendo: ‘Vamos servir a outros deuses’,** deuses que nem tu nem teus pais conheceram, - deuses de povos vizinhos, próximos ou distantes de ti, de uma extremidade à outra -, não lhe darás consentimento, não o ouvirás, e que teu olho não tenha piedade dele; não uses de misericórdia e não escondas o seu erro. **Pelo contrário: deve matá-lo! Tua mão será a primeira a matá-lo e, a seguir, a mão de todo o povo. Apedreja-o até que morra,** pois tentou afastar-te de lahweh teu Deus, que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão. E todo Israel ouvirá, ficará com medo e nunca mais se fará uma ação má como esta em teu meio”.

Deuteronômio 13,13-16: “Caso ouças dizer

que, numa das cidades que lahweh teu Deus te dará para aí morar, **homens vagabundos, procedentes do teu meio, seduziram os habitantes da sua cidade, dizendo: ‘Vamos servir a outros deuses’**, que não conhecestes, deverás investigar, fazendo uma pesquisa e interrogando cuidadosamente. Caso seja verdade, se o fato for constatado, se esta abominação foi praticada em teu meio, **deverás então passar a fio de espada os habitantes daquela cidade. Tu a sacrificarás como anátema, juntamente com tudo o que nela existe”**.

Deuteronômio 17,2-7: “**Se em teu meio, numa das cidades que lahweh teu Deus te dará, houver algum homem ou mulher que faça o que é mau aos olhos de lahweh teu Deus, transgredindo sua Aliança para servir a outros deuses e prostrar-se diante deles** – diante do sol, da lua ou de todo o exército do céu –, o que eu não ordenei; se isto for denunciado a ti, ou se o ouvires, primeiros farás uma acurada investigação. Se for verdade, se for constatado que tal abominação foi cometida em Israel, **então farás sair para as portas da cidade o homem ou a mulher que cometeu esta má ação, e apedrejarás o homem ou a mulher até que morra**. Somente pela disposição de duas ou três testemunhas, poder-se-á

condenar alguém à morte; ninguém será morto pela deposição de uma só testemunha. A mão das testemunhas será a primeira a fazê-lo morrer, e, depois a mão de todo o povo. Deste modo extirparás o mal do teu meio”.

Deuteronômio 28,58-63: “Se não cuidares de pôr em prática todas as palavras desta Lei escritas neste livro, temendo este nome glorioso e terrível - ‘lahweh teu Deus’ -, **lahweh ferirá a ti e à tua descendência com pragas espantosas, pragas tremendas e persistentes, doenças graves e incuráveis.** Voltará contra ti as pragas do Egito que te horrorizavam, e elas se apegarão a ti. E ainda mais: lahweh lançará contra ti todas as doenças e pragas que estão escritas neste livro da Lei, até que seja exterminado. Restarão de vós poucos homens, vós que éreis tão numerosos quanto as estrelas do céu! Uma vez que não obedecestes à voz de lahweh teu Deus, do mesmo modo que lahweh se comprazia em vos fazer o bem e vos multiplicar, **assim também ele terá prazer em vos destruir e vos exterminar: sereis arrancados do solo em que está entrando a fim de tomardes posse dele”.**

Deuteronômio 29,17-20: “**Que não exista entre vós homem ou mulher, clã ou tribo cujo coração se desvie hoje de lahweh nosso Deus, indo servir a outros deuses**

daquelas nações! Que entre vós não exista uma raiz que produza planta venenosa ou amarga! Portanto, ouvindo as palavras deste pacto com impreciação, se alguém abençoar a si próprio no coração, dizendo: ‘Vou ter paz, mesmo que ande conforme a obstinação do meu coração, pois a abundância da água fará a sede desaparecer’, lahweh jamais consentirá em perdoá-lo. Pelo contrário, **sua ira e ciúme se inflamarão contra tal homem, sobrevindo-lhe toda a impreciação escrita neste livro, e lahweh lhe apagará o nome de sob o céu.** E, para seu infortúnio, lahweh o separará de todas as tribos de Israel, conforme as impreciações da Aliança escrita neste livro da Lei”.

Deuteronômio 30,17-18: “Contudo, **se o teu coração se desviar e não ouvires, e te deixares seduzir e te prostrares diante de outros deuses,** e os servirdes, eu hoje vos declaro: **é certo que perecereis!** Não prolongareis vossos dias sobre o solo em que, ao atravessar o Jordão, estás entrando para dele tomar posse”.

Josué 7,15: “Enfim, aquele que for designado pela sorte naquilo a que se refere o anátema **será queimado, ele e tudo o que lhe pertence,** por haver transgredido a Aliança com lahweh e haver cometido uma infâmia em Israel”.

Josué 23,16: “Se transgredirdes a Aliança que *lahweh* vosso Deus vos impôs, e se servirdes a outros deuses e vos prostrardes diante deles, então **a ira de lahweh se inflamará contra vós e bem depressa desaparecereis da boa terra que ele vos deu**”.

Josué 24,20: “Se abandonardes *lahweh* para servir os deuses do estrangeiro, **ele novamente vos fará mal e vos consumirá** depois de vos haver feito o bem”.

Juízes 3,7-8: “Os israelitas fizeram o que é mau aos olhos de *lahweh*. Esqueceram *lahweh* seu Deus para servir aos baais e às aserás. Então **a ira de lahweh se acendeu contra Israel, e os entregou nas mãos de Cusã-Rasataim**, rei de Aram Naariam, e os israelitas serviram a Cusã-Rasataim durante oito anos”.

Juízes 3,12-14: “Os israelitas recomeçaram a fazer o que era mau aos olhos de *lahweh*, e **lahweh fortaleceu Eglon, o rei de Moab, contra Israel**, porque faziam o que era mau aos olhos de *lahweh*. Eglon uniu a si os filhos de Amom e Amalec, marchou contra Israel, venceu-o e tomou posse da cidade das Palmeiras. **Os israelitas serviram a Eglon, rei de Moab, dezoito anos**”.

Juízes 4,1-2: “Depois da morte de Aod, os israelitas recomeçaram a fazer o que era mau aos olhos de *lahweh*, e **lahweh os entregou**

a Jabin, rei de Canaã, que reinava em Hasor. [...].”

Juízes 6,1-2: “Os israelitas fizeram o que era mau aos olhos de lahweh, e **lahweh os entregou por sete anos às mãos dos madianitas**, e a mão de Madiã se tornou pesada sobre Israel. [...].”

Juízes 10,6-8: “Recomeçaram os israelitas a fazer o que era mau aos olhos de lahweh. Serviram aos baais e às astartes, e também aos deuses de Aram e de Sidônia, aos deuses de Moab e aos dos amonitas e dos filisteus. **Abandonaram a lahweh e não mais o serviram. Então a ira de lahweh se acendeu contra Israel, e ele os entregou às mãos dos filisteus e às dos amonitas. Estes humilharam e oprimiram os israelitas desde esse ano, durante dezoito anos**, todos os israelitas que habitavam além do Jordão, na terra dos amorreus em Galaad”.

Juízes 13,1: “Os israelitas recomeçaram a praticar o que era mau aos olhos de lahweh, e **lahweh os entregou nas mãos dos filisteus durante quarenta anos**”.

1 Samuel 12,15: “Mas se não obedcerdes a lahweh, se vos revoltardes contra as ordens de lahweh, então **a mão de lahweh pesará sobre vós e sobre vossos pais**”.

1 Reis 14,7-11.15-16: “Vai dizer a Jeroboão: ‘Assim fala lahweh, Deus de Israel: [...] fizeste mais mal que todos os teus antecessores, e chegaste a fazer para ti outros deuses, imagens fundidas para me irritares; lançaste-me para trás das costas. Por isso, **farei vir a desgraça sobre a casa de Jeroboão, ligados ou livres em Israel; varrerei a casa de Jeroboão como se varre completamente o lixo.** Os membros da família de Jeroboão que morrerem na cidade serão devorados pelos cães; e os que morrerem no campo serão comidos pelas aves do céu. É lahweh quem o diz. lahweh ferirá Israel, como o caniço que vacila na água; arrancará Israel desta boa terra que deu a seus pais e o dispersará do outro lado do rio, porque fizeram seus postes sagrados, provocando a ira de lahweh. Ele abandonará Israel por causa dos pecados que Jeroboão cometeu e levou Israel a cometer”.

1 Reis 16,1-4.11: “A palavra de Deus foi dirigida a Jeú, filho de Hanani, contra Baasa, nestes termos: ‘Eu te tirei do pó e te estabeleci chefe sobre o meu povo Israel, mas tu imitastes o comportamento de Jeroboão e levaste Israel, meu povo, a cometer pecados que me irritam. Por isso, varrerei Baasa e sua casa; tratarei a sua casa como a de Jeroboão, filho de Nabat. Todo membro da família de

Baasa que morrer na cidade será devorado pelos cães; e o que morrer no campo será comido pelas aves do céu. Logo que se tornou rei e sentou-se no trono [Zambri], massacrou toda a família de Baasa, sem lhe deixar um só varão, e matou também seus parentes e seu amigo. **Zambri exterminou toda a casa de Baasa, segundo a predição que lahweh fizera contra Baasa, por intermédio do profeta Jeú, por causa de todos os pecados que cometeram Baasa e Ela, seu filho, e fizeram Israel cometer, irritando lahweh, Deus de Israel, com seus ídolos vãos**".

2 Reis 1,15-17: "Anjo de lahweh disse a Elias: 'Desce com ele, não o temas'. Ele se levantou, desceu com ele e foi ter com o rei [Ocozias], a quem disse: 'Assim fala lahweh. Por teres enviado mensageiros para consultar Baal Zebub, deus de Acaron - porventura não há Deus em Israel, cuja palavra possa ser consultada -, **não descerás do leito ao qual subiste, mas, com certeza, morrerás**. E ele morreu, conforme a palavra de lahweh, pronunciada por Elias. [...]."

2 Reis 17,5-8: "Depois, o rei da Assíria invadiu toda a terra e pôs cerco a Samaria durante três anos. No nono ano de Oseias, **o rei da Assíria tomou Samaria e deportou Israel para a Assíria**, estabelecendo-o em Hala e às

*margens do Habor, rio de Gozã, e nas cidades dos medos. **Isso aconteceu porque os israelitas pecaram contra lahweh** seu Deus, que os fizera subir da terra do Egito, libertando-os da opressão do Faraó, rei do Egito. Adoraram outros deuses e seguiram os costumes das nações que lahweh havia expulsado de diante deles, e os costumes estabelecidos pelos reis de Israel”.*

*2 Reis 17,19-20: “**Judá tampouco guardou os mandamentos de lahweh** seu Deus; seguiu os estatutos que Israel praticava. **Por isso, lahweh rejeitou toda a raça de Israel, humilhou-a e entregou-a aos saqueadores, e enfim baniu-a para longe de sua face”.***

*2 Reis 18,11-12: “**O rei da Assíria deportou Israel para a Assíria** e conduziu-o a Hala e às margens de Habor, rio de Gozã, e nas cidades dos medos. **Isso aconteceu porque eles não obedeceram a tudo o que prescrevera Moisés, servo de lahweh.** Não o ouviram e nem puseram em prática”.*

*2 Reis 21,11-15: “Já que Manassés, rei de Judá, cometeu essas abominações, procedendo ainda pior que tudo o que tinham feito antes dele os amorreus, e fez pecar também Judá com seus ídolos, assim fala lahweh, Deus de Israel: **Eis que faço cair sobre Jerusalém e***

sobre Judá uma desgraça tal, que fará retinir os dois ouvidos de todos que o ouvirem falar. Passarei sobre Jerusalém o mesmo cordel que passei sobre Samaria, o mesmo nível que usei para a casa de Acab; limparei Jerusalém como se limpa um prato, que se vira para baixo depois de haver limpadado. Abandonarei os restos de minha herança, **entregá-los-ei nas mãos de seus inimigos, e eles servirão de presa e de espólio a todos os seus inimigos, porque fizeram o mal aos meus olhos e provocaram minha ira, desde o dia em que seus pais saíram do Egito até hoje**".

2 Reis 24,1-4: "No seu tempo, Nabucodonosor, rei de Babilônia, marchou contra ele, e Joaquim lhe esteve sujeito durante três anos e depois se revoltou de novo contra ele. **lahweh mandou contra ele bandos de caldeus, arameus, moabitas e amonitas; incitou-os contra Judá para destruí-lo**, conforme a palavra que lahweh havia pronunciado por intermédio de seus servos, os profetas. **Isso aconteceu a Judá unicamente por ordem de lahweh**, que queria rejeitá-lo de sua presença, por causa dos pecados de Manassés, por tudo o que ele fizera, e também por causa do sangue inocente que ele havia derramado, inundando Jerusalém de sangue inocente. lahweh não quis perdoar".

Daqui para frente vamos citar algumas coisas ditas por alguns dos profetas que servem ao assunto desse tópico.

Joel 2,1-14: *“Tocai a trombeta em Sião. Dai alarme em minha montanha santa! **Tremam todos os habitantes da terra porque está chegando o dia de lahweh! Sim, está próximo um dia de trevas e de escuridão um dia de nuvens e de obscuridade!** Como a aurora espalha-se sobre as montanhas um povo numeroso e poderoso, não existiu jamais outro como ele, e nem tornará a existir, depois dele, de geração em geração. Diante dele o fogo devora, atrás dele a chama consome. Antes dele, a terra era como um jardim de Éden depois dele será um deserto desolado! Nada lhe escapa! Seu aspecto é como o de cavalos, galopam como ginetes. E como o ruído de carros de guerra, que saltam sobre os cumes das montanhas como o crepitar do fogo, que devora o restolho, como um povo poderoso, preparado para a batalha. Diante dele os povos tremem de medo, todas as faces perdem sua cor. Como heróis eles avançam, como guerreiros escalam a muralha. Cada qual segue o seu caminho, sem se afastar de sua rota. Ninguém empurra o seu vizinho, cada qual segue a sua via; por entre os dardos eles se lançam, sem romper a fila. Assaltam a*

cidade, correm sobre a muralha, escalam as casas e entram como ladrões, pelas janelas. Diante dele a terra se comove, os céus tremem, o sol e a lua escurecem e as estrelas perdem o seu brilho! Iahweh levanta a sua voz diante do seu exército! Sim, seu acampamento é muito grande, o executor de sua palavra é poderoso. Sim, o dia de Iahweh é grande, extremamente terrível! Quem poderá suportá-lo? 'Agora, portanto - oráculo de Iahweh - **retornai a mim de todo vosso coração, com jejum, com lágrimas e gritos de luto.** Rasgai os vossos corações, e não as vossas roupas, retornai a Iahweh, vosso Deus, porque ele é bondoso e misericordioso, lento para a ira e cheio de amor, e se compadece da desgraça. Quem sabe? **Talvez ele volte atrás, se arrependa e deixe atrás de si uma bênção, oblação e libação para Iahweh, vosso Deus**'".

Oseias 4,8: "Eles [os sacerdotes] se alimentam dos pecados do meu povo e anseiam por sua falta. **Como ao povo, assim acontecerá ao sacerdote: eu o castigarei por seu procedimento e farei recair sobre ele as suas obras. Comerão, mas não ficarão saciados, prostituir-se-ão, mas não se multiplicarão, porque abandonaram a Iahweh pra se entregarem à prostituição**".

Oseias 14,1: "Samaria deverá expiar, porque

se revoltou contra o seu Deus. **Cairão pela espada, seus filhos serão esmagados, às suas mulheres grávidas serão abertos os ventres**".

Amós 2,4-5: "Assim falou Iahweh: Por três crimes Judá, e por quatro, não o revogarei! Porque desprezaram a lei de Iahweh e não guardaram os seus decretos, suas mentiras os seduziram, aquelas atrás das quais os seus pais correram, **enviarei fogo contra Judá, e ele devorará os palácios de Jerusalém**".

Miqueias 1,2-7: "Ouvi, povos todos, presta atenção, terra, e o que habita! Que Iahweh seja testemunha contra vós, o Senhor saiu de seu santo Templo! Porque eis que Iahweh sai de seu lugar santo, ele desce e pisa sobre os altos da terra. Debaixo dele os montes se derretem e os vales se desfazem como a cera junto do fogo, como a água derramada em uma encosta. Tudo isso por causa do crime de Jacó, por causa dos pecados da casa de Israel. Qual é o crime de Jacó? Não é Samaria? Qual é o pecado de casa de Judá? Não é Jerusalém? **Farei da Samaria um campo de ruínas, uma plantação de vinhas. Lançarei as suas pedras para o vale e desnudarei os seus fundamentos.** Todas as suas estátuas serão quebradas, todos os seus salários serão queimados pelo fogo, e arruinarei todas as suas imagens, já que elas foram ajuntadas

com o salário da prostituição”.

Isaías 1,27-28: “Sião será redimida pelo direito, e os seus retornantes, pela justiça. **Será a destruição dos ímpios e dos pecadores, todos juntos! Os que abandonaram lahweh perecerão**”.

Isaías 5,24-25: “Por isso, como a chama devora a palha, como o feno se incendeia e se consome, assim sua raiz se reduzirá a mofo, sua flor será levada como o pó. Com efeito, eles rejeitaram a lei de lahweh dos Exércitos, desprezaram a palavra do Santo de Israel. **Por esta razão inflamou-se a ira de lahweh contra o seu povo; ele estendeu sua mão e feriu, os montes tremeram e seus cadáveres jazem no meio das ruas como lixo.** Com tudo isso não se amainou a sua ira, a sua mão continua estendida. Ele deu sinal a um povo distante, assobiou-lhe desde os confins da terra; ei-lo que vem chegando apressado e ligeiro;” (236)

Isaías 9,18: “Em virtude do furor de lahweh dos Exércitos **a terra foi queimada e o povo se tornou presa do fogo**”.

Isaías 10,5-6: “**Ai da Assíria, vara da minha ira;** ela é o bastão do meu furor posto nas suas mãos. **Contra uma nação ímpia a enviei;** a respeito de um povo contra o qual eu estava enfurecido lhe **dei ordens, para que o**

saqueasse e o despojasse, para que o pisasse como a lama das ruas”.

Isaías 24,1-6: “**Eis que lahweh vai assolar a terra e devastá-la**, porá em confusão a sua superfície e dispersará os seus habitantes. [...] Certamente a terra será devastada, certamente ela será despojada, pois foi lahweh quem pronunciou esta sentença. A terra cobre-se de luto, ela perece; o mundo definha, ele perece; a nata do povo da terra definha. A terra está profanada sob os pés dos seus habitantes; com efeito, **eles transgrediram as leis, mudaram o decreto e romperam a aliança eterna. Por este motivo a maldição devorou a terra e os seus habitantes da terra foram consumidos: poucos são os que restam**”.

Isaías 65,11-12: “Mas, quanto a vós que abandonais a lahweh, que vos esqueceis do meu monte santo, que preparais uma mesa para Gad, que ofereceis misturas em taças cheias de Meni ⁽²³⁷⁾, **vos destinarei à espada; todos dobrareis as costas para a matança**, visto que chamei e não respondestes, falei e não ouvistes; antes, fizestes o que é mau aos meus olhos e escolhestes o que é mau aos meus olhos e escolhestes aquilo que não é do meu agrado”.

Isaías 66,14-16: “Vós o vereis e vosso coração se regozijará: vossos membros serão viçosos como a erva; a mão de lahweh se revelará aos seus servos, mas **a sua cólera, aos seus inimigos. Com efeito, lahweh virá no fogo, com seus carros de guerra, como um furacão, para acalmar com ardor sua ira e sua ameaça com chamas de fogo. Sim, por meio do fogo lahweh executa o julgamento, com sua espada, sobre toda a carne; muitas serão as vítimas de lahweh**”.

Sofonias 1,2-6: “**Na verdade suprimirei tudo da face da terra, oráculo de lahweh. Suprimirei homens e gado, suprimirei os pássaros do céu e os peixes do mar, farei tropeçar os perversos e aniquilarei os homens da face da terra, oráculo de lahweh. Estenderei minha mão contra Judá e contra todos os habitantes de Jerusalém, aniquilarei deste lugar e resto de Baal, o nome dos sacerdotes dos ídolos, os que se prostram nos telhados diante do exército dos céus, os que se prostram diante de lahweh, mas juram por Melcom, os que se afastam de lahweh, que não procuram a lahweh nem consultam**”.

Jeremias 4,3-4: “Porque assim disse lahweh ao homem de Judá e a Jerusalém: Arroteei para vós um campo novo e não semeéis entre

espinhos. Circuncidai-vos para lahweh e tirai o prepúcio de vosso coração, homens de Judá e Jerusalém, **para que a minha cólera não irrompa como fogo, queime e não haja ninguém para apagar, por causa da maldade de vossas obras**".

Jeremias 5,11-18: "Sim, realmente me traíram, a casa de Israel e a casa de Judá, - oráculo de lahweh. Eles renegaram a lahweh e disseram: 'Ele não existe! Nenhum mal nos atingirá, não veremos nem espada nem fome! Seus profetas não são senão vento, a palavra não está neles; assim lhes aconteça!' Por isso, assim disse lahweh, o Deus dos Exércitos: Porque falastes esta palavra, **eis que farei de minhas palavras fogo em tua boca, e, desse povo, lenha que o fogo devorará. Eis que trago contra vós uma nação de longe, ó casa de Israel, oráculo de lahweh. É nação duradoura, é nação antiga, nação cuja língua não conheces e não compreendes o que ela fala. Sua aljava é como sepulcro aberto, todos os seus homens são heróis. Devorará tua messe e teu pão, devorará teus filhos e filhas, devorará tuas ovelhas e tuas vacas, devorará tua vinha e tua figueira; destruirá pela espada tuas cidades fortificadas em que depositas a tua confiança**'. Contudo, mesmo naqueles dias - oráculo de lahweh - não vos aniquilarei

completamente”.

Jeremias 7,20: “Por isso, assim disse o Senhor *lahweh*: **Eis que minha ira ardente se derramará sobre este lugar, sobre os homens, sobre os animais**, sobre as árvores do campo e sobre os frutos da terra. Ela arderá e não se extinguirá”.

Jeremias 9,12-15: “E *lahweh* disse: Porque eles abandonaram a minha Lei, que eu lhes dera, e não obedeceram a minha voz, não a seguiram, mas seguiram a obstinação de seu coração e os baais que os seus pais lhes fizeram conhecer. Por isso, assim disse *lahweh* dos Exércitos, o Deus de Israel: **Eis que farei esse povo comer absinto, e lhes darei a beber água envenenada. Eu os dispersarei entre as nações que não conhecem, nem eles nem seus pais, e enviarei atrás deles a espada, até que os tenha exterminado”**.

Jeremias 13,13-14: “Tu lhes dirás: ‘Assim disse *lahweh*. **Eis que encherei de embriaguez todos os habitantes desta terra, os reis que estão sentados no trono de Davi, os sacerdotes, os profetas e todos os habitantes de Jerusalém. Então eu os quebrarei, cada um contra o seu irmão, pais contra filhos, oráculo de *lahweh*. Sem piedade, sem pena, sem misericórdia os destruirei”**.

Jeremias 15,3-4: **“Eu os visitarei com quatro coisas - oráculo de lahweh -: a espada para matar; os cães para dilacerar; as aves do céu e os animais selvagens para devorar e destruir.** Eu os porei como objeto de horror para todos os reinos da terra, por causa de Manassés, filho de Ezequias e rei de Judá, pelo que fez em Jerusalém”.

Jeremias 16,1-4.12-13: “A palavra de lahweh me foi dirigida nestes termos: Não tomes para ti mulher e não tenhas filhos e filhas neste lugar. Porque assim disse lahweh a respeito dos filhos e das filhas que nascerão neste lugar, e a respeito de suas mães que os conceberão e a respeito de seus pais que os gerarão nesta terra. **Eles morrerão de doenças mortais, não serão lamentados nem enterrados; servirão de esterco sobre o solo. Perecerão pela espada e pela fome, e seus cadáveres serão alimento para os pássaros do céu e para os animais selvagens.** Mas vós fizestes pior que vossos pais. Eis que cada um de vós seguiu a obstinação de seu coração perverso, sem me ouvir. **Eu vos lançarei para fora desta terra,** numa terra que vós e vossos pais não conhecestes; servireis lá a outros deuses, de dia e de noite, pois não usarei de misericórdia convosco”.

Jeremias 19,3-9: “E dirás: Escutai a palavra de

*Iahweh, reis de Judá e habitantes de Jerusalém. Assim disse Iahweh dos Exércitos, Deus de Israel: **eis que trarei uma desgraça sobre este lugar**, que fará zunir os ouvidos de quem ouvir. Porque eles me abandonaram, desvirtuaram este lugar, ofereceram nele incenso a deuses estrangeiros, que nem ele, nem seus pais nem os reis de Judá tinham conhecido, e encheram este lugar com o sangue dos inocentes. Eles construíram lugares altos a Baal, para queimarem os seus filhos em holocausto a Baal, o que eu não tinha ordenado nem falado e nem jamais pensado. Por isso, eis que dias virão - oráculo de Iahweh - em que não se chamará mais este lugar Tofet ou vale de Ben-Enom, mas sim vale da Matança. Esvaziarei os planos de Judá e de Jerusalém neste lugar e **os farei cair pela espada diante dos seus inimigos**, pela mão daqueles que atentam contra a sua vida, e darei os seus cadáveres como alimento dos pássaros do céu e aos animais selvagens. Eu farei desta cidade um objeto de pavor e de burla; cada um que passar por ela ficará estupefato e assobiará, por causa de todos os seus ferimentos. Farei que eles devorem a carne de seus filhos e a carne de suas filhas: eles se devorarão mutuamente na angústia e na necessidade com que os oprimem os seus inimigos e aqueles que atentam contra a sua vida".*

Jeremias 21,4-7: “Assim disse Iahweh, o Deus de Israel. **Eis que farei voltar as armas que estão em vossas mãos**, com as quais combateis o rei da Babilônia e os caldeus, que vos cercam: de fora dos muros os reunirei dentro desta cidade. **E eu mesmo combaterei contra vós com mão estendida e com braço forte, com ira, com furor e com grande indignação. Ferirei os habitantes desta cidade, homens e animais, com uma grande peste, e eles morrerão.** Depois disto – oráculo de Iahweh – **entregarei Sedecias, rei de Judá, seus servos, o povo e aqueles, nesta cidade, que escaparem da peste, da espada e da fome, nas mãos de Nabucodonosor, rei da Babilônia, nas mãos de seus inimigos e nas mãos daqueles que procuram a sua vida; ele os passará ao fio da espada, não os poupará, não terá pena, não terá compaixão”.**

Jeremias 25,8-11: “Por isso, assim disse Iahweh dos Exércitos: Porque não ouvistes as minhas palavras, **eis que mandarei buscar todas as tribos do Norte** (– oráculo de Iahweh! ao redor de Nabucodonosor, rei da Babilônia, meu servo) **e trazê-las contra esta terra e seus habitantes** (e contra todas as nações em redor); **eu os ferirei com anátema e farei deles objeto de horror, de escárnio, e uma ruína perpétua.** Farei cessar entre eles

a voz de júbilo e de alegria, a voz do noivo e da noiva, o ruído da mó e a luz da lâmpada. Toda esta terra será reduzida a ruína e desolação e estas nações servirão ao rei da Babilônia durante setenta anos”.

Jeremias 26,4-6: “Tu lhes dirás: Assim disse lahweh. Se não me escutardes para seguides a minha Lei, que vos dei, para atenderdes as palavras de meus servos, os profetas, que vos envio sem cessar, mas vós não escutais, **tratarei este Templo como Silo** ⁽²³⁸⁾ **e farei desta cidade maldição para todas as nações da terra”**.

Jeremias 29,17-19: “Assim disse lahweh dos Exércitos: **Eis que lhes enviarei a espada, a fome e a peste;** e os farei semelhantes a figos podres que não podem ser comidos, de tão ruins que são. Persegui-lo-ei pela espada, pela fome e pela peste. **Farei deles um objeto de horror para todos os reinos da terra, uma maldição, um objeto de espanto, de escárnio e de vergonha, em todas as nações, onde os dispersei.** Porque não escutaram as minhas palavras – oráculo de lahweh –, embora lhes tenha enviado sem cessar meus servos, os profetas, mas eles não os escutaram, oráculo de lahweh”.

Jeremias 44,1-14: “Palavra que foi dirigida a Jeremias para todos os judeus instalados na

terra do Egito, residentes em Magdol, Táfnis, Nof e na terra de Patros. Assim disse Iahweh dos Exércitos, Deus de Israel: **Vós visteis toda a desgraça que fiz vir sobre Jerusalém e sobre todas as cidades de Judá: ei-las hoje em ruínas e sem habitantes!** Foi por causa das maldades que cometeram para me irritar, indo incensar e servir deuses estrangeiros, que nem eles, nem vós, nem vossos pais conheciam. E eu vos enviei, constantemente, todos os meus servos, os profetas, para dizer: 'Não façais essa coisa abominável que detesto!' Mas não escutaram nem deram ouvidos para se converterem de sua maldade e não mais incensarem deuses estrangeiros. Então minha fúria e minha cólera transbordaram e abrasaram as cidades de Judá e as ruas de Jerusalém, que se tornaram ruínas e solidão, como hoje. Agora, assim disse Iahweh, Deus dos Exércitos, Deus de Israel: Por que causais a vós mesmos um mal tão grande? Iríeis exterminar do meio de Judá homens e mulheres, crianças e lactantes, sem que vos subsista um resto, visto que teríeis irritado com as obras de vossas mãos, incensando deuses estrangeiros na terra do Egito, onde entrastes para nela morardes, trabalhando assim para o vosso extermínio e tornando-vos um objeto de maldição e zombaria entre todas as nações da terra? Vós vos esquecestes das maldades de vossos pais, das maldades dos

reis de Judá e da maldade de vossos príncipes, de vossas maldades e das maldades de vossas mulheres, cometidas na terra de Judá e nas ruas de Jerusalém? Eles não se deixaram abater até o dia de hoje, não temeram e não caminharam conforme a minha Lei e conforme as prescrições que apresentei diante de vós e diante de vossos pais. Por isso, assim disse lahweh dos Exércitos, Deus de Israel: Eis que volto minha face contra vós para vossa desgraça, para exterminar todo Judá. **Tomarei o resto de Judá que decidiu entrar na terra do Egito para ali morar: eles perecerão todos, na terra do Egito cairão, perecerão pela espada e pela fome, do menor ao maior morrerão pela espada e pela fome, e serão objeto de escárnio, estupefação, desprezo e opróbrio. Castigarei aqueles que se instalaram na terra do Egito, como castiguei Jerusalém: pela espada, pela fome e pela peste. Não haverá quem escape ou fuja, do resto de Judá, daqueles que entraram na terra do Egito para lá morarem. Quanto a voltar para a terra de Judá, para onde desejam voltar, a fim de lá habitarem, certamente não voltarão, a não ser alguns fugitivos”.**

Ezequiel 5,11-17: “Eis porque – por minha vida, oráculo do Senhor lahweh – visto que profanaste o meu santuário com todos os ritos

detestáveis e com todas as abominações, também eu te rejeitarei; também eu não lhe pouparei. **A terça parte dos teus habitantes morrerá pela peste e perecerá de fome no meio de ti; outra terça parte cairá à espada em torno de ti; finalmente, a outra terça parte a espalharei a todos os ventos e desembainharei a espada atrás deles.** Assim se cumprirá a minha ira, saciarei a minha cólera neles e ficarei satisfeito. Então saberão que eu, lahweh, falei no meu zelo, cumprindo a minha ira contra eles. **Reduzir-te-ei a ruína, a objeto de ludíbrio entre as nações que te cercam, aos olhos de todos os que passam. Sim, serás objeto de ludíbrio e de insultos, advertência e motivo de horror para as nações que te cercam, ao cumprir eu em ti os meus julgamentos, com cólera e com ira, e com castigos terríveis.** Eu, lahweh, o disse. Atirando contra eles as flechas malignas da fome - com efeito, atirá-las-ei para a vossa destruição e acrescentarei ainda a fome -, reduzirei a vossa reserva de pão. Sim, atirarei a fome e animais ferozes que vos desfilharão; a peste e o sangue passarão pelo meio de ti; trarei a espada contra ti. Eu, lahweh, o disse”.

Ezequiel 6,1-10: “A palavra de lahweh me foi dirigida nestes termos: Filho do homem, volta a tua face para os montes de Israel e profetiza

contra eles. *Dir-lhes-ás: Montes de Israel, ouvi a palavra do Senhor Iahweh. Eis o que diz o Senhor Iahweh aos montes, às colinas, às ravinas e aos vales: Eu estou para trazer contra vós a espada para destruir os vossos lugares altos. Os vossos altares ficarão devastados, os vossos altares de incenso serão despedaçados: farei cair os vossos trespassados perante os vossos ídolos imundos, porei os cadáveres dos israelitas diante dos seus ídolos imundos e espalharei os seus ossos ao redor de vossos altares. **Em todos os lugares onde habitais, as cidades serão arrasadas e os lugares altos ficarão desertos, a fim de que os vossos altares sejam destruídos e fiquem desertos, e os vossos ídolos imundos sejam despedaçados e desapareçam, e os vossos altares de incenso sejam reduzidos a pedaços e as vossas ações aniquiladas. Muitos dentre vós cairão trespassados e sabereis que eu sou Iahweh.** Mas para que entre vós haja sobreviventes da espada no meio das nações, espalhados em meio às nações, deixar-vos-ei um resto. Então os vossos sobreviventes no meio das nações por onde tiverem sido levados cativos - quando eu tiver quebrado o seu coração prostituído que me abandonara, e os seus olhos prostituídos com ídolos imundos - se lembrarão de mim. Sentirão asco de si*

mesmos pelo mal que fizeram, por todas as suas abominações. Saberão então que eu sou lahweh e que não foi em vão que lhes falei que havia de infligir-lhes todo este mal”.

*Ezequiel 14,6-11: “Portanto, dize à casa de Israel: Assim diz o Senhor lahweh: Voltai, desviái-vos dos vossos ídolos imundos, desviái os vossos rostos de todas as vossas abominações, porque a todo homem da casa de Israel ou dentre os estrangeiros que vivem em Israel, que se afastar de mim, dando lugar de honra no seu coração aos seus ídolos imundos, e pondo diante da sua face o tropeço da sua iniquidade, e que vier ao profeta para me consultar, serei eu, lahweh, que lhe responderei. **Porei o meu rosto contra esse homem, farei dele sinal e provérbio, riscando-o do seio do meu povo, e sabereis que eu sou lahweh.** E se o profeta se deixar seduzir e pronunciar uma palavra, eu, lahweh, seduzirei esse profeta e estenderei a minha mão contra ele, exterminando-o do seio do meu povo, Israel. Ambos levarão sobre si a sua iniquidade. Como será a iniquidade do consultante, tal será a iniquidade do profeta. Deste modo a casa de Israel não tornará a desviar-se de mim, nem se contaminará mais com todas as suas transgressões. Serão então o meu povo e eu serei o seu Deus, oráculo do Senhor lahweh”.*

Ezequiel 33,23-29: “Então a palavra de Iahweh me foi dirigida nestes termos: Filho do homem, os habitantes daquelas ruínas do solo de Israel dizem: 'Abraão era um só quando tomou posse da terra. Ora, a nós que somos muitos, a terra foi dada como patrimônio'. Dize-lhes, pois: Assim diz o Senhor Iahweh: Vós devorais sobre o sangue e elevais os olhos para os vossos ídolos imundos, derramais sangue e tereis a posse da terra? Vós vos apoiáis em vossas espadas, cometeis abominação, cada um profana a mulher do seu próximo e tereis a posse da terra? Assim lhes dirás: Eis o que diz o Senhor Iahweh: **Por minha vida, certamente uns cairão à espada no meio das ruínas, enquanto outros em pleno campo, serão dados a comer às feras, enquanto outros ainda, refugiados nas montanhas e nas cavernas, morrerão de peste.** Farei da terra uma solidão e um deserto, e assim cessará o orgulho da sua força e os montes de Israel ficarão abandonados por falta de quem passe por eles. Desse modo saberão que eu sou Iahweh, quando reduzir a terra a uma desolação e a um deserto, por causa de todas as abominações que praticaram”.

Zacarias 14,1-5: “Eis que vem o dia de Iahweh, quando em teu seio serão repartidos os teus despojos. **Reunirei todas as nações contra**

Jerusalém para o combate; a cidade será tomada, as casas serão saqueadas, as mulheres violentadas; a metade da cidade sairá para o exílio, mas o resto do povo não será eliminado da cidade. Então lahweh sairá e combaterá essas nações, como quando combate no dia da batalha. Naquele dia, estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está diante de Jerusalém, na parte oriental. O monte das Oliveiras se rachará pela metade, e surgirá do oriente para o ocidente um enorme vale. Metade do monte se desviará para o norte, e a outra para o sul. Fugireis do vale de minhas montanhas, pois o vale das montanhas atingirá Jasol; fugireis como fugistes por causa do terremoto nos dias de Ozias, rei de Judá. E lahweh, meu Deus, virá, todos os santos com ele”.

Aqui, damos por terminados os relatos nos quais a divindade dos hebreus ameaça-os com castigos, destruição, peste, etc., caso não se voltassem a servi-lo e adorá-lo, provando, portanto, a imposição do culto a lahweh, de forma irrefutável.

Diante disso é fácil entender porque vários pensadores têm ojeriza à Bíblia, inclusive alguns com uma visão da divindade bem próxima à de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831): “O Deus

judaico era um tirano, que exigia submissão incondicional às suas leis intoleráveis.” (239)

Porém, não nos iludiremos pensando que os ortodoxos aceitarão essa verdade tão facilmente assim, uma vez que só enxergam o que querem: aquilo que não contraria seus dogmas. Bem disse Kardec: “O fanatismo é cego; não raciocina.” (240)

Absurdos atribuídos à divindade dos hebreus

Quando estávamos pesquisando o livro de Josué, que narra as guerras de conquista de Canaã, levada a efeito pelos hebreus, não deixamos de lembrar de um pequeno texto que havíamos feito tempos atrás (abril de 2007), que serve ao propósito do assunto desse tópico. Leiamos:

Uma história de estarrecer e a Bíblia

Uma certa pessoa, a qual chamaremos de José, o homem mais rico e poderoso do país do “Faz de Contas”, promete a seu amigo João, a quem muito estimava, que lhe daria um relógio de ouro. Algum tempo depois, José diz a João que estava chegando a hora de cumprir com o prometido. Que ele, João, deveria ir à loja do Júlio, o mais hábil joalheiro da capital, que trabalhava juntamente com a sua mulher e dois filhos, pois não tinha nenhuma confiança em pessoas de fora, não sem razão, dada a peculiaridade de seu negócio.

José recomenda a João exatamente isso: vá à loja do Júlio, mate a ele, mulher e filhos, depois pegue o relógio de ouro da melhor marca que houver por lá, e pode ir tranquilo para sua casa

e assim considere cumprido o que lhe prometi.

Já estou imaginando o que você deve estar pensando, e que obviamente me dirá:

- Que cara maluco, meu! Que história é essa, sem sentido algum? Só um “doido de pedra” poderia vir com algo assim.

- Sinceramente? Você está coberto de razão. Não há sentido algum numa coisa absurda dessa, mas...

- Eita! Lá vem você com o “mas”.

- Isso aconteceu de verdade.

- Como, aconteceu de verdade? Xiii, você é mais maluco do que pensei de início.

- Então vou provar-lhe que isso realmente aconteceu, mas sei que é bem provável que não gostará do que vai ouvir, dado o seu tradicionalismo religioso. A única diferença em relação ao que vou lhe contar é que o prometido não foi um simples relógio, mas uma vastidão de terra pertencente a outros povos.

- Tá certo, essa quero pagar para ver.

- Bom, não vá dizer que não avisei, certo? Vamos lá, ouça:

Conta-nos, os escritores bíblicos, que Deus havia prometido a Abraão, patriarca do povo hebreu, uma terra, na qual correria leite e mel, que, segundo se entende, seria onde viviam os

cananeus (Gn 12,6-7; 15,8).

Tempos mais tarde, resolve dizer a este povo que já estava pronto para cumprir o prometido a Abraão, era o momento de dar-lhe essa terra. Para isso retira-o do Egito, onde vivia na condição de escravidão, mandando-o seguir rumo a essa terra, por um caminho orientado por Ele. Chegando lá, com o seu exército promove uma carnificina geral, passando a fio de espada todos os habitantes - homens, mulheres e crianças -, das cidades: Jericó (Josué 6,21), Hai (Josué 8,24), Maceda (Josué 8,28), Lebna, Laquis, Gazer, Eglon, Hebron e Dabir (Josué 10,28-39). Tudo isso por determinação de “Javé” (Deuteronômio 20,16-17), que, ainda lhes envia “o chefe de seu exército” (Josué 5,14) para, dessa forma, dar-lhes apoio incondicional a esse ato ignominioso que os hebreus levaram a efeito. Os únicos daquela região que não sucumbiram, foram os gabaonitas, porém, impuseram-lhes a escravidão (Josué 9,23).

E para se vangloriarem do feito, são listados os trinta e um reis que pereceram nessa chacina, executada naquela vasta região (Josué 12).

Narra-se que “desse modo, Javé deu a Israel toda a terra que jurara dar a seus antepassados. Eles tomaram posse e nela se estabeleceram” (Josué 21,43). O próprio

“Javé”, disse aos hebreus: “Eu dei a vocês uma terra que não lhes custou nada, ...” (Josué 24,13). Para dizer isso, certamente, só poderia pensar que a vida das pessoas não valia nada.

E, ao que tudo indica dos acontecimentos, devia querer implantar a raça do “povo eleito” aqui na terra, mesmo que a custa de milhares de vidas humanas. Não muito diferente do que a história registra em relação a uma determinada personagem que queria que só existisse a “raça pura”. Comparação dura poderá achar, mas são os fatos que levam a ela. Nos tempos atuais, tais atrocidades seriam enquadradas como crime contra humanidade, seus responsáveis seriam punidos, sem sombra de dúvida.

Não posso fechar essa história senão afirmando que isso obviamente não pode ter vindo da Divindade. Acredito que Moisés, na condição de chefe guerreiro, usou desse artifício para levar os hebreus a uma guerra de conquista, pensava, talvez, em tornar-se o rei deles. É por esse e outros muitos absurdos que não posso, em sã consciência, aceitar a Bíblia como sendo mesmo a palavra de Deus. Os que assim acreditam, de duas uma: leram e não entenderam nada ou estão evolutivamente próximos desse deus tribal.

Paulo Neto

O que nos deixa completamente perplexos é ver como as pessoas acreditam nesse absurdo, como se o Criador fosse capaz de tais atitudes. Nos dias atuais, procedimentos como esses seriam enquadrados como crimes contra a humanidade e seu idealizador julgado por um tribunal internacional, que, certamente, o condenaria, no mínimo, à prisão perpétua.

Vejamos alguns outros absurdos, dentre vários atribuídos à divindade dos hebreus, que nos leva à conclusão ser ela apenas mais um deus pagão do que, propriamente, o Criador do Universo, de tão ridículos e impróprios que são.

Êxodo 25,10-22: *“Farás uma **arca de madeira** de acácia com dois **côvados** e meio de comprimento, um **côvado** e meio de largura e um **côvado** e meio de altura. **Tu a cobrirás de ouro puro por dentro e por fora, e farás sobre ela uma moldura de ouro ao redor.** Fundirás para ela quatro argolas de ouro: que porás nos quatro cantos inferiores da arca: duas argolas de um lado e duas argolas de outro. E enfiarás os varais nas argolas aos lados da arca, para ser carregada por meio deles. Os varais ficarão nas argolas da arca,*

*não serão tirados dela. E colocarás na arca o Testemunho que te darei. Farás também propiciatório de ouro puro, com dois côvados e meio de comprimento e um côvado e meio de largura. **Farás dois querubins de ouro**, de ouro batido os farás, nas duas extremidades do propiciatório; faze-me um dos querubins numa extremidade e o outro na outra: farás os querubins formando um só corpo com o propiciatório, nas duas extremidades. Os querubins terão as asas estendidas para cima e protegerão o propiciatório com suas asas, um voltado para o outro. As faces dos querubins estão voltadas para o propiciatório. Porás o propiciatório em cima da arca; e dentro dela porás o Testemunho que te darei. Ali virei a ti, e, de cima do propiciatório, do meio dos querubins que estão sobre a arca do Testemunho, falarei contigo acerca de tudo o que eu te ordenar para os israelitas”.*

A arca de madeira aqui mencionada nada mais é que a Arca da Aliança, também denominada de Arca do Testamento; para sua confecção foi utilizado o côvado como medida, que sabemos ser de origem egípcia. Após pronta ela seria algo próximo disto (²⁴¹):



Arca da Aliança ou Arca do Testemunho

Reinaldo José Lopes, no artigo já anteriormente citado, coloca:

Os historiadores e arqueólogos modernos ainda não conseguiram determinar o paradeiro da Arca, se é que o objeto ainda existe, mas a grande ironia é que, **ao que tudo indica, o artefato incorporava características originalmente pagãs, da época em que os israelitas não adoravam um deus único.** “A Arca parece ter tido sua origem nos amuletos protetores parecidos com caixas usados até hoje por algumas tribos de beduínos. Colocadas em cima de camelos, essas caixas são a vanguarda das migrações deles, da mesma maneira como se descreve a Arca liderando os israelitas no deserto”, escreve Stephen A. Geller, professor de estudos bíblicos do Seminário Teológico Judaico de Nova York. ⁽²⁴²⁾

Apesar da relação da arca com o paganismo, o fato mais importante que aqui, neste item, queremos realçar é que a divindade dos hebreus comporta-se em total contradição com o que ela mesma havia determinado - o que para nós é um grande absurdo -, pois havia proibido a confecção de qualquer tipo de imagem (Deuteronômio 4,16-17), enquanto aqui ela mesma orienta para se fazer a de dois querubins, que, para piorar ainda mais o fato, foi tomada dos cultos pagãos, conforme já explicado anteriormente.

Levítico 25,44-46: “Os servos e as servas que tiveres deverão vir das nações que vos circundam: delas podereis adquirir servos e servas... Tê-los-eis como escravos, mas sobre os vossos irmãos, os israelitas, pessoa alguma exercerá poder de domínio”.

Dos outros povos se permite fazer escravos, designados como servos e servas, algo contrário a um lúcido sentimento humanitário.

Deuteronômio 15,12: “Quando um dos teus irmãos, hebreu ou hebreia, for vendido a ti, ele te servirá por seis anos. No sétimo ano tu o deixarás ir em liberdade”.

Se acima se proibia ter um irmão israelita como escravo, aqui se permite.

Deuteronômio 5,21: “Não cobiçarás a mulher do teu próximo; nem desejarás para ti a casa do teu próximo, nem o seu campo, nem o seu escravo, nem a sua escrava, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença a seu próximo”.

Todo o versículo poderia ser resumido nisto: “não desejar o que pertence a seu próximo”. Então, devemos concluir que, entre os bens do seu próximo, está incluída a mulher dele, ou seja, a sua esposa. Não soa muito mal para uma divindade dizer isso?

E, aqui, novamente a questão do escravo é aceita como coisa mais normal do mundo. Então, por que, nos dias atuais, toda a humanidade se horroriza quando fica sabendo de casos de escravidão? Somos melhores do que essa divindade dos hebreus; é o que se pode concluir.

Deuteronômio 21,15-16: “Se alguém tiver duas mulheres, amando a uma e não gostando de outra, e ambas lhe tiverem dado filhos, se o primogênito for da mulher da qual não gosta,

este homem, quando for repartir a herança entre seus filhos, não poderá tratar o filho da mulher que ama como se fosse o mais velho, em detrimento do filho da mulher da qual ele não gosta, mas que é o verdadeiro primogênito”.

Embora a intenção seja preservar o direito do filho da mulher que o homem não goste, está se admitindo a poligamia. Será que não prevalece “o homem se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne” (Gn 2,24)? Por outro lado, se ter duas mulheres era algo de bom naquela época, por que não o será mais?

Deuteronômio 21,18-21: “Se alguém tiver um filho rebelde e indócil, que não obedece ao pai e à mãe e não os ouve mesmo quando o corrigem, o pai e a mãe o pegarão e levarão aos anciãos da cidade, à porta do lugar, e dirão aos anciãos da cidade: ‘Este nosso filho é rebelde e indócil, não nos obedece, é devasso e beberrão. E todos os homens da cidade o apedrejarão até que morra. Deste modo extirparás o mal do teu meio, e todo o Israel ouvirá e ficará com medo”.

Que pedagogia!... Como têm coragem de

admitir tal barbaridade como emanada do Criador do Cosmo?!

Deuteronômio 23,2: “O homem com testículos esmagados ou com o membro viril cortado não poderá entrar na assembleia de lahweh”.

Será que a assembleia de lahweh era somente para homens com capacidade de reproduzir?! Não seria uma discriminação, tal atitude?

Deuteronômio 23,14: “Junto com teu equipamento tenhas também uma pá. Quando saíres para fazer as tuas necessidades, cava com ela, e ao terminar cobre as fezes”.

Sim, deveriam fazer igual aos gatos, que, por instinto, cobrem suas fezes. É certo que, como medida de higiene e prevenção de doenças, foi uma medida útil; entretanto, a vemos como atitude completamente humana e não uma preocupação que deveria emanar da divindade.

Deuteronômio 23,16: “Quando um escravo fugir do seu amo e se refugiar em tua casa, não o entregues ao seu amo; ele permanecerá contigo, entre os teus, no lugar que escolher,

numa das tuas cidades, onde lhe pareça melhor. Não o maltrates!”.

Se foi permitido ter escravo, aqui não estaria se aceitando a usurpação de propriedade alheia? Será que o “não o maltrates” incluiria não o usar em trabalhos forçados?

Deuteronômio 24,1-2: “Quando um homem tiver tomado uma mulher e consumado o matrimônio, mas esta, logo depois, não encontra mais graça a seus olhos, porque viu nela algo de inconveniente, ele lhe escreverá então uma ata de divórcio e a entregará, deixando-a sair de sua casa em liberdade”.

O poder do divórcio estava nas mãos dos homens, que, pelo que consta nesse versículo, poderiam dispensar sua mulher pelos motivos mais irrisórios. E a igualdade entre os direitos do homem e da mulher não existe perante a divindade?

Josué 10,12-14: “Foi então que Josué falou a lahweh, no dia em que lahweh entregou os amorreus aos israelitas. Disse Josué na presença de Israel: ‘Sol, detém-te em Gabaon, e tu, lua, no vale de Aialon!’ E o sol se deteve a lua ficou imóvel até que o povo se vingou

dos seus inimigos. Não está escrito no livro do Justo? O sol ficou imóvel no meio do céu e atrasou o seu ocaso de quase um dia inteiro. Nunca houve dia semelhante, nem antes, nem depois, quando lahweh obedeceu à voz de um homem. É que lahweh combatia por Israel”.

A divindade obedecendo a um homem? Eita! Como acreditam num absurdo desse? E o pior é que ainda temos mais um outro: o sol e a lua pararem. Isto só poderia acontecer para quem não sabe o que criou, pois, para que o dia aumentasse suas horas de claridade recebida do Sol, quem deveria parar era a Terra e não o Sol, porquanto, é a rotação dela, sobre seu próprio eixo, que produz o ciclo dia e noite. Ou, quem sabe, o escritor desse livro não sabia disso?...

Juízes 14,19: “Então o espírito de lahweh caiu sobre ele e se apossou dele, e ele desceu a Ascalon, matou trinta homens, tirou-lhes as roupas de festa e entregou-as aos que lhe tinham apresentado a solução do enigma, e depois, enfurecido, voltou para a casa de seu pai”.

A pessoa de quem se fala aqui é Sansão. Pensar que a divindade Cósmica possa apoderar-se

de um homem levando-o a matar outros homens, é, simplesmente, ridícula. E ainda têm a coragem de afirmar que a possessão só existe por parte do demo...

1 Samuel 11,6-7: “E, quando Saul ouviu tais palavras, o espírito de Deus caiu sobre ele, e ele se encheu de cólera. Tomou uma junta de bois e os fez em pedaços, os mandou por mensageiros a todo o território de Israel, com este recado: ‘A todo aquele que não sair para o combate de Saul e Samuel, assim se fará a todos os seus bois. Um terror de lahweh se abateu sobre o povo e eles marcharam como se fossem um só homem”.

E o ridículo continua...

1 Samuel 15,2-3: “Samuel disse a Saul; ‘Foi a mim que lahweh enviou para te ungir rei sobre o seu povo Israel. Portanto, escuta agora, as palavras de lahweh. Assim diz lahweh dos Exércitos: Resolvi punir Amalec o que fez a Israel cortando-lhe o caminho quando subia do Egito. Vai, pois agora, e investe contra Amalec, condena-o ao anátema com tudo o que lhe pertence, não tenhas piedade dele, mata homens e mulheres, crianças e recém-nascidos, bois e ovelhas, camelos e

jumentos”.

Cumprindo a promessa de vingança contra Amalec: *“eu vou apagar a memória de Amalec debaixo do céu”* (Êxodo 17,14; Deuteronômio 25,19), pelo motivo acima exposto, esse “Deus dos Exércitos” manda os israelitas matar tudo que encontrasse pela frente que fosse do povo amalecita: homens, mulheres, crianças, recém-nascidos e até os seus animais, algo compatível a um nefando criminoso de guerra que também ataca a população civil, sem poupar ninguém. Isso é crime de guerra!!! E, mais à frente, sem se preocupar com nada do que faz, justifica-se dizendo que *“nem se arrepende, porque não é homem para se arrepender”* (1 Samuel 15,29), igualando-se ao mais vil criminoso de guerra que já passou aqui pela humanidade, cujo nome nem é preciso citar.

2 Reis 2,23-24: *“De lá subiu a Betel; ao subir pelo caminho, uns rapazinhos que saíram da cidade zombaram dele, dizendo: ‘Sobe, careca! Sobe, careca!’ Eliseu virou-se, olhou para eles e os amaldiçoou em nome de lahweh. Então saíram do bosque duas ursos e despedaçaram quarenta e dois deles”*.

Por uma simples brincadeira os rapazinhos, ou seja, jovens de 12 a 16 anos ⁽²⁴³⁾ a divindade castiga-os, mandando-lhes duas ursos para despedaçá-los. Tão absurdo tal ato que chocou até alguns tradutores bíblicos:

O episódio dos meninos mostra que Deus protege o seu profeta contra os que os insultam (cf. 1,9-12), **mas nos deixa bastante vexados**. Jesus, ao contrário, abençoou as crianças (Mc 10,14-16).
(²⁴⁴)

Há que ser uma pessoa muito tacanha para admitir essa barbaridade como proveniente de Deus.

2 Reis 20,8-11: “Ezequias disse a Isaías: ‘Qual é o sinal de que lahweh vai me curar e de que, dentro de três dias subirei ao Templo de lahweh?’ Isaías respondeu: ‘Eis, da parte de lahweh, o sinal de que ele realizará o que disse: Queres que a sombra avance dez degraus ou que retroceda dez degraus?’ Ezequias disse: ‘Avançar dez degraus é fácil para sombra! Não! Prefiro que ela recue dez degraus!’ O profeta Isaías invocou lahweh e este fez a sombra recuar os degraus que tinha descido nos degraus de Acaz - dez degraus para trás”.

Segundo os tradutores da *Bíblia de Jerusalém*, trata-se de degraus de uma escada para o quarto superior de Acaz e não de quadrante solar; ainda segundo eles, foram tomados como base os manuscritos de Qumrã. ⁽²⁴⁵⁾ Isso pouco importa para o nosso caso, pois, qualquer que seja a opção, na qual a sombra pudesse voltar atrás se presume que o Sol teria recuado, fato impossível de acontecer perante as leis que regem os astros, as quais sabemos serem divinas, portanto, imutáveis.

Isaías 20,2-4: *“Falou lahweh por intermédio de Isaías, filho de Amós, e disse: 'Eia, tira o pano de saco de sobre os teus ombros e descalça as sandálias dos teus pés'. Ele assim fez, andando nu e descalço. Então disse lahweh: 'Da mesma maneira que o meu servo **Isaías andou nu e descalço durante três anos** - sinal e presságio que diz respeito ao Egito e a Cuch -, dessa maneira o rei da Assíria levará os cativos do Egito e Cuch - jovens e velhos - nus e descalços, com as nádegas descobertas - vergonha do Egito!”*.

Fantástico: Isaías, a mando de lahweh, anda nu e descalço por três anos apenas para servir de exemplo do que Ele fará ao Egito e Cuch. Quem

acredita nisso, merece toda a nossa compaixão.

Isaías 27,1: “Naquele dia, punirá lahweh com a sua espada dura, grande e forte, **Leviatã, serpente escorregadia, Leviatã, serpente tortuosa, matará o monstro que habita o mar**”.

lahweh chega ao cúmulo do absurdo, quando promete matar até um ser totalmente mitológico. Vejamos as informações que nos dão conta disso:

Leviatã (ou também o Dragão, a Serpente Fugitiva – cf. 26,13; 40,25+; Is 27,1; 51,9; Am 9,3; Sl 74,14; 104,26) era, **na mitologia fenícia**, monstro do caos primitivo (cf. 7,12+); a imaginação popular podia sempre rezear que despertasse, atraído por uma eficaz maldição contra a ordem existente... ⁽²⁴⁶⁾

[...] E depois os autores **atribuem aos deuses motivações corriqueiras que chegam até a ser mesquinhas**: os homens são escravos de quem os deuses precisam para nutrir-se (*Poema babilônico*, 30-40); a desgraça do homem se explica pela inveja dos deuses preocupados em não perder seus privilégios. Esses mesmos antropomorfismos aparecem no texto bíblico. Deus forma montanhas (Am 4,13), animais e o homem, como o oleiro modela a argila (Gn 2,7.8.19). **O tema do combate cósmico travado por Javé**

contra o Mar, Raab, Leviatã e o Dragão é atestado por Jó 3,8; 7,12; 9,13; 26,12 etc.; pelos SI 74, 13-14; 77,17; Is 27,1; 51,9 etc. Os motivos de Javé continuam ambíguos segundo Gn 3,22.

Mas a tendência é utilizar imagens despojadas de seu mofo mítico e verbos que melhor se adaptem ao caráter único do ato criador. ⁽²⁴⁷⁾

O Dragão. A imaginação popular pensava que os mares ou abismos eram habitados por monstros, cujo **chefe era Leviatã** (Jó 3,8ss; 7,12ss). ⁽²⁴⁸⁾

Leviatã, muitas vezes representado pelo crocodilo, é propriamente um dragão mítico, que simboliza o poder do mal que ameaça a criação. Deus o teria derrotado, confinando-o na água. [...]. ⁽²⁴⁹⁾

Fica aí configurada a mitologia, que os autores bíblicos tomaram de outros povos para atribuí-la a lahweh, fato que os dogmáticos não fazem a mínima questão de apontar.

Isaías 40,22: *“Ele está entronizado sobre o **círculo da terra**, cujos habitantes são como gafanhotos; ele estende os céus como uma tela, abre-os como uma tenda que sirva de habitação”.*

Um círculo, até onde sabemos, é “uma superfície plana limitada por uma circunferência (linha curva)” (250), o que não cabe se aplicar à Terra, porquanto ela é esférica, com sua superfície curvada e não plana como parecia aos povos da antiguidade.

O que de interessante os estudiosos nos informam

Trazemos, para este tópico, tudo que achamos de tradutores, de estudiosos e de outros autores sobre os vários assuntos aqui relacionados, e que ainda não transcrevemos. Preferimos fazer isso a colocá-los nos tópicos anteriores, por acharmos mais importante a realçar que foram os próprios textos bíblicos a nos dar base para os argumentos colocados até então.

1 - Tradutores da Bíblia de Jerusalém:

Da *Bíblia de Jerusalém*, em “Os Profetas”, parte que se explica a respeito dos que supunham falar em nome de Deus, especificamente no tópico “A doutrina dos profetas”, transcrevemos o seguinte trecho:

Os profetas desempenharam um papel considerável no desenvolvimento religioso de Israel. [...] cada qual teve sua função própria, cada qual contribuiu com sua pedra para o edifício doutrinal. Suas contribuições, porém, se conjugam e se combinam segundo três linhas mestras,

*aquelas precisamente que distinguem a religião do Antigo Testamento: o **monoteísmo**, a moral e a espera da Salvação.*

O monoteísmo. **Só lentamente é que Israel chegou a uma definição filosófica do monoteísmo:** afirmação da existência de um Deus único, negação da existência de qualquer outro deus. **Durante muito tempo, aceitou-se a ideia de que os outros povos podiam ter outros deuses**, mas isso não era motivo de preocupação: Israel não reconhecia senão **lahweh, que era o mais poderoso dos deuses e exigia um culto exclusivo**, A passagem dessa consciência e dessa prática monoteísta a uma definição abstrata foi fruto da pregação dos profetas. Quando o mais antigo deles, Amós, apresenta lahweh como o Deus que impera sobre as forças da natureza e que é o senhor dos homens e da história, não faz mais que recordar verdades antigas, que dão todo o seu peso às **ameaças que ele profere**. Mas o conteúdo e as consequências desta fé antiga vão se afirmando cada vez mais claramente. A revelação do Deus do Sinai tinha sido vinculada a eleição do povo e à conclusão da Aliança, e em consequência lahweh aparecia como o Deus próprio de Israel vinculado à terra e aos santuários de Israel. Sem deixar de sublinhar fortemente os vínculos que unem lahweh a seu povo, os profetas mostram que ele dirige também os destinos dos outros povos (Âm 9,7). Ele julga os pequenos Estados e os grandes impérios (Am 1-2 e todas as profecias contra as nações), concede-lhes e retira-lhes o poder (Jr 27,5-8), serve-se deles como instrumentos de suas vinganças (Am 6,11; Is 7,18-

19; 10,6; Jr 5,15-17), mas detêm-nos quando quer (Is 10,12). Embora proclamem que a terra de Israel é a de lahweh. (Jr 7,7) e que o Templo é sua morada (Is 6; Jr 7,10-11), predizem a destruição do santuário (Mq 3,12; Jr 7,12-14; 26) e Ezequiel vê a Glória de lahweh deixar Jerusalém (Ez 10,18-22; 11,22-23).

lahweh, senhor da terra inteira, não deixa lugar para outros deuses. Lutando contra a influência dos cultos pagãos e as tentações do sincretismo, que ameaçavam a fé ele Israel, os profetas afirmam a impotência dos falsos deuses e a validade dos ídolos (Os 2,7-15: Jr 2,5-13.27-28; 5,7; 16,20)., Durante o Exílio, no momento em que o desmoronar das esperanças nacionais poderia suscitar dúvidas quanto ao poder de lahweh, a polêmica contra os ídolos se torna mais incisiva e mais racional no Dêutero-Isaías (Is 40,19-20; 41,6-7.21-24; 44,9-20; 46,1-7; Jr 10,1-16) e mais tarde na Carta de Jeremias (= Br 6) e em Dn 14. A esta crítica se opõe a expressão triunfante do monoteísmo absoluto (Is 44,6-8; 46,1-7.9). ⁽²⁵¹⁾ (itálico do original)

Ao que se pode depreender dessa explicação dos tradutores, os judeus de fato, não eram monoteístas, como admitiam, até determinada época, a existência de outros deuses, conclui-se que era o politeísmo vigorava.

2 - Samuel J. Schultz:

A religião de Canaã era politeísta. El era reputado como principal divindade cananea. Simbolizado como um touro entre um rebanho de vacas, e o povo se referia a ele como “pai touro”, considerando-o criador. Asera era a esposa de El. Nos dias de Elias, Jezabel patrocinava a quatrocentos profetas de Asera (veja 1Rs 18:19). O rei Manassés erigiu a imagem dela no templo de Jerusalém (veja 2Rs 21:7). O primeiro dentre os setenta deuses e deusas que eram tidos como prole de El e Asera era Hadade, mais comumente conhecido pelo nome de Baal, que quer dizer “Senhor”. Como monarca reinante dos deuses, ele controlaria os céus e a terra. Por ser deus da chuva e da tempestade, ele era o responsável pela vegetação e pela fertilidade. Anate, a deusa amante da guerra, era sua irmã e consorte. No século IX a. C., Astarte, deusa da estrela vespertina, era adorada como sua esposa. Mote, deus da morte, era o principal adversário de Baal. Iom, deus do mar, foi derrotado por Baal. Esses e muitos outros deuses são os primeiros a figurar no catálogo do panteão cananeu. ⁽²⁵²⁾

Mais dados que provam que a região era “infestada” de deuses.

3 - Iakov Abramovitch Lentsman:

Os teólogos judeus e cristãos declaram que, se o judaísmo desempenhou tal papel na formação do cristianismo, foi graças ao fato de

os judeus, contrariamente aos outros povos da Antiguidade, **terem sido sempre monoteístas, não admitirem senão um único deus**. Segundo a sua opinião essa foi a causa decisiva da difusão e da vitória da religião cristã sobre as outras religiões pagãs. **Mas isso não é justo, não corresponde à realidade**. Se o cristianismo nasceu do judaísmo, não foi por causa do caráter monoteísta deste último, mas como consequência da situação política e social geral da metade oriental do Império Romano em meados do século I. **No que respeita ao monoteísmo, enquanto traço específico do judaísmo, é preciso dizer, *primo* que todas as outras religiões da época manifestavam a mesma tendência para o monoteísmo, e, *segundo*, que o judaísmo não foi sempre monoteísta.**

O sistema filosófico e religioso de Sêneca não era menos monoteísta do que o judaísmo. A ampliação das funções de Ísis, deusa egípcia, de Mitra, deus mazdeano, e até mesmo de uma divindade romana como Telus mostra que a tendência ao monoteísmo era comum a todas as religiões da época. Uma religião monoteísta era, no fim das contas, a que melhor convinha a uma potência mundial como o Império Romano.

O monoteísmo só predominou no judaísmo depois de demorada luta. A *Bíblia* está repleta de relatos em que se apresentam os judeus adorando todas as espécies de divindades além de Jeová, o Eterno. Este teve durante muito tempo, como concorrentes, a Serpente de Bronze, o Bezerro de Ouro etc. As desgraças sofridas pelos

antigos hebreus são explicadas na *Bíblia* pela desobediência do povo eleito, que criava ídolos, apesar dos mandamentos de Jeová. **O monoteísmo só se impôs definitivamente aos judeus a partir do século V antes de nossa era.**

(²⁵³)

Confirma-se o politeísmo dos hebreus pelo menos até o Século V AEC, quando, a partir daí, passaram ao monoteísmo.

4 - Ambrogio Donini:

Continua-se a discutir, entre os estudiosos de história das religiões, **a origem do hábito de não comer carne de porco, existente entre os árabes e hebreus.** Pretendeu-se ver nesta interdição de caráter religioso uma espécie de espontânea e compreendida medida de caráter higiênico: o consumo da carne de porco teria sido vetado porque este animal, especialmente nos países quentes, é portador de germes de doenças infecciosas e apodrece facilmente logo depois de morto. A paternidade desta tese é assumida inclusive por críticos como Renan, além dos habituais historiadores teologizantes, para os quais todo fenômeno histórico deve ter forçosamente uma origem providencial.

Mas o homem primitivo não tem a mínima ideia do que seja a higiene, entendida como correlação de causa e efeito. Ele crê, por exemplo, que a doença seja a consequência de determinadas

transgressões de caráter moral e social, e não o produto de um contágio físico qualquer. A proibição de comer carne de porco deriva simplesmente do fato de que, num determinado momento de sua evolução, **os povos semitas atravessaram como todos os outros, a fase o totemismo, e que porcos e javalis tinham sido originariamente considerados animais-parentes, animais sagrados**, e, por conseguinte, tabu para aqueles que os caçavam. Quando se perdeu a noção dessa prática antiquíssima, codificada nas leis religiosas, inventaram-se explicações mais fantásticas para justificar a sua existência. ⁽²⁵⁴⁾

Interessante essa informação sobre a origem do hábito de não comer carne de porco que os hebreus tinham.

Além disso, não se deve ignorar que jamais existiu um verdadeiro monoteísmo no seu estado puro. **Os hebreus, considerados erradamente como um povo monoteísta por excelência**, chegaram, é verdade, à concepção de um só deus nacional, Jeová; mas acreditavam igualmente na existência real das divindades dos outros povos, como Marduk dos babilônios e Baal dos fenícios. ⁽²⁵⁵⁾

O monoteísmo hebraico

É opinião corrente, e não apenas entre as pessoas menos cultas, que o **povo hebreu**, nas

suas condições religiosas, tenha-se transformado desde o início em **propagandista da crença num só deus (monoteísmo)**, diante de um mundo caracterizado pela aceitação de uma variada série de divindades (politeísmo). **Esta interpretação não tem nenhum valor histórico.**

Ressalte-se mais uma vez que o estudo da evolução religiosa da humanidade não conhece nem um período primitivo, caracterizado pela fé num “ser supremo”, nem um desvio posterior no sentido de formas grosseiras de animismo e fetichismo, ou “idolatria”. O recente e amplo estudo de Raffaele Pettazoni sobre *L’onniscienza di Dio* ⁽²⁵⁶⁾ fez justiça definitivamente a esta artificiosa construção, ditada por preocupações confessionais e não científicas. **Jamais existiu um “monoteísmo primordial”, degenerado posteriormente no culto dos espíritos, da natureza e dos animais e triunfalmente reafirmado, por mérito da tradição judaica, por volta do fim da era antiga.** Estamos em pleno reino da “ficção científica”, e já é hora, na Itália, de tratar o assunto em termos de maior seriedade.

[...].

A história da religião hebraica permite-nos ver claramente como a ideia de um só deus, superior aos outros, surge no momento em que das várias tribos e gentes em que era subdividido o povo de Israel se originam as primeiras instituições monárquicas. De muitos chefes para um só chefe; da fé em muitas divindades, surge lentamente a ideia de um só ser supremo, que inicialmente se apresenta como

“mais forte” do que todos (*enoteísmo*, ou melhor *monolatria*, culto de um deus hierarquicamente superior) e depois como “único”, excluindo-se qualquer outro (*monoteísmo* no sentido mais exato).

[...].

A concepção monoteísta não podia predominar na mente dos israelitas antes de terem experimentado na prática aquele tipo de organização econômica e social que é própria do regime monárquico; **mas a crença num só Deus, defendida tão ardorosamente pelos “profetas” do século VII-VI**, desenvolveu-se depois independentemente das causas que explicam a sua origem, adquiriu força autônoma e terminou por sua vez reagindo profundamente sobre a história e sobre a própria estrutura do mundo hebraico.

O processo de desenvolvimento do judaísmo, da constituição da monarquia no ano 935 a. C. até o período das origens do cristianismo, oferece-nos uma prova bastante eficaz desta lei objetiva da sociedade.

Inicialmente, o povo hebreu conheceu as diversas formas de vida religiosa que acompanham o surgimento da comunidade primitiva e a sua passagem gradual à economia escravista. O culto dos animais, das plantas, dos fenômenos naturais, das águas e das nascentes, característico da fase totêmica da vida tribal, domina a parte mais antiga da Bíblia, tenuemente mascarada pelas preocupações

polêmicas e pela incompreensão dos seus últimos redatores. São dessa mesma época as prescrições rituais típicas de uma sociedade nômade, dedicada essencialmente à caça e à pecuária, tais como os tabus alimentares e a **prática da “circuncisão”, a qual, embora seja encontrada frequentemente entre os árabes e numerosos grupos da África tropical e equatorial, transformou-se depois, na imaginação popular, numa das características fundamentais do judaísmo.** ⁽²⁵⁷⁾

A serpente e o touro são os dois animais que deixaram as marcas mais profundas na prática religiosa de Israel.

Como totem e como deus da fertilidade, a serpente surge no primeiro plano em toda a Palestina; da narrativa da tentação de Adão à “serpente de bronze” de Moisés, destruída pelo rei Ezequias no século VIII a. C., a tradição bíblica oferece-nos testemunhos frequentes e pitorescos. **O nome da serpente, *seraph*, está na raiz de Serafins, os anjos alados que montam guarda no trono de Deus; é muito provável que na arca santa** – um cofrezinho vermelho do tipo daquele mais tarde usado pelos árabes – inicialmente estivesse guardada uma serpente viva, **símbolo do deus Jeová**, nascido no deserto e às vezes **identificado também com o touro**, o vento, o fogo, a pedra, o monte, a nascente. Aquilo que é certo é que **o nome dos primeiros sacerdotes de Jeová, os “levitas”, está ligado ao culto das serpentes**; o termo árabe *lawah*, que significa desenroscar-se, torcer-se, arrastar-se, e a

etimologia do famosíssimo *Levi-athan*, o deus dragão dos primeiríssimos mitos hebraicos, levamos ao mesmo conceito.

Quanto ao touro, as coisas se mostram ainda mais claras. **O grande sacerdote deste culto professado no norte da península sinaíta, era Arão, o lendário irmão de Moisés.** Mais tarde, em sinal de desprezo, a Bíblia falará do touro apenas como de um *bezerro*; mas permanece o fato de que, ainda na época dos reis, o culto de Jeová, no santo dos santos, era caracterizado por estatuetas douradas de dois touros, que desfilavam nas procissões e eram expostas à veneração dos fiéis (I Reis, XII, 28; II Reis, X, 29; XVII, 16). O culto de um deus tauriforme da fertilidade, difundido em toda a bacia do Mediterrâneo, deve ter alcançado um tal grau de desenvolvimento entre os hebreus, que na narrativa do Deuteronômio, XXXIII, 17, o próprio Moisés agonizante, ao abençoar as doze tribos de Israel, atribui o sobrenome de “**touro majestoso**” à descendência do primogênito de José, Efraim, que tem “**chifres de boi selvagem**”.

[...].

Ao lado das divindades típicas dos povos primitivos, a gente hebraica, nas suas migrações repletas de riscos e contrastes, quando ainda não havia saído do deserto arábico, elaborara uma das muitas crenças dos nômades: **a ideia de fôrças misteriosas, mencionadas ora no singular e ora no plural, que acompanham a tribo na sua marcha, numa caixa levada às costas, na qual**

repousam durante as longas paradas (*el, elohim*). A crítica bíblica pôde separar os dois documentos fundamentais da velha tradição religiosa hebraica, os quais frequentemente referem-se aos mesmos mitos: aquele que chama a divindade pelo nome de *Elohim* e aquele que usa o nome *Javé*. Mas não é fácil estabelecer qual dos dois é mais antigo, em virtude do processo de reelaboração a que estes textos foram submetidos durante e depois do período do exílio, sob a influência dos profetas e das castas sacerdotais do século V-IV.

O termo *EI* é encontrado entre os outros nomes de divindades nas tábuas de argila em língua ugárica, descobertas por Schaeffer entre 1929 e 1933 em Ras Shamra, nome árabe da antiga Ugarit, nas regiões mais setentrionais da Palestina, e atribuídas ao século XIV a.C.; algumas vezes é acompanhado por uma palavra feminina, resíduo talvez de uma longínqua idade matriarcal. ⁽²⁵⁸⁾ Ao contrário, a forma exata do outro termo, *Javé*, não pode ser fixada com segurança porque até uma época muito avançada, contemporânea às origens do cristianismo, este nome continuava a ser reproduzido nos textos hebraicos com as letras do alfabeto fenício, há muito tempo substituídas na prática corrente pela escrita “quadrada” usada até hoje, e a sua pronúncia era mantida em segredo por motivos de concorrência mágica. Talvez fosse *Jahu*, ou *Jeho*, que se incorpora em algumas formas rituais como *hallelu-já* (“deus seja glorificado”) e em muitos nomes próprios da história hebraica, entre os quais *Jeho-shua* (“socorro de deus”) que estranhamente nós

confundimos hoje ora com Josué e ora com Jesus.

Uma outra forma do nome de deus era *Jao*, que com etimologia imaginária os círculos anti-hebraicos de Alexandria procuravam ligar ao egípcio *Eio* (asno). **Daí a lenda popular de que os hebreus adoravam uma divindade com cabeça de asno; no século II d.C.** Esta acusação será retomada contra os cristãos. Quando Pompeu, no ano 63 a.C., invadiu o Templo de Jerusalém, espantou-se por não encontrar na arca a imagem do deus asno que lhe fora indicada como característica do culto judaico.

Pode ser que se tenha chegado à forma **Javé** sob a influência de uma etimologia teológica que pretendia aproximar o nome divino de uma forma do verbo ser: “aquele que é”. **De resto, também esta divindade tinha uma consorte celeste;** e a sua história não se diferencia muito, até a reforma profética, da história de todos os outros deuses posteriores ao período pastoral, ou melhor, que se transformaram de época em época de acordo com as vicissitudes do desenvolvimento da sociedade. Recorde-se que no Velho Testamento a vida do pastor é tida na máxima consideração, tanto que uma metáfora quase estereotipada, que se desenvolverá enormemente no cristianismo, assemelhava Deus ao “bom pastor”; só no século III d.C., quando a atividade pastoril se rebaixara profundamente, um rabino mostrará a contradição entre o apelativo de “pastor” que a Bíblia dá à divindade e a pouca consideração em que era tida então aquela atividade. ⁽²⁵⁹⁾

Quanto à forma *Jehovah*, ela tem uma origem

perfeitamente clara e é devida a uma pura e simples transliteração litúrgica.

[...].

Ao contrário, as divindades dos povos que habitavam a Palestina antes dos hebreus eram predominantemente de tipo agrícola e sedentário: as pedras sagradas, as plantas sagradas, as fôrças da natureza (Sol, chuva, vento, insetos) e os *Baal* ou “senhores”, o equivalente celeste dos “senhores” da terra, dos lugares altos e dos campos cultivados. Diferentemente do ser supremo e das vagas fôrças misteriosas veneradas pelos nômades, os deuses cananeus e filisteus tinham templos e cultos fixos. **A vitória das tribos hebraicas sobre estas populações, no período da conquista da Palestina, é apresentada pela Bíblia como uma vitória dos poderes divinos de Israel sobre os *Baal* inimigos, que foram gradualmente reduzidos à função de seres demoníacos** (Astarte-Astarote; Baal Peor-Belgafor; Baal Zebu-Belzebu; Bel-Belial ou Beliar, etc.).

Mas a verdadeira religião hebraica, tal como era praticada no momento em que nasceu o cristianismo, formou-se num período ainda mais recente, quando as tribos que conseguiram ocupar a Palestina modificaram radicalmente o seu modo de vida e passaram a uma organização econômico-social baseada na predominância, embora sob formas mais atenuadas do que nos outros países do Oriente Próximo e da bacia do Mediterrâneo, das relações de escravidão.

Os dois reinos nos quais se dividiram imediatamente depois as tribos hebraicas, o de *Israel* no norte, tendo Samaria como centro, e o de *Judá* no sul, tendo Jerusalém como capital, tiveram vida efêmera. Com a deportação de milhares de famílias para a Babilônia, no ano 586 a.C., a **história dos hebreus, como Estado nacional independente, praticamente termina**: à opressão social característica da época da escravidão, contra a qual já tinham reagido os primeiros “profetas” (Amos, Jeremias, o primeiro Isaías, etc.), acrescenta-se a dominação estrangeira nas suas formas mais brutais.

Além das massas reduzidas à escravidão pelos invasores, dezenas de milhares de hebreus emigraram mais ou menos voluntariamente e estabeleceram-se em quase todos os centros habitados do mundo oriental, na bacia do Mediterrâneo e até na Índia e na China. ⁽²⁶⁰⁾ **Fruto da derrocada da liberdade, surgiu e foi elaborada a ideia de um “salvador”, político e social, que só podia ser concebido com o aspecto de um novo “rei” (o *messias*), comandante de exércitos e libertador nacional.**

Esta concepção, que sofreu uma evolução cujas fases são de fácil reconstrução, identificou-se com a reforma monoteísta, contribuindo para dar à religião dos hebreus aquele aspecto típico que séculos e séculos de história não conseguiram apagar. ⁽²⁶¹⁾

5 - Werner Keller:

Aliás, a própria Bíblia sugere que presumivelmente houve muita coisa bem diferente daquilo que parecia ser à primeira vista. Por exemplo, a religião, como era efetivamente praticada em vastas regiões, e o culto genuinamente popular dos “filhos de Israel”, assumiram aspectos bem diversos daqueles que os autores da Bíblia teriam gostado que assumissem. Sempre houve motivo para os profetas ficarem irados, sempre os autores bíblicos clamaram contra a “idolatria”, os “bezerros de ouro”, e, a **julgar por tais pronunciamentos, obviamente, pelo menos parte do povo deveria ter continuado a praticar cultos**, considerados pelos autores bíblicos como fora das normas estabelecidas e portanto altamente condenáveis.

Quanto à realidade daqueles dias, é só citar alguns poucos exemplos tirados da Bíblia. Já foi mencionado em outra parte que Raquel, mulher de Jacó, “patriarca” bíblico, furtou os ídolos (terafim) de seu pai, Labão (Gênesis 31.19), e que uma serpente de bronze, em efígie, datando dos tempos da marcha pelo deserto (Números 21.9), continuou a ser venerada no templo de Jerusalém, até o reinado de Ezequias, rei de Judá (Reis II 18.4), por volta de 700 a.C. Da mesma forma, o próprio **Salomão, o construtor do templo, permitiu – muito contra a vontade dos autores bíblicos – que as damas do seu serralho venerassem deidades e prestassem cultos a deuses alheios (I Reis 11.1 a 8); ademais ele mesmo mandou edificar “um templo a Camos, ídolo dos moabitas”, e mais outro “a Moloc, ídolo dos filhos de Amon”, e participou, pessoalmente, de**

cultos (II Reis 23.13). Aliás, quase todos os soberanos israelitas, sucessores de Salomão, agiram dessa maneira. Até um fanático como Jeú, rei de Israel (842-815 a.C.), que afogou em rios de sangue os adeptos de Baal, deu motivo de censura com a prática de cultos nada ortodoxos (II Reis 10.18 a 29). Da mesma forma, em toda parte entre os “filhos de Israel” eram encontradas figurinhas nuas de Astarteia e ainda à sombra do templo, do templo de Salomão, em Jerusalém, a arqueóloga britânica Kathleen M. Kenyon desenterrou um recinto, caracterizado como de culto pagão pelos pilares lá encontrados. **De fato, na realidade, a religião popular, efetivamente praticada pelos “filhos de Israel”, era bem diversa daquela que a Bíblia nos mostra e faz crer que tivesse sido praticada.** Para tanto, eis os indícios dados pela própria Bíblia, em número bastante grande.

Ao passo que na Terra Santa a moral nem sempre era tal como a anuncia a Bíblia, por outro lado os povos vizinhos de Israel, por ela frequente e veementemente censurados, também conheceram personificações divinas de princípios éticos e morais. Assim, entre os cananeus era difundida a ideia “bíblica” do reinado de Deus, que não ficou, portanto, limitada à Bíblia. Aliás, ao conhecermos os textos de Ugarit, **que falam das divindades da antiga terra de Canaã, como El e Baal,** verificamos com surpresa a que ponto essas personagens encarnaram conceitos religiosos posteriormente surgidos na Bíblia. Isso vai tão longe que o salmista decanta o deus real da Bíblia como **“rei de todos os deuses”, o que somente tem sentido quando, ao seu lado, ainda se**

admite a presença de outros deuses (veja Salmos 95.3, 96.4, 97.7 e 9). A exemplo de Baal de Ugarit, também o deus-rei bíblico tem o seu “*santo monte*” (Salmos 3.5), situado ao norte. Por intermédio de Otto Eissfeldt, pesquisador da Bíblia, natural de Halle, Alemanha Federal, sabemos a que se refere tal “santo monte”; é o Zaphon, também chamado Mons Casius, o atual Djebel al-Agra, de mil setecentos e setenta metros de altitude, trinta quilômetros ao norte de Ras Shamra, na costa mediterrânea da Síria setentrional. E, a exemplo de Baal, que, como o deus das tempestades, monta nas nuvens, **também o Deus da Bíblia é decantado nos Salmos como vindo carregado por nuvens e ventos** (Salmos 104.9).

Todavia, não obstante todo o palavreado irado dos profetas, também El e Baal personificavam valores éticos; assim, El era “sagrado”, e Baal, na qualidade de “juiz” e a exemplo do Deus da aliança bíblica, encarregou-se de fazer justiça. Desse modo, a Bíblia foi confirmada e elucidada a partir de um dado do qual ninguém teria esperado que viessem tais confirmações e elucidações. **E foi justamente a religião tão difamada e supostamente diabólica da antiga Canaã a fornecer elementos para uma nova compreensão dos pronunciamentos bíblicos a respeito da “religião dos patriarcas”.** Há muitos cientistas que não têm a menor dúvida de que, quando os “patriarcas” bíblicos invocavam El-Eljon (o “Altíssimo”), El-Olam (o “Velho”, o “Eterno”), El-Roj (aquele “que aparece” ou “que me vê”) e El-Shadday (o “Supremo”, ou “Todo-Poderoso”), suas invocações eram dirigidas a

El, o principal deus cananeu, em uma das suas respectivas versões regionais.

El e Baal eram os deuses reais do panteão cananeu. Posteriormente, seu lugar foi tomado por Jeová, o Deus do “povo eleito” da Bíblia. Contudo, houve certas diferenciações. El era estático, absorto em si próprio, distante, inacessível, ao passo que Baal era mais dinâmico, ativo, presente. Segundo o mito cananeu, El criou o mundo, ao passo que Baal deu àquele mundo fecundidade e vida sempre novas, renovadas. El era o deus distante; Baal, o deus próximo. Jeová, o Deus dos “eleitos” da Bíblia, reuniu os traços típicos de ambos; seu domínio sobre as demais deidades era imaginado como tendo sido mais radical, a ponto de negar, por completo, a coexistência de todas elas.

Aliás, é ponto pacífico, claro e patente, que um deus real dessa natureza, a cujo lado não havia mais lugar para as outras divindades, nem na qualidade de súditos, tampouco tolerava um mito divino, cuja exuberância – a nosso ver – conferia algo de bizarro aos antigos deuses cananeus, pois aquele mito teria por pressuposto a crença na existência de deuses alheios... ⁽²⁶²⁾

6 - Philotheus Boehner (1901-1955) e Etienne Gilson (1884-1978):

É verdade que a aceitação incontroversa do monoteísmo só se impôs ao fim de longo

processo educativo, embora já viesse proposto com toda a clareza desejável no Deuteronômio (6,4). **A luta incansável dos profetas contra as várias formas do politeísmo nos dá uma ideia da estranheza com que o homem antigo acolhia a doutrina monoteísta.** O cristianismo recebe-a como herança preciosa, e os filósofos cristãos farão grande empenho em penetrá-la racionalmente dos argumentos da existência de Deus. ⁽²⁶³⁾

7 - Will Durant (1885-1981):

Quando penetraram no palco da história, os judeus não passavam de beduínos nômades, medrosos dos demônios do ar, adoradores das pedras, dos carneiros, dos bois, dos espíritos das cavernas e montanhas. O culto do boi e do carneiro era muito vivo; Moisés nunca pôde extirpar da sua gente a fé no Bezerro de Ouro, porque a adoração egípcia do touro ainda estava fresca em sua memória; por longo tempo Jeová foi simbolizado por esse herbívoro. Vemos no Êxodo como os judeus se regalavam em danças diante do Bezerro e como Moisés e os levitas – ou a classe sacerdotal – mataram trezentos deles, como punição à idolatria. Da adoração da serpente existem inúmeros traços no começo da história hebraica, desde as imagens de serpentes que encontramos nas ruínas mais recuadas, até a serpente de bronze feita por Moisés e adorada no Templo até a época de

Ezequiel (720 a.C.). **Como entre tantos outros povos, a serpente se lhes afigurava sagrada, parte como símbolo fálico da virilidade, parte como símbolo da sabedoria, da subtileza e da eternidade – ou, literalmente, pela faculdade de juntar a cauda com a cabeça.** Baal, simbolizado em pedras de forma cônica muito semelhante ao *linga* dos hindus era venerado por muitos judeus como o princípio masculino da reprodução, o esposo da terra que ele fecundava. Assim como o primitivo politeísmo sobreviveu na adoração dos anjos e santos e no **teraphim, ou ídolos portáteis que serviam de deuses caseiros**, assim também as nações mágicas, abundantes nos cultos primitivos, permaneceram até os últimos tempos, a despeito dos protestos dos sacerdotes. O povo parece ter olhado para Moisés e Aarão como mágicos, e ter fomentado a profissão de mágicos e feiticeiros. **A adivinhação do futuro era obtida por meio de dados (Urim e Thummim) sacudidos numa caixa (ephod) – ritual também usado para conhecer a vontade dos deuses.** Os sacerdotes opuseram-se a esta prática e pregaram a confiança exclusiva na mágica do sacrifício, da oração e das oferendas.

Lentamente a concepção de Jeová como o deus nacional tomou forma e deu à fé judaica a unidade e simplicidade que a elevou acima do caótico mosaico dos panteons mesopotâmicos. Aparentemente os judeus, depois da conquista, tomaram um dos deuses de Canaã, Iahu, (²⁶⁴) e o recriaram à sua própria imagem, severo, belicoso, rígido, com quase louváveis limitações. [...].

Originariamente Jeová parece ter sido o deus do trovão, morando nas montanhas e adorado pelas mesmas razões que levavam o jovem Gorki à crença quando trovejava. [...]. ⁽²⁶⁵⁾

Jeová não era a única deidade cuja existência foi reconhecida pelos judeus, ou por ele mesmo; tudo quanto exigia no Primeiro Mandamento era que fosse colocado acima dos outros. “Eu sou um deus ciumento”, confessa Jeová, e induz os fiéis a “derribar” seus rivais e “quebrar suas imagens”. **Antes de Isaías raramente os judeus pensavam de Jeová como o deus de todas as tribos [fosse o] mesmo de todos os hebreus.** Os moabitas tinham o deus Chemosh, a quem, a conselho de Noémi, Rute devia permanecer leal; Belzebu era o deus de Ekron, e Milcon era o deus de Amon; o separatismo político e econômico daqueles povos muito naturalmente resultou no que podemos chamar independência teológica. Em seu famoso cântico, **Moisés canta: “Quem entre os deuses é semelhante a ti, Jeová?”**, e **Salomão diz: “Grande é o nosso deus acima de todos os deuses.”** Não somente era **Tammuz aceito por todos os judeus menos cultos como um deus real, como o seu culto se tornara popular na Judeia;** Ezequiel lamentava-se de que o clamor feito lá fora, no rito da morte de Tammuz fosse ouvido no interior do Templo. O separatismo das tribos judaicas levava-as a terem suas próprias divindades; **“os teus deuses são em número igual ao número das tuas cidades, ó Judá”;** e o sombrio profeta revolta-se contra a adoração e Baal e Moloch pelos judeus. Com o

desenvolvimento da unidade política **nos reinados de Davi e Salomão e com a centralização do ritual no Templo de Jerusalém, a teologia refletiu a história e a política, e Jeová se tornou o único deus dos judeus.** Além deste “henoteísmo” ⁽²⁶⁶⁾ **não deram eles mais nenhum passo rumo ao monoteísmo,** até ao advento dos Profetas. ⁽²⁶⁷⁾ Mesmo no princípio a religião hebraica aproximou-se mais do monoteísmo do que qualquer outra fé pré-profética, com exceção do efêmero culto do sol do faraó Ikhnoton. O judaísmo mostrou-se igual em sentimento e poesia ao politeísmo da Babilônia e Grécia e era imensamente superior a outras religiões de seu tempo em majestade e poder, em unidade filosófica, em fervor moral e influência. ⁽²⁶⁸⁾

Mas os hebreus, apesar de tudo, jamais fugiram à superstição e à idolatria. Os altos das montanhas e os bosques continuavam a abrigar deuses de fora e a testemunhar estranhos ritos; uma boa minoria do povo ainda se **prostrava diante de pedras divinas ou adorava Baal e Astarte,** ou praticava a arte divinatória à maneira da Babilônia, ou queimava incenso diante de imagens, ou ajoelhava-se diante da Serpente de Bronze ou do Bezerro de Ouro, ou enchia o Templo com o barulho de festins pagãos, ou fazia suas crianças “passarem pelo fogo” em sacrifício; mesmo alguns dos reis, como Salomão e Acab, “prostituíam-se” diante de deuses estrangeiros. Homens santos, como Elias e Eliseu, ergueram-se contra essas práticas e sem ser sacerdotes procuraram com o exemplo de suas

vidas levar o povo ao caminho da retidão. [...]. ⁽²⁶⁹⁾

8 - Júlio Trebolle Barrera:

Entre as descobertas epigráficas mais recentes sobressaem as de Tell Deir 'Alla, de meados do século VIII a.C., em escritura aramaica cursiva, com a menção de “Balaão, filho de Beor”, célebre personagem aludido nos relatos de Nm 22-24 (Van der Kooij); Kuntillet Ajrud, **com a representação de três figuras, duas das quais podem corresponder a Javé e sua consorte**, se esta for efetivamente a interpretação correta da inscrição que a acompanha: **“Javé de Samaria e sua ‘Ašerah” (lyhwh šmrn wl”šrth) (Meshel)**; Khirbet el-Kom, de meados do século VIII, com o texto de uma benção: **“Bendito é Javé e sua ‘Ašerah” (Dever, Lemaire)**. **Estes dois textos não deixam de ser enormemente perturbadores para a história do javismo monoteísta.** ⁽²⁷⁰⁾

9 - Karen Armstrong:

[...] **Originalmente Jeová fora membro da Assembleia Divina dos “santos”, que El, o poderoso deus de Canaã, havia presidido com sua consorte Aserá.** Cada nação da região tinha sua própria divindade padroeira, e Jeová era “o santo de Israel”. ⁽²⁷¹⁾ **No século VIII, Jeová havia expulsado El da Assembleia Divina** ⁽²⁷²⁾ **e**

reinava sozinho sobre uma multidão de “santos”, guerreiros do exército celeste. ⁽²⁷³⁾
Nenhum dos outros deuses podia se igualar a Jeová na fidelidade a seu povo. Nisso ele não tinha pares, não tinha rivais. ⁽²⁷⁴⁾ **Mas a Bíblia mostra que até a destruição do templo por Nabucodonosor, em 586, os israelitas também adoraram grande número de outras divindades.** ⁽²⁷⁵⁾

[...].

No século VIII, um pequeno número de profetas quis levar o povo a adorar exclusivamente Jeová. Mas esse não foi um movimento popular. Como guerreiro, Jeová era insuperável, mas não tinha conhecimento especializado em agricultura, de modo que, quando queria uma boa colheita, era natural que o **povo de Israel e Judá recorresse ao culto do deus local da fertilidade, Baal, e sua irmã-esposa Anat**, praticando o rito sexual comum para tornar os campos férteis. No início do século VIII, Oseias, um profeta do reino do norte, invectivou contra essa prática. Sua mulher Gomer servira como prostituta sagrada a Baal, e a dor que a infidelidade lhe causava era, imaginava ele, semelhante à que Jeová experimentava quando seu povo se prostituía com outros deuses. Os israelitas deviam retornar a Jeová, que podia suprir todas as suas necessidades. Era inútil tentar aplacar Jeová com o ritual do templo: este queria lealdade de culto (*hesed*), não sacrifício animal. ⁽²⁷⁶⁾ **Se eles continuassem a ser infiéis a Jeová, o reino de Israel seria destruído pelo poderoso**

Império Assírio, suas cidades, arrasadas, e seus filhos, exterminados. (277)

A Assíria havia estabelecido um poder sem precedentes no Oriente Médio; ela devastava regularmente os territórios de vassalos recalitrantes e deportava a população. **O profeta Amós, que pregava em Israel em meados do século VIII, afirmou que Jeová movia uma guerra contra Israel para punir sua injustiça sistêmica.** (278) Enquanto Oseias condenava o amplamente respeitado culto de Baal, Amós transformou por completo o culto de Jeová: ele não mais adotava o lado de Israel de maneira automática. Amós cobriu também de desprezo os rituais do templo no reino do norte. Jeová estava enojado de cantorias ruidosas e do arranhar devoto das harpas. Em vez disso, Ele queria que a justiça “fluísse como água, e a integridade como uma torrente inexaurível”. (279) Desde essa data remota, os Escritos bíblicos foram subversivos e iconoclastas, desafiando a ortodoxia dominante.

[...].

Embora os historiadores bíblicos reverenciem **Ezequias** como um rei devoto, que tentou proscrever a adoração de deuses estrangeiros, sua política exterior foi um desastre. Após uma imprudente rebelião contra a Assíria em 701, Jerusalém foi quase destruída, a zona rural brutalmente devastada e Judá reduzido a um pequenino Estado residual. Judá melhorou. Numa tentativa de se integrar ao império, **ele revogou a jurisdição religiosa do pai, erguendo altares para Baal, erigindo uma efígie de Aserá e**

estátuas dos cavalos divinos do sol no templo de Jerusalém, e instituindo o sacrifício de crianças fora da cidade. ⁽²⁸⁰⁾ O historiador bíblico ficou horrorizado com esses desdobramentos, mas poucos dos súditos de Manassés teriam ficado surpresos, já que em sua maioria eles tinham ícones semelhantes em suas próprias casas. ⁽²⁸¹⁾ Apesar da prosperidade de Judá, eles foram amplamente espalhados pelos inquietos distritos rurais que haviam suportado o impacto brutal da invasão assíria; e, depois da morte de Manassés, o descontentamento latente irrompeu num golpe palaciano, que depôs Amon, filho de Manassés, e pôs no trono seu filho de oito anos, Josias. ⁽²⁸²⁾

No texto final do Êxodo, editado no século V AEC, Deus faz uma aliança com Moisés no monte Sinai (o que teria ocorrido por volta de 1200). Travou-se um debate erudito sobre isso: alguns críticos acreditam que a aliança só se tornou importante em Israel no século VII AEC. Qualquer que seja a data, **a ideia da aliança indica que os israelitas ainda não eram monoteístas, pois ela só faria sentido num cenário politeísta. Eles não acreditavam que Javé, o Deus do Sinai, era o único Deus**, mas prometeram, em sua aliança, ignorar todas as outras divindades e dedicar-lhe adoração exclusiva. **É muito difícil encontrar uma única declaração monoteísta em todo o Pentateuco. Até os Dez Mandamentos entregues no monte Sinai reconhecem a existência de outros deuses: “Não terás outros deuses diante de mim”** ⁽²⁸³⁾. A adoração de uma única divindade era um passo praticamente inédito:

o faraó Akhenaton tentara adorar o Deus Sol e rejeitar as outras divindades do Egito, porém seu sucessor reverteu essa política. Desprezar uma fonte potencial de *mana* parecia uma grande imprudência, e **a história posterior dos israelitas mostra que eles relutaram muito em abandonar o culto de outros deuses**. Javé provara sua habilidade na guerra, mas não era um deus da fertilidade. **Quando se instalaram em Canaã, os hebreus instintivamente abraçaram o culto de Baal, o Senhor de Canaã**, que fazia as plantações crescerem desde tempos imemoriais. **Os profetas os exortavam a se manter fiéis à aliança, mas a maioria continuava adorando Baal, Asera e Anat à maneira tradicional. A Bíblia nos diz que, enquanto Moisés estava no monte Sinai, os israelitas retomaram o velho paganismo cananeu. Fizeram um bezerro de ouro, efígie tradicional de El, e diante dele executaram os antigos ritos**. Ao contrapor esse incidente à apavorante revelação no monte Sinai, os editores finais do Pentateuco talvez estivessem tentando mostrar a gravidade da divisão em Israel. Profetas como Moisés pregavam a elevada religião de Javé, **mas o povo em geral preferia os rituais antigos, com sua visão holística de unidade entre deuses, natureza e humanidade**.

Contudo, os israelitas *prometeram* fazer de Javé seu único Deus após o Êxodo, e os profetas os lembravam desse acordo. Prometeram adorar apenas Javé como seu *elohim* e, em troca, receberam a promessa de que seriam seu povo especial e desfrutariam de sua proteção, esplendidamente eficaz. Javé lhes

advertira que os destruiria sem piedade se quebrassem esse acordo. Mesmo assim, fizeram o pacto. [...].

[...].

Era possível optar entre Javé e os deuses tradicionais de Canaã. Os israelitas não hesitaram. Não havia outro deus como Javé; nenhuma divindade ajudara seus adoradores com tamanha eficiência. Sua poderosa intervenção nos assuntos de seus devotos demonstrara, sem sombra de dúvida, que Javé tinha os requisitos necessários para ser seu *elohim*: adorariam apenas a ele e abandonariam os outros deuses. **Josué advertiu-os de que Javé era extremamente ciumento. Se descumprissem os termos da aliança, ele os destruiria.** O povo se manteve firme: Javé era seu único *elohim*. “Então, **expulsai os deuses estranhos do meio de vós**”, exclamou Josué, “e entregai vosso coração a Javé, o Deus de Israel”.
(²⁸⁴)

A Bíblia mostra que os israelitas não foram fiéis à aliança. Lembravam-na em tempos de guerra, quando precisavam da especializada proteção militar de Javé, **mas em tempos de bonança adoravam Baal, Anat e Asera.** Embora fosse fundamentalmente diferente em sua tendência histórica, o culto de Javé muitas vezes se expressava nos termos do velho paganismo. **O templo que o rei Salomão construiu para Javé,** em Jerusalém – a cidade que seu pai, Davi, tomara dos jebuseus –, **era semelhante aos templos dos deuses cananeus.** Compunha-se de três áreas quadrangulares, que culminavam no Santo dos

Santos, pequena sala onde ficava a Arca da Aliança, o altar portátil que os israelitas carregaram consigo durante seus anos no deserto. **Dentro do Templo havia um enorme tanque de bronze, representando Yam, o mar primordial do mito cananeu, e duas colunas de doze metros, indicando o culto da fertilidade de Asera.** Os israelitas continuavam adorando Javé nos antigos santuários que haviam herdado dos cananeus em Betel, Silo, Hebron, Belém e Dan, onde frequentemente se realizavam cerimônias pagãs. Mas o Templo logo se tornou especial, embora, como veremos, também ali houvesse algumas atividades bem pouco ortodoxas. Os israelitas começavam a ver o Templo como a réplica da corte celeste de Javé. Festejavam o Ano-Novo no outono, começando com a cerimônia do bode expiatório no Dia do Perdão e prosseguindo, cinco dias depois, com a festa dos Tabernáculos, que celebrava a colheita e o início do ano agrícola. Estima-se que alguns Salmos comemoram a entronização de Javé em seu Templo na festa dos Tabernáculos, que, como a entronização de Marduc, relembra sua vitória sobre o caos primordial. ⁽²⁸⁵⁾ **O próprio rei Salomão foi um grande sincretista: teve muitas esposas pagãs, que adoravam seus próprios deuses, e relações amistosas com os vizinhos pagãos.**

O perigo de o culto de Javé acabar submerso pelo paganismo popular era constante e se agravou na segunda metade do século IX AEC. Em 869, **o rei Acab** ascendeu ao trono do reino setentrional de Israel. **Sua esposa, Jezabel**, filha do rei de Tiro e Sidônia, no Líbano atual, **era uma**

pagã fervorosa, decidida a converter o país à religião de Baal e Asera. Importou sacerdotes de Baal, que imediatamente conquistaram seguidores entre os setentrionais, que haviam sido submetidos pelo rei Davi e eram javistas tíbios. **Acab permaneceu fiel a Javé, mas não tentou conter o proselitismo de Jezabel.** Contudo, quando uma grave seca atingiu o país, no final de seu reinado, **um profeta chamado Elias (“Javé é meu Deus!”)** passou a vagar por lá, com sua capa de pelos e sua tanga de couro, fulminando a deslealdade de Acab. Convocou o rei e o povo para uma disputa no monte Carmelo entre Javé e Baal. Ali, na presença de 450 profetas de Baal, **perguntou à multidão: até quando hesitarão entre as duas divindades?** Depois, ordenou que dois bois, um para si e outro para os profetas de Baal, fossem colocados em dois altares. Ambos os lados pediram a seus deuses que mandassem fogo do céu para consumir o holocausto. “De acordo!”, gritou o povo. Os profetas de Baal invocaram seu nome a manhã inteira, saltitando ao redor do altar, gritando e cortando-se com espadas e lanças. Mas “não houve voz nem resposta”. Elias zombou: “Gritai mais alto! Porque ele é um deus: estará preocupado, atarefado ou viajando; talvez esteja dormindo e venha a despertar”. Nada aconteceu: “Não houve voz nem resposta, e nenhuma atenção lhes foi dada”.

Então foi a vez de Elias. A multidão se apinhou em torno do altar de Javé. Elias cavou um fosso em volta do altar e encheu-o de água, para dificultar ainda mais a combustão. Depois, chamou Javé. Imediatamente, o fogo baixou do céu e

consumiu o altar, o boi e toda a água do fosso. A multidão se prostrou com o rosto por terra, exclamando: “Javé é Deus! Javé é Deus!”. Elias não foi um vencedor generoso. “Pegai os profetas de Baal!”, ordenou. E não poupou nenhum deles: levou-os para um vale das proximidades e os matou. ⁽²⁸⁶⁾ O paganismo não tentava se impor – Jezabel é uma exceção interessante –. pois sempre havia lugar para mais um deus no panteão. Esses acontecimentos míticos mostram que, desde o início, o javismo exigia repressão violenta e negação de outros credos, um fenômeno que examinaremos mais detalhadamente no próximo capítulo. [...]. ⁽²⁸⁷⁾

Não surpreende que a maioria dos israelitas recusasse o convite do profeta para dialogar com Javé. Preferiam uma religião de observância ritual menos exigente, no Templo de Jerusalém ou nos velhos cultos da fertilidade de Canaã. Continua sendo assim: apenas uma minoria segue a religião da compaixão; a maioria das pessoas religiosas contenta-se com a adoração na sinagoga, na igreja, no templo, na mesquita. **As antigas religiões cananeias ainda floresciam em Israel. No século X, o rei Jeroboão I estabeleceu o culto de dois touros nos santuários de Dan e Betel. Duzentos anos depois, os israelitas ainda participavam de ritos da fertilidade e sexo sagrado, como vemos nos oráculos do profeta Oseias, contemporâneo e Amós.** ⁽²⁸⁸⁾ Alguns achavam que Javé tinha esposa, como os outros deuses: recentemente, **arqueólogos encontraram inscrições dedicadas “A Javé e sua Asera”.**

Oseias irritava-se particularmente com **o fato de Israel violar os termos da aliança ao adorar outros deuses, como Baal**. Preocupava-se com o sentido intrínseco da religião, como todos os novos profetas. “Porque o que eu quero é amor [*hesed*], e não sacrifício”, faz Javé dizer; “e o conhecimento de Deus [*daath Elohim*], não holocaustos” (289). Não se referia a um conhecimento teológico: a palavra *daath* deriva do verbo hebraico *yada*: conhecer, que tem conotações sexuais. Assim, J diz que Adão “conheceu” sua esposa, Eva (290). Na velha religião cananeia, Baal se casava com a terra e sua união era celebrada com orgias rituais, mas Oseias insistia que, desde a aliança, **Javé substituíra Baal e se casara com o povo de Israel**. Eles tinham de compreender que era Javé, e não Baal, quem fertilizaria o solo (291). Ele ainda cortejava a nação israelita como um amante decidido a reconquistá-la dos Baals que a seduziram:

*E nesse dia, diz Javé,
ela me chamará: “Meu marido”;
e não me chamará mais: “Meu Baal”.
E de sua boca tirarei os nomes de Baal,
e eles nunca mais serão pronunciados. (292)*

Enquanto Amós atacava a maldade social, Oseias repisava a falta de interioridade na religião israelita: o “conhecimento” de Deus se relacionava com “*hesed*”, implicando uma apropriação e um vínculo interiores com Javé que deviam se sobrepor à observância exterior.

[...].

Como todos os outros profetas, Oseias tinha

horror à idolatria. Previu que as tribos setentrionais suscitariam a vingança divina, adorando deuses que elas mesmas haviam criado:

*E agora acumulam pecados e mais pecados,
e com sua prata fundiram imagens,*

*ídolos de sua própria fabricação, todos obras de
artífices.*

*“A eles sacrificai”, dizem, “homens que lançais
beijos aos bezerros.” (293)*

[...].

[...] depois que Javé venceu as outras divindades de Canaã e do Oriente Médio e se tornou o *único* Deus, os homens prevaleceram em sua religião. O culto das deusas desapareceu, sinalizando uma transformação cultural característica do mundo recém-civilizado.

Veremos que a vitória de Javé foi difícil. Envolveu tensão, violência e confronto, e sugere que **a nova religião do Deus Único não se consolidou com tanta facilidade entre os israelitas** quanto o budismo e o hinduísmo entre os povos do subcontinente. Javé não parecia capaz de transcender as velhas divindades de maneira natural e pacífica. Teve de expulsá-las à força. Assim, no **Salmo 82**, nós o vemos pleiteando a liderança da Assembleia Divina, que desempenhara um papel tão importante no mito babilônico e cananeu:

***Javé toma seu lugar no Conselho de El
para proferir julgamentos entre os deuses.***

(294)

“Não mais arremedeis a justiça.

*Não mais favoreçais os maus!
Fazei justiça ao fraco e ao órfão,
sede justos com o aflito e o desvalido,
salvai o fraco e o necessitado,
tirai-os das garras dos maus!”
Ignorantes e insensíveis, eles prosseguem
cegamente, solapando os fundamentos da
sociedade humana.
Eu disse: “Vós também sois deuses, filhos de El
Elyon, todos vós; no entanto, morrereis como
homens; como homem, deuses, caireis”.*

Em seu confronto com o Conselho presidido por El desde tempos imemoriais, Javé acusa os outros deuses de não corresponderem ao desafio social da época. Ele representa o moderno *ethos* compassivo dos profetas, mas seus colegas divinos nunca fizeram nada para promover a justiça e a equidade. Nos velhos tempos, Javé esteve disposto a aceitá-los como *elohim*, filhos de El Elyon (“Deus Altíssimo”) ⁽²⁹⁵⁾, porém agora os deuses se revelaram obsoletos. Desapareceriam como os mortais. **O salmista descreve Javé não só condenando à morte seus semelhantes divinos como usurpando a prerrogativa tradicional de El, que, aparentemente, ainda tinha defensores em Israel.**

Apesar de malvista na Bíblia, a idolatria *per se* nada tem de errado: só se torna condenável ou ingênua se a imagem de Deus, construída com tanto amor e carinho, é confundida com a inefável realidade a que se refere. Veremos que alguns judeus, cristãos e muçulmanos trabalharam essa imagem primitiva da realidade absoluta e

chegaram a uma concepção mais próxima das visões hinduístas ou budistas. Outros, porém, nunca conseguiram dar esse passo e concluíram que sua concepção de Deus era idêntica ao mistério último. Os perigos de uma religiosidade “idólatra” se evidenciaram por volta de 622 AEC. **Josias, rei de Judá, queria muito revogar as políticas sincretistas de seus antecessores Manassés (687-42) e Arnon (642-40), que haviam estimulado o povo a adorar os deuses de Canaã juntamente com Javé.** Manassés chegou a colocar uma estátua de Asera no Templo, onde florescia um culto da fertilidade. **Como muitos israelitas eram devotos de Asera e alguns achavam que ela era esposa de Javé,** só os javistas mais severos consideravam isso uma blasfêmia. Todavia, decidido a promover o culto de Javé, Josias tratou de restaurar o Templo. Durante as obras, o sumo sacerdote Helcias encontrou um antigo manuscrito que supostamente continha o último sermão de Moisés aos filhos de Israel. Helcias o entregou ao secretário de Josias, Safan, que o leu em voz alta na presença do rei. O jovem monarca rasgou as vestes, horrorizado: compreendeu por que Javé se enfurecera tanto com seus ancestrais! Eles não seguiram suas instruções, confiadas a Moisés. ⁽²⁹⁶⁾

[...] **Em seu último sermão, Moisés confere uma nova centralidade à aliança e à ideia da eleição especial de Israel. Javé distinguira seu povo de todas as outras nações,** não por algum mérito próprio, mas por seu grande amor. Em troca, exigia lealdade absoluta e uma ferrenha rejeição de todos os outros deuses. O núcleo do

Deuteronômio inclui a declaração que mais tarde se tornaria a profissão de fé judaica:

Ouve [*shema*], Israel! **Javé é nosso Elohim**, Javé somente [*ehad*]! Amarás, pois, Javé com todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua força. E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão escritas em teu coração. ⁽²⁹⁷⁾

Ao ser eleito por Deus, Israel se diferenciou dos *goyim* e, portanto, quando chegasse à Terra Prometida, não teria nenhum relacionamento com as populações nativas: “Não farás aliança com elas nem lhes demonstrarás piedade”. ⁽²⁹⁸⁾ Não deveria haver casamentos mistos nem intercâmbio social. E, principalmente, a religião cananea deveria ser banida: “Derrubai seus altares, despedaçai suas pedras eretas, cortai suas estacas sagradas e queimai seus ídolos”, Moisés ordena aos israelitas. “Porque és um povo consagrado a **Javé, teu Elohim**; foi a ti que **Javé, nosso Elohim**, escolheu para que fosses seu povo, dentre todos os povos da terra.” ⁽²⁹⁹⁾

Hoje em dia, quando recitam o *Shema*, os judeus lhe dão uma interpretação monoteísta: **Javé, nosso Deus, é único**. O deuteronomista ainda não atingira essa perspectiva. “**Javé ehad**” não queria dizer que Deus é Único, mas que **Javé era a única divindade a quem era permitido adorar**. Os outros deuses ainda constituíam uma ameaça: seus cultos sedutores podiam afastar os israelitas de Javé, que era um Deus ciumento. Se obedecessem às leis de Javé, ele os abençoaria e lhes daria prosperidade; **se o**

abandonassem, as consequências seriam devastadoras:

Serás arrancado da terra que passas a possuir. Javé te espalhará entre todos os povos, de uma extremidade da terra até a outra; e lá servirás a outros deuses de madeira e de pedra, que não conhecestes, nem tu nem teus pais [...] E tua vida será um fardo para ti [...] Dirás, pela manhã, “Ah, quem me dera fosse noite!” e, à noite, “Ah, quem me dera fosse manhã!”, por causa do terror de teu coração, por causa do que verás com teus olhos. ⁽³⁰⁰⁾

Quando ouviram essas palavras, no final do século VII, o rei Josias e seus súditos estavam prestes a enfrentar uma nova ameaça política. Tinham conseguido manter os assírios à distância, escapando, assim, ao destino das dez tribos setentrionais, que *sofreram* os castigos descritos por Moisés. Porém, em 600 AEC, o rei Nabucodonosor, da Babilônia, esmagaria os assírios e começaria a erguer seu próprio império.

Nessa atmosfera de extrema insegurança, as políticas do deuteronomista causaram grande impacto. Longe de obedecer às ordens de Javé, os dois últimos reis de Israel haviam sido deliberadamente imprudentes. **Josias iniciou de imediato uma reforma**, agindo com zelo exemplar. **Retirou do Templo e queimou todas as imagens, ídolos e símbolos de fertilidade. Derrubou a grande efígie de Asera e destruiu os aposentos das prostitutas sagradas do Templo, que ali teciam vestes para a deusa.** Destruuiu

todos os antigos santuários do país, que haviam sido enclaves do paganismo, e estabeleceu que, dali em diante, os sacerdotes só poderiam oferecer sacrifícios a Javé no purificado Templo de Jerusalém. O cronista, que registrou suas reformas quase trezentos anos depois, descreve com eloquência essa piedade de negação e supressão:

Josias viu os altares de Baal serem demolidos; derrubou os altares de incenso existentes sobre eles, despedaçou as estacas sagradas e os ídolos esculpidos e fundidos; reduziu-os a pó e os espargiu sobre as sepulturas dos que lhes ofereceram sacrifícios. Queimou sobre seus altares os ossos dos sacerdotes e purificou Judá e Jerusalém. Assim fez também nas cidades de Manassés, de Efraim, de Simeão e até de Neftali, e nos lugares devastados a seu redor. Ele derrubou os altares e as estacas sagradas, despedaçou os ídolos e os reduziu a pó e deitou abaixo todos os altares de incenso em toda a terra de Israel.
(³⁰¹)

Estamos longe da serena tolerância de Buda para com as divindades que acreditava ter deixado para trás. Essa destruição em massa nasce de um ódio enraizado em ansiedade e medo.

Os reformadores reescreveram a história de Israel. Os livros históricos de Josias, Samuel e Reis foram revisados segundo a nova ideologia, e depois os editores do Pentateuco acrescentaram trechos que

conferiam às narrativas mais antigas de J e E uma interpretação deuteronomista do mito do Êxodo. Javé era agora o autor de uma guerra santa de extermínio em Canaã. Aos israelitas foi dito que os cananeus nativos não deveriam viver em seu país, ⁽³⁰²⁾ uma política que Josué implementou com terrível meticulosidade:

Naquele tempo, veio Josué e extirpou os enacins das montanhas de Hebron, de Dabir, de Anab, de todas as montanhas de Judá e de Israel; destruiu a todos, juntamente com suas cidades. Não sobraram enacins no território israelita, exceto em Gaza, Gat e Azoto. ⁽³⁰³⁾

Na verdade, nada sabemos da conquista de Canaã por Josué e pelos Juízes, embora não haja dúvida de que muito sangue foi derramado. Agora o banho de sangue recebia uma justificação religiosa. Os perigos de tais teologias de eleição, não atenuadas pela perspectiva transcendente de um Isaías, são evidentes nas guerras santas que têm marcado a história do monoteísmo. Em tais circunstâncias, em vez de funcionar como um símbolo que conteste nosso preconceito e nos obrigue a contemplar nossas próprias deficiências, Deus é usado para endossar nosso ódio egotista e torná-lo absoluto; age exatamente como nós, como se fosse mais um ser humano. Provavelmente é mais atraente e popular que o Deus de Amós e Isaías, que exige implacável autocrítica.

[...].

Devemos observar que nem todos os israelitas

endossavam o deuteronomismo nos anos que precederam a destruição de Jerusalém por Nabucodonosor, em 587 AEC, e a deportação dos judeus para a Babilônia. Em 604, ano da ascensão de Nabucodonosor, o profeta Jeremias retomou a perspectiva iconoclasta de Isaías, invertendo a doutrina triunfalista do Povo Eleito: Deus usava a Babilônia para punir Israel, e agora era a vez de Israel ser “entregue à destruição”.⁽³⁰⁴⁾ Cumpriria setenta anos de exílio. Quando ouviu esse oráculo, o rei Joaquim arrancou o pergaminho da mão do escriba, rasgou-o e jogou-o no fogo. Temendo por sua vida, Jeremias foi obrigado a se esconder.

[...].

Enquanto o inimigo esteve às portas, Jeremias esbravejou com seus compatriotas em nome de Deus (embora, diante de Deus, implorasse por eles). Assim que os babilônios conquistaram Jerusalém, em 587, os oráculos de Javé se tornaram mais confortadores: agora que seu povo aprendera a lição, ele prometia salvá-lo e levá-lo de volta para casa. Com a permissão das autoridades babilônicas, Jeremias permaneceu em Judá e, para manifestar sua confiança no futuro, comprou algumas propriedades: “Porque assim diz Javé Sabaoth: ‘Ainda se comprarão casas, campos e vinhas nesta terra’”.⁽³⁰⁵⁾ Não surpreende que uns e outros culpassem Javé pela catástrofe. **Durante uma visita ao Egito, Jeremias encontrou um grupo de judeus que fugira para a região do delta e não queria saber de Javé.** As mulheres contaram que estavam muito bem enquanto realizavam os ritos tradicionais em honra a Ishtar,

Rainha do Céu, mas, assim que os abandonaram, estimulados por tipos como Jeremias, sobrevieram o desastre, a derrota, a miséria. Parece, porém, que a tragédia aguçou o entendimento de Jeremias. ⁽³⁰⁶⁾ Após a queda de Jerusalém e a destruição do Templo, ele passou a compreender que tais aspectos externos da religião não passavam de símbolos de um estado interior, subjetivo. No futuro, a aliança com Israel seria muito diferente: “Porei minha lei em seu íntimo, e a escreverei em seu coração”. ⁽³⁰⁷⁾

[...].

Como estavam junto aos rios da Babilônia, alguns exilados inevitavelmente achavam que não podiam praticar sua religião fora da Terra Prometida. Os deuses pagãos eram territoriais, e os que julgavam impossível entoar os cânticos de Javé num país estrangeiro saboreavam a perspectiva de arremessar bebês babilônios contra as pedras. ⁽³⁰⁸⁾ Um novo profeta, porém, pregava calma. Nada sabemos sobre ele, e isso pode ser significativo, porque seus oráculos e salmos não sugerem uma luta pessoal, como as de seus antecessores. Mais tarde, suas obras foram acrescentadas aos oráculos de Isaías, e por esse motivo ele geralmente é chamado de Segundo Isaías. **No exílio, alguns judeus passaram a adorar os antigos deuses da Babilônia, mas outros adquiriram uma nova consciência religiosa.** O Templo de Javé estava em ruínas; haviam sido destruídos os velhos santuários de Betel e Hebron. Na Babilônia, não podiam participar de liturgias que haviam sido

fundamentais para sua vida religiosa na pátria. Só tinha, Javé. **O Segundo Isaías deu mais esse passo e declarou que Javé era o único deus.** Em seu remanejamento da história israelita, o mito do Êxodo se reveste de imagens que nos lembram a vitória de Marduc sobre Tiamat, o mar primordial:

*E Javé secará o braço de mar do Egito
com o calor de seu sopro,
e estenderá a mão sobre o rio [Eufrates],
e o dividirá em sete canais, para que se passe
por ele a pé enxuto.
E haverá caminho para o resto de seu povo [...].
como houve para Israel
quando saiu da terra do Egito. (309)*

O Primeiro Isaías fizera da história um aviso divino; após a catástrofe, em seu livro da Consolação, o Segundo Isaías fez a história gerar nova esperança para o futuro. Se Javé resgatara Israel uma vez, podia fazê-lo de novo. Ele planejava as questões da história; a seus olhos, todos os *goyim* juntos não passavam de uma gota no oceano. Ele era o único Deus que contava. O Segundo Isaías imagina as velhas divindades da Babilônia amontoadas em carroças, transportadas aos solavancos. (310) Seu tempo acabara: “Não sou Javé?”, ele pergunta repetidas vezes. “Não há outro Deus além de mim”. (311)

*Nenhum deus foi formado antes de mim,
nem o será depois de mim.
Eu, eu sou Javé,
e fora de mim não há salvador. (312)*

O Segundo Isaías não perdeu tempo

denunciando os deuses dos *goyim*, que, desde a catástrofe, podiam ser vistos como vitoriosos. Calmamente assumiu que Javé – não Marduc nem Baal – realizara os grandes feitos míticos que resultaram na criação do mundo. Pela primeira vez, os israelitas se interessavam de fato pelo papel de Javé na criação, talvez por causa do renovado contato com os mitos cosmológicos da Babilônia. Obviamente, não tentavam formular uma explicação científica das origens físicas do universo, mas buscavam encontrar conforto no duro mundo do presente. Se Javé derrotara os monstros do caos nos tempos primordiais, seria muito simples para ele redimir os israelitas exilados. Percebendo a semelhança entre o mito do Êxodo e as narrativas pagãs da vitória sobre o caos aquático no começo dos tempos, o Segundo Isaías exortou seu povo a esperar com confiança uma nova demonstração da força divina. **Aqui, por exemplo, ele se refere à vitória de Baal sobre Lotan, o monstro marinho da mitologia da criação cananea, que também se chamava Raab, o Crocodilo (*tannim*) e o Abismo (*tehôm*):**

*Desperta, desperta! Veste-te de força,
braço de Javé,
Desperta, como antes,
em tempos de gerações há muito passadas.
Não cortaste Raab ao meio,
e transpassaste o Dragão [tannim]?
Não secaste o mar,
as águas do grande Abismo [terom],
para fazer do leito do mar uma estrada
por onde passassem os remidos? ⁽³¹³⁾*

Finalmente Javé absorvera seus rivais na imaginação religiosa de Israel; no exílio, a atração do paganismo perdera força e nascera o judaísmo. Numa época em que seu culto poderia desaparecer com facilidade, Javé infundia esperança em seus devotos, apesar das circunstâncias adversas.

Tornara-se, portanto, o único Deus. Não houve nenhuma tentativa de justificação filosófica. Como sempre, a nova teologia venceu não por ser racionalmente demonstrável, mas por conseguir evitar o desespero e incutir esperança. Os judeus deslocados já não achavam estranha e perturbadora a descontinuidade do culto de Javé: ela se coadunava com sua condição.

No entanto, o Deus do Segundo Isaías não tinha nada de acolhedor. Continuava inacessível à mente humana:

Porque meus pensamentos não são vossos pensamentos. Nem vossos caminhos meus caminhos, diz Javé. Porque, assim como os céus são mais altos que a terra, assim são meus caminhos mais altos que vossos caminhos, e meus pensamentos mais altos que vossos pensamentos. (314)

A realidade de Deus ultrapassa o alcance de palavras e conceitos. Tampouco Javé faria sempre o que seu povo esperava. Num trecho bastante ousado, particularmente pungente hoje em dia, o profeta anseia por uma época em que o Egito e a Assíria também se tornariam o povo de Javé: **“Bendito seja meu povo do Egito, e da Assíria, obra de minhas mãos, e de Israel, minha**

herança”, Javé diria. ⁽³¹⁵⁾ Ele se tornara o símbolo de uma realidade transcendente que fazia as tacanhas interpretações de eleição parecerem mesquinhas e inadequadas.

A conquista do Império Babilônio por Ciro, rei da Pérsia, em 539 AEC, aparentemente demonstrou que os profetas estavam certos. Ciro não impôs os deuses persas aos novos súditos, mas adorou no templo de Marduc, quando entrou, triunfante, na Babilônia. Também devolveu aos países de origem as efígies das divindades pertencentes aos povos conquistados pelos babilônios. Agora que o mundo se acostumara a viver em gigantescos impérios internacionais, Ciro provavelmente não precisou recorrer aos velhos métodos de deportação. O fardo de governar seria mais leve se os povos submetidos adorassem seus próprios deuses em seus próprios territórios. Por todo o Império, Ciro estimulou a restauração de templos antigos, alegando, repetidas vezes, que as divindades das populações locais o encarregaram dessa tarefa. Foi um exemplo da tolerância e largueza de visão de algumas formas de religião pagã. Em 538, promulgou um édito que permitia aos judeus retomarem a Judá e reconstruírem seu templo. A maioria deles, porém, preferiu ficar: dali em diante, só uma minoria viveria na Terra Prometida. A Bíblia nos diz que 42.360 judeus deixaram a Babilônia e Tel Aviv e voltaram para Israel, onde impuseram seu novo judaísmo aos perplexos irmãos que lá haviam permanecido. ⁽³¹⁶⁾

10 - Tobias Churton:

[...] Para começar, você teria de saber o que é “Barbelo”. Tal conhecimento não é compartilhado por todos. Na verdade, ele não é compartilhado comigo. Se “Barbelo” chegou a significar alguma coisa específica, no que se refere à sua etimologia precisa, o segredo foi muito bem mantido.

A palavra soa como se significasse algo. “Bar” pode significar parentesco em hebraico; “arba” sugere a palavra hebraica para o número 4; “El” é **a palavra semita para “Deus”: o nome do deus supremo da religião dos cananeus em Ras Shamra**. “Bel” (ou Baal) era o nome de um deus pai algumas vezes apresentado como inferior a “El”, mas adorado do mesmo modo pelos cananeus e israelitas no Antigo Testamento. ⁽³¹⁷⁾

Dois Deuses?

O artigo sobre Judas na revista *New Dawn* (“Judas: The Greatest Disciple?”) foi escrito pelo especialista em assuntos esotéricos, Richard Smoley. Ele faz considerações interessantes acerca das possíveis origens judaicas da ideia do “Deus superior” e do “Deus inferior”, que é uma característica marcante do Evangelho de Judas. Smoley examina **a obra da estudiosa do Antigo Testamento Margaret Barker**. Ela apresenta **a hipótese de que, durante o período do “Primeiro Templo” (por volta de 940-586 a.C.) da história judaica antiga, os judeus adoravam um tipo de trio divino: El, o Deus supremo; Yahweh, o Deus nacional; e Asherah, uma consorte**.

Segundo essa hipótese, Asherah foi descartada

durante as reformas sacerdotais promovidas pelo rei Josias (por volta de 640-609 a.C.), e **ordenou-se que El e Yahweh fossem vistos não como uma entidade separada, mas como um Deus único**. Barker acredita que esse período marcou a mudança do henoteísmo (um deus supremo entre um círculo de deuses) para o monoteísmo (só existe um Deus; não há nenhum outro além dele). De acordo com a hipótese de Barker, essa estrutura reformada de adoração dupla dominaria as Escrituras hebraicas depois do século VII a.C.

Segundo essa ideia, Yahweh poderia ser visto como um usurpador, que “ficou acima de seu nível” e se igualou a “El” (o termo genérico para Deus e o Deus supremo de alguns cananitas). Originalmente um “deus nacional” (toda nação teve um), Yahweh tornou-se a divindade absoluta nos interesses da unidade divina, contra o politeísmo dos vizinhos dos judeus, os cananitas (e outros). **Ou seja, “El” estava muito perto para dar conforto e teve de ser “transformado em Yahweh”. Isso é uma teoria.**

No que se refere à origem das divindades superiores e inferiores do “gnosticismo”, uma teoria sugere que houve um tipo de “movimento de continuidade” das ideias judaicas mais antigas, apoiada por aqueles que se apegaram à estrutura dualista de uma divindade suprema e uma divindade secundária, nacional. Eles chegaram a considerar a lei judaica inferior ao modo gnóstico como um meio de alcançar o Deus supremo. Assim, a crítica posterior de Paulo à lei judaica reflete o contato com essa tradição de

continuidade, ou o conhecimento dela. Como os assim chamados gnósticos seguiram Paulo em seu conceito das limitações da lei judaica, a distinção gnóstica das divindades superior e inferior também reflete uma evolução dos conflitos sacerdotais e proféticos do antigo reino judaico.

A hipótese é plausível, mas será difícil convencer àqueles que recordam as narrativas patriarcais concernentes a Abraão e sua crença quintessencial em um Deus (*mas qual?*). Contudo, a questão sobre o quão verdadeiramente monoteístas eram os ancestrais dos judeus é assunto de um debate considerável entre os acadêmicos – em especial porque a questão se aproxima muito das crenças e dos desejos sinceros de muitas pessoas religiosas.

Sem uma máquina do tempo – e mesmo com todo o progresso feito pela Arqueologia – não temos conhecimento absoluto das complexidades das crenças experienciadas no Oriente Médio 1.500 anos, ou mais, antes de Cristo. Sabemos no que as pessoas passaram a acreditar, mas temos pouco conhecimento sobre como elas passaram a acreditar nisso. Todos os relatos favorecem os interesses dominantes daqueles cujas versões dos acontecimentos e crenças foram escritas. Isso vale tanto para o Antigo Testamento quanto para o Novo. ⁽³¹⁸⁾

11 - C. W. Ceram (1915-1972):

A língua sumeriana é semelhante à dos antigos

turcos (turanianos). Pelo tipo eles pertencem ao ramo indo-europeu. Isto é tudo o que se sabe a seu respeito – tudo o mais é pura hipótese. **Um povo que habitualmente representava seus deuses no alto da montanha, que os adorava em lugares elevados e que, para esse fim, construía montanhas artificiais em terras estranhas e planas**, não podia provir das grandes planícies. Teria vindo, talvez, das terras altas do Irã, ou de mais longe ainda, das montanhas asiáticas? Tal conclusão é apoiada pelo fato de a arquitetura sumeriana mais primitiva encontrada até o presente na Mesopotâmia basear-se numa tradição de construções de madeira, que normalmente só poderiam ocorrer em terras altas cobertas de espessa mata. ⁽³¹⁹⁾

12 - Maria Fernanda Vomero:

A religião de Abraão

São 14 capítulos do Gênesis dedicados a Abraão. Ao contrário de outros profetas e personagens do Antigo Testamento, cuja saga começa a ser narrada a partir do nascimento, Abraão estreia já adulto. No início do relato, **ele vive com seu pai**, Terá, seus irmãos e sua esposa, Sara, **em Ur**, uma das cidades mais importantes do mundo antigo, localizada ao sul do rio Eufrates (veja mapa na página 44). Não tem filhos, porque Sara era estéril. Certo dia, Terá reúne Abraão, Sara e Ló, sobrinho do patriarca, e **resolve seguir com a família para as terras de Canã**, que se

estendiam do sudoeste da Síria até o Egito. Ao chegarem à cidade de Harã, depois de uma viagem longa e exaustiva, decidem ficar por lá mesmo. Terá morte. Abraão ouve pela primeira vez o chamado de Deus, que lhe promete terra e descendência. Sem pestanejar, ele **deixa Harã e parte rumo à terra dos cananeus.**

O relato bíblico narra o episódio como se Abraão fosse monoteísta desde sempre, segundo a concepção que temos hoje. No entanto, o *Alcorão*, livro sagrado dos muçulmanos, evoca passagens da vida do patriarca que não constam da *Bíblia* e que **explicitam como se deu a adesão ao Deus único** e o rompimento com a crença dos antepassados. Abraão (ou Ibrahim, como é chamado no Islã), ainda jovem, inicia seu itinerário religioso recusando a adoração dos astros. Nega os deuses petrificados como estátuas e **parte para uma verdadeira batalha de fé contra a idolatria dos seus antepassados**, destruindo os ídolos locais e pregando a existência de um único Deus – como fez o profeta Maomé mais de 20 séculos depois, quando o Estado Árabe estava se constituindo. O povo condenou Abraão à fogueira e, milagrosamente, ele se salvou. “Por revelação divina, Abraão sabia que deveria divulgar o Deus único, o monoteísmo”, diz o xeque Ali Abdune, da Associação Mundial da Juventude Islâmica, em São Paulo. “A aceitação dele ao chamado de Deus significou submissão total e voluntária à vontade divina. Abraão deixou tudo – por isso, se tornou o patriarca, o amigo de Deus.”

[...].

[...] **Achados arqueológicos mostram que os povos da região do Crescente Fértil – como ficaram conhecidas as terras produtivas que se estendiam da antiga Mesopotâmia ao Egito – não acreditavam em um Deus único e soberano. No período patriarcal, que vai de 2000 a.C. a 1500 a.C., vigorava o politeísmo.** Os seminômades, porém, eram henoteístas, ou seja, adoravam apenas uma divindade, mas admitiam a existência de outras. “Cada clã cultuava o seu próprio deus”, diz o pastor luterano Milton Schwantes, cientista da religião da Universidade Metodista de São Paulo. “A cultura seminômade não permitia uma diversidade grande de concepções de mundo.”

Segundo Milton, **o politeísmo surge porque vários subgrupos, dentro de uma grande população, requisitam funções diferentes da divindade** – deus da guerra, deus da colheita, deus do poço... Como a população do clã é pequena e homogênea, uma diferenciação como essa poderia pôr em risco o grupo social. “Daí a tendência a um só caminho religioso”, afirma Milton. “Mas isso não significa que exista um pensamento teórico monoteísta no mundo antigo. Existe, sim, um monoteísmo de adesão, em que cada grupo adere a um único deus.”

Mulheres de Abraão

[...].

[...] Num dos mais belos trechos do Gênesis, Deus surge a Agar próximo a um poço, no meio do deserto, e pede que ela volte para casa. (O “Deus

do poço” é uma imagem bastante recorrente na religiosidade do período patriarcal) Também a ela Deus promete: “Multiplicarei tua descendência de tal forma e será tão numerosa que não se poderá contar”. Isso acontecerá por meio de Ismael, filho que ela carrega no ventre. Agradecida, **Agar nomeia o Deus que conversou com ela de El-roí o “Deus que me vê”**. (ver em Gn 16,15).

Abraão interpretado

Segundo o narrador do Gênesis, o Deus de Abraão é Javé (Iahweh, em hebraico). No entanto, os exegetas, como são chamados os estudiosos dos textos sagrados, reconhecem que se trata de um anacronismo, um acréscimo posterior feito ao relato. **No período patriarcal, a denominação mais comum de Deus seria El, como comprovam achados arqueológicos da época.** Para entender por que El (o Deus da vida) se tornou Javé (o Deus libertador), você precisa voltar no tempo e mais precisamente ao início da formação do povo de Israel, entre 1250 a.C. e 1000 a.C., quando os primeiros cinco livros da Bíblia, que também formam a Torá judaica, começaram a ser redigidos.

Até aquela época, as narrativas eram basicamente orais. Circulavam várias histórias sobre Abraão e os demais patriarcas. **Aos poucos, esses relatos começaram a ser escritos, obviamente sofrendo influências literárias e ideológicas de acordo com o momento histórico que o povo vivia. A versão final do Gênesis e dos demais livros data de 400 a.C., mais de mil anos depois da época em que Abraão**

teria vivido. “Nesse período, houve um grande movimento para considerar o povo de Israel uma raça única e Javé, o Deus único. Era preciso consolidar a teocracia, e esse tipo de instituição exigia a existência de um Deus absoluto para justificar o poder do rei”, afirma o padre Shige Nakanose, biblista do Centro Bíblico Verbo, em São Paulo.

Até então, havia vários nomes para Deus e Javé era um deles. **Referia-se a uma divindade masculina cultuada ao lado da deusa Aserá em um período posterior ao patriarcal.** Javé era o Deus adorado pelos grupos que escaparam da escravidão e do exílio e que se juntaram ao incipiente povo de Israel. Assim, quando as últimas versões do Gênesis foram **escritas, os redatores tentaram substituir referências às divindades da região de Canaã – como o nome El – por invocações a lahweh.** ⁽³²⁰⁾

13 - Sigmund Freud:

[...] Não devemos esquecer que **Moisés foi não apenas o líder político dos judeus estabelecidos no Egito, mas também seu legislador e educador, forçando-os a pôr-se a serviço de uma nova religião,** que até o dia de hoje é conhecida, por sua causa, como a religião mosaica. Mas, é tão fácil a um homem isolado criar uma nova religião? E se alguém quisesse influenciar a religião de outra pessoa, mais naturalmente não a converteria ele à sua própria?

Decerto. De uma forma ou de outra, não faltava ao povo judeu no Egito uma religião. E se Moisés, que lhes forneceu uma nova, era egípcio, **não se pode colocar de lado a suposição de que essa outra nova religião era a egípcia.** ⁽³²¹⁾

Era nossa esperança que a possibilidade de Moisés ser egípcio se mostrasse frutífera e esclarecedora em diversas direções, mas **a primeira conclusão que tiramos dessa hipótese – que a nova religião que ele deu aos judeus era a sua, egípcia – foi invalidada por nossa compreensão do caráter diferente e, em verdade, contraditório das duas religiões.** ⁽³²²⁾

[...] Em 1922, Ernest Sellin fez uma descoberta que influenciou decisivamente nosso problema. Descobriu no profeta Oseias (segunda metade do século VIII a.C.) **sinais inequívocos de uma tradição segundo a qual Moisés, o fundador da religião dos judeus, encontrou um final violento num levante de seu povo refratário e obstinado, ao mesmo tempo que a religião por ele introduzida era repudiada.** Essa tradição, contudo, não se restringe a Oseias; **reaparece na maioria dos profetas posteriores**, e, na verdade, segundo Sellin, tornou-se a base de todas as expectativas messiânicas mais tardias. Ao fim do cativo babilônico, surgiu entre o povo judeu a esperança de que o homem que fora tão vergonhosamente assassinado retornasse dentre os mortos e conduzisse seu povo cheio de remorso, e talvez não apenas esse povo. Para o reino da felicidade duradoura. A vinculação óbvia

disso com o destino do fundador de uma religião mais tardia não nos interessa aqui. ⁽³²³⁾

De todos os acontecimentos de tempos primitivos que posteriormente poetas, sacerdotes e historiadores empreenderam elaborar, um se salienta, cuja supressão foi imposta pelos mais imediatos e melhores motivos humanos. **Trata-se do assassinato de Moisés. O grande líder e libertador, descoberto por Sellin a partir de alusões nos escritos dos profetas. A hipótese de Sellin não pode ser chamada de fantástica; é bastante provável.** Moisés. Derivando-se da escola de Akhenaten, não empregou métodos diferentes dos que o rei usara; ele ordenou, forçou sua fé ao povo ⁽³²⁴⁾. A doutrina de Moisés pode ter sido inclusive mais dura do que a de seu mestre. Ele não tinha necessidade de manter o deus solar como apoio: a escola de On não possuía significação para seu povo estrangeiro. Moisés, como Akhenaten, defrontou-se com o mesmo destino que espera todos os déspotas esclarecidos. O povo judeu. Sob Moisés, era tão capaz de tolerar uma religião tão altamente espiritualizada e encontrar satisfação de suas necessidades no que ela tinha a oferecer quanto os egípcios da XVIII Dinastia. Em ambos os casos. Aconteceu o mesmo: aqueles que tinham sido dominados e mantidos em falta levantaram-se e lançaram fora o fardo da religião que lhes fora imposta. Mas, ao passo que os dóceis egípcios esperaram até que o destino removesse a figura sagrada de seu faraó, os selvagens semitas tomaram o destino nas mãos e livraram-se de seu

tirano ⁽³²⁵⁾.

Tampouco se pode sustentar que o texto remanescente da Bíblia não nos dá ciência de um fim desse tipo para Moisés. A descrição do “pastoreio no deserto”, que pode representar o período durante o qual Moisés governou, **descreve uma sucessão de sérias revoltas contra sua autoridade. As quais também foram, por ordem de Javé, suprimidas mediante sangrentos castigos.** É fácil imaginar que uma dessas rebeliões terminou de maneira diferente daquela que o texto sugere. A defecção do povo quanto à nova religião também é descrita no texto. Na história do bezerro de ouro. Nesse episódio. Através de uma mudança engenhosa. O rompimento das tábuas da lei (que deve ser entendido simbolicamente: “ele rompeu a lei”) é transposto para o próprio Moisés, e sua indignação furiosa é atribuída como motivo desse rompimento. ⁽³²⁶⁾

14 - Liliane Crète (?):

[...] Seu rei, **Acaz**, tinha na verdade se curvado de tal forma diante dos temidos assírios que chegou até a construir um espaço para seus deuses no Templo. **Os judeus se renderam à idolatria e à injustiça**, insensíveis à voz exaltada do profeta Isaías, que os estimulava a se reformarem. ⁽³²⁷⁾

Seguindo a obra de Amós, de Oseias, de Isaías

e de Miqueias, Jeremias levou mais longe suas doutrinas, **afirmando que Jeová não era somente Deus de Israel, mas o do Universo**, responsável pelo destino de todos os povos. [...]. ⁽³²⁸⁾

[...] A guerra triunfara e Jerusalém caiu em julho de 586 a.C. O Templo foi devastado, depois queimado e as muralhas destruídas. [...] O tempo do exílio propriamente dito foi de meio século. Em 539 a.C., a Babilônia sucumbiu ao poder do rei Ciro, fundador do império persa. No ano seguinte Ciro publicou um édito autorizando os exilados a voltarem para suas terras. Mas nem todos aproveitaram a oferta, alguns preferiram permanecer. **Os que voltaram levaram uma nova concepção de suas relações com Jeová, o que resultou no estabelecimento do judaísmo.** ⁽³²⁹⁾

Apesar de que os relatos se referiam ao “cativeiro em **Babilônia**, o exílio foi suave. Os judeus não foram jogados em prisões nem forçados à escravidão. Graças à liberdade que lhes foi concedida, construíram casas, plantaram jardins e se corresponderam com seus compatriotas que ficaram na Palestina. Alguns até ficaram ricos. Eles conservaram sua organização em famílias e em clãs; **tiveram chefes religiosos** e mantiveram vivos seus costumes e ritos. Com o pão de cada dia garantido pelo trabalho, os exilados não paravam de pensar em seu Deus e em sua pátria, indissociáveis em sua alma. ⁽³³⁰⁾

Apesar de hostil às “nações” das quais ele anunciava a exterminação final e aos

“incircuncidados de coração e incircuncidados da carne”, que ele excluiu do futuro templo, o profeta **Ezequiel utilizou**, como diz Alfred Lods, “**grande quantidade de mitos estrangeiros e de figuras emprestadas da arte babilônica**”, entre eles a crença na montanha de Deus e no jardim do Éden (Ezequiel 28,13; 16). Também o mito dos setes deuses planetários, transformados em instrumentos de vingança de Jeová, que eram figuras de anjos semi-animais que levavam o trono divino (Ezequiel 10,9-22). Essas figuras foram encontradas mais tarde, nos autores do Apocalipse. ⁽³³¹⁾

[...] O **Segundo Isaías** também foi consolador: anunciou ao povo no exílio o perdão de Jeová e a renovação da história primordial. Disse que os hebreus atravessariam um novo deserto, mas um deserto ao longo do qual o Deus único do Universo faria fontes brotarem e árvores crescerem. **Esse profeta ressaltou a transcendência do universalismo e fez do conceito monoteísta uma doutrina**. Talvez por estar sob a influência babilônica, colocou constantemente esse Deus único e universal em relação com o Cosmos, de que era, ao mesmo tempo, Criador, Conservador e Governador. ⁽³³²⁾

15 - Bertrand Russell (1872-1970):

No período de cativo e, durante algum tempo, antes e depois desse período, a religião

judaica passou por desenvolvimento bastante importante. **Parece não ter havido, em sua origem, grande diferença, do ponto de vista religioso, entre os israelitas e as tribos adjacentes.** Jeová era, a princípio, apenas um deus tribal que favorecia os filhos de Israel mas **não se negava que havia outros deuses e que seu culto era habitual.** Quando o primeiro mandamento diz: “Não terás outro Deus senão eu”, está dizendo algo que era uma inovação no tempo imediatamente anterior ao cativo. Isto é evidente através de diversos textos dos primeiros profetas. **Foram os profetas dessa época que ensinaram, pela primeira vez, que a adoração dos deuses pagãos era pecado.** Para se conseguir a vitória nas constantes guerras daquele tempo, proclamavam essencial o favor de Jeová; e **Jeová retiraria seu favor, se outros deuses fossem também venerados.** Jeremias e Ezequiel, principalmente, parecem **ter inventado a ideia de que todas as religiões, exceto uma, eram falsas, e que o Senhor castiga a idolatria.**

Algumas citações ilustrarão esses ensinamentos e a **preponderância das práticas pagãs** contra as quais protestavam. “Acaso não vês tu o que estes fazem nas cidades de Judá, e nas praças de Jerusalém? Os filhos ajuntam a lenha, e os pais acendem o fogo, e as mulheres misturam a manteiga como os mais adjuntos necessários para **fazerem tortas à rainha do céu (Ester), e para sacrificarem a deuses estranhos,** e para me provocarem a ira” ⁽³³³⁾. O Senhor está irritado com isso. “E edificaram os altos de Tofeth, que está no vale do filho de Ennom, para queimarem no fogo

os seus filhos e as suas filhas; o que eu não mandei, nem pensei no meu coração”. (334)

Há uma passagem muito interessante em **Jeremias, na qual denuncia os judeus no Egito pela sua idolatria**. Ele próprio viveu entre eles durante algum tempo. O profeta diz aos refugiados judeus no Egito que Jeová os destruirá a todos, porque suas mulheres queimaram incenso a outros deuses. Mas eles se negam a escutá-lo, dizendo: “Mas pontualmente cumpriremos toda a palavra que sair da nossa boca, de sacrificarmos à rainha do céu, e de lhe oferecermos libações, como nós o temos feito, e *nossos* pais, nossos reis, e nossos príncipes, nas cidades de Judá e nas praças de Jerusalém; e tivemos fartura de pão, e nos ia bem, e não vimos mal algum.” Mas Jeremias lhes assegura que Jeová notou essas práticas idólatras, e que o infortúnio havia chegado por causa delas. “Eis aqui estou eu que jurei pelo meu grande nome, diz o Senhor, que de nenhum modo será pronunciado mais o meu nome por boca de nenhum homem judeu em toda a terra do Egito... Eis aqui estou eu, que vigiarei sobre vós para mal, e não para bem; e todos os varões de Judá, que há na terra do Egito, perecerão à espada, e de fome, até que todos sejam consumidos”. (335)

Ezequiel mostra-se igualmente chocado com as práticas idólatras dos judeus. O Senhor, numa visão, mostra-lhe mulheres, à porta norte do Templo, chorando por Tammuz (uma deidade babilônica); depois, mostra-lhe “maiores abominações”, vinte e cinco homens à porta do templo adorando o Sol. O Senhor declara:

“Desafogarei, pois, o meu furor contra ti: e não te poupará o meu olho, nem me apiedarei de ti: e embora gritem em meus ouvidos com altas vozes, não os ouvirei”.⁽³³⁶⁾

A ideia de que todas as religiões, exceto uma, são perversas, e que o Senhor castiga a idolatria, foi, ao que parece, inventada por esses profetas. Os profetas, de modo geral, eram nacionalistas ferrenhos, e aguardavam o dia em que o Senhor destruiria inteiramente os gentios.

O cativo prestou-se para justificar as denúncias dos profetas. Se Jeová era todopoderoso e os judeus o seu Povo Escolhido, seus sofrimentos só podiam ser explicados pela sua maldade. A psicologia é a da correção paterna: os judeus tinham de purificar-se pelo castigo. Sob a influência dessa crença, desenvolveram no desterro uma ortodoxia muito mais rígida e muito mais nacionalmente exclusiva do que a que havia predominado enquanto eram independentes. Os judeus que ficaram para trás e não foram transplantados a Babilônia não experimentaram essa modificação no mesmo grau. **Quando Esdras e Nehemias voltaram para Jerusalém depois do cativo, ficaram escandalizados ao verificar que haviam sido comuns os matrimônios mistos, e dissolveram todos esses casamentos.**⁽³³⁷⁾

Os judeus distinguiam-se de todas as outras nações da antiguidade pelo seu inflexível orgulho nacional. Todas as outras, quando conquistadas, aquiesciam. Tanto em seu íntimo como exteriormente; somente os Judeus conservavam a

crença em sua própria preeminência e a convicção de que seus infortúnios eram devidos à ira de Deus, porque haviam deixado de conservar a pureza de sua fé e de seu ritual. **Os livros históricos do Antigo Testamento, que foram, em sua maioria, compilados depois do cativeiro** dão uma impressão errônea, já que sugerem que as práticas idólatras contra as quais os profetas protestaram eram uma decadência da primitiva severidade, quando, na verdade, a primitiva severidade jamais existiu. Os profetas eram inovadores, num grau muito maior do que o que aparece na Bíblia quando não é lida de maneira histórica.

[...].

O que temos como Livro de Isaías é obra de dois profetas diferentes, um anterior ao desterro e outro posterior. O segundo destes, que é chamado, pelos estudantes bíblicos, Dêutero Isaías, é o mais notável dos profetas. É o primeiro que se refere ao Senhor como tendo dito: “Não há outro Deus senão eu”. **Acredita na ressurreição do corpo, talvez como resultado da influência persa.** Suas profecias relativas ao Messias foram, mais tarde, os principais textos do Antigo Testamento utilizados para mostrar que os profetas previram a vinda de Cristo.

[...].

Depois de Esdras e Nehemias, os judeus desapareceram por um momento da história. O Estado judeu sobreviveu como teocracia, mas seu território era muito diminuto, somente uma região

de dez ou quinze milhas em torno de Jerusalém, segundo E. Bevan. ⁽³³⁸⁾ Depois de Alexandre, tornou-se um território disputado entre os ptolomeus e os selêucidas. Isso, no entanto, raramente provocou lutas no verdadeiro território judeu, deixando os judeus livres, por muito tempo, para exercer a sua religião.

[...].

Essa tranquila existência de cômoda virtude foi interrompida bruscamente pelo rei selêucida Antíoco IV, que estava resolvido a helenizar todos os seus domínios. Em 175 A.C., estabeleceu um ginásio em Jerusalém e **ensinou os jovens a usar gorros gregos e a praticar o atletismo. Foi ajudado nisso por um judeu helenizado chamado Jasão, ao qual fez alto sacerdote.** A aristocracia sacerdotal tornara-se frouxa, sentindo-se atraída pela civilização grega; mas havia um partido que se lhe opunha com veemência, chamado “Hasidim” (que significa “Santo”), e que era forte entre a população rural. Quando, em 170 A.C., Antíoco se envolveu em guerra com o Egito, os judeus se rebelaram. Diante disso, Antíoco retirou os vasos santos do Templo e colocou nele a imagem de Deus. **Identificava Jeová com Zeus, seguindo uma prática que fora bem-sucedida em todos os outros lugares.** ⁽³³⁹⁾ **Resolveu extirpar a religião judaica, acabando com a circuncisão e com a observância das leis relativas aos alimentos.** A tudo isso Jerusalém se submeteu, mas, fora de Jerusalém, os judeus resistiram com a máxima obstinação.

[...].

Foi a esse tempo que, entre os judeus, muitos passaram a crer na doutrina da imortalidade. Pensava-se que a virtude seria recompensada aqui na Terra; mas a perseguição, que recaiu sobre os mais virtuosos, tornou evidente que esse não era o caso. A fim de salvaguardar a justiça divina, portanto, era necessário crer-se nas recompensas e castigos na vida futura. Esta doutrina não era adotada por todos os judeus; no tempo de Cristo, os saduceus ainda a rejeitavam. Mas, nessa altura, constituíam um pequeno partido e, em tempos posteriores, todos os judeus acreditavam na imortalidade.

A revolta contra Antíoco foi chefiada por Judas Macabeu, um hábil comandante militar que recapturou primeiro Jerusalém (164 A.C.), lançando-se depois à agressão. Às vezes, matava todos os varões; outras vezes, circuncidava-os à força. Seu irmão Jônatas, que foi feito alto sacerdote, teve permissão para ocupar Jerusalém com uma guarnição, e conquistou parte da Samaria, adquirindo Joppa e Acra. Realizou negociações bem-sucedidas com Roma, assegurando completa autonomia. Sua família era de altos sacerdotes até Herodes, sendo conhecida como a dinastia harmônia.

Ao suportar e resistir à perseguição, os judeus de então revelaram imenso heroísmo, embora em defesa de coisas que não nos parecem importantes, tais como a circuncisão e a proibição de se comer carne de porco.

O tempo da perseguição por Antíoco IV foi crucial na história judaica. **Os judeus da**

Dispersão estavam, nesse tempo, se tornando cada vez mais helenizados; os judeus da Judeia eram poucos; e mesmo entre eles os ricos e poderosos se achavam inclinados a aquiescer às inovações gregas. Não fosse a heroica resistência do Hasidim, e a religião judaica poderia haver facilmente perecido. [...].

Os próprios macabeus, todavia, não eram admirados pelos últimos judeus, porque sua família, constituída de altos sacerdotes, adotou, depois de seus êxitos, uma conduta mundana e contemporizadora. A admiração era pelos mártires. O Quarto Livro dos Macabeus, escrito, provavelmente, em Alexandria, mais ou menos ao tempo de Cristo, ilustra tanto este como outros pontos interessantes. Apesar de seu título, não se refere, em parte alguma, aos macabeus, mas relata a surpreendente fortaleza, primeiro de um velho e, depois, de sete irmãos jovens, que foram todos torturados e depois queimados por Antíoco, enquanto a mãe, que se achava presente, os exortava a que se mantivessem firmes. O rei, a princípio, procurou conquistá-los pela benevolência, dizendo-lhes que, se apenas consentissem em comer porco ele os tomaria sob sua proteção, fazendo com que tivessem êxito em suas carreiras. Quando recusaram mostrou-lhes os instrumentos de tortura. **Mas eles permaneceram inabaláveis, dizendo-lhe que ele sofreria tormentos eternos depois da morte,** ao passo que eles herdariam para sempre a bem-aventurança. Um a um, na presença uns dos outros e na de sua mãe, foram primeiro exortados a comer porco e, quando se negaram, torturados e

mortos. No fim, o rei voltou-se para os soldados e disse-lhes que esperava que eles aproveitassem aquele exemplo de coragem. O relato é, certamente, embelezado pela lenda, mas é historicamente verdadeiro que a perseguição foi severa e suportada com heroísmo – como também que os seus pontos principais eram a circuncisão e o comer carne de porco.

Esse livro também é interessante sob outro aspecto. Embora o autor seja, evidentemente, um judeu ortodoxo, emprega a linguagem da filosofia estoica e **procura provar que os judeus vivem completamente de acordo com os seus preceitos**. O livro começa com a seguinte sentença:

“Filosófica no mais alto grau é a questão que me proponho discutir, isto é, se a Razão Inspirada tem domínio supremo sobre as paixões e, para a filosofia disso, suplicaria seriamente a vossa mais viva atenção”.

Os judeus alexandrinos estavam dispostos, na filosofia, a aprender dos gregos, mas aderiam com extraordinária tenacidade à Lei, principalmente a circuncisão, a observância do Sabá e a abstinência de carne de porco e outros alimentos impuros. Desde o tempo de Nehemias até depois da queda de Jerusalém, no ano 70 da nossa era, a importância que atribuíam à Lei aumentou constantemente. Já não toleravam os profetas que tinham algo de novo a dizer. Aqueles dentre eles que se sentiam impelidos a escrever no estilo dos profetas pretendiam haver descoberto um velho livro de Daniel, Salomão ou algum outro antigo de

impecável respeitabilidade. Suas peculiaridades rituais os mantinham unidos como nação, mas a ênfase quanto à Lei lhes destruiu, gradualmente, a originalidade, tornando-os extremamente conservadores. Essa rigidez torna sumamente digna de nota a revolta de São Paulo contra o domínio da Lei. ⁽³⁴⁰⁾

16 - Israel Finkelstein e Niel Asher Silbermar:

Religião tradicional de Judá

Os livros dos Reis são explícitos na sua descrição de apostasia, que provocou tanto infortúnio no reino de Judá. Essa apostasia é registrada em detalhes típicos no relato sobre o reinado de Roboão:

E Judá fez o mal diante dos olhos do SENHOR, e o povo provocou o seu ciúme e a sua ira com os pecados que cometeram, muito mais do que seus pais os fizeram. Porque eles também construíram lugares elevados, pilares e postes sagrados [Asherim] em cada colina e sob cada árvore dos bosques verdes; e houve também prostitutas masculinos do culto em sua terra. Eles se comportaram de acordo com todas as abominações das nações que o SENHOR destruiu diante dos filhos de Israel. (1 Reis 14,22-24)

Como na época do rei Acaz, cerca de duzentos anos mais tarde, a natureza dos pecados parecia

ser substancialmente a mesma. **Acaz foi apóstata notório, que seguiu os passos ímpios dos reis de Israel e inclusive queimou seu filho como oferenda (2 Reis 16,2-4).**

Estudiosos bíblicos demonstraram que essas não eram práticas pagãs, isoladas e arbitrárias, mas parte de um complexo de rituais que apelavam para os poderes celestiais, para a fertilidade e o bem-estar do povo e da terra. Em sua representação externa, eles se parecem com as práticas usadas pelos povos vizinhos para honrar e receber as bênçãos de outros deuses. De fato, os achados arqueológicos de figuras de barro, de altares de incenso, de vasos de libação e de plataformas de oferendas, em todo o território de Judá, sugerem que a prática da religião era bem variada, geograficamente descentralizada e, com certeza, não restrita à adoração apenas de YHWH no Templo de Jerusalém.

De fato, para Judá, com sua burocracia e suas instituições nacionais relativamente subdesenvolvidas, os rituais religiosos eram realizados em duas arenas distintas, algumas vezes trabalhando em conjunto, outras em conflito aberto. A primeira arena era o Templo de Jerusalém, sobre o qual existe abundante descrição bíblica de vários períodos mas (como o sítio foi obliterado mais tarde por construções posteriores) quase nenhuma evidência arqueológica. O segundo foco da prática religiosa era dividido entre os clãs espalhados por toda a área rural. Ali, redes complexas de relações de

parentesco dominavam todas as fases da vida, incluindo a religião. **Rituais para a fertilidade da terra e as bênçãos dos antepassados davam esperança ao povo, para o bem-estar de suas famílias, e santificavam a posse do campo e das terras de pastos de suas aldeias.**

O historiador bíblico Baruch Halpern e o arqueólogo Lawrence Stager compararam as descrições bíblicas da estrutura dos clãs com os remanescentes de assentamentos nas áreas montanhosas da Idade do Ferro e identificaram padrão arquitetônico distinto em extensivos conjuntos familiares, cujos habitantes talvez realizassem rituais que algumas vezes eram bem diferentes daqueles do Templo de Jerusalém. Costumes e tradições locais sustentam que os habitantes de Judá herdaram suas casas, sua terra e mesmo seus túmulos do seu Deus e dos seus antepassados. Os sacrifícios eram oferecidos em santuários, dentro das propriedades familiares, em túmulos das famílias e em altares abertos em toda a área rural. **Esses lugares de adoração raramente eram perturbados ou destruídos, mesmo pelos reis mais “piedosos” e mais agressivos.** Assim, não é de admirar que a Bíblia observe repetidas vezes que **“os lugares altos não foram destruídos”**.

A existência de lugares elevados – ou altares em campo aberto – e outras formas de veneração ancestral ou familiar a deuses não eram, como os livros dos Reis afirmam, a apostasia de uma fé antiga e mais pura. Era parte de uma tradição intemporal dos colonos assentados na zona rural

montanhosa de Judá, que **veneravam YHWH junto com uma variedade de deusas e deuses, conhecidos e adaptados de cultos de povos vizinhos**. Em resumo, YHWH era venerado de uma ampla variedade de modos e, algumas vezes, retratado como possuindo grande séquito celestial. Da evidência indireta e definitivamente negativa dos livros dos Reis, aprendemos que **os sacerdotes na área rural também queimavam incenso, com regularidade, nos altares ao ar livre, para o sol, a lua e as estrelas**.

Como os lugares elevados eram presumivelmente áreas abertas ou cumes naturais de colinas, não foram identificados traços de sua existência. Assim, a evidência arqueológica mais clara e definitiva da popularidade desse tipo de prática religiosa, em todo o reino, é a descoberta de centenas de figuras de barro de deusas da fertilidade nuas em todos os sítios da antiga monarquia em Judá. Ainda mais sugestivas são **as inscrições encontradas no antigo sítio do século VIII de Kuntillet Ajrud**, no nordeste do Sinai, sítio que mostra laços culturais com o reino do norte. **Essas inscrições parecem se referir à deusa Asherat como sendo a esposa de YHWH**. E, antes que se diga que a condição matrimonial de YHWH era simplesmente uma alucinação pecaminosa do norte, uma fórmula de certo modo similar falando de YHWH e da sua Asherat aparece numa inscrição monárquica posterior, da região do Shephelah, de Judá.

Esse culto bem enraizado não era restrito às áreas rurais. Existe ampla informação bíblica e

arqueológica de que o culto sincrético de YHWH floresceu em Jerusalém, mesmo nos tempos monárquicos tardios. As condenações de vários profetas de Judá deixam muito claro que **YHWH era venerado em Jerusalém junto com outras deidades, como Baal, Asherat, o sol, a lua, as estrelas e os anjos do céu, e mesmo as deidades nacionais das terras e nações vizinhas.** Da crítica bíblica a Salomão (refletindo talvez realidades posteriores da monarquia) conhecemos a veneração a Melcom, Amon, Camos, Moab e a Ashtoret de Sidon, em Judá (1 Reis 11,5; 2 Reis 23,13). Jeremias (11,13) nos fala que o número de deidades veneradas em Judá era igual ao número de suas cidades, e que o número dos altares em Jerusalém era igual ao número de tendas nos bazares da capital. Além disso, **objetos do culto dedicado a Baal, a Asherat, ao sol, à lua, às estrelas e aos anjos do céu estavam instalados no Templo de YHWH, em Jerusalém. O livro de Ezequiel descreve com detalhes todas as abominações praticadas no Templo em Jerusalém, incluindo a veneração ao deus Tammuz, da Mesopotâmia.**

Assim, os grandes pecados de Acaz e de outros reis ímpios de Judá não deveriam ser considerados excepcionais, de nenhuma maneira. Esses governantes apenas permitiram que as tradições rurais continuassem inalteradas. Eles e muitos de seus súditos **expressavam sua devoção a YHWH em ritos realizados em incontáveis túmulos, santuários e lugares elevados em todo o território do reino, com a ocasional e subsidiária veneração a outros deuses.** ⁽³⁴¹⁾

17 - Daniel Lazare (jornalista):

Sobre um seu artigo publicado em março de 2002 na revista americana *Harper's*, Tom Harpur assim comenta:

De acordo com as descobertas de Lazare, o monoteísmo judaico – isto é, a adoração exclusiva de uma divindade semítica chamada YHWA, ou lavé (Jeová), **não “coalesceu” completamente até um ponto entre uma conquista assíria do reino do norte de Israel, em 722 a.C. e a conquista babilônica do reino do sul de Judá, em 586”.** ⁽³⁴²⁾

18 - Eliane Pagels (professora de história da religião):

O partido que exigia que Israel fosse leal “apenas ao Senhor”, incluindo profetas como Amós (c. 750 a.C.), Isaías (c. 730 a.C.) e Jeremias (c. 600 a.C.), **denunciava acima de tudo os israelitas que adotavam costumes estrangeiros, em especial a adoração de outros deuses.** ⁽³⁴³⁾
⁽³⁴⁴⁾

19 - Reinaldo José Lopes (jornalista de Ciência da Folha de S. Paulo):

Do seu interessante artigo “Deus bíblico pode ser fusão de vários deuses pagãos, dizem especialistas”, publicado no site *G1* (Globo.com) ⁽³⁴⁵⁾, transcrevemos:

Memórias de Ugarit

Os cananeus não deixaram para trás uma herança literária tão rica quanto a Bíblia. No entanto, poucos quilômetros ao norte de Canaã, na atual Síria, ficava a cidade-Estado de Ugarit, cuja língua e cultura eram praticamente idênticas às de seus primos do sul. Ugarit foi destruída por invasores bárbaros em 1200 a.C., mas os arqueólogos recuperaram numerosas inscrições da cidade, nas quais dá para entrever uma mitologia que apresenta semelhanças (e diferenças) impressionantes com as narrativas da Bíblia. “Por isso, Ugarit é uma parte importante do fundo cultural que, mais tarde, daria origem às tribos de Israel”, resume Christine Hayes, professora de estudos clássicos judaicos da Universidade Yale (EUA).

Uma das figuras mais proeminentes nesses textos é El – nome que quer dizer simplesmente “deus” nas antigas línguas da região, mas que também se refere a uma divindade específica, o patriarca, ou chefe de família, dos deuses. “Patriarca” é a palavra-chave: o El de Ugarit tem paralelos muito específicos com a figura de Deus durante o período patriarcal, retratado no livro do Gênesis e personificado pelos ancestrais dos

israelitas: Abraão, Isaac e Jacó.

Nesses textos da Bíblia há, por exemplo, referências a El Shadday (literalmente “El da Montanha”, embora a expressão normalmente seja traduzida como “Deus Todo-Poderoso”), El Elyon (“Deus Altíssimo”) e El Olam (“Deus Eterno”). O curioso é que, na mitologia ugarítica, El também é imaginado vivendo no alto de uma montanha e visto como um ancião sábio, de vida eterna.

Tal como os patriarcas bíblicos, El é uma espécie de nômade, vivendo numa versão divina da tenda dos beduínos; e, mais importante ainda, El tem uma relação especial com os chefes dos clãs, tal como Abraão, Isaac e Jacó: eles os protege e lhes promete uma descendência numerosa. Ora, a maior parte do livro do Gênesis é o relato da amizade de Deus com os patriarcas israelitas, guiando suas migrações e fazendo a promessa solene de transformar a descendência deles num povo “mais numeroso que as estrelas do céu”.

Israel ou “Israías”?

Outros dados, mais circunstanciais, traçam outros elos entre o Deus do Gênesis e **El**: **num dos trechos aparentemente mais antigos do livro bíblico, Deus é chamado pelo epíteto poético de “Touro de Jacó” (frase às vezes traduzida como “Poderoso de Jacó”), enquanto a mitologia ugarítica compara El frequentemente a um touro.** Finalmente, o próprio nome do povo escolhido – Israel, originalmente dado como alcunha ao patriarca

Jacó – carrega o elemento “-el”, lembra Airton José da Silva, professor de Antigo Testamento do Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto (SP).

“É o nome do deus cananeu, mais um indício de que Israel surge dentro de Canaã, por um processo gradual”, diz Silva. Ele argumenta que, se Javé fosse desde sempre a divindade dos israelitas, o nome desse povo seria “Israías”. Isso porque o elemento adaptado como “-ías” em português (algo como -yahu) era, em hebraico, uma forma contratada do nome “Javé”. Curiosamente, o elemento se torna dominante nos chamados nomes teofóricos (ligados a uma divindade) dados a israelitas no período da monarquia, a partir dos séculos 10 a.C. e 9 a.C.

E esse nome (provavelmente Yahweh em hebraico; a sonoridade original foi obscurecida pelo costume de não pronunciar a palavra por respeito) é um enigma e tanto. As tradições bíblicas são um tanto contraditórias, mas, pelo menos, uma fonte das Escrituras afirma que Javé só deu a conhecer seu verdadeiro nome aos israelitas quando convocou Moisés para ser seu profeta e arrancar os descendentes de Jacó da escravidão no Egito. (A Moisés, Deus diz que apareceu a Abraão, Isaac e Jacó como “El Shadday”). O problema é que ninguém sabe qual a origem de Javé, o qual nunca parece ter sido uma divindade cananeia, exatamente como diz o autor bíblico. ⁽³⁴⁶⁾

Como se pode observar, muito do que foi dito

anteriormente, está comprovado no que estes autores falam, demonstrando que a nossa ideia não é tão louca assim.

Conclusão

Diante de tudo o que aqui colocamos não nos resta senão a única alternativa em afirmar que os hebreus, partindo-se dos patriarcas, praticavam o politeísmo, daí evoluindo para o henoteísmo, para, finalmente, numa época mais recente, adotarem o monoteísmo. Sabemos que isso contrariará alguns mitos estabelecidos e, fatalmente, irritará os dogmáticos que não admitem pensamentos contrários aos seus.

O que nos deixa bem tranquilo é que a comprovação de tudo quanto foi falado, está bem argumentado no *Dicionário Bíblico Universal*, na explicação do termo politeísmo, do qual transcrevemos:

Enquanto Deus exclui todo rival (Ex 20,5), Israel é constantemente levado a reconhecer que cada povo (Jz 11,24) tem seu deus (o que se chama henoteísmo), ou a oferecer um culto a diversas divindades. Segundo Js 24, a tendência politeísta caracterizava já a atitude religiosa dos antepassados. Ez (20,7-9) pensa que, durante sua estadia no Egito, os hebreus se entregaram ao

culto de diversas divindades. O tempo do deserto foi o tempo da corrupção pagã (Nm 25) e quando o povo se instalou em Canaã, a fé javista foi constantemente misturada com características politeístas (Jz 6,25-32). Os profetas fizeram tudo para arrancar pela raiz essa tendência permanente que se manifestava até no templo (2Rs 23,4-11; Ez 8): mas foi em vão. A população que se instala na Palestina, na volta do exílio, ainda é politeísta (Is 65-66). Finalmente, a perseguição de Antíoco Epífanes provoca a rejeição definitiva de todo politeísmo. ⁽³⁴⁷⁾

Então, fica claro que só a partir da perseguição de Antíoco Epífanes é que o povo hebreu largou de vez do politeísmo.

Por outro lado, concordamos com a opinião de que “as religiões são seletivas em suas memórias e procuram conduzir as pessoas a crerem naquilo que consideram o mais importante para o seu proveito, obviamente. [...]” ⁽³⁴⁸⁾, por isso, os seus líderes, utilizando-as como forma de impor suas concepções teológicas, não se preocupam com a verdade.

Entretanto, a verdade deve ser restabelecida, doa a quem doer – somente pessoas de mente fechadas sofrem os seus efeitos –, até mesmo

porque continua valendo esta recomendação de Jesus: “*Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará*” (Jo 8,33).

Estamos plenamente de acordo com Ernest Renan (1823-1892), escritor, filósofo e historiador francês:

Eu escrevo para propor minhas ideias aos que buscam a verdade. Quanto às pessoas que necessitam, no interesse de sua crença, que eu seja um ignorante, um espírito falso ou um homem de má-fé, não tenho a pretensão de modificar seus julgamentos. Se essa opinião é necessária ao sossego de algumas pessoas piedosas, terei o maior escrúpulo em desiludi-las. ⁽³⁴⁹⁾

E por falar em pessoas piedosas, lembramos do renomado filósofo do século XVII, Baruch de Espinosa (1632-1677), que, sabiamente, disse:

Julgam que é piedoso não se fiar na razão e no próprio juízo e que é ímpio duvidar daqueles que nos transmitiram os livros sagrados: mas isso não é piedade, é pura demência! Afinal, pergunto eu, o que é que os preocupa? O que é que receiam? Porventura a religião e a fé só podem ser mantidas se os homens forem totalmente ignorantes e despedirem definitivamente a razão? Se é isso o

que pensam, então é porque a Escritura lhes inspira mais medo que confiança. ⁽³⁵⁰⁾

Pensamento de sábio é o que não nos falta; eis mais um que vale a pena reproduzir:

Não creiais em coisa alguma pelo fato de vos mostrarem o testemunho escrito de algum sábio antigo. Não creiais em coisa alguma com base na autoridade de mestres e sacerdotes. Aquilo, porém, que se enquadrar na vossa razão e, depois de minucioso estudo, for confirmado pela vossa experiência, conduzindo ao vosso próprio bem e ao de todas as outras coisas vivas: A isso aceitai como Verdade. Por isso, pautai a vossa conduta. (Gautama Buda, c. 500 a.C.) ⁽³⁵¹⁾

Apenas queremos reforçar que só temos interesse em demonstrar a verdade, embora, para fazer isso, nós tenhamos que pôr em dúvida a descrição de alguns fatos constantes da Bíblia; em função disso, fiquem tranquilos os bibliólatras, pois não somos contra os princípios morais nela contidos, ainda que essa dúvida possa ser considerada como uma contestação àquilo que alguns consideram como sendo o seu livro sagrado. Não é contra o seu significado de símbolo de um seguimento religioso,

mas contra fatos contraditórios existentes em seu texto, que não concordamos.

Referências bibliográficas

- A Bíblia Anotada, 8ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- Bíblia Eletrônica 3.0.7 – RK Soft, 2010.
- Bíblia de Jerusalém, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia do Peregrino, s/ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada, 37a. ed. São Paulo: Paulinas, 1980.
- Bíblia Sagrada, 5ª ed. Aparecida-SP: Santuário, 1984.
- Bíblia Sagrada, 68ª ed. São Paulo: Ave-Maria, 1989.
- Bíblia Sagrada, 8ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1989.
- Bíblia Sagrada, Edição Barsa. s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
- Bíblia Sagrada – Edição Popular. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 1977.
- Bíblia Sagrada – Edição Pastoral. 43ª imp. São Paulo: Paulus, 2001.
- Bíblia Shedd, 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, Brasília: SBB, 2005.
- Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.
- ARMSTRONG, K. *A Bíblia: uma biografia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- ARMSTRONG, K. *Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo*. São Paulo; Cia das Letras, 2008.
- AURÉLIO XXI 3.0 – *Dicionário Eletrônico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

- BARRERA, J. T. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- BOARETTO, C. *Brasília Egípcia*. Porto Alegre, 2009.
- BOEHNER, P. e GILSON, E. *História da Filosofia cristã*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- CAMPBELL, J. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1997.
- CERAM, C. W. *Deuses, túmulos e sábios*. São Paulo: Círculo do Livro, 2ª ed., s/d.
- CHAMPLIN, R. N. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo. Vol. 2*. São Paulo: Hagnos, 2001.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. Vol. 1*. São Paulo: Candeia, 1995a.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. Vol. 2*. São Paulo: Candeia, 1995b.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. Vol. 3*. São Paulo: Candeia, 1995c.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. Vol. 4*. São Paulo: Candeia, 1995d.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. Vol. 5*. São Paulo: Candeia, 1995e.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. Vol. 6*. São Paulo: Candeia, 1995f.
- CHURTON, T. *O beijo da morte – a verdadeira história de Judas*. São Paulo: Madras, 2009.
- CRÉTÉ, L. O trágico e anunciado destino de um reino. In *História Viva: Grandes temas: Mesopotâmia, o berço da civilização*. São Paulo: Duetto, s/d, p. 87-91.
- DONINI, A. *Breve história das religiões*. Rio de Janeiro: Civilização, 1965.

- DOUGLAS, J. D. (org). *Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- DURANT, W. *História da civilização 1ª parte – Nossa herança oriental*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1957.
- EHRMAN, B. D. *O problema com Deus: as respostas que a Bíblia não dá ao sofrimento*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ESPINOSA, B. *Tratado Teológico-Político*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FINKELSTEIN, I. e SILBERMAN, N. A. *A Bíblia não tinha razão*. São Paulo: Girafa, 2003.
- FOX, R. L. *Bíblia: verdade ou ficção*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- FREUD, S. *Moisés e o Monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GAADER, J, HELLERN, V. e NOTAKER, H. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- GARDNER, L. *Os segredos perdidos da Arca Sagrada*. São Paulo: Madras, 2004.
- GUIASSETI, R. e CORCI D. Apocalipse, in *Conhecer Fantástico*, ano 12, nº 9., São Paulo: Arte Antiga, s/d.
- HARPUR, T. *O Cristo dos pagãos: a sabedoria antiga e o significado espiritual da Bíblia e da história de Jesus*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- HOUAISS 3.0 – *Dicionário Eletrônico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JOSEFO, F. *História dos hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1865*. Araras, SP: IDE, 2000,

- KELLER, W. *E a Bíblia tinha razão...* São Paulo: Melhoramentos, 2000.
- KENYON, J. D. (org). *O que a Bíblia não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião oriental*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- KRAMER, S. N. *Mesopotâmia, o berço da civilização*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- LENTSMAN, J. *A origem do cristianismo*. São Paulo: Fulgor, 1963.
- MONLOUBOU, L. E DU BUIT, F. M. *Dicionário Bíblico Universal*. Aparecida, SP: Santuário; Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- NISBET, J. O mistério da batalha de Bannockburn: um caso esclarecido pela antiga máxima “assim em cima como embaixo”? in. KENYON, J. D. (org). *O que a Bíblia não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião oriental*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- NOGUEIRA, C. R. F. *O Diabo no imaginário cristão*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho, vol. 1*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964a.
- REHFELD, W. *Introdução à mística judaica*. São Paulo: Ícone, 1986.
- RENAN, E. *A vida de Jesus*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- RIOS, R. *A história de Gilgamesh: o rei de Uruk*. São Paulo: Edições SM, 2007.
- RODRÍGUES, P. *Mentiras fundamentais da Igreja Católica*. Lisboa, Portugal: Terramar, 2007.
- ROHDEN, H. *O pensamento filosófico da antiguidade*. São Paulo: Martin Claret, 5ª ed., s/d.
- ROMANINI, V. A Bíblia passada a limpo. In: *Superinteressante*, ed. 178. São Paulo: Abril, Jul/2002, p. 40-50.

- RUSSELL, B. *História da Filosofia Ocidental. Livro Segundo*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1968.
- SCHULTZ, S. J. *A história de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- SCHUWIKART, G. *Dicionário Ilustrado das Religiões*. Aparecida, SP: Santuário, 2001.
- VAN LOON, H. W. *A história da Bíblia*. São Paulo: Cultrix, 1981.
- VOMERO, M. F. Abrão existiu? In: *Superinteressante*, ed. 190, São Paulo: Abril, jul/2003, p. 40-48.
- WESSELOW, T. *O Santo Sudário e o segredo da ressurreição*. São Paulo: Paralela, 2012.

Na Internet:

Arca da Aliança:

https://3d.leoaragao.com.br/wp-content/uploads/2013/10/intro_arca2.jpg. Acesso em: 08 out. 2018.

Capa:

<https://igrejamilitante.files.wordpress.com/2017/01/eb4613410b36b51bbf747d8d58916d20.jpg?w=1024>.

Acesso em: 14 jan. 2022.

http://it.wikipedia.org/wiki/Ambrogio_Donini. Acesso em: 10 jun. 2010.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cana%C3%A3>. Acesso em: 29 mar. 2010

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hebreus>. Acesso em: 10 jun. 2010.

Http://pt.wikisource.org/wiki/Dicion%C3%A1rio_B%C3%Adblico_Easton_%281897%29/Abel-Sitim,. Acesso em: 18 mai. 2010.

<http://www.brasilecola.com/historiag/hebreus3.htm>,. Acesso em: 23 abr. 2010.

http://www.cadecristo.com.br/curiosidades_biblicas.htm,
acesso em 31.03.2010, às 14.42h.

<https://thereasonerscorner.files.wordpress.com/2016/08/d7e15fe175914d2a8fa8ceea58129a80.jpg>, acesso em
13.09.2019, às 12:20h.

<http://www.coladaweb.com/historia/hebreus,-gregos-e-fenicios-primordios>. Acesso em: 27 mai. 2010.

<http://www.geae.inf.br/pt/boletins/geae398.html>. Acesso em: 11 jun. 2010.

<http://www.revista-temas.com/contacto/Images/10salomao1.jpg>. Acesso em: 09 jun. 2010.

<https://3.bp.blogspot.com/-d3tbXWlujY/Wvqrqfmd-4RI/AAAAAAAAA1s/gQaBU5ArFQUEs2sFCA3bdGPI-p5fDVWRQCLcBGAs/s400/Mapa%2B01%2B-%2B0%2BMundo%2BPatriarcal.jpg>,. Acesso em: 07 out. 2018.

HURTARK, J. J. *72 expressões do Divino em hebraico-aramaico*.

<http://www.chavesdeenoch.org/html/hebraico.html>.
Acesso em: 12 abr. 2010.

Infopédia Enciclopédia e Dicionários Porto Editora. Porto: Porto Editora, 2003-2011 in.

[https://www.infopedia.pt/\\$el?uri=lingua-portuguesa/EL](https://www.infopedia.pt/$el?uri=lingua-portuguesa/EL).
Acesso em: 11 jul. 2011.

LOPES, R. J. *Conheça a verdadeira 'cara' da Arca da Aliança, objeto mais sagrado da Bíblia*, in

<http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL465154-5603,00->

[CONHECA+A+VERDADEIRA+CARA+DA+ARCA+DA+ALIANCA+OBJETO+MAIS+SAGRADO+DA+BIBLIA.html](http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL465154-5603,00-CONHECA+A+VERDADEIRA+CARA+DA+ARCA+DA+ALIANCA+OBJETO+MAIS+SAGRADO+DA+BIBLIA.html).

Acesso em: 08 jun. 2010.

LOPES, R. J. *Deus bíblico pode ser fusão de vários deuses pagãos, dizem especialistas.*
<http://g1.globo.com/Noticias/0,,MUL652419-9982,00-DEUS+BIBLICO+PODE+SER+FUSAO+DE+VARIOS+DEUSES+PAGAOS+DIZEM+ESPECIALISTAS.html>,. Acesso em: 09 jun. 2010.

Moloque: History (não conseguimos identificar o local da imagem)

Tela Nicolas Poussin in.
http://obviousmag.org/archives/2011/06/poussin_entre_o_intelecto_e_o_sensivel.html. Acesso em: 21 nov. 2011.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site www.paulosnetos.net e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. I*; e 7) *Espiritismo e Aborto*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, quem seria ele?*; 5) *A Reencarnação tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de pessoa viva (em que condições elas acontecem)*; 7) *Homossexualidade, Kardec já falava sobre isso*; 8) *Chico Xavier: uma alma feminina*; 9) *Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores?*; 10) *Apocalipse: autoria, advento e a identificação da besta*; 11) *Chico*

Xavier e Francisco de Assis seriam o mesmo Espírito?; 12) A mulher na Bíblia; 13) Todos nós somos médiuns?; 14) Os seres do invisível e as provas ainda recusadas pelos cientistas; 15) O Perispírito e as polêmicas a seu respeito; 16) Allan Kardec e a lógica da reencarnação; 17) O fim dos tempos está próximo?; 18) Obsessão, processo de cura de casos graves; 19) Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?; 20) A aura e os chakras no Espiritismo; 21) Os Quatro Evangelhos, obra publicada por Roustaing, seria a revelação da revelação?; 22) Espiritismo: Religião sem dúvida; 23) Allan Kardec e suas reencarnações; 24) Médiuns são somente os que sentem a influência dos Espíritos?; 25) EQM: prova da sobrevivência da alma; 26) A perturbação durante a vida intrauterina; 27) Os animais: percepções, manifestações e evolução, e 28) Reencarnação e as pesquisas científicas.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 CHAMPLIN e BENTES, 1995c, p. 82.
- 2 CHAMPLIN e BENTES, 1995d, p. 346.
- 3 CHAMPLIN e BENTES, 1995e, p. 321.
- 4 RENAN, 2004, p. 19.
- 5 Bíblia Sagrada Vozes, p. 1513.
- 6 GAADER, HELLERN e NOTAKER, *O Livro das Religiões*, p. 107.
- 7 Link: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cana%C3%A3>.
- 8 Nota da Transcrição (N.T.): Essas terras também eram conhecidas como Padã-Arã, motivo pelo qual foi aplicado o nome de “arameus” a Abraão e seus parentes. Cf. Gn 25:20; 28:5; 31:20,24 e Dt 26:5. Além disso, Labrão falava o aramaico. Cf. Gn 31:47.
- 9 N. T.: G. E. Wright, **Biblical Archaeology** (Filadelfia: Westminster Press, 1957), pág. 41, observa: “Seja como for, podemos dizer com segurança que Harã era o lar com o qual os patriarcas estiveram mais intimamente ligados, havendo pouca evidência de qualquer influência sobre suas tradições da parte do sul da Mesopotâmia”.
- 10 SCHULTZ, 1995, p. 31.
- 11 N.T.: Cf. Merrill F. Unger, **Israel and the Aramaeans of Damascus** (Londres: James Clarke & Co., 1957), pág. 19) (grifo do original)
- 12 SCHULTZ, 1995, p. 25-26
- 13 Link: <https://3.bp.blogspot.com/-d3tbXWluijY/Wvqrqfmd-4RI/AAAAAAAAA1s/gQaBU5ArFQUEs2sFCA3bdGPI-p5fDVWRQCLcBGAs/s400/Mapa%2B01%2B-%2B0%2BMundo%2BPatriarcal.jpg>.
- 14 GAADER, HELLERN e NOTAKER, *O Livro das Religiões*, p. 108.
- 15 Crédito à History. (não conseguimos identificar o local da imagem)
- 16 CHAMPLIN e BENTES, 1995d, p. 342.

- 17 O Rio mencionado em outras traduções é o Eufrates.
- 18 Bíblia Shedd, p. 339.
- 19 Bíblia Ave-Maria, p. 275.
- 20 Bíblia do Peregrino, p. 415.
- 21 SCHULTZ, 1995, p. 33.
- 22 CHAMPLIN, 2001, p. 983.
- 23 CHAMPLIN e BENTES, 1995d, p. 347.
- 24 CHAMPLIN e BENTES, 1995f, p. 38.
- 25 JOSEFO, 2003, p. 59.
- 26 Bíblia de Jerusalém, p. 55.
- 27 CHAMPLIN e BENTES, 1995a, p. 171.
- 28 Link:
<http://www.revista-temas.com/contacto/Images/10saloma01.jpg>.
- 29 Bíblia Sagrada Vozes, p. 31.
- 30 Bíblia Sagrada Vozes, p. 376.
- 31 Bíblia Sagrada Santuário, p. 8.
- 32 Bíblia de Jerusalém, p. 138.
- 33 DONINI, 1965, p. 106.
- 34 CAMPBELL, 1997, p. 47.
- 35 Dicionário Eletrônico Aurélio XXI.
- 36 SCHULTZ, 1995, p. 90.
- 37 CHAMPLIN e BENTES, 1995a, p. 621.
- 38 MONLOUBOU, e DU BUIT, 1997, p. 218.
- 39 ELIADE, 1998, p. 186.
- 40 KELLER, 2000, p. 285.
- 41 CHAMPLIN e BENTES, 1995b, p. 312.
- 42 Bíblia de Jerusalém, p. 66.
- 43 MONLOUBOU, e DU BUIT, 1997, p. 218.

- 44 Bíblia Shedd, p. 163.
- 45 Bíblia de Jerusalém, p. 183-184.
- 46 NOGUEIRA, 2002, p. 17.
- 47 GIASSETTI e CORCI, s/d, p. 12.
- 48 Bíblia Sagrada Vozes, p. 1520.
- 49 Tradução do Novo Mundo, p. 271.
- 50 Bíblia Shedd, p. 299.
- 51 Bíblia Sagrada Vozes, p. 1497.
- 52 Bíblia Sagrada Ave-Maria, p. 837.
- 53 CHAMPLIN e BENTES, 1995b, p. 47.
- 54 Gênesis 28,3; 35,11; 43,14; 48,3; 49,25; Êxodo 6,3 e Ezequiel 10,5.
- 55 Em Jó 5,17: *“Ditoso o homem a quem Deus corrige: não desprezes a lição de **Shaddai**.”* Em nota de rodapé, vemos: Este nome divino da época patriarcal (cf. Gn 17,1+) é empregado por Jó com intenção de arcaísmo. (Bíblia de Jerusalém, p. 808) Isoladamente o termo Shaddai é também usado: Jó 6,4.13; 8,3.5; 11,7; 13,3; 15,25; 21,15.20; 22,3.17.23.25.26; 23,16; 24,1; 27,2.10.11.13; 29,5; 31,2.35; 32,8; 33,4; 34,10.12; 35,13; 37,28; 40,2; Salmo 68,15; 91,1; Isaías 13,6; Ezequiel 1,24 e Joel 1,15.
- 56 Bíblia de Jerusalém, p. 54.
- 57 Tradução do Novo Mundo, p. 1507.
- 58 PASTORINO, 1964a, p. 9.
- 59 Bíblia de Jerusalém, p. 148.
- 60 ELIADE, 1998, p. 82.
- 61 Dã, perto de uma fonte do Jordão, e Betel, no caminho de Jerusalém, delimitam o novo reino. Eram já santuários venerados (Gn 12,8 etc; Jz 17-18). (Bíblia de Jerusalém, p. 489)
- 62 LENTSMAN, 1963, p. 81.

- 63 Em outras traduções: ciumento.
- 64 Bíblia de Jerusalém, p. 1238.
- 65 CHAMPLIN e BENTES, 1995b, p. 98.
- 66 Exatos 23.146 em:
http://www.cadecristo.com.br/curiosidades_biblicas.htm.
- 67 FREUD, 1997, p. 42.
- 68 FREUD, 1997, p. 42.
- 69 Bíblia de Jerusalém, p. 141.
- 70 Bíblia de Jerusalém, p. 238.
- 71 Bíblia de Jerusalém, p. 238.
- 72 Bíblia de Jerusalém, p. 877.
- 73 N.T.: Nome sidônio do Líbano (Dt 3,9). (Bíblia de Jerusalém, p. 890)
- 74 Bíblia de Jerusalém, p. 1004.
- 75 Bíblia de Jerusalém, p. 1523.
- 76 Bíblia de Jerusalém, p. 143.
- 77 Bíblia de Jerusalém, p. 193.
- 78 Bíblia de Jerusalém, p. 412.
- 79 CHAMPLIN e BENTES, 1995d, p. 110-111.
- 80 Link:
<https://thereasonerscorner.files.wordpress.com/2016/08/d7e15fe175914d2a8fa8ceea58129a80.jpg>.
- 81 Bíblia de Jerusalém, p. 162.
- 82 Bíblia de Jerusalém, p. 162.
- 83 EHRMAN, 2008, p. 79.
- 84 Bíblia de Jerusalém, p. 163.
- 85 Bíblia de Jerusalém, p. 164.
- 86 CHAMPLIN e BENTES, 1995f, p. 41.
- 87 Dicionário Prático Barsa, p. 241.

- ⁸⁸ KRAMER, 1983, p. 112.
- ⁸⁹ Bíblia de Jerusalém, p. 163.
- ⁹⁰ Bíblia de Jerusalém, p. 164.
- ⁹¹ REHFELD, 1986, p. 24.
- ⁹² N.T.: JEREMINAS, Handbuch, p. 130.
- ⁹³ N.T.: KIRFEL, Kosmographie, p. 15.
- ⁹⁴ N.T.: HOLMBERG, Der Daum des Lebens, p. 41.
- ⁹⁵ N.T.: Textos em Christensen, *Le premier homme*, II, p. 42.
- ⁹⁶ ELIADE, 1998, p. 90-91.
- ⁹⁷ N.T.: Êxodo 20:23. Da mesma maneira, Êxodo 20:4 traz uma injunção anterior contra a confecção de imagens gravadas.
- ⁹⁸ GARDNER, 2004, p. 24.
- ⁹⁹ LOPES, 2008, disponível em:
<http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL465154-5603,00-CONHECA+A+VERDADEIRA+CARA+DA+ARCA+DA+ALIANCA+OBJETO+MAIS+SAGRADO+DA+BIBLIA.html>.
- ¹⁰⁰ Dicionário Prático Barsa, p. 225.
- ¹⁰¹ Bíblia de Jerusalém, p. 230-231.
- ¹⁰² Bíblia Sagrada Santuário, p. 152.
- ¹⁰³ Bíblia de Jerusalém, p. 283.
- ¹⁰⁴ Bíblia de Jerusalém, p. 2170.
- ¹⁰⁵ Bíblia de Jerusalém, p. 54.
- ¹⁰⁶ Bíblia Sagrada Vozes, p. 43.
- ¹⁰⁷ Bíblia de Jerusalém, p. 54.
- ¹⁰⁸ N.T.: Armstrong, Karen. *A History of God*, Ballantine. New York, NY, 1994, cap. 1, p. 14,20-21.
- ¹⁰⁹ N.T.: Ver capítulo 1, nota 2.

- ¹¹⁰ N.T.: Hastings, James. *Dictionary of the Bible*. T & T. Clark, Edinburgh, 1909, em “God”.
- ¹¹¹ GARDNER, 2004, p. 31.
- ¹¹² Site Infopédia – Enciclopédia e Dicionários Porto Editora, disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$el?uri=lingua-portuguesa/EL](https://www.infopedia.pt/$el?uri=lingua-portuguesa/EL).
- ¹¹³ ARMSTRONG, 2008, p. 23-36.
- ¹¹⁴ Ver Bíblia de Jerusalém, p. 54.
- ¹¹⁵ DOUGLAS, 1984, p. 409.
- ¹¹⁶ CHAMPLIN e BENTES, 1995b, p. 311-312.
- ¹¹⁷ N.T.: Cf. Friedman, R. E. (1989), *¿Quién escribió la Biblia?*, Martínez Roca, Barcelona, pp. 76-77. Livro muito bem documentado e escrito numa linguagem acessível aos leigos na matéria. Recomendamo-lo a todos os leitores que desejem aprofundar o estudo dos autores bíblicos (do Pentateuco, no caso vertente) e das muitas contradições que se detectam nos seus textos.
- ¹¹⁸ RODRÍGUES, 2007, p. 30-31.
- ¹¹⁹ Link: <http://www.chavesdeenoch.org/html/hebraico.html>.
- ¹²⁰ Tradução Novo Mundo, p. 1501.
- ¹²¹ Link: http://it.wikipedia.org/wiki/Ambrogio_Donini.
- ¹²² DONINI, 1965, p. 158.
- ¹²³ Bíblia Eletrônica – 3.0.7.
- ¹²⁴ BOARETTO, 2009, p. 315.
- ¹²⁵ Bíblia de Jerusalém, p. 70-71.
- ¹²⁶ Bíblia de Jerusalém, p. 71.
- ¹²⁷ Bíblia Sagrada Vozes, p. 57.
- ¹²⁸ Bíblia Sagrada – Edição Pastoral, p. 60.
- ¹²⁹ CHAMPLIN e BENTES, 1995d, p. 347.
- ¹³⁰ Bíblia Sagrada – Ave-Maria, p. 275.
- ¹³¹ Bíblia de Jerusalém, p. 50.

- ¹³² Bíblia de Jerusalém, p. 54.
- ¹³³ CHAMPLIN e BENTES, 1995a, p. 746.
- ¹³⁴ MONLOUBOU e DU BUIT, 1997, p. 131.
- ¹³⁵ LENTSMAN, 1963, p. 94.
- ¹³⁶ Link: <http://www.coladaweb.com/historia/hebreus,-gregos-e-fenicios-primordios>.
- ¹³⁷ N.T.: “*Heilig*”.
- ¹³⁸ N.T.: [*Gênesis*, XXXIV.] Dou-me muito bem conta de que. Ao lidar tão autocrática e arbitrariamente com a tradição bíblica – trazendo-a para confirmar minhas opiniões quando ela me serve e rejeitando-a sem hesitações quando me contradiz –, estou expondo-me a uma seria crítica metodológica e debilitando a força convincente de meus argumentos. Mas essa é a única maneira pela qual se pode tratar um material de que se sabe definitivamente que sua fidedignidade foi gravemente prejudicada pela influência deformante de intuítos tendenciosos. É de esperar que eu encontre certo grau de justificação mais adiante, quando me deparar com o rastro desses motivos secretos. A certeza é, de qualquer modo, inatingível, e, além disso, pode-se dizer que todos os outros que escreveram sobre o assunto adotaram o mesmo procedimento.
- ¹³⁹ FREUD, 1997, p. 26-27.
- ¹⁴⁰ N.T.: Isso não torna as restrições ao uso desse novo nome mais inteligíveis, embora as torne mais suspeitas.
- ¹⁴¹ FREUD, 1997, p. 41-42.
- ¹⁴² FOX, 1993, p. 51.
- ¹⁴³ Bíblia de Jerusalém, p. 401.
- ¹⁴⁴ Bíblia Sagrada Santuário, p. 365.
- ¹⁴⁵ Bíblia Sagrada Paulinas, 1980, p. 338.
- ¹⁴⁶ Bíblia Sagrada – Barsa, p. 249.
- ¹⁴⁷ Bíblia Sagrada Shedd, p. 483.

- 148 Dicionário Prático Barsa, p. 163.
- 149 Bíblia de Jerusalém, p. 77.
- 150 ROHDEN, s/d, p. 131-132.
- 151 Bíblia de Jerusalém, p. 86.
- 152 Bíblia Sagrada Santuário, p. 59.
- 153 CHAMPLIN e BENTES, 1995f, p. 336-337.
- 154 Dicionário Prático Barsa, p. 258.
- 155 FREUD, 1997, p. 20-21.
- 156 FREUD, 1997, p. 52-53.
- 157 N.T.: Essa mesma consideração aplica-se também ao caso notável de William Shakespeare, de Strattord.
- 158 FREUD, 1997, p. 58-59.
- 159 KRAMER, 1983, p. 57.
- 160 N.T.: *Gardiner; Alan. Egyptian Grammar, excursion A, p. 75; e Clayton, Peter A. Chronicle of the Pharaohs, p. 78. Amenhotep IV também era chamado Amenemhet IV e Amenemes IV.*
- 161 N.T.: *O conceito israelita de um Deus sem imagem já estava estabelecido no Egito antes que Akhenaton chegasse ao trono. O que ele fez, exclusivamente, foi instalar Aten como único deus do Egito. Foi o primeiro exemplo no mundo de intolerância religiosa em nível de Estado; um monoteísmo estrito impingido ao povo. Esse conceito, algo discordante do Deus Uno no Egito, inspirou originalmente a pesquisa, nos anos de 1930, de Sigmund Freud, que o levou a associar Moisés com o reino do faraó Akhenaton.*
- 162 N.T.: *Osman, Ahmed. Moses, Pharaoh of Egypt, cap.17 p. 167.*
- 163 N.T.: *Rohl, David M. A Test of Time, p. 197.*
- 164 N.T.: *Ib., p. 199. Embora Aten fosse relegado a uma posição mais geral dentro do Panteão egípcio durante o reinado de Tutankhamon, a adoração de Aten não foi*

banida pelo jovem faraó. Confirma-o o colorido painel de trás de seu trono, dourado e marchetado, que o retrata com sua esposa, Ankhesenpaaten, e o disco de Aten. Porém, Tutankhamon moveu a capital real de Akhenaton para Mênfis.

- ¹⁶⁵ N.T.: *Osman, Ahmed. Moses, Pharaoh of Egypt, p. 105.*
- ¹⁶⁶ N.T.: *Anteriormente à sua partida inicial, Akhenaton (Moisés) fora persuadido por sua mãe, Tiye, a mudar-se de Tebas, e ele o fez, estabelecendo seu centro recém-construído de Akhenaton (Horizonte do Aten), o sítio da moderna Tell el-Amarna. Ver Clayton, Peter A. Chronicle of the Pharaohs, p. 122. Porém, um fato que os livros de referência geralmente deixam de explicar é que Akhenaton não inventou o deus Aten. Mesmo antes do nascimento de Akhenaton, o barco usado por seu pai, Amenhotep III, no lago de Zaru, era chamado Tehen Aten (Fulgores de Aten). Ver Baikie, James. The Amarna Age. A. &c. Black, London, 1926, p. 91. Havia também um Templo de Aten em Zaru antes que Akhenaton construísse seus próprios Templos de Aten em Carnac e Luxor. Ver Osman, Ahmed. Moses, Pharaoh of Egypt, cap. 12, p. 121.*
- ¹⁶⁷ N.T.: *Osman, Ahmed. Moses, Pharaoh of Egypt, cap.6, pp. 63-4.*
- ¹⁶⁸ N.T.: *Clayton, Peter A. Chronicle of the Pharaohs, pp. 128-34.*
- ¹⁶⁹ GARDNER, 2004, p. 56-57.
- ¹⁷⁰ NISBET, 2008, p. 100.
- ¹⁷¹ Bíblia Shedd, p. 121.
- ¹⁷² Bíblia Barsa, p. 157.
- ¹⁷³ Bíblia de Jerusalém, p. 1247.
- ¹⁷⁴ GARDNER, 2004, p. 24.
- ¹⁷⁵ RODRÍGUES, 2007, p. 26.
- ¹⁷⁶ WESSELOW, 2012, p. 370.

- 177 Bíblia de Jerusalém, p. 104.
- 178 Bíblia Sagrada Vozes, p. 83.
- 179 N. T.: G. Herlitz e B. Kirschner (org.). *Jüdisches Lexikon*. Berlim, 4(1). 303. 1930. [O colaborador citado foi M. Soloweítschik.]
- 180 N.T.: J. H. Breasted. *The Dawn of Conscience*. Londres: 1934. p. 350. [Em grego. *Mosés* ali *Mousés*. Deste último. Originou-se a forma portuguesa do nome. - N. do T. Brasileiro].
- 181 FREUD, 1997, p. 9-10.
- 182 LENTSMAN, 1963, p. 93-94.
- 183 Bíblia de Jerusalém, p. 42.
- 184 N.T.: Ser enviado pelos deuses para desencadear o dilúvio. (N. da A.)
- 185 RIOS, 2007, p. 30-32.
- 186 ROMANINI, 2002, p. 43.
- 187 JOSEFO, 2003, p. 92.
- 188 GARDNER, 2004, p. 24.
- 189 Bíblia de Jerusalém, p. 128.
- 190 Bíblia Anotada, p. 106.
- 191 JOSEFO, 2003, p. 92.
- 192 Bíblia de Jerusalém, p. 128.
- 193 JOSEFO, 2003, p. 92.
- 194 JOSEFO, 2003, p. 87.
- 195 N.T.: Em alguns lugares do texto bíblico ainda se afirma que Javé desceu do Sinal para Meribá-Cades.
- 196 N.T.: Meyer.
- 197 FREUD, 1997, p. 32.
- 198 FOX, 1993, p. 51.
- 199 Bíblia Sagrada - Edição Popular, p. 96.

- 200 CHAMPLIN e BENTES, 1995c, p. 123.
- 201 Bíblia Sagrada Vozes, p. 181.
- 202 Bíblia Anotada, p. 512.
- 203 Bíblia Sagrada – Edição Popular, p. 168.
- 204 Link: http://pt.wikisource.org/wiki/Dicion%C3%A1rio_B%C3%ADblico_Easton_%281897%29/Abel-Sitim.
- 205 Bíblia Sagrada – Edição Popular, p. 172.
- 206 Bíblia de Jerusalém, p. 351.
- 207 CHAMPLIN e BENTES, 1995a, p. 416-417.
- 208 KRAMER, 1983, p. 114.
- 209 Bíblia de Jerusalém, p. 408-409.
- 210 Dicionário Barsa, p. 266.
- 211 CHAMPLIN e BENTES, 2995b, p. 497.
- 212 Bíblia de Jerusalém, p. 467.
- 213 Bíblia do Peregrino, p. 617.
- 214 HOUAISS 3.0, 2009.
- 215 Bíblia Sagrada – Edição Popular, p. 357.
- 216 SCHUWIKART, 2001, p. 39.
- 217 SCHUWIKART, 2001, p. 14.
- 218 Dicionário Prático Barsa, p. 29.
- 219 Link: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hebreus>.
- 220 N.T.: Segundo alguns cálculos recolhidos por Baron, em sua história social e religiosa de Israel, nos limites do Império Romano, no século I d.C., sobre uma população de 60-70 milhões de habitantes, pouco menos de 7 *milhões* eram hebreus, dos quais mais de 6 milhões fora da Palestina.
- 221 DONINI, 1965, p. 159.
- 222 Bíblia de Jerusalém, p. 1238.
- 223 KRAMER, 1983, p. 105.

- ²²⁴ KRAMER, 1983, p. 168-170.
- ²²⁵ Bíblia Sagrada Pastoral, p. 1213.
- ²²⁶ Bíblia de Jerusalém, p. 1250.
- ²²⁷ VAN LOON, 1981, p. 122.
- ²²⁸ BARRERA, 1999, p. 44.
- ²²⁹ Bíblia de Jerusalém, p. 548.
- ²³⁰ Bíblia de Jerusalém, p. 549.
- ²³¹ Bíblia Sagrada Pastoral, p. 508.
- ²³² Bíblia Sagrada Pastoral, p. 518.
- ²³³ Bíblia Sagrada Pastoral, p. 576-577.
- ²³⁴ Bíblia de Jerusalém, p. 721.
- ²³⁵ Link:
<http://www.brasilecola.com/historiag/hebreus3.htm>.
- ²³⁶ “O ato com que Javé vai julgar a corrupção será a invasão do país pela Assíria, cujo emblema era o leão e cujo exército era um dos mais poderosos e famosos da época”. (Bíblia Sagrada Pastoral, p. 954)
- ²³⁷ “Gad, deus arameu da fortuna. Meni, deus desconhecido, talvez uma divindade do destino”. (Bíblia de Jerusalém, p. 1358)
- ²³⁸ O santuário de Silo, residência da Araca, fora destruído pelos filisteus (1Sm 4)... Silo encontra-se cerca de 40 km ao norte de Jerusalém. (Bíblia de Jerusalém, p. 1378)
- ²³⁹ ARMSTRONG, 2007, p. 198.
- ²⁴⁰ KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 263.
- ²⁴¹ Link:
https://3d.leoaragao.com.br/wp-content/uploads/2013/10/intro_arca2.jpg.

- ²⁴² LOPES, 2008, disponível em:
<http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL465154-5603,00-CONHECA+A+VERDADEIRA+CARA+DA+ARCA+DA+ALIANCA+OBJETO+MAIS+SAGRADO+DA+BIBLIA.html>.
- ²⁴³ Bíblia Shedd, p. 528.
- ²⁴⁴ Bíblia Sagrada Vozes, p. 407.
- ²⁴⁵ Bíblia de Jerusalém, p. 537.
- ²⁴⁶ Bíblia de Jerusalém, p. 805.
- ²⁴⁷ MONLOUBOU, e DU BUIT, 1997, p. 161.
- ²⁴⁸ Bíblia Sagrada Santuário, p. 1374.
- ²⁴⁹ Bíblia Sagrada Pastoral, p. 669.
- ²⁵⁰ HOUAISS 3.0, 2009.
- ²⁵¹ Bíblia de Jerusalém, p. 1234.
- ²⁵² SCHULTZ, 1995, p. 90.
- ²⁵³ LENTSMAN, 1963, p. 91-92.
- ²⁵⁴ DONINI, 1965, p. 46.
- ²⁵⁵ DONINI, 1965, p. 84.
- ²⁵⁶ N.T.: Turim, Einaudi, 1955 (“Coleção de estudos religiosos etnológicos 6 psicológicos”, n.º 24). Veja-se acima, pág. 16, nota 6.
- ²⁵⁷ N.T.: No que se refere a toda esta parte, recomendamos uma obra de alto valor científico: *La religion d’Israel*, de R. KREGLINGER, 2.a ed., Bruxelas, 1926 (*Études sur l’origine et le développement de la vie religieuse, III*).
- ²⁵⁸ N.T.: Veja-se o recente estudo de J. GRAY, *The legacy of Canaan* (a herança de Canaan). *The Ras Shamra texts and their relevance to the Old Testament* (suplemento de *Vetus Testamentum*, V, 1957, com índice dos passos ugáricos e escriturais).
- ²⁵⁹ N.T.: Hama bem-Hamina, *Omelia sul salmo 23* (v. BARON, *Histoire d’Israel*, vol. I, cit., pág. 341).

- ²⁶⁰ N.T.: Segundo alguns cálculos recolhidos por Baron, em sua história social e religiosa de Israel, nos limites do Império Romano, no século I d.C., sobre uma população de 60-70 milhões de habitantes, pouco menos de 7 *milhões* eram hebreus, dos quais mais de 6 milhões fora da Palestina.
- ²⁶¹ DONINI, 1965, p. 152-159.
- ²⁶² KELLER, 2000, p. 288-290.
- ²⁶³ BOEHNER e GILSON, 2003, p. 16.
- ²⁶⁴ N.T.: Entre ruínas da Idade do Bronze (3000 a.C.) foram encontradas em Canaã, em 1931, peças de cerâmica com o nome duma deidade canaanita, Yah ou Yahu.
- ²⁶⁵ DURANT, 1957, p. 13-14.
- ²⁶⁶ N.T.: Palavra inventada por Max Müller para designar a adoração dum deus como supremo, combinada com a explícita (Índia) ou tácita (Judeia) admissão de outros deuses.
- ²⁶⁷ Eliseu, entretanto, já no século 9º a.C., anunciava um deus único: “Eu sei que não há nenhum deus em toda terra, salvo em Israel” (2 Reis V, 15). Devemos ter em mente que mesmo o atual monoteísmo é muito relativo. Como os judeus adoravam uma divindade tribal, assim nós adoramos um deus europeu, um deus francês, inglês, alemão; e os milhões de habitantes da Índia, China e Japão não reconhecem o deus dos nossos pais. Só quando a terra se unificar num governo só poderá haver um deus único para toda a terra.
- ²⁶⁸ DURANT, 1957, p. 16-17.
- ²⁶⁹ DURANT, 1957, p. 19.
- ²⁷⁰ BARRERA, 1999, p. 105.
- ²⁷¹ N.T.: Deuteronômio 32:8-9.
- ²⁷² N.T.: Salmo 82.
- ²⁷³ N.T.: Salmo 47-8, 96,148-51.

- 274 N.T.: Salmo 89:5-8; Mark S. Smith, *Origins of Biblical Monotheism*, p. 9.
- 275 N.T.: Mark S. Smith, *The Early History of God: Yahweh and the Other Deities in Ancient Israel*, Nova York / Londres, 1990, p. 44-9.
- 276 N.T.: Oseias 6:6.
- 277 N.T.: Oseias 11:5-6.
- 278 N.T.: Amós 1: 3-5; 6:13; 2:4-16.
- 279 N.T.: Amós 5:24.
- 280 N.T.: 2 Reis 21:2-7; 23:11; 23:10; Ezequiel 20:25-26; 22:30.
- 281 N.T.: Cf. Salmos 68:18; 84:12. Gosta W. Ahlstrom, *The History of Ancient Palestine*, Menneapolis, 1993, p. 734.
- 282 ARMSTRONG, 2007, p. 22-26.
- 283 N.T.: Êxodo 20,2.
- 284 N.T.: Josué 24,24.
- 285 N.T.: James, *The ancient gods*, p. 152; Salmos 29,89 e 93. Mas esses Salmos são posteriores ao Exílio.
- 286 N.T.: 1 Reis 19,20-40.
- 287 ARMSTRONG, 2008, p. 38-42.
- 288 N.T.: Oseias 8,5.
- 289 N.T.: Oseias 6,6.
- 290 N.T.: Gênesis 4,1.
- 291 N.T.: Oseias 2,23-4.
- 292 N.T.: Oseias 2,18-9.
- 293 N.T.: Oseias 13,2.
- 294 N.T.: A tradução inglesa deste versículo é de John Bowker *The religious imagination and the sense of God* (Oxford, 1978), p. 73.
- 295 N.T.: Ver Gênesis 14,30.

- 296 N.T.: II Reis 22,3-10; II Crônicas 34,14.
- 297 N.T.: Deuteronômio 6,4-6.
- 298 N.T.: Deuteronômio 7, 3.
- 299 N.T.: Deuteronômio 7, 5-6.
- 300 N.T.: Deuteronômio 28, 64-8.
- 301 N.T.: II Crônicas 34,5-7.
- 302 N.T.: Êxodo 23,33.
- 303 N.T.: Josué 11,21-2.
- 304 N.T.: Jeremias 25, 8,9.
- 305 N.T.: Jeremias 32, 15.
- 306 N.T.: Jeremias 44,15-9.
- 307 N.T.: Jeremias 31, 33.
- 308 N.T.: Salmo 137.
- 309 N.T.: Isaías 11, 15, 16.
- 310 N.T.: Isaías 51, 9,10. Este seria um tema constante. Ver Salmos 65 7; 74,13-4; 77,16; Jó 3,8; 7,12.
- 311 N.T.: Isaías 46, 1.
- 312 N.T.: Isaías 43, 10, 12.
- 313 N.T.: Isaías 51, 9,10.
- 314 N.T.: Isaías 55, 8, 9.
- 315 N.T.: Isaías 19,24,25.
- 316 ARMSTRONG, 2008, p. 66-85.
- 317 CHURTON, 2009, p. 85.
- 318 CHURTON, 2009, p. 167-168.
- 319 CERAM, s/d, p. 275.
- 320 VOMERO, 2003, p. 40-48 *passim*.
- 321 FREUD, 1997, p. 19.
- 322 FREUD, 1997, p. 20.

- ³²³ FREUD, 1997, p. 34.
- ³²⁴ N.T.: Nesse período, mal era possível qualquer outro método de influenciá-lo.
- ³²⁵ N.T.: É realmente notável quão pouco ouvimos, nos milhares de anos de história egípcia, sobre o afastamento violento ou o assassinato de um faraó. Uma comparação com a história assíria, por exemplo, só aumenta nossa surpresa quanto a isso, o que, naturalmente, pode ser explicado pelo fato de a história ter sido inteiramente escrita para servir a fins oficiais.
- ³²⁶ FREUD, 1997, p. 43-44.
- ³²⁷ CRÉTÉ, s/d, p. 88.
- ³²⁸ CRÉTÉ, s/d, p. 89.
- ³²⁹ CRÉTÉ, s/d, p. 90.
- ³³⁰ CRÉTÉ, s/d, p. 90.
- ³³¹ CRÉTÉ, s/d, p. 91.
- ³³² CRÉTÉ, s/d, p. 91.
- ³³³ N.T.: Jeremias VII, 17-18.
- ³³⁴ N.T. *ibid*; VII, 31.
- ³³⁵ N.T.: Jeremias, XLIV, II-fim.
- ³³⁶ N.T.: Ezequiel, VII, III-fim.
- ³³⁷ N.T.: Esdras, IX-X, 5.
- ³³⁸ N.T.: *Jerusalém under the High Priests* p. 12.
- ³³⁹ N.T.: Alguns judeus alexandrinos não fizeram objeção a essa identificação. Vide *Carta de Aristeas*, 15, 16.
- ³⁴⁰ RUSSELL, 1968, p. 7-15.
- ³⁴¹ FINKELSTEIN e SILBERMAN, 2003, p. 325-328.
- ³⁴² HARPUR, 2008, p. 125.

- ³⁴³ N.T.: Ver Morton Smith, *Palestinian Parties and Politics That Shaped the Old Testament* (Nova York: Columbia University Press, 1971), em especial as pp. 62-146; ver também Paul Hanson, *The Dawn of Apocalyptic* (Filadélfia: Fortress Press, 1975).
- ³⁴⁴ PAGELS, 1996, p. 6.
- ³⁴⁵ LinK: <http://g1.globo.com/Noticias/0,,MUL652419-9982,00-DEUS+BIBLICO+PODE+SER+FUSAO+DE+VARIOS+DEUS+PAGAOS+DIZEM+ESPECIALISTAS.html>.
- ³⁴⁶ LOPES, 2008, disponível em:
<http://g1.globo.com/Noticias/0,,MUL652419-9982,00-DEUS+BIBLICO+PODE+SER+FUSAO+DE+VARIOS+DEUS+PAGAOS+DIZEM+ESPECIALISTAS.html>.
- ³⁴⁷ MONLOUBOU e DU BUIT, 1997, p. 633.
- ³⁴⁸ BOARETTO, 2009.
- ³⁴⁹ RENAN, 2004, p. 18.
- ³⁵⁰ ESPINOSA, 2003, p. 225-226.
- ³⁵¹ Link: <http://www.geae.inf.br/pt/boletins/geae398.html>.